

LUCELENE TERESINHA FRANCESCHINI

**VARIAÇÃO PRONOMINAL *NÓS/A GENTE* E *TU/VOCÊ*
EM CONCÓRDIA – SC**

CURITIBA
2011

LUCELENE TERESINHA FRANCESCHINI

**VARIAÇÃO PRONOMINAL *NÓS/A GENTE* E *TU/ VOCÊ*
EM CONCÓRDIA – SC**

Tese apresentada como requisito parcial à
obtenção do título de Doutora em Letras ao
Programa de Pós-Graduação em Letras da
Universidade Federal do Paraná.
Área de Concentração: Estudos Linguísticos

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Odete P. da S. Menon

CURITIBA
2011

Catálogo na publicação
Sirlei do Rocio Gdulla – CRB 9ª/985
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Franceschini, Lucelene Teresinha
Variação pronominal nós/a gente e tu/você em Concórdia – SC /
Lucelene Teresinha Franceschini. – Curitiba, 2011.
252 f.

Orientadora: Profª. Drª. Odete P. da S. Menon
Tese (Doutorado em Letras) - Setor de Ciências Humanas,
Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.

1. Língua portuguesa – Pronomes – Pesquisa - Concórdia (SC).
2. Sociolinguística. 3. Linguística – Pesquisa – Concórdia (SC). I.
Título.

CDD 420.07



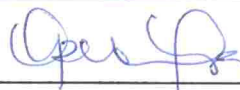


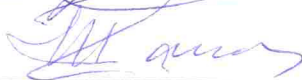

PARECER

Defesa de tese da doutoranda LUCELENE TERESINHA FRANCESCHINI para obtenção do título de **Doutora em Letras**.

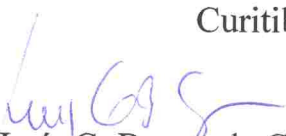
As abaixo assinadas ODETE PEREIRA DA SILVA MENON, IARA BEMQUERER COSTA, ANDRÉA MARISTELA BAUER TAMANINE, JANIA MARTINS RAMOS e LOREM LOREGIAN-PENKAL argüiram, nesta data, a candidata, a qual apresentou a tese:

“VARIAÇÃO PRONOMINAL NÓS / A GENTE E TU/ VOCÊ EM CONCÓRDIA -SC”

Procedida a argüição segundo o protocolo que foi aprovado pelo Colegiado do Curso, a Banca é de parecer que a candidata está apta ao título de **Doutora em Letras**, tendo merecido os conceitos abaixo:

Banca	Assinatura	APROVADA Não APROVADA
ODETE PEREIRA DA SILVA MENON		Aprovada
IARA BEMQUERER COSTA		aprovada
ANDRÉA MARISTELA B. TAMANINE		aprovada
JANIA MARTINS RAMOS		aprovada
LOREM LOREGIAN-PENKAL		aprovada

Curitiba, 30 de novembro de 2011.


Prof. Dr. Luís G. Bueno de Camargo
Coordenador

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais Nelson e Edemina, à minha tia Rosa, e a toda minha família pelo incentivo e encorajamento nas horas difíceis;

À minha irmã Dulce, pelas leituras e revisões deste trabalho, e pelo apoio incondicional em todos os momentos;

À Prof.^a Dr.^a Edair Görski e à Prof.^a Dr.^a Loremi Loregian-Penkal, pelas valiosas críticas e sugestões na etapa de qualificação desta tese;

À CAPES, pelo suporte financeiro durante parte do curso, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, e, em especial, ao competente e atencioso Odair;

À Prof.^a Dr.^a Odete Menon, minha orientadora, pela leitura das versões deste trabalho, pelos comentários e sugestões, e pela segurança transmitida no decorrer da elaboração desta tese;

Aos meus informantes.

RESUMO

O objetivo central desta pesquisa foi descrever e analisar a variação pronominal *nós/a gente* e *tu/você* no falar de Concórdia – SC e, posteriormente, comparar esses resultados, a fim de verificar se as tendências dessas duas variáveis são as mesmas no falar dessa comunidade. Quanto à variável *tu/você*, também foi feita uma análise da atitude e comportamento linguístico dos falantes de nossa amostra em relação a essa variável. Este estudo está apoiado, especialmente, nos pressupostos da *Teoria da Variação e Mudança Linguística*, delineada por Weinreich, Labov e Herzog (1968) e Labov (1972, 2008), que leva em consideração a influência de variáveis linguísticas e sociais no condicionamento do uso das formas em variação. A amostra foi constituída por 24 entrevistas, coletadas entre os anos de 2007 e 2010 pela própria pesquisadora, e distribuídas por duas *faixas etárias* (26 a 45 anos; 50 anos ou mais); *sexo* (masculino; feminino) e três níveis de *escolaridade* (fundamental I; fundamental II; ensino médio). Para a análise estatística dos dados coletados foi utilizado o pacote de programas VARBRUL (PINTZUK, 1988). Os resultados gerais desta pesquisa indicaram uma provável mudança em curso, pois, tanto na variação *nós/a gente*, como na variação *tu/você*, os pronomes inovadores *a gente* e *você* apresentaram uma maior probabilidade de uso na faixa etária mais jovem; já os pronomes conservadores *nós* e *tu* predominaram na faixa etária *mais velha*. Quanto às variáveis independentes selecionadas, a *determinação do referente* mostrou-se a mais significativa na análise das duas variáveis dependentes, apontando, assim, as mesmas tendências, ou seja: em contexto de sujeito *indeterminado*, os pronomes inovadores *a gente* e *você* são favorecidos e, em contexto *determinado*, são os pronomes canônicos *nós* e *tu* que predominam. A comparação da atitude e do comportamento linguístico dos falantes de nossa amostra apontou reações subjetivas bastante uniformes em relação ao *tu/você*, o que parece indicar, conforme Labov (1974), que um novo padrão de prestígio está entrando no falar de Concórdia, o *você*, mas que este ainda não alcançou uniformidade no uso real, já que neste falar ainda predomina o uso do *tu*.

Palavras-chave: sociolinguística variacionista; variação pronominal *nós/a gente*; variação pronominal *tu/você*; atitude e comportamento linguístico.

ABSTRACT

The main purpose of this study was to describe and analyze the pronominal variation *nós/a gente* and *tu/você* in the spoken language of Concórdia – SC and, later, to compare these results, in order to verify if the tendencies of these two variables are the same in the spoken language of this community. It has been done an analysis of the linguistic behavior and attitude of the speakers from our sample regarding the variable *tu/você*. This study is supported, specially, in the assumptions of *Linguistic Variation and Change Theory*, developed by Weinreich, Labov and Herzog (1968) and Labov (1972, 2008), that considers the influence of the social and linguistic variables in the use conditioning of forms in variation. The sample was composed by 24 interviews, collected between 2007 and 2010 years by the own researcher and distributed in two age groups (26 to 45 years; 50 years or more); gender (masculine; feminine) and three levels of schooling (*fundamental I, fundamental II e ensino médio*)¹. For the statistic analysis of the collected data was used the programs package VARBRUL (PINTZUK, 1988). The search results indicated a probable change in process, because in both variation *nós/a gente* and *tu/você* the innovative pronouns *a gente* and *você* presented a greater use probability by the speakers of the younger age group; whereas the conservative pronouns *nós* and *tu* predominated in the spoken language of the speakers of the older age group. Regarding the selected independent variables, the referent determination was the most significant in the analysis of the two dependent variables, pointing thus the same tendencies, in other words: in a context of undetermined individual, the innovative pronouns *a gente* and *você* are favoured and, in a determined context, the conservative pronouns *nós* and *tu* predominate. The linguistic behavior and attitude comparison of the speakers from our sample pointed subjective reactions quite a lot uniform regarding the forms *tu/você*. It seems to indicate, according to Labov (1974), that a new prestige standard is entering in the spoken language of Concórdia, the form *você*, but it still doesn't achieve the uniformity in the real use, since the use of *tu* is prevailing in this spoken language.

Keywords: variationist sociolinguistics; pronominal variation *nós/a gente*; pronominal variation *tu/você*, linguistic behavior and attitude.

¹ (elementary education I, elementary education II, secondary education).

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Usos de <i>tu/você/grau zero</i> por <i>escolaridade</i> (Ramos, 1989)	92
TABELA 2 – Usos de <i>tu/você/grau zero</i> por <i>faixa etária</i> (Ramos, 1989)	93
TABELA 3 – Distribuição dos informantes segundo o uso dos pronomes de segunda pessoa (Menon e Loregian-Penkal, 2002).....	97
TABELA 4 – Resultados probabilísticos de <i>nós/a gente</i> na posição de sujeito - rodada <i>com tonicidade</i> e <i>saliência fônica</i>	146
TABELA 5 – Percentuais de <i>nós/a gente</i> por <i>tonicidade</i> e <i>saliência fônica</i>	148
TABELA 6 – Resultados probabilísticos de <i>nós/a gente</i> – rodada <i>sem tonicidade</i>	151
TABELA 7 – Resultados para a <i>saliência fônica</i> em rodadas com e sem a <i>tonicidade</i>	152
TABELA 8 – Percentuais de <i>nós/a gente</i> por <i>tempo verbal</i> e <i>saliência fônica</i>	153
TABELA 9 – Resultados do <i>tempo verbal</i> em rodadas com e sem a <i>saliência</i>	154
TABELA 10 – Resultados para o <i>tempo verbal</i> em diferentes níveis da análise	155
TABELA 11 – Resultados probabilísticos de <i>nós/a gente</i> na posição de sujeito	160
TABELA 12 – Resultados probabilísticos de <i>tu/você</i> na posição de sujeito.....	189
TABELA 13 – Uso dos pronomes <i>tu/você</i> por informante	209
TABELA 14 – <i>tu/você</i> : o que os falantes <i>dizem</i> usar	211
TABELA 15 – <i>tu/você</i> : o que os falantes <i>dizem</i> usar x usaram – <i>faixa etária 1</i>	212
TABELA 16 - <i>tu/você</i> : o que os falantes <i>dizem</i> usar x usaram – <i>faixa etária 2</i>	212
TABELA 17 - <i>tu/você</i> : o que os falantes <i>dizem</i> usar x usaram – <i>sexo feminino</i>	213
TABELA 18 - <i>tu/você</i> : o que os falantes <i>dizem</i> usar x usaram – <i>sexo masculino</i>	214
TABELA 19 - <i>tu/você</i> : o que os falantes <i>dizem</i> usar x usaram – <i>escolaridade</i>	218
TABELA 20 – Distribuição dos pronomes <i>tu/você</i> por informante	221
TABELA 21 – Distribuição de <i>nós/a gente</i> e <i>tu/você</i>	223
TABELA 22 – Resultados de <i>nós/a gente</i> e <i>tu/você</i> na posição de sujeito	226
TABELA 23 – Distribuição dos pronomes <i>nós/a gente</i> e <i>tu/você</i> por informante	252

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

QUADRO 1 - Representação da cadeia de transformação sofrida no processo de gramaticalização de <i>a gente</i> (Menon, 1995).....	55
QUADRO 2 - Traços morfo-semânticos de gênero, número e pessoa de <i>gente</i> e <i>a gente</i> (Lopes, 2003).....	56
QUADRO 3 – Mecanismos, princípios e processos de gramaticalização segundo Machado (2008)	64
QUADRO 4 – Hierarquia da saliência fônica conforme Naro (1981).....	129
QUADRO 5 – Resultado da rodada com dados de <i>nós/a gente</i>	145
QUADRO 6 – Resultados de rodadas para testar a interferência da <i>tonicidade</i> na classificação dos grupos de fatores	150
QUADRO 7 – <i>Grupos de fatores</i> selecionados em rodadas com e sem a <i>saliência fônica</i> ...	154
QUADRO 8 – Resultado de rodadas com os níveis de <i>saliência</i> amalgamados e não-amalgamados	156
QUADRO 9 – Resultado dos <i>grupos de fatores</i> selecionados nas diversas rodadas <i>nós/a gente</i> efetuadas	158
QUADRO 10 – Resultado de rodadas sem o <i>tempo verbal</i> e sem a <i>saliência fônica</i>	159
QUADRO 11 – Comparação dos resultados da rodada geral <i>x</i> resultado da rodada somente com os pronomes <i>nós/a gente</i> em <i>paralelismo</i>	173
QUADRO 12 – Resultados de <i>tu/você</i> na posição de sujeito	188
QUADRO 13 – Opinião dos falantes sobre os pronomes <i>tu/você</i>	219
QUADRO 14 – Resultado dos <i>grupos de fatores</i> selecionados - <i>nós/a gente</i> e <i>tu/você</i>	224
GRÁFICO 1 – Frequência de <i>nós/a gente</i> na posição de sujeito preenchido e não-preenchido	142
GRÁFICO 2 – Frequência de <i>nós/a gente</i> entre <i>ocorrência isolada</i> , <i>paralelismo binário</i> , <i>ternário</i> e <i>eneário</i>	143
GRÁFICO 3 - Atuação do <i>tempo verbal</i> no uso de <i>nós/a gente</i>	161
GRÁFICO 4 – Distribuição percentual de <i>pronomes paralelos</i> iguais e diferentes	172

GRÁFICO 5 – Frequência de uso de <i>a gente</i> - <i>sexo</i> e <i>faixa etária</i>	179
GRÁFICO 6 – Influência da <i>escolaridade</i> no uso de <i>nós/a gente</i>	180
GRÁFICO 7 – Frequência de uso de <i>a gente</i> – <i>faixa etária</i> e <i>escolaridade</i>	182
GRÁFICO 8 – Frequência de uso de <i>a gente</i> – <i>escolaridade</i> e <i>sexo</i>	183
GRÁFICO 9 – Frequência de <i>tu/você</i> entre <i>ocorrência isolada</i> , <i>paralelismo binário</i> , <i>ternário</i> e <i>eneário</i>	186
GRÁFICO 10 – Distribuição percentual dos pronomes <i>tu/você</i> em <i>paralelismo</i>	194
GRÁFICO 11 - Frequência de uso de <i>você</i> – <i>escolaridade</i> e <i>faixa etária</i>	201
GRÁFICO 12 – Frequência de uso de <i>você</i> – <i>escolaridade</i> e <i>sexo</i>	202
GRÁFICO 13 – Frequência de uso de <i>você</i> – <i>faixa etária</i> e <i>sexo</i>	206
GRÁFICO 14 – Probabilidade de uso de <i>nós/a gente</i> e <i>tu/você</i> - <i>determinação do referente</i>	228
GRÁFICO 15 – Distribuição percentual dos pronomes <i>indeterminados</i>	230
GRÁFICO 16 – Distribuição percentual dos pronomes <i>determinados</i>	231
GRÁFICO 17 – Probabilidade de uso de <i>nós/a gente</i> e <i>tu/você</i> – <i>faixa etária</i>	234
GRÁFICO 18 – Frequência de uso de <i>a gente</i> – <i>faixa etária</i> e <i>sexo</i>	235
GRÁFICO 19 – Frequência de uso de <i>você</i> – <i>faixa etária</i> e <i>sexo</i>	235
GRÁFICO 20 – Probabilidade de uso de <i>nós/a gente</i> e <i>tu/você</i> – <i>escolaridade</i>	236
GRÁFICO 21 – Frequência de uso de <i>a gente</i> – <i>faixa etária</i> e <i>escolaridade</i>	237
GRÁFICO 22 – Frequência de uso de <i>você</i> – <i>faixa etária</i> e <i>escolaridade</i>	237
GRÁFICO 23 – Frequência de uso de <i>a gente</i> – <i>escolaridade</i> e <i>sexo</i>	238
GRÁFICO 24 – Frequência de uso de <i>você</i> – <i>escolaridade</i> e <i>sexo</i>	238

SUMÁRIO

RESUMO

ABSTRACT

LISTA DE TABELAS

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

INTRODUÇÃO.....	14
1. FUNDAMENTOS TEÓRICOS	17
1.1 Sociolinguística variacionista: a variação e a mudança linguística.....	17
1.2 A gramaticalização	26
1.3 A referenciação e os pronomes pessoais	31
1.3.1 Da referência ao processo de referenciação	32
1.3.2 O sistema de pronomes pessoais	34
1.3.3 A referência semântica dos pronomes pessoais em função <i>sujeito</i>	40
1.3.3.1 A indeterminação do sujeito	44
2. REVISÃO DE ESTUDOS SOBRE <i>NÓS/A GENTE</i> E <i>TU/VOCÊ</i> NO PORTUGUÊS	53
2.1 A gramaticalização de <i>a gente</i>	53
2.2 A gramaticalização de <i>você</i>	59
2.3 O uso de <i>nós/a gente</i> no português do Brasil	66
2.4 O uso de <i>nós/a gente</i> na região Sul	74
2.5 O uso de <i>tu/você</i> no português do Brasil	85
2.6 O uso de <i>tu/você</i> na região Sul	90
3. METODOLOGIA.....	106
3.1 Características históricas e socioculturais da comunidade de fala analisada	106
3.2 A coleta de dados e a amostra utilizada.....	108
3.3 A estruturação das variáveis	110
3.3.1 As variáveis dependentes.....	110
3.3.1.1 A variável dependente <i>nós/a gente</i>	111
3.3.1.2 A variável dependente <i>tu/você</i>	112
3.3.2 As variáveis independentes	114
3.3.2.1 Determinação do referente.....	114
3.3.2.2 Tipo de discurso	117
3.3.2.3 Tipo de verbo.....	120
3.3.2.4 Tipo de texto.....	121
3.3.2.5 Tipo de ocorrência	123
3.3.2.6 Tempo verbal	125
3.3.2.7 Tonicidade	126
3.3.2.8 Concordância verbal	126
3.3.2.9 Saliência fônica.....	128

3.4 Variáveis sociais	135
3.4.1 Faixa etária	136
3.4.2 Sexo	136
3.4.3 Escolaridade.....	137
3.5 Dados desconsiderados.....	138
3.6 O pacote de programas VARBRUL	139
 4. ANÁLISE DA VARIAÇÃO PRONOMINAL <i>NÓS/ A GENTE</i>	141
4.1 Resultados percentuais relativos à variação pronominal <i>nós/a gente</i>	141
4.2 Discutindo as variáveis <i>saliência fônica, tonicidade e tempo verbal</i>	145
4.3 Análise da variação pronominal <i>nós/a gente</i> – resultados da rodada final.....	160
4.3.1 Análise das variáveis linguísticas selecionadas.....	161
4.3.1.1. Analisando o <i>tempo verbal</i>	161
4.3.1.2 Analisando a <i>determinação do referente</i>	163
4.3.1.3 Analisando o <i>tipo de discurso</i>	166
4.3.1.4 Analisando o <i>tipo de verbo</i>	168
4.3.1.5 Analisando o <i>tipo de texto</i>	169
4.3.1.6 Analisando o <i>tipo de ocorrência</i>	171
4.3.2 Análise das <i>variáveis sociais</i> selecionadas.....	177
4.3.2.1 Analisando a <i>faixa etária</i>	177
4.3.2.2 Analisando a <i>escolaridade</i>	179
 5. ANÁLISE DA VARIAÇÃO PRONOMINAL <i>TU/ VOCÊ</i>	185
5.1 Resultados percentuais relativos à variação pronominal <i>tu/você</i>	185
5.2 Análise da variação pronominal <i>tu/você</i> em rodada geral no VARBRUL.....	188
5.2.1 Análise das variáveis linguísticas selecionadas.....	189
5.2.1.1 Analisando a <i>determinação do referente</i>	189
5.2.1.2 Analisando o <i>tipo de ocorrência</i>	193
5.2.1.3 Analisando o <i>tipo de verbo</i>	197
5.2.2 Análise das variáveis sociais selecionadas	198
5.2.2.1 Analisando a <i>escolaridade</i>	199
5.2.2.2 Analisando o <i>sexo</i>	202
5.2.2.3 Analisando a <i>faixa etária</i>	204
 6. VARIAÇÃO <i>TU/VOCÊ</i> : ATITUDES E COMPORTAMENTOS LINGÜÍSTICOS	208
 7. VARIAÇÃO <i>NÓS/A GENTE</i> E <i>TU/VOCÊ</i> : UMA COMPARAÇÃO	223
7.1 Análise comparativa das variáveis linguísticas	227
7.1.1 Comparando a variável <i>determinação do referente</i>	227
7.1.2 Comparando a variável <i>tipo de ocorrência</i>	231
7.1.3 Comparando a variável <i>tipo de verbo</i>	233
7.2 Análise comparativa das variáveis sociais.....	233
7.2.1 Comparando a variável <i>faixa etária</i>	233
7.2.2 Comparando a variável <i>escolaridade</i>	236
 8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	240

REFERÊNCIAS	245
ANEXOS	251
Anexo 1 – Mapa de Santa Catarina	251
Anexo 2 – Tabela 23 – Distribuição dos pronomes <i>nós/a gente</i> e <i>tu/você</i> por informante	252

INTRODUÇÃO

Ao longo de nossas vidas, em diversas ocasiões, nos deparamos com situações que nos levam a refletir sobre esse fabuloso instrumento de comunicação que nos faz pertencer a um determinado grupo, interagir com os outros e nos definir enquanto seres pensantes e atuantes em uma determinada sociedade.

Da aprendizagem natural, aquela em que nos desenvolvemos e ampliamos nosso conhecimento linguístico, no meio em que vivemos e através de nossas relações com os outros, passamos à aprendizagem formal, aquela da escola. E é justamente na escola que a língua, a princípio simples e facilmente internalizada pela criança, torna-se um objeto de difícil compreensão, complexo e muitas vezes não coerente em suas próprias normas e regras. E é essa língua, a língua do ensino, a língua padrão, que devemos aprender e reconhecer como a “Língua Portuguesa”. Geralmente, e até bem pouco tempo, na maioria das escolas, todas as formas linguísticas utilizadas pelos alunos que se distanciassem do português padrão, eram consideradas “erros”, e à escola cabia corrigi-los e fazer com que os alunos substituíssem esses “desvios” pela língua padrão.

Precisamente influenciada por essas questões que dizem respeito à variação linguística, as diferenças entre a língua estabelecida pela Gramática Tradicional (doravante GT) e aquela que efetivamente usamos, e impulsionada pelos estudos que vêm sendo desenvolvidos, realizei uma análise da variação pronominal *nós/a gente* e *tu/você* em Concórdia – SC, segundo os moldes da sociolinguística variacionista.

Inicialmente o propósito deste trabalho era realizar uma pesquisa sobre a variação pronominal *nós/a gente* em Concórdia, e comparar com os demais trabalhos feitos sobre o assunto, utilizando banco de dados já prontos, particularmente da região Sul, como o VARSUL, conforme os trabalhos de Setti (1997), Godoy (1999), Tamanine (2002, 2010), Loregian-Penkal (2004), entre outros. Mas, no decorrer da pesquisa, considerando o número também significativo de ocorrências dos pronomes *tu/você* na amostra coletada, decidi alargar o foco da análise, verificando não só a variação pronominal de 1.^a pessoa do plural, *nós/a gente*, mas também a variação de 2.^a pessoa do singular, *tu/você*.

Desta forma, o presente trabalho analisa o uso de duas variáveis dependentes, isto é, duas análises foram realizadas: o uso de *nós/a gente* e o uso de *tu/você*, buscando-se, assim, *traçar um perfil* mais amplo das formas pronominais utilizadas pelos falantes de Concórdia. Salienta-se que as entrevistas não seguiram um roteiro específico; foram abordados temas

relacionados ao trabalho, lazer, família, saúde, acontecimentos do dia a dia, entre outros, a fim de estabelecer um diálogo informal com o entrevistado. Ao final de cada entrevista foi solicitado ao informante sua opinião sobre o uso dos pronomes *tu/você*, visando estabelecer algumas correlações entre a atitude dos falantes em relação a esses pronomes e o comportamento linguístico verificado nos dados.

Então, com este trabalho, realizou-se uma análise dos dados coletados a fim de verificar como se dá a alternância pronominal das variáveis *nós/a gente* e *tu/você* e quais são os fatores linguísticos e sociais que favorecem a escolha de uma ou outra forma pelos falantes de nossa amostra.

Pretendeu-se, também, estabelecer algumas correlações entre o uso de *nós/a gente*, por um lado, e *tu/você* por outro. Pode-se dizer, a princípio, que há aspectos comuns entre as duas variáveis: os pronomes inovadores *a gente* e *você* estão inseridos na fala da comunidade e alternam com os pronomes canônicos *nós* e *tu*; tanto *a gente* quanto *você* são, aparentemente, utilizados sem restrições pelos falantes, isto é, não parece haver nenhuma valoração negativa relacionada ao uso dessas formas inovadoras.

Considerando, assim, a variação existente em Concórdia em relação ao uso das formas *nós/a gente* e *tu/você*, estabelecemos nosso objeto de estudo. O objetivo principal desta pesquisa foi descrever, a partir dos pressupostos teóricos e metodológicos da Teoria da Variação, o uso dos pronomes *nós/a gente* e *tu/você* na posição sujeito e analisar os ambientes linguísticos e sociais que condicionam seu uso no falar de Concórdia. Para essa análise foram considerados fatores linguísticos e sociais. Dentre os fatores linguísticos, foram considerados os seguintes: *concordância verbal*, *tempo verbal*, *saliência fônica*, *tonicidade*, *tipo de ocorrência*, *tipo de discurso*, *tipo de verbo*, *determinação do referente* e *tipo de texto*. Já em relação às *variáveis sociais*, foram levadas em consideração duas *faixas etárias* (26 a 45 anos e 50 anos ou mais), *sexo* e três níveis de *escolaridade* (*fundamental I*, *fundamental II* e *ensino médio*).

No primeiro capítulo deste trabalho, apresentamos o quadro teórico que fundamentou nossa pesquisa. Iniciamos com a apresentação da Teoria da Variação (LABOV, [1972] 2008) e dos princípios da teoria geral da mudança linguística propostos por Weinreich, Labov e Herzog ([1968] 2006). Em seguida, apresentamos alguns estudos sobre a referenciação, e sobre a teoria da enunciação de Benveniste ([1946/1956] 1995) e seus desmembramentos nos estudos do português do Brasil. Os trabalhos de Milanez (1982) e de Menon (1994, 2006) sobre a indeterminação do sujeito finalizam este capítulo.

O segundo capítulo trata, inicialmente, de estudos sobre a gramaticalização dos pronomes *a gente* e *você*, destacando alguns dos trabalhos que fundamentaram ou deram continuidade à análise linguística desses processos no PB. Em seguida são apresentados alguns estudos variacionistas já realizados sobre a alternância pronominal *nós/a gente* e *tu/você* no Brasil, em geral, e na região Sul, em particular.

O capítulo 3 apresenta a metodologia e as etapas transcorridas para a realização deste estudo. São apresentadas, inicialmente, algumas características históricas e sociais da comunidade de fala analisada; em seguida, abordamos a realização da coleta de dados e a composição da amostra utilizada na pesquisa; e, por fim, apresentamos as variáveis dependentes e independentes analisadas.

Nos capítulos 4 e 5 são apresentados e discutidos os resultados percentuais e em pesos relativos referentes à variação *nós/a gente* e *tu/você* em nossa amostra, constituída de 24 entrevistas realizadas na cidade de Concórdia (SC), com falantes do sexo *masculino* e *feminino* de duas faixas etárias (*26-45 anos* e *50 anos ou mais*) e três níveis de escolaridade (*fundamental I*, *fundamental II* e *ensino médio*). No capítulo 4, relativo à variação dos pronomes *nós/a gente*, também é discutida a pertinência das variáveis independentes *saliência fônica* e *tonicidade* para a análise de nosso *corpus*. No capítulo 6, apresentamos uma análise da atitude e comportamento linguístico dos falantes em relação aos pronomes *tu* e *você*; e no capítulo 7, é realizada uma comparação dos resultados da variação *nós/a gente* e *tu/você* em nossa amostra.

1. FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Neste primeiro capítulo, apresentamos os estudos que fundamentaram nossa pesquisa. Iniciamos com a apresentação da Teoria da Variação (LABOV, [1972] 2008) e dos princípios da teoria geral da mudança linguística propostos por Weinreich, Labov e Herzog ([1968] 2006), considerando a ruptura teórico-metodológica causada por esse modelo em relação aos anteriores, particularmente o do estruturalismo e o do gerativismo. Em seguida, apresentamos alguns estudos sobre a referenciação, em especial os de Mondada e Dubois (2003) e Koch e Marcuschi (1998) e, considerando especificamente o caso dos pronomes pessoais, discorremos sobre a teoria de Benveniste ([1946/1956] 1995) e seus desmembramentos nos estudos do português do Brasil (*cf.* ILARI *et al.*, 1996; LOPES, 1998 e NEVES, 2000, 2008). Finalmente, apresentaremos alguns trabalhos sobre a indeterminação do sujeito, especialmente os de Milanez (1982) e de Menon (1994, 2006).

1.1 Sociolinguística variacionista: a variação e a mudança linguística

Os estudos sobre variação e mudança linguística, necessariamente, remetem a Labov e a suas pesquisas, pois foi principalmente a partir de seus trabalhos sobre a centralização dos ditongos /ay/ e /aw/ na ilha de Martha's Vineyard (1963) e sobre a realização do /r/ em posição pós-vocálica na cidade de Nova York (1966) que a teoria e a metodologia da sociolinguística variacionista desenvolveu-se. Apesar das diferenças desse modelo com os princípios teóricos que tratavam da mudança linguística até então, podem-se identificar alguns dos precursores de Labov através das referências feitas pelo próprio autor. Labov (2008) destaca a contribuição de Antoine Meillet, que já no início do século XX tentava explicar a mudança linguística através da consideração do contexto social: “(...) pelo fato de ser a língua uma instituição social, resulta que a linguística é uma ciência social, e o único elemento variável ao qual se pode recorrer para dar conta da mudança linguística é a mudança social, da qual as variações da língua são apenas as consequências”. (MEILLET, 1921, *apud* LABOV, 2008, p.304)

Para Labov, a definição de língua empregada pode prever o quanto cada autor considera os fatores sociais na mudança linguística. Assim, a partir da importância atribuída aos fatores sociais, Labov separa os linguistas em dois grupos principais, o grupo ‘social’ e o grupo ‘associal’, e os define da seguinte forma:

O grupo A, o grupo “social”, presta maior atenção aos fatores sociais para explicar a mudança; vê as funções expressivas e diretivas da língua como intimamente entrecruzadas com a comunicação de informação referencial; estuda a mudança em progresso e vê mudança em andamento refletida nos mapas dialetais; e enfatiza a importância da diversidade linguística, das línguas em contato e do modelo de ondas para a evolução linguística. (LABOV, 2008, p. 305)

No grupo A, Labov reúne linguistas como Whitney, Schuchard, Meillet, Vendryes, Jespersen e Sturtevant; e no grupo B, Paul, Sweet, Troubetzkoy, Bloomfield, Hockett, Martinet, Kurylowicz, Chomsky e Halle. Para Labov (2008), este segundo grupo, ao contrário do anterior, privilegia os fatores internos, estruturais das línguas, na explicação da mudança:

Os linguistas do grupo B, o grupo “associal”, se concentram em fatores puramente internos – estruturais ou psicológicos – para explicar a mudança; (...) acreditam que a mudança sonora em progresso não pode ser estudada diretamente e que os estudos das comunidades e dos mapas dialetais não mostram mais do que os resultados do empréstimo dialetal; assumem a comunidade homogênea e monolíngue como típica, trabalhando dentro do modelo Stammbaum [árvore genealógica] de evolução linguística. (LABOV, 2008, p. 306)

Quanto à Saussure, Labov (2008, p. 308) diz que sua definição de *langue* parece situá-lo no grupo A: “*langue est la partie sociale du langage... elle n'existe qu'en vertu d'une sorte de contrat passé entre les membres de la communauté*”. Por isso, a Escola de Genebra saussuriana seria frequentemente citada como a escola “social” da linguística. No entanto, a maioria dos linguistas que seguia a tradição saussuriana não levava em conta o aspecto social da língua:

(os linguistas) trabalham com um ou dois informantes em seus escritórios, ou examinam seu próprio conhecimento da *langue*. Além disso, insistem em que explicações dos fatos linguísticos sejam derivadas de outros fatos linguísticos, não de quaisquer dados “externos” sobre o comportamento social. (LABOV, 2008, p. 217)

O autor analisa as teorias e práticas linguísticas da época para entender, assim, as razões que explicariam as causas da predominância do grupo B, definido como ‘associal’ no cenário linguístico do momento. Para ele, o predomínio da perspectiva do grupo B nas últimas décadas poderia ser explicado por quatro condições gerais: (1) a inclinação dos linguistas para o lado da psicologia, mais do que da sociologia; (2) o fato dos dialetólogos em geral se contentarem em coletar e publicar seus materiais, parecendo terem perdido sua orientação rumo à linguística teórica; (3) o obscurecimento (*eclipse*) do grupo de linguistas ‘sociais’ que estaria relacionado às limitações de seus próprios trabalhos e escritos sobre o contexto social da língua, pois eles se apoiavam quase que inteiramente numa explicação intuitiva de alguns

eventos extraídos de seu próprio conhecimento geral; e por fim, (4) o chamado *paradoxo saussuriano*, que seria, provavelmente, a condição mais importante.

Saussure argumenta que a *langue* é um fato social, um conhecimento possuído por todo membro da comunidade de fala. Daí decorre que é possível alguém descobrir coisas sobre a *langue* perguntando a um ou dois falantes quaisquer da língua – inclusive a si mesmo. Por outro lado, a *parole* revela diferenças individuais entre os falantes, que só podem ser examinadas em campo, por um tipo de investigação sociológica. Assim, o aspecto social da língua pode ser estudado na privacidade de um gabinete, enquanto o aspecto individual exigiria pesquisa social no seio da comunidade de fala. (LABOV, 2008, p. 309)

Para Labov, a prática que decorre do *paradoxo saussuriano* está explícita nos estudos de Chomsky, que fortaleceu a dicotomia *langue/parole* ao opor a *competência* ao *desempenho*:

Para Chomsky, a linguística é propriamente o estudo da competência, e ele deixa explícita a prática que decorre do paradoxo saussuriano: que o real objeto do estudo linguístico é uma comunidade de fala abstrata, homogênea, em que todo mundo fala igual e aprende a língua instantaneamente. Além disso, Chomsky insiste que o dado da linguística não é o enunciado do indivíduo a ser estudado, mas suas intuições acerca da língua – primordialmente, seus julgamentos sobre quais frases são gramaticais, e quais não são – e também julgamentos sobre a relação entre as frases – que frases significam “o mesmo”. É preciso construir teorias da linguagem para explicar essas intuições. (LABOV, 2008, p.218-219)

O *paradoxo saussuriano* também explicaria, segundo Labov, como Bloomfield pôde analisar o inglês “falado em Chicago” a partir de sua própria fala, e tanto esse procedimento quanto os de Chomsky ilustrariam o modo como os linguistas adaptavam sua metodologia para adequar-se ao seu estilo pessoal. Labov (2008, p.219) diz que o desenvolvimento dessas teorias baseou-se em duas suposições mais ou menos explícitas: (1) a estrutura linguística está intimamente associada à homogeneidade, e embora a variação linguística possa ser importante de um ponto de vista prático ou aplicado, tais dados não são exigidos para a teoria linguística; (2) os falantes da língua têm acesso às suas intuições sobre a *langue* ou a competência, e podem falar sobre elas. Assim, de acordo com o autor, a exclusão do contexto social na análise linguística teria sido propiciada por essas suposições e pela dificuldade em se trabalhar com a língua em uso, o que levou os linguistas a trabalharem com seu próprio conhecimento, com informantes individuais ou com materiais secundários. Dessa forma, não seria necessário, *a priori*, ir para a comunidade de fala buscar dados.

Os principais argumentos apresentados por esses estudiosos para não considerarem a língua em seu contexto social como objeto de pesquisa seriam, segundo Labov (2008, p. 220-221): (1) *a agramaticabilidade da fala*, pois acreditava-se que um *corpus* extraído da língua falada não constituiria boa evidência, já que conteria vários exemplos de frases malformadas

que os próprios falantes condenariam e mudariam quando sua atenção seria chamada para elas; (2) *variação na fala e na comunidade de fala*, pois estudos anteriores aos de Labov consideravam apenas duas possibilidades para explicar a co-ocorrência de formas em uma língua, ou seja, a possibilidade de se dizer a “mesma coisa” de diferentes maneiras:

- a) as variantes pertenceriam a dois sistemas diferentes, e a alternância seria um exemplo de “mistura dialetal” ou “alternância de código” [*code-switching*];
- b) as variantes se encontrariam em “variação livre” dentro do mesmo sistema, e a seleção se encontraria abaixo do nível da estrutura linguística.

Embora Labov tenha reconhecido os avanços feitos no estudo abstrato da língua, critica essa abordagem pelo fato de trabalhar com base de dados limitada, o que teria dificultado o desenvolvimento da teoria linguística. Mas, apesar da predominância do grupo considerado “associal”, alguns pesquisadores já apresentavam uma abordagem diferenciada da mudança. A pesquisa de Gauchat realizada em 1905 na comunidade suíça de Charmey é considerada a precursora dos estudos sociolinguísticos da mudança, pois já no início do século XX fatores sociais foram considerados relevantes para o estudo da mudança linguística, conforme destaca Labov (2008, p.345): “O convincente estudo de Gauchat estabeleceu a variabilidade do dialeto de Charmey, a existência de mudança em progresso, e o papel das mulheres na mudança linguística”.

Esse trabalho de Gauchat se destaca por ser o primeiro estudo que tomou como objeto a mudança linguística em progresso. O autor analisou em 1905 a diversidade fonética entre três gerações de falantes do francês suíço na aldeia de Charmey e concluiu que ali se verificava uma mudança em progresso. Em 1929, ou seja, 24 anos depois, as inferências de Gauchat foram confirmadas por estudos realizados por Hermann na mesma comunidade de fala. Apesar desses trabalhos já considerarem aspectos sociais no estudo da mudança linguística, o próprio Labov reconhecia que a elaboração de princípios teóricos para o estudo da mudança parecia, inicialmente, impossível, pois diversas barreiras ideológicas impediam que se visualizasse um estudo da língua em uso, ‘na vida diária’:

Primeiramente, Saussure tinha enunciado o princípio de que os sistemas estruturais do presente e as mudanças históricas do passado tinham de ser estudados separadamente (1949:124). (...) A segunda barreira ideológica afirmava explicitamente que a mudança sonora não podia, em princípio, ser observada diretamente. (...) Uma terceira restrição era, talvez, a mais importante: a variação livre não podia, em princípio, ser condicionada. (LABOV, 2008, p.13-14)

Porém, ao contrário do que preconizavam as principais teorias linguísticas da época, em seus estudos em Martha's Vineyard e em Nova York, Labov conseguiu detectar relações regulares onde estudos anteriores mostravam somente oscilação caótica ou intensa variação livre. Essas descobertas lhe permitiram, apesar das barreiras iniciais, postular uma série de princípios sociolinguísticos acerca das relações de variação estilística, estratificação social e avaliação subjetiva. Esses princípios apresentaram-se, então, como uma reação aos modelos anteriores, que não consideravam os fatores sociais na análise linguística. Labov enfatizou, principalmente, a relação entre língua e sociedade e a possibilidade de se sistematizar a variação existente na língua falada.

Em sua pesquisa realizada sobre a centralização dos ditongos /ay/ e /aw/ em Martha's Vineyard, Labov (1963) constatou que a variante conservadora, não-padrão predominava na comunidade, revelando uma atitude positiva em relação à ilha e diferenciando, assim, o falar nativo daquele dos turistas. De acordo com Tarallo:

É evidente que a centralização do ditongo em Martha's Vineyard é somente um dos traços linguísticos que definem a língua falada na ilha. Os exemplos relatados sugerem, portanto, que a língua pode ser um fator extremamente importante na identificação de grupos, em sua configuração, como também uma possível maneira de demarcar diferenças sociais no seio de uma comunidade. (TARALLO, 1990, p.15)

Em 1966 Labov publicou seu estudo sobre a estratificação social do /r/ em três lojas de departamentos², de Nova York. Os resultados da análise demonstraram que, nessas lojas, a ausência do /r/ era estigmatizada socialmente e sua presença era considerada a variante de prestígio. Ainda mais significativo, a análise concluiu que o *status* social mais elevado de um falante correspondia ao uso mais frequente do [r]. Através desse e de outros estudos sobre a variação linguística, Labov comprovou que a língua, além de ser inerentemente variável, está intrinsecamente relacionada com o social e que por ele é determinada. O autor se opõe à visão de que a comunidade de fala é normalmente homogênea, e a refutação desse princípio estabelece um novo objeto de análise linguística, que apresenta como característica essencial a heterogeneidade.

Assim, os estudos sociolinguísticos passam a fornecer evidências da heterogeneidade inerente da linguagem e a demonstrar que a ocorrência de variação é sistemática, regular e ordenada. A partir destes estudos uma nova teoria da mudança foi desenvolvida e formalizada no texto programático da sociolinguística, o *Empirical Foundations for a Theory*

² Baseando-se na localização das lojas, na publicidade e nos preços, Labov classificou essas lojas como de *status* superior, *status* médio e *status* inferior.

of Language Change, escrito entre 1966 e 1968, por Uriel Weinreich, William Labov e Marvin Herzog (doravante WLH). Tendo como objetivo principal desenvolver um novo modelo teórico e formular uma nova orientação para a pesquisa linguística, esse texto de WLH fundamenta-se no estabelecimento de uma nova concepção de mudança linguística e, necessariamente, da própria língua: “Muito antes de se poder esboçar teorias preditivas da mudança linguística, será necessário aprender a ver a língua – seja do ponto de vista diacrônico ou sincrônico – como um objeto constituído de heterogeneidade ordenada.” (WLH, 2006, p. 35)

E é essa definição de língua, constituída por uma heterogeneidade ordenada que vai fundamentar os novos estudos sobre variação e mudança linguística. Assim, pode-se dizer que a análise sociolinguística passa a se orientar para essa variação sistemática inerente ao objeto de estudo, conforme destacam WLH:

A chave para uma concepção racional da mudança linguística – e mais, da própria língua – é a possibilidade de descrever a diferenciação ordenada numa língua que serve a uma comunidade. (...) Um dos corolários de nossa abordagem é que numa língua que serve a uma comunidade complexa (i.é., real), a ausência de heterogeneidade estruturada é que seria disfuncional. (WLH, 2006, p.36)

A proposta de WLH será fundamentada na relação entre variação e mudança e no pressuposto de que a mudança pode ser captada no curso de sua implementação. Com o objetivo de esclarecer a questão da mudança linguística e descrever a heterogeneidade ordenada, própria das línguas naturais, WLH (2006, p.104-125) apresentam cinco problemas que seriam fundamentais: *o problema das restrições*, *o problema da transição*, *o problema do encaixamento*, *o problema da avaliação*, e *o problema da implementação*.

O problema das restrições aborda o conjunto de mudanças possíveis e os fatores que condicionam as mudanças que podem ocorrer numa determinada estrutura linguística. Mas, o próprio Labov (1982) reconhece que, se por um lado, o estudo da questão de restrições tende a clarear o processo de mudança, por outro lado, pode fornecer uma orientação genérica dos fenômenos, o que configuraria um equívoco.

Já o *problema da transição*, segundo os autores, não pode ser descartado, pois permanece inteiramente relevante indagar sobre os estágios sucessivos que podem ser observados, ou que devem ser postulados, entre quaisquer duas formas de uma língua definida para uma comunidade linguística em épocas diferentes. Para WLH (2006, p. 122), a mudança acontece: “(1) à medida que um falante aprende uma forma alternativa; (2) durante

o tempo em que as duas formas existem em contato dentro de sua competência; e (3) quando uma das formas se torna obsoleta”.

Percebe-se, então, que, ao contrário dos estudos anteriores, WLH destacam uma estreita relação existente entre variação e mudança. Formas linguísticas inovadoras e antigas ocorrem num mesmo momento e essa alternância pode representar uma transição para um outro estado de língua. Essa concepção mais dinâmica do problema da transição se constituirá em um dos pontos cruciais para a superação da concepção estrutural da mudança linguística e da própria concepção estruturalista de língua.

Quanto ao *problema do encaixamento*, refere-se ao estudo da mudança linguística considerando a relação entre elementos do sistema linguístico, o encaixamento na estrutura linguística, e entre esses elementos e o sistema não-linguístico, o encaixamento na estrutura social.

Pode-se dizer que o primeiro aspecto – encaixamento na estrutura linguística – baseia-se em estudos estruturalistas, e como WLH ressaltam, é consenso entre os linguistas: “haverá pouca discordância entre os linguistas de que as mudanças linguísticas sob investigação devem ser vistas como encaixadas no sistema linguístico como um todo”(WLH, 2006, p. 122). Porém, há um avanço significativo no que diz respeito à relação existente entre mudança e o encaixamento na estrutura social, pois a consideração dos fatores sociais nos estudos linguísticos propiciou uma visão mais abrangente do processo de mudança e da própria língua enquanto objeto de estudo da linguística. A partir de então a análise sociolinguística determina o desmembramento do problema do encaixamento em dois ramos complementares: o encaixamento na estrutura linguística e o encaixamento na estrutura social.

O *problema da avaliação* centra-se na forma como os membros da comunidade de fala reagem à mudança em progresso. Pretende-se determinar como e em que medida a avaliação subjetiva e a atitude dos falantes interferem no processo de mudança. Parte-se, então, do pressuposto de que em algum momento desse processo as variantes em competição terão uma significação social, sendo a variante inovadora avaliada positiva ou negativamente. Como afirmam os autores, “o avanço da mudança linguística rumo à conclusão pode ser acompanhado de uma elevação no nível de consciência social da mudança e do estabelecimento de um estereótipo social” (WLH, 2006, p. 125). A consideração da maneira como os falantes avaliam a mudança, conduz, então, a uma revisão do princípio saussuriano de que o indivíduo aceita o processo de estruturação da língua passivamente. Os autores admitem, ao contrário, um falante ativo, que pode atuar no sentido de acelerar ou de reter

processos de mudança na língua da comunidade, na medida em que se identifica com eles ou os rejeita.

Enfim, *o problema da implementação* procura esclarecer o motivo da mudança linguística ocorrer num determinado tempo e lugar e não em outro. WLH (2006, p. 37) destacam a necessidade de responder, então, a uma nova questão, talvez a mais fundamental: “A que fatores se pode atribuir a implementação das mudanças? Por que as mudanças num aspecto estrutural ocorrem numa língua particular numa dada época, mas não em outras línguas com o mesmo aspecto, ou na mesma língua em outras épocas?”

A partir da consideração desses problemas, a teoria da mudança linguística proposta por WHL procura analisar como a língua de uma comunidade complexa se transforma no curso do tempo. E como mudança pressupõe variação, um método sociolinguístico para analisar as relações entre o componente social e a variação linguística tornou-se fundamental.

A heterogeneidade linguística passa a ser considerada a partir do estabelecimento da noção de *regra variável*, que se fundamenta na existência de duas ou mais formas variantes em concorrência em um mesmo contexto de uso. De acordo com Guy (2007, p.33-34):

A análise da regra variável é um tipo de análise multivariada altamente empregada em estudos de variação linguística hoje em dia. Seu propósito é separar, quantificar e testar a significância dos efeitos de fatores contextuais em uma variável linguística. Esses fatores condicionantes podem ser tanto sociais (...), ou linguísticos.

Considerando então que cada ocorrência de uma variável vem inserida em um enunciado e em um determinado contexto social, e que a escolha do falante, de uma dentre as *variantes*, ou *diversas maneiras de dizer a mesma coisa*, pode ser influenciada por um grande número de fatores, Guy (2007) destaca:

[...] a análise tem de ser necessariamente multivariada; em outras palavras, ela é uma tentativa de modelar os dados como uma função de várias forças simultâneas, interseccionadas e independentes, que podem agir em diferentes direções. De fato, um dos produtos da análise é uma medida numérica do peso e da “direção” (favorável ou desfavorável) de cada força. (GUY, 2007, p.50)

Assim, a análise visa a “predizer” probabilisticamente a taxa aproximada de uso de uma dada variante, definindo a natureza e a extensão de cada um dos fatores linguísticos e sociais condicionadores.

Além das variáveis linguísticas, a análise das variáveis sociais torna-se, então, fundamental, podendo indicar generalizações sobre o andamento do processo de variação e mudança. Como várias pesquisas já demonstraram, dentre as variáveis sociais, a faixa etária

tem se mostrado bastante significativa, pois a idade do falante pode apontar para duas direções básicas: um fenômeno pode estar em variação estável ou pode indicar a existência de mudança em curso. Portanto, a análise da linguagem de pessoas de diferentes faixas etárias num determinado momento, denominada análise em *tempo aparente* por Labov, pode revelar diferentes estágios de uma língua. Citando Labov, Silva e Paiva (1998) ressaltam:

Segundo Labov (1966) o estudo da mudança no tempo aparente pode ser mais confiável, se as diferenças etárias forem reforçadas pelos resultados associados a outras variáveis independentes como, por exemplo, classe social e sexo. Se uma mudança se inicia na língua, é natural que um segmento da sociedade a lidere. Como ressalta o autor, uma mudança linguística sempre começa no interior de um grupo social associando-se aos valores que o caracterizam. (SILVA e PAIVA, 1998, p.354)

Isto significa que juntamente com a faixa etária, por exemplo, outros fatores podem revelar-se significativos no estudo da variação. Considerando as diferenças linguísticas entre os sexos, estas podem fornecer evidências consideráveis na análise da mudança em progresso, pois, geralmente, a correlação *sexo/variação* mostra que as mulheres tendem a preferir formas *não-marcadas* e socialmente valorizadas, tendência essa frequente em situação de variação estável. No entanto, parece relevante nesse caso considerar não só o sexo, mas também a situação social e a função que a mulher exerce na sociedade em que está inserida. Paiva destaca a importância dessa *correlação* de fatores: “A análise da correlação entre gênero/sexo e a variação linguística tem de, necessariamente, fazer referência não só ao prestígio atribuído pela comunidade às variantes linguísticas como também à forma de organização social de uma dada comunidade de fala”. (PAIVA, 2004, p.35)

Em relação à *escolarização*, parece que esta atua, geralmente, no favorecimento da variante padrão. No entanto, como destaca Votre (2004, p. 51) para uma análise criteriosa das correlações entre variação e mudança linguística, de um lado, e a variável escolaridade, de outro, torna-se necessário estabelecer algumas distinções, que seriam, dentre outras: entre forma de prestígio social e forma relativamente neutra, entre fenômeno socialmente estigmatizado e fenômeno imune à estigmatização e entre os fenômenos que são objetos de ensino escolar e aqueles que escapam à atenção normativa da escola. Portanto, o autor ressalta que o estudo da influência das variáveis sociais no uso da língua pressupõe uma estrita correlação entre fatores como faixa etária, sexo e escolaridade e outros aspectos sociais que também podem influenciar esses fatores.

Considerando, então, como princípio determinante a heterogeneidade da língua e a importância da relação entre as variáveis linguísticas e sociais, procuraremos demonstrar a

variação entre os pronomes *nós/a gente* e *tu/você* na cidade de Concórdia, estabelecendo as tendências atuais no uso desses pronomes, assim como os fatores que condicionam tal uso.

1.2 A gramaticalização

Ainda que a origem e o desenvolvimento das categorias gramaticais seja uma questão já tratada há muito tempo, os estudos sobre gramaticalização têm sido considerados como um novo paradigma nos estudos linguísticos, como destacam vários autores. Omena e Braga (1996, p.75), baseando-se em Claudi, Heine e Hunnemeyer (1991), ressaltam que já no século X, os escritores chineses distinguem as formas *plenas* das formas *vazias*. Mas, segundo elas, mesmo que há muito tempo o assunto já vinha sendo mencionado, só foi retomado com mais interesse por volta do século XVIII na França e na Inglaterra, estendendo-se no século XIX para a Alemanha e para os Estados Unidos. As autoras destacam que no século XX, Meillet (1912) introduziu o termo *gramaticalização*, e definiu esse processo como a atribuição de um caráter gramatical a uma palavra anteriormente autônoma, observando que, em todos os casos em que se podia conhecer a fonte primeira de uma forma gramatical, essa fonte era uma palavra lexical, e que a transição é sempre uma espécie de *continuum*.

Omena e Braga (1996, p.76) ressaltam que a gramaticalização, em termos diacrônicos, investiga a origem das formas gramaticais e as mudanças que as afetaram. Somente a partir da década de setenta a perspectiva sincrônica passa a ser considerada nos estudos da gramaticalização, apresentando-se como uma reação às abordagens estáticas da análise linguística.

Menon (1996) destaca duas perspectivas possíveis no estudo da gramaticalização: a perspectiva de Heine et Traugott (1993) e a de Reighard (1978). Na primeira, um item lexical poderia chegar até a forma mais presa, o *afixo*, seguindo a cadeia de possibilidades de gramaticalização: *item lexical* > *palavra gramatical* > *clítico* > *afixo*. De acordo com a autora (1996, p.623): “Assim, não só a palavra lexical pode se transformar em uma palavra gramatical como pode até atingir o estágio de morfema (afixo, em sua terminologia).” A segunda perspectiva citada por Menon (1996), a de Reighard (1978), considera a existência de uma “hierarquia das categorias”, que seria a passagem de uma *categoria lexical primária* (substantivo, verbo, adjetivo) para uma *categoria gramatical secundária* (auxiliar,

determinante, pronome) que, por sua vez, poderia passar a uma *categoria terciária* (clíticos, afixos) que, na última etapa do processo, desapareceria. Conforme Menon:

Em ambas as perspectivas, a par da mudança de categoria do item lexical, ao lado de uma modificação (estreitamento) de significado, ocorreria também uma modificação no nível fonético: o item lexical sofreria uma evolução fonética, como no caso do pronome de terceira pessoa do francês ou da formação do futuro nas línguas românicas ou como em *let us* > *let's*, em inglês. (MENON, 1996, p. 623)

Neves (1997), analisando a gramaticalização segundo o enfoque sincrônico ou diacrônico, afirma:

A questão “diacronia” *versus* “sincronia” liga-se à questão “caráter gradual” *versus* “caráter instantâneo” da gramaticalização. Se considerado do ponto de vista histórico, o processo é gradual: o que ocorre é que, embora se possa encontrar num determinado momento, uma estrutura substituindo completamente outra, por um considerável período de tempo coexistem a forma nova e a velha, que entram em variação, sob diversas condições; e essa variação encontrada nada mais é do que o reflexo do caráter gradual da mudança linguística. (NEVES, 1997, p. 118)

Lopes (2004, p.50-51) também destaca o caráter gradual da mudança. Ela lembra que nos estudos funcionalistas sobre gramaticalização, das décadas de 80 e 90, autores como Lichtenberk (1991) retomam a discussão sobre o *problema da transição* e defendem ser o gradualismo uma característica inerente aos fenômenos de gramaticalização. A autora ressalta que essa perspectiva não contradiz os princípios da teoria sociolinguística laboviana, pois afirma que os fatores que produzem mudanças, não são abruptos e repentinos, mas atuam lenta e gradualmente, e é por isso que a mudança linguística requer a observação de dois ou mais estágios de uma língua.

O sentido unidirecional do processo de gramaticalização é destacado por Martelotta, Votre e Cezario (doravante MVC).

Interessa-nos o sentido em que designa um processo unidirecional segundo o qual itens lexicais e construções sintáticas, em determinados contextos passam a assumir funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais. Um processo em cujo final o elemento linguístico tende a se tornar mais regular e mais previsível, pois sai do nível da criatividade eventual do discurso para penetrar nas restrições da gramática. (MVC, 1996, p.24)

Embora a gramaticalização seja normalmente considerada como um processo que parte de um item lexical para um gramatical, para alguns autores este processo pode também ser considerado a partir de um elemento já gramatical, como destaca Neves:

Heine *et alii* (1991b) abrigam sob o termo *gramaticalização* tanto o percurso de um morfema do estatuto lexical para o gramatical, como o percurso do estatuto menos gramatical para o mais gramatical. Lichtenberk (1991, p.38) afirma que o fenômeno abriga não apenas a evolução de um morfema lexical para um morfema gramatical, como também a aquisição de novas propriedades por um elemento já gramatical. Ainda Hopper (1991, pp. 17-35), rejeitando a noção de uma gramática estável, diz que todas as partes da gramática estão sempre sofrendo mudanças, e, por isso, os fenômenos gramaticais em geral podem ser pensados como envolvidos na gramaticalização. Os casos de itens lexicais que tomam função gramatical são, entretanto, considerados como os casos prototípicos de gramaticalização. (NEVES, 1997, p. 120-121)

Em relação aos mecanismos que veiculam o processo de gramaticalização, MVC (1996) dizem que não há, na literatura referente ao assunto, um total consenso entre os autores: Heine *et al.* (1991), por exemplo, falam em transferência metafórica; Lehmann (1991) aponta a importância da analogia no processo; Hopper e Traugott (1993) consideram a transferência metonímica e a reanálise como mecanismos que predominam na mudança por gramaticalização. Para MVC, a importância da metáfora no processo não pode ser negligenciada, e a gramaticalização envolveria vários níveis:

- a) Nível Cognitivo - A gramaticalização (pelo menos no que se refere ao nível morfológico) segue, como parece ocorrer com os processos de mudança metafórica em geral, a tendência de usar elementos do mundo concreto para o mundo abstrato. O elemento do léxico é mais concreto que o da gramática: é mais fácil conceptualizar substantivos do que relações textuais.
- b) Nível Pragmático - A gramaticalização envolve uma intenção genérica do falante de usar algo conhecido pelo ouvinte para fazê-lo compreender melhor o sentido novo que ele quer expressar. Pode-se também ver nessa passagem concreto > abstrato uma intenção comunicativa de facilitar a compreensão do ouvinte a partir da utilização de conceitos mais concretos e mais conhecidos para a expressão de idéias novas que surgem no decorrer do processo comunicativo.
- c) Nível Semântico - A gramaticalização, como processo de mudança ocorrida no léxico, envolve o conhecimento por parte dos interlocutores dos significados de origem das palavras envolvidas; caso contrário, o sentido novo corre o risco de não ser detectado pelo ouvinte.
- d) Nível Sintático - A gramaticalização ocorre basicamente em contextos que a estimulem, o que significa que, não só existem aspectos sintáticos que propiciam a gramaticalização, mas, principalmente, que esses aspectos são responsáveis pelo fato de a mudança tomar efetivamente este e não aquele caminho. (MVC, 1996, p. 28-29)

Com base nessas considerações, os autores afirmam que a gramaticalização ocorre por mecanismos de natureza metafórica e metonímica. Através da metáfora, conceitos próximos da experiência humana são utilizados para expressar aquilo que é mais abstrato e, conseqüentemente, mais difícil de ser definido. Já o termo metonímia é usado por eles para designar a mudança que sofre uma determinada forma em função do contexto linguístico (e pragmático) em que está sendo utilizada.

Além de considerar a natureza dos mecanismos envolvidos na gramaticalização, os autores que se dedicam a esses estudos buscam determinar os princípios que regem o processo de gramaticalização. Duas propostas bastante conhecidas são as de Lehmann ([1982] 1995) e a de Hopper (1991, 1996).

Segundo Gonçalves *et al.* (2007, p.70), Lehmann define a gramaticalização como um processo que transforma elementos lexicais em elementos gramaticais e os gramaticais em mais gramaticais ainda e, para este autor, sincronicamente, a gramaticalização deve ser tomada como um princípio de acordo com o qual subcategorias de uma dada categoria gramatical podem ser arranjadas em uma escala, representada pelo símbolo $x > y$, usado para expressar que *y é mais gramatical do que x*, subentendendo-se daí um processo evolutivo da forma x a y . Assim, a partir dos eixos paradigmático e sintagmático, Gonçalves *et al.* (2007) dizem ainda que Lehmann propõe seis parâmetros, em sua maioria estritamente formais, que visam à verificação do grau de autonomia de um item, o que, por consequência, mede seu grau de gramaticalidade, uma vez que a autonomia de um signo é postulada como contrária a seu estatuto “gramatical”. Ele enfatiza que os seus parâmetros conjuntamente possibilitam a identificação não da gramaticalização, mas da autonomia de um signo. Gonçalves *et al.* (2007, p.72-76) apresentando os critérios de Lehman ressaltam:

No eixo paradigmático, analisa-se a integração dos traços semânticos do item, seu grau de participação no domínio funcional das formas de expressão do quadro de que ele faz parte e a possibilidade de sua escolha às expensas de outros itens de mesmo valor semântico-pragmático(...) No eixo sintagmático, tentam-se captar as relações que o item mantém com outros constituintes das diferentes construções de que ele participa, sua colocação e seu grau de mobilidade na construção.

Segundo Hopper (1991), a caracterização proposta por Lehmann focaliza a gramaticalização que se encontra num estágio bastante avançado e o que Lehmann realmente estaria apontando seriam as tendências próprias ao processo de gramaticalização, que seriam as seguintes:

- Paradigmatização (as formas tendem a organizar-se em paradigmas);
- Obrigatorização (as formas tendem a tornar-se obrigatórias);
- Condensação (as formas tendem a tornar-se mais curtas);
- Aglutinação/ coalescência (as formas adjacentes tendem a aglutinar-se);
- Fixação (ordens linearmente livres tendem a tornar-se fixas). (HOPPER, 1991, p. 20-21)

Conforme Gonçalves *et al.* (2007, p.79), o objetivo de Hopper (1991) era o de suplantar as afirmações de Lehmann (1982), focalizando a gramaticalização em seus estágios mais incipientes. Gonçalves *et al.* (2007, p.79-85) apresentam, então, os cinco princípios

propostos por Hopper (1991, p.22-31) para esse estudo: *estratificação, divergência, especialização, persistência e decategorização*.

O princípio da *estratificação* se refere à coexistência entre novas e antigas ‘camadas’ em um domínio funcional amplo. Isto significa que, ao surgir uma nova forma, as antigas não são imediatamente descartadas, podendo permanecer e co-existir com as mais recentes. Há, então, um período de transição, uma fase de convivência entre as duas estratégias. A variação presente em nossos dados entre *nós/a gente* e entre *tu/você* pode confirmar tal coexistência.

O princípio da *divergência* postula a permanência do item lexical original convivendo de forma autônoma ao lado da forma gramaticalizada, embora divirjam funcionalmente. Para Hopper, a divergência poderia ser interpretada como um caso especial de estratificação, embora com diferenças significativas, pois a estratificação se refere às diferentes codificações de uma mesma função, enquanto a divergência remete aos diferentes graus de gramaticalização de um mesmo item lexical.

O terceiro princípio, o da *especialização*, concerne à limitação da escolha de formas pertencentes a um mesmo domínio, ou seja, relaciona-se com o estreitamento de opções para se codificar determinada função, à medida que uma dessas opções começa a ocupar mais espaço porque mais gramaticalizada.

O princípio da *persistência* se refere à manutenção de alguns traços semânticos da forma antiga na forma gramaticalizada, ou seja, quando uma forma sofre gramaticalização, alguns traços de seus significados lexicais originais tendem a subsistir, podendo ocasionar determinadas restrições sintáticas no uso da forma gramaticalizada.

O último princípio, o da *decategorização* consiste na neutralização das marcas morfológicas e propriedades sintáticas da categoria-origem e adoção dos atributos da categoria-destino. Assim, as formas, em geral, tendem a perder os traços das categorias mais lexicais ou plenas e passam a assumir marcas de categorias secundárias.

Além do estudo desses princípios, que buscam identificar os estágios da gramaticalização de uma forma linguística, Neves (1997, p. 126) também destaca que a gramaticalização pode ser vista do ponto de vista de seus efeitos, ou seja, da emergência de novas categorias. A autora cita Lichtenberk (1991, p. 38), que aponta três consequências prototípicas decorrentes do processo histórico da gramaticalização:

- 1) emergência de uma nova categoria gramatical;
- 2) perda de uma categoria existente;
- 3) mudança no conjunto de membros que pertencem a uma categoria gramatical.

Segundo Neves (1997), essas consequências seriam historicamente ligadas, pois adquirindo novas propriedades, os elementos linguísticos passam a integrar novas categorias, isto é, “ocorre uma reanálise categorial”. Retomando a explicação do caráter gradual da mudança, a autora diz:

(...) uma forma que exhibe, por exemplo, propriedades de uma categoria lexical pode começar a perder essas propriedades, não simultaneamente, mas uma após a outra: a forma nova não expulsa a forma velha imediatamente, mas começa a ser usada como variante cada vez mais frequente, até a completa substituição da forma velha. (NEVES, 1997, p. 127)

A gramaticalização pode, então, ser analisada do ponto de vista de seu processo, ou seja, dos estágios ou fases por que passa um item geralmente lexical para tornar-se gramatical, assim como pode ser vista a partir de seus efeitos, quando um item já gramaticalizado ocasiona determinadas mudanças e reorganizações no sistema linguístico.

A fim de melhor compreender o processo de gramaticalização em suas diferentes fases, e as consequentes reorganizações ocasionadas no sistema linguístico por esse processo, em especial no paradigma pronominal, apresentamos, no capítulo dois deste trabalho, estudos sobre a gramaticalização da forma *a gente* (MENON, 1995 e 1996, OMENA e BRAGA, 1996, LOPES, 2004 e ZILLES, 2007); e da forma *você* (LOPES e DUARTE, 2003, MENON, 2006 e MACHADO, 2008) no português do Brasil. No tópico seguinte, abordamos especialmente a questão da referenciação e dos pronomes pessoais.

1.3 A referenciação e os pronomes pessoais

A análise da referência semântica dos pronomes *nós/a gente* e *tu/você* em nossos dados levou-nos a pensar na questão da multiplicidade referencial do sujeito e na necessidade de verificar quais são os tipos de referentes que predominam no uso desses pronomes, assim como os fatores que estariam influenciando estes usos.

Pesquisas já realizados sobre a multiplicidade referencial de *nós/a gente* e *tu/você*³ indicam que estes pronomes *nem sempre* se referem à primeira pessoa do plural (*nós/a gente*) e à segunda pessoa do singular (*tu/você*), pois podem designar também referentes genéricos, e mesmo referir-se ao próprio falante: ‘*eu*’.

³Neste trabalho citaremos especialmente as análises de Menon (1994, 2006), Tamanine (2002, 2010), Borges (2004), Silva (2004), Menon e Loregian-Penkal (2002) e Loregian-Penkal (2004).

Para entender a multiplicidade referencial dos pronomes pessoais detectados em nossos dados e fundamentar melhor nossas análises, faz-se necessário compreender o processo de referenciação. Com esse objetivo, apresentamos neste tópico alguns estudos sobre esse tema (MONDADA e DUBOIS, 2003 e KOCH e MARCUSCHI, 1998) e, em seguida, revisamos alguns estudos sobre os pronomes pessoais, em especial textos de Benveniste ([1946, 1956] 1995), relacionando-os a alguns trabalhos desenvolvidos sobre o assunto no Brasil (ILARI *et al.* 1996, LOPES, 1998 e NEVES, 2000, 2008).

1.3.1 Da referência ao processo de referenciação

Mondada e Dubois (2003) opõem duas visões sobre a maneira como a língua refere o mundo, uma concepção segundo a qual as estruturas linguísticas refletem diretamente as coisas, e outra concepção de acordo com a qual as categorias comportam uma instabilidade constitutiva. Em suas palavras:

A idéia segundo a qual a língua é um sistema de etiquetas que se ajustam mais ou menos bem às coisas tem atravessado a história do pensamento ocidental. Opomos uma outra concepção segundo a qual os sujeitos constroem, através de práticas discursivas e cognitivas social e culturalmente situadas, versões públicas do mundo. (MONDADA e DUBOIS, 2003, p. 17)

Segundo as autoras as categorias e os objetos de discurso pelos quais os sujeitos compreendem o mundo não são nem preexistentes, nem dados, mas se elaboram no curso de suas atividades, transformando-se a partir dos contextos. Assim, elas ressaltam:

(...) no lugar de pressupor uma estabilidade *a priori* das entidades no mundo e na língua, é possível reconsiderar a questão partindo da instabilidade constitutiva das categorias por sua vez cognitivas e linguísticas, assim como de seus processos de estabilização. (MONDADA e DUBOIS, 2003, p.19)

De acordo com essa concepção, as categorias e objetos de discurso são marcados por uma instabilidade constitutiva, que pode ser observada nas práticas, nas atividades verbais e não-verbais, ou seja, na interação. Essa mesma visão encontra-se em Koch (2003, p.10), para quem os objetos de discurso são *construtos culturais*, representações constantemente alimentadas pelas atividades linguísticas.

Para Mondada e Dubois é importante, portanto, passar do estudo da *referência* ao estudo da *referenciação* com o objetivo de questionar os processos de discretização e de estabilização da língua. Essa abordagem implica em uma visão dinâmica que considera

também um sujeito sócio-cognitivo mediante uma relação indireta entre os discursos e o mundo.

Isto significa que, no lugar de fundamentar implicitamente uma semântica linguística sobre as entidades cognitivas abstratas, ou sobre os objetos *a priori* do mundo, nós nos propomos a reintroduzir explicitamente uma pluralidade de atores situados que discretizam a língua e o mundo e dão sentido a eles, constituindo individualmente e socialmente as entidades. (MONDADA e DUBOIS, 2003, p.20)

Para Koch e Marcuschi (1998) a referenciação, tal como a tratam Mondada e Dubois (1995), é um processo realizado negociadamente no discurso e que resulta na construção de referentes, de tal modo que a expressão *referência* passa a ter um uso completamente diverso do que se atribui na literatura semântica em geral. *Referir* não seria mais a atividade de "etiquetar" um mundo existente e indicialmente designado, mas sim uma atividade discursiva de tal modo que os *referentes* passam a ser *objetos-de-discurso* e não realidades independentes. Koch e Marcuschi (1998) assumem, portanto, a mesma posição de Mondada e Dubois, postulando uma visão processual em relação à significação, e neste sentido também substituindo o termo *referência* por *referenciação*, mais adequado para indicar a idéia de *processo*, segundo os autores.

Para fundamentar o processo de referenciação, Mondada e Dubois (2003, p.22) procuram mostrar, inicialmente, como as categorias são geralmente instáveis, variáveis e flexíveis, e analisam estas instabilidades como sendo inerentes aos objetos de discurso e às práticas. Para as autoras, já que as categorias utilizadas para descrever o mundo mudam, sincrônica e diacronicamente, elas são múltiplas e inconstantes; são controversas antes de serem fixadas normativa ou historicamente.

A variabilidade das categorizações sociais mostra que há sempre, muitas categorias possíveis para identificar uma pessoa: ela pode ser igualmente tratada de "antieuropeia" ou de "nacionalista", segundo o ponto de vista ideológico adotado; diacronicamente, um "traidor" pode tornar-se um "herói". (MONDADA e DUBOIS, 2003, p.22-23)

As autoras ressaltam ainda que o que é habitualmente considerado como um ponto estável de referência para as categorias pode ser "deategorizado", tornado instável, evoluir sob o efeito de uma mudança de contexto ou de ponto de vista, quer se trate de objetos sociais ou naturais. Nas palavras de Mondada e Dubois (2003, p.28): "Mais geralmente, a instabilidade caracteriza o modo normal e rotineiro de entender, descrever, compreender o mundo – e lançar, assim, a desconfiança sobre toda descrição única, universal e atemporal do mundo".

Essa instabilidade das categorias estaria ligada a suas ocorrências, uma vez que elas estão situadas em práticas: práticas dependentes tanto de processos de enunciação como de atividades cognitivas não necessariamente verbalizadas; práticas do sujeito ou de interações em que os locutores negociam uma versão provisória, contextual, coordenada do mundo. Desse modo, as autoras ressaltam a importância da interpretação dos interlocutores, pois como as descrições do mundo são necessariamente incompletas e a categorização evolui de modo flexível, isso torna a produção dessas descrições indissociável do trabalho de interpretação pelo qual o interlocutor as completa e as ajusta ao contexto. As autoras salientam:

Isto não significa que as descrições são caóticas ou desordenadas: os sujeitos possuem estruturas cognitivas, notadamente memoriais, que permitem dar uma estabilidade a seu mundo, assim como procedimentos sistemáticos para organizar a co-construção dos objetos de discurso. (MONDADA e DUBOIS, 2003, p.40)

O estudo da referenciação remete, então, à busca de um entendimento de como os objetos do mundo são categorizados em objetos de discurso. A instabilidade das descrições é facilmente verificável na análise dos pronomes pessoais, elementos dêiticos por natureza. É o contexto enunciativo, principalmente, que vai nos permitir dizer a quem esses elementos linguísticos, em nosso estudo *nós/a gente* e *tu/você*, se referem.

1.3.2 O sistema de pronomes pessoais

Ao contrário do que propõem os estudos da referenciação, a classificação dos pronomes pessoais na Gramática Tradicional é feita a partir de uma concepção segundo a qual as estruturas linguísticas refletem diretamente as coisas, ou seja, na qual os referentes são considerados como realidades independentes das práticas discursivas e *referir* é considerada uma atividade de "etiquetar" um mundo existente e não uma atividade discursiva, como propõem os estudos da referenciação. Os gramáticos perpetuam, assim, a divisão fixa e estável das pessoas da gramática grega, na qual há a 1ª pessoa – *eu*, a 2ª pessoa – *tu*, e a 3ª pessoa – *ele*. Nesses estudos, a classe dos pronomes pessoais apresenta três pessoas que são simetricamente tratadas. Essa simetria entre as pessoas é criticada por Benveniste, que destaca:

(...) Essas denominações não nos informam nem sobre a necessidade da categoria, nem sobre o conteúdo que ela implica nem sobre as relações que reúnem as diferentes pessoas. É preciso, portanto, procurar saber como cada pessoa se opõe ao conjunto das outras e sobre que princípio se funda a sua oposição, uma vez que não podemos atingi-las a não ser pelo que as diferencia. (BENVENISTE, 1995, p. 248).

Em seu texto *A natureza dos pronomes* (1995), Benveniste enfatiza a necessidade de se considerar particularmente a situação dos pronomes pessoais:

Não é suficiente distingui-los dos outros pronomes por uma denominação que os separe. É preciso ver que a definição comum dos pronomes pessoais como contendo os três termos *eu, tu, ele*, abole justamente a noção de “pessoa”. Esta é própria somente em *eu/tu*, e falta em *ele*. Essa diferença natural sobressairá da análise de *eu*. (BENVENISTE, 1995, p.277)

Já em outro texto, *Estrutura das relações de pessoa no verbo* (1995, p.250), Benveniste havia destacado as diferenças entre *eu, tu* e *ele*. O autor afirma que “uma teoria linguística da pessoa verbal só pode constituir-se sobre a base das oposições que diferenciam as pessoas, e se resumirá inteiramente na estrutura dessas oposições.” Refutando, assim, a homogeneidade apresentada pela teoria clássica, o autor parte das definições empregadas pelos gramáticos árabes: para esses gramáticos, a primeira pessoa é *aquela que fala*; a segunda *aquela a quem nos dirigimos*; mas a terceira é *aquela que está ausente*. Benveniste destaca que nessas denominações encontra-se implícita uma noção ‘justa’ das relações entre as pessoas, principalmente por revelar o que realmente diferencia a terceira pessoa das duas primeiras:

Nas duas primeiras pessoas, há ao mesmo tempo uma pessoa implicada e um discurso sobre essa pessoa. *Eu* designa aquele que fala e implica ao mesmo tempo um enunciado sobre o “eu”: dizendo *eu*, não posso deixar de falar de mim. Na segunda pessoa, “tu” é necessariamente designado por *eu* e não pode ser pensado fora de uma situação proposta a partir do “eu”; e, ao mesmo tempo, *eu* enuncia algo como um predicado de “tu”. Da terceira pessoa, porém, um predicado é bem enunciado somente fora do “eu-tu”; essa forma é assim excetuada da relação pela qual “eu” e “tu” se especificam. Daí, ser questionável a legitimidade dessa forma como “pessoa”. (BENVENISTE, 1995, p.250)

Como destaca o autor, a primeira e a segunda pessoa referem-se a pessoas do discurso, a terceira pessoa indica alguém ou alguma coisa, mas não uma *pessoa do discurso*. Assim, Benveniste denomina a terceira pessoa de *não-pessoa*, porque, enquanto o *eu* é aquele que enuncia, e o *tu* é aquele a quem o *eu* se dirige, o *ele* pode ser uma infinidade de sujeitos, ou nenhum.

O princípio sobre o qual Benveniste estabelece a oposição entre *eu, tu, ele* considera o *discurso, a língua em emprego e em ação*, conforme destacou Flores (2008, p. 51). É, então, com base no discurso que Benveniste opõe a *primeira pessoa* e a *segunda* à *terceira*, pois tanto a *primeira pessoa* como a *segunda* estão implicadas no discurso, e a *terceira* dele não participa.

Considerando, então, a relação entre as pessoas, Benveniste (1995, p.254) diz que há dois tipos de correlações possíveis. A primeira é a oposição entre as *duas primeiras* pessoas e a *terceira*, que consiste no fato de as duas primeiras possuírem a marca de pessoa, enquanto a terceira é destituída desta. Assim, a estrutura das relações de pessoa apresenta-se como uma correlação entre *eu/tu*, enquanto pessoa, opondo-se a *ele*, que não apresenta o traço de pessoalidade. O autor denominou essa oposição de *correlação de personalidade*.

Já a segunda oposição é entre o *eu* e o *tu*, que também possuem uma oposição interna. Assim, entre *eu* e *tu* estabelece-se uma outra relação, chamada por Benveniste ([1946] 1995, p.255) de *correlação de subjetividade*, que opõe o *eu* ao *tu*, ou seja, o *eu* instaura um *tu* na realidade do diálogo. Esse *tu*, exterior, somente pode ser pensado a partir do próprio *eu*. E assim, o *eu* que fala inverte-se em *tu*, e o *tu* se torna *eu*. A primeira pessoa é, então, *subjetiva*, é *interior* ao enunciado e *exterior* a *tu*, que pode ser definido, de acordo com o autor, como a *pessoa não-subjetiva*. E essas duas pessoas se opõem à forma de não-pessoa, *ele*.

Em relação à organização referencial dos signos linguísticos, Benveniste (1995, p.278-279) destaca que, ao contrário dos nomes, que possuem uma noção constante e ‘objetiva’, virtual ou atualizada, as instâncias de emprego de *eu* não constituem uma classe de referência, pois “cada *eu* tem a sua referência própria e corresponde cada vez a um ser único, proposto como tal”. O autor diz, então, que a *realidade* à qual se refere *eu* ou *tu* é unicamente uma *realidade de discurso*, pois, ao contrário dos nomes, “*eu* só pode definir-se em termos de *locução*, não em termos de objetos”. Assim, Benveniste define *eu* como “a pessoa que enuncia a presente instância de discurso que contém *eu*”. Simetricamente, o *tu* é definido como o “indivíduo alocutado na presente instância de discurso contendo a instância linguística *tu*”. Já a terceira pessoa representa o membro não-marcado da correlação de pessoa, e segundo Benveniste:

(...) a não-pessoa é o único modo de enunciação possível para as instâncias de discurso que não devam remeter a elas mesmas, mas que predicam o processo de *não importa quem* ou *não importa o que*, exceto a própria instância, podendo sempre esse *não importa quem* ou *não importa o que* ser munido de uma referência objetiva. (BENVENISTE, 1995, p.282)

Lopes (1998), baseando-se em Benveniste, também destaca o fato de que a *noção de pessoa* está intimamente relacionada a condições pragmáticas, designando um elemento do universo discursivo que pressupõe, por sua vez, uma interação dialógica entre o falante – aquele que enuncia – e o ouvinte – a quem se dirige o enunciado. Segundo a autora, esta concepção interlocutiva da noção de pessoa remonta ao latim e reflexo disso era a

exclusividade de representação pronominal, em posição de sujeito, para o eixo falante-ouvinte. Por sua vez, designava-se *aquele de quem se fala* por intermédio de um demonstrativo, devido à inexistência de um pronome pessoal para representar a terceira pessoa no caso nominativo.

Outra questão relevante presente nos textos de Benveniste (1995, p. 256) é a chamada *pluralização* dos pronomes. O autor diz que o simples fato de que palavras diferentes são geralmente empregadas para *eu* e *nós* (e também para *tu* e *vós*) já seria suficiente para não incluir os pronomes nos processos ordinários de pluralização, pois, segundo ele, na grande maioria das línguas, o plural pronominal não coincide com o plural nominal. Outra diferença fundamental apontada pelo autor entre os pronomes pessoais e outras classes de palavras é a *unicidade* e a *subjetividade* inerentes a *eu*, o que contradiz a possibilidade de uma pluralização. A partir dessas considerações, pode-se perceber, então, que no caso dos pronomes pessoais a passagem do singular para o plural não implica apenas uma pluralização:

Se não pode haver vários “eu” concebidos pelo próprio “eu” que fala, é porque “nós” não é uma multiplicação de objetos idênticos mas uma *junção* entre o “eu” e o “não-eu”, seja qual for o conteúdo desse “não-eu”. Essa junção forma uma totalidade nova e de um tipo totalmente particular, no qual os componentes não se equivalem: em “nós” é sempre “eu” que predomina, uma vez que só há “nós” à partir de “eu” e esse “eu” sujeita o elemento “não-eu” pela sua qualidade transcendente. A presença do “eu” é constitutiva de “nós”. (BENVENISTE, 1995, p. 256)

Além disso, o autor destaca que inúmeras línguas possuem uma diferenciação da forma verbal da primeira pessoa do plural sob dois aspectos distintos, *inclusivo* e *exclusivo*, o que denuncia uma complexidade particular.

O “não-eu” implícito e necessário em “nós” é notoriamente susceptível de receber, em línguas muito diversas, dois conteúdos precisos e distintos. “**Nós**” se diz de uma maneira para “**eu + vós**” e de outra para “**eu + eles**”. São as formas inclusiva e exclusiva que diferenciam o plural pronominal e verbal da primeira pessoa numa grande parte das línguas ameríndias, australianas, no papua, malaio-polinésico, dravídico, etc. (BENVENISTE, 1995, 256)

O autor ressalta aqui a necessidade de se reconhecer que a distinção das formas *inclusiva* e *exclusiva* se modela sobre a relação estabelecida entre a *primeira pessoa* e a *segunda* do singular, e entre a *primeira pessoa* e a *terceira* do singular, respectivamente. Segundo ele, essas duas pluralizações da primeira pessoa do singular servem para juntar em cada caso os termos opostos das duas correlações que foram destacadas:

O plural exclusivo (“eu + eles”) consiste de uma junção das duas formas que se opõem como pessoal e não pessoal em virtude da “correlação de pessoa”. (...) Vê-se aqui operar-se a diferenciação sobre o próprio princípio da pessoa: em “nós” inclusivo, que se opõe a “ele, eles”, é “tu” que sobressai, enquanto em “nós” exclusivo, que se opõe a “tu, vós”, é o “eu” que é sublinhado. As duas correlações que organizam o sistema das pessoas no singular se manifestam assim na dupla expressão de “nós”. (BENVENISTE, 1995, p.257)

Nota-se claramente nos textos de Benveniste a significativa diferença entre o plural *exclusivo* e *inclusivo*, assim como a problemática questão da *pluralização dos pronomes*, como salienta o autor:

A distinção ordinária de singular e de plural deve ser se não substituída ao menos interpretada, na ordem da pessoa, por uma distinção entre *pessoa estrita* (= “singular”) e *pessoa amplificada* (= “plural”). Só a “terceira pessoa”, sendo não-pessoa, admite um verdadeiro plural. (BENVENISTE, 1955, p.259)

Ainda baseando-se na teoria de Benveniste, Lopes (1998) afirma que o plural nos pronomes pessoais, pode indicar:

- a) a referência a dois ou mais seres que partilham o mesmo lugar na interlocução e, por conseguinte, são da mesma natureza; (*eu + tu*);
- b) a referência a dois ou mais seres que ocupam lugares diferentes na interlocução (*nós*, representando *eu+você(s)*, *eu+ele(s)*);
- c) uma referência indeterminada, porque ao englobar diferentes pessoas, um pronome pode tornar-se tão genérico a ponto de não podermos precisar qual é o seu referente. (LOPES, 1998, p.4)

Dessa forma, Lopes (1998) enfatiza a necessidade de se observar determinados aspectos relativos às pessoas do discurso, para dessa forma se estabelecer uma descrição pronominal mais coerente que aquela apresentada nos estudos tradicionais. Segundo a autora, para que essa descrição seja mais coerente deve-se considerar que:

1) *Stricto sensu*, a noção de pessoa restringe-se às duas primeiras (*eu* e *tu* (ou *você*)) que se opõem na enunciação, assumindo seus papéis legítimos: *pessoa que fala e com quem se fala*. A forma *ele* é a “não-pessoa”, por excelência, pois se situa fora da interlocução.

2) *Lato sensu*, a noção de pessoa se expande para as formas *eu*, *tu*, *nós* e *vós* ou às suas variantes atuais (*você*, *a gente* e *vocês*), consideradas, então, 4 pessoas gramaticais que podem ser empregadas fora da alocação (*eu/ tu*), assumindo o caráter ampliado e indeterminado do elemento *alia..* (LOPES, 1998, p.4)

Já para Neves (2008) deve-se considerar a propriedade mais geral dos pronomes pessoais, que é a de serem palavras *fóricas*, ou seja: “palavras que não tendo um conteúdo descritivo próprio, assumem uma referência no uso, ora retomando passagens do mesmo texto, ora apontando para elementos ou traços específicos da situação de fala.” Segundo a

autora, essa propriedade inerente aos pronomes estabelece as suas principais funções, que seriam:

- 1) representar na sentença os papéis do discurso (é a função que permite apontar para certos aspectos que estão fora do texto, singularizando-os, e que, por isso mesmo, tem sido chamada de *dêitica* ou *exofórica*);
- 2) garantir a continuidade do texto, remetendo reiteradamente aos mesmos indivíduos já anteriormente citados (é a função que remete ao que pode ser procurado no interior do próprio texto, genericamente chamada *endofórica*, sendo a anáfora sua representação por excelência). (NEVES, 2008, p. 509)

Assim, para Neves (2000, 2008), considerar a natureza *fórica* do pronome é fundamental, pois ele é um elemento que tem como traço categorial a capacidade de fazer referência pessoal:

- a) a uma pessoa ou coisa que foi (função anafórica) ou vai ser (função catafórica) referida no texto; é o caso, especialmente, dos pronomes de *terceira pessoa*.
- b) a um dos interlocutores (função exofórica ou dêitica), isto é, a uma pessoa que pertence ao circuito de comunicação; é o caso da *primeira* e da *segunda pessoa*. (NEVES, 2000, 449-450)

Essa capacidade dos pronomes pessoais de representar na estrutura dos enunciados os interlocutores que se alternam na enunciação é considerada por Neves (2000, p.457) como uma das funções básicas dos pronomes pessoais, que são assim definidos pela autora:

- a) *primeira pessoa*: aquele de quem parte o discurso, e que só aparece no enunciado quando o locutor faz referência a si mesmo (auto-referência);
- b) *segunda pessoa*: aquele a quem se dirige o discurso, e que só aparece no enunciado quando o locutor se dirige a ela;
- c) *terceira pessoa*: aquela sobre a qual é o discurso.

A partir dessa classificação Neves diz que se estabelecem dois eixos: o *eixo subjetivo*, no qual as pessoas estão implicadas na interação verbal e têm os seus papéis discursivos bem definidos, caso da *primeira e segunda* pessoa; e o *eixo não subjetivo*, que comporta os elementos (pessoas ou coisas) não envolvidos na interação verbal, como é o caso da *terceira pessoa*. Como Benveniste (1995, p. 282) já havia destacado, a *terceira pessoa* diferencia-se das duas anteriores por representar “o membro não marcado da correlação de pessoa” e, assim, realmente constitui o que se pode denominar de *não-pessoa*.

Ilari *et al.* (1996), assim como Neves (2000, 2008), também dizem que uma função típica dos pronomes pessoais é a de constituir expressões referenciais que representam na estrutura formal dos enunciados os interlocutores responsáveis pela enunciação. Os autores destacam:

“Pessoal” (etimologicamente derivado de *persona* = “máscara”) evoca aqui a possibilidade de alternar os papéis da interlocução, o que permite compreender a noção de “pessoa” como algo mais do que um mero tecnicismo gramatical ligado à conjugação verbal. (ILARI *et al.*, 1996, p.82)

A partir da consideração de aspectos inerentes aos pronomes pessoais, os autores (1996, p.82) também os situam em dois eixos: a) o das pessoas que interagem linguisticamente, os interlocutores, os quais, na sucessão da fala, se opõem entre si nos papéis de locutor/emissor (1.^a pessoa) e alocutário/receptor (2.^a pessoa); b) o das entidades a que se refere a interlocução (3.^a pessoa ou *não-pessoa*). Eles ressaltam também que o segundo eixo, o dos objetos, pessoas, realidades etc. a que se faz referência na fala, mas não são constitutivos da interação verbal, opõe-se ao primeiro, o dos indivíduos identificados por deterem os papéis discursivos.

Pode-se perceber através dos vários estudos apresentados acima sobre os pronomes pessoais no PB, e também em outras línguas, a forte influência da teoria de Benveniste norteando-os e estabelecendo parâmetros e oposições válidos e fortemente fundamentados para a sua compreensão.

1.3.3 A referência semântica dos pronomes pessoais em função *sujeito*

Muitos estudos já foram realizados sobre os pronomes pessoais, com abordagens as mais variadas e enfoques diversos. Porém, parece que a discussão sobre a referência semântica dos itens dessa classe apresenta-se ainda como uma das questões mais polêmicas. Vários autores se interessaram por essa questão e buscaram, assim, identificar a ‘referência’ dos pronomes, o que os levou necessariamente a análise da função que esses elementos desempenham no discurso. Benveniste (1995) nos mostra claramente a importância da enunciação quando se pensa na referência pronominal:

(...) é ao mesmo tempo original e fundamental o fato de que essas formas “pronominais” não remetam à “realidade” nem a posições “objetivas” no espaço e no tempo, mas à enunciação, cada vez única, que as contém, e reflitam assim o seu próprio emprego. A importância da sua função se comparará a natureza do problema que servem para resolver, e que não é senão o da comunicação intersubjetiva. (BENVENISTE, 1995, p. 280)

A partir da concepção de que o discurso abrange a relação entre a linguagem e o mundo entende-se, assim, que os seus referentes não são entidades definidas *a priori* e estáveis, mas entidades construídas, nas quais o significado revela-se no evento discursivo. Essa instabilidade é considerada como um problema para alguns, em especial para os

gramáticos, tendo em vista que abala a estrutura do que é visto como universal e único. Mas torna-se necessário entender essa instabilidade como o resultado de um processo interacional de uma língua em uso e, sobretudo, reconhecê-la como uma propriedade inerente a um discurso do qual participam sujeitos que também se definem *na e pela* língua.

Especialmente em relação aos pronomes pessoais, vários autores (*cf.* OMENA, 1986, MENON, 1994, 1995, LOPES, 1998, BORGES, 2004) analisaram a referência e tentaram estabelecer classificações que abarcassem os tipos possíveis de referentes. Alguns desses trabalhos, e principalmente aqueles sobre as formas de 1.^a pessoa do plural, enfatizam os aspectos levantados sobre a categoria de pessoa e número e a noção do *eu-ampliado* de Benveniste. Esses trabalhos procuraram identificar as diferentes possibilidades de formas pronominais, como *nós* e *a gente*, serem utilizadas para expressar o *eu-ampliado*.

Ilari *et al.* (1996), também com base em Benveniste, encontram para a 1.^a pessoa plural (*nós* ou *a gente*) as seguintes funções:

Afora um tipo de emprego em que um indivíduo institui sua fala como a de um grupo, mas nele não inclui nem a segunda nem a terceira pessoa (plural de modéstia), o pronome *nós* constitui tipicamente a soma de *eu* + *não-eu*. O *não-eu* pode corresponder a uma segunda ou a uma terceira pessoa, ou a ambas conjuntamente, que por sua vez, podem ser ou singulares ou plurais. (ILARI *et al.*, 1996, p.88)

Os autores afirmam que da mesma forma que *nós*, a expressão *a gente* geralmente representa um plural que soma *eu* + *não-eu* (1.^a + 2.^a e/ou 3.^a). Basicamente, pode-se dizer que esses estudos tinham como um dos objetivos mostrar como o falante podia utilizar as formas *nós* e *a gente* equivalendo a: a) *eu* + *não-eu*; b) *eu* + ‘*não-pessoa*’ e c) *eu* + *não-eu* + ‘*não-pessoa*’.

Lopes (1998) em seu estudo sobre os pronomes *nós* e *a gente*, com base em dados do projeto NURC, analisou o grau de amplitude do *eu*, ou *eu-ampliado*, e definiu, baseando-se em Lemos Monteiro (1991), níveis situados entre dois extremos: o grau máximo e mínimo de inclusão do *eu*. Seus resultados mostraram uma diferenciação no emprego de *nós* e *a gente* em relação a um uso mais restrito ou mais genérico. O falante utilizava preferencialmente o pronome *nós* para se referir a ele mesmo e mais o interlocutor: ‘*eu + você*’, ou a: ‘*eu + ele*’, e quando o falante ampliava a referência, indeterminando-a, havia um maior favorecimento para a forma *a gente*, de maior grau de impessoalidade, conforme já demonstrado por Menon (1994) em seu estudo sobre a indeterminação do sujeito. Os resultados de Lopes, assim como os de outros trabalhos sobre o uso de *nós* e *a gente* (OMENA, 1998, MENON, 1994, 1995 e 1996, BORGES, 2004), trataram da diferenciação no emprego de *nós* e *a gente* em relação a

um uso mais restrito ou mais genérico. O falante utiliza preferencialmente o pronome *nós* para se referir a ele mesmo mais o interlocutor (*não-eu*), ou a *não-pessoa*. No momento em que o falante amplia a referência, indeterminando-a, há maior favorecimento para a forma *a gente*.

Porém, estudos recentes mostraram avanço do pronome *a gente* também no campo da determinação. Omena (2003) observou esse avanço comparando dados dos anos 1980 e 2000 do CENSO-RJ, pois o peso relativo para *a gente* determinado nessas amostras, passou de .44 para .61, respectivamente. Tais resultados podem sugerir a generalização de *a gente* em todos os contextos. De acordo com a autora:

No processo de gramaticalização, o traço (de indeterminação) se conservou e a forma ocupou variavelmente os contextos indeterminados da primeira pessoa do plural, mas à medida que vai se estabilizando como pronome, substitui mais e mais a forma antiga. Nesse caso, passa a ser usado frequentemente nos contextos de determinação, como aconteceu com o *on* em francês, que na alternância com o *nous* é caracterizado por Laberge (1977) como definido. (OMENA, 2003, p.68)

Considerando os trabalhos já realizados sobre a variação *nós/a gente*, e baseando-se em Benveniste, Borges (2004) analisou as modificações semânticas que possibilitaram que a forma *a gente*, de caráter indeterminador, se integrasse no quadro dos pronomes pessoais do PB, com uso referencial específico. O autor propôs em seu trabalho uma escala ou grau de pessoalização para a forma *a gente*, contemplando tanto os contextos de referência *genérica/não-específica*, como também os contextos de *referência específica*. Segundo Borges (2004, p.42-44), no processo de gramaticalização de *a gente* pode-se observar o seguinte processo de mudança semântica:

- a) genérico → *a gente* = “eu” + todo e qualquer indivíduo que compreende o discurso (“*pessoa*” ou “*não-pessoa*”)
- b) plural exclusivo → baixo grau de pessoalização
(*a gente* = eu + outro(s) (*não-pessoa*))
- c) plural inclusivo → médio grau de pessoalização
(*a gente* = eu + tu/você (*pessoa*) + outro(s) (*não-pessoa*))
- c1) plural inclusivo → alto grau de pessoalização
(*a gente* = eu + tu/você (*pessoa*))
- d) singular “eu” → mais alto grau de pessoalização
(*a gente* = eu (*pessoa*))

Para controlar esta variável, a *referência semântica do sujeito*, Borges (2004, p.94-95) estipulou os seguintes fatores:

- 1 - referência específica ao próprio falante (=eu)
- 2 - referência específica inclusiva (eu + *pessoa*)
- 5 - referência específica inclusiva (eu + *pessoa* + *não-pessoa*)
- 3 - referência específica exclusiva (eu + *não-pessoa*)

4 - referência genérica (*eu + todo/qualquer indivíduo*)

8 - referência ambígua ou duvidosa.

Sua hipótese em relação a essa variável era de que o uso de *a gente* estaria cada vez mais associado a referentes determinados, justamente pelo fato de estar pessoalizando-se no PB. Os resultados, em suas palavras (Borges, 2004, p.145): “parecem indicar que o curso da mudança de *a gente* está num estágio avançado, efetivando-se também como pronome pessoal *pleno*”.

Silva (2004), também retomando Benveniste, estabelece em seu estudo o grupo de fatores *multiplicidade referencial* para verificar a variação de *nós* e *a gente* nos campos da (in)determinação. A autora enfatiza a possibilidade desses pronomes veicularem, no desenrolar de práticas discursivas, vários referentes. Em sua análise ela considerou praticamente os mesmos fatores tratados por Borges. As variantes *nós*, *a gente*, *-mos* e *zero*, conforme o grupo de fatores apresentado por Silva, podem veicular, na posição de sujeito, os referentes: *eu*, *eu+tu*, *eu+tu+ele(s)*, *eu+ele*, *eu+eles*, *referenciais genéricos* e *opacos*.

Seus resultados mostram que *a gente* atua fortemente em âmbitos semânticos distintos: na determinação, designando *eu*, *eu+tu*, na indeterminação e em contextos opacos. No entanto, quando os referentes designam objetos do tipo *eu+ele(s)* a atuação do pronome *nós* é favorecida, indicando, possivelmente, restrição referencial.

Quanto aos pronomes *tu/você*, os trabalhos que tratam da referência semântica do sujeito geralmente os classificam em *determinados*, representando a 2.^a pessoa do singular, e *indeterminados* ou *genéricos*. Assim, se por um lado o pronome *a gente* mostra uma tendência à redução da generalização e a especificação do sujeito, com o pronome *você*, a tendência parece mostrar-se contrária. Como estudos mais recentes demonstraram (MENON, 1994, LOREGIAN-PENKAL, 2004, SOUZA, 2008, dentre outros), é também como *genérico/indeterminado* que o pronome *você* destaca-se, pois é largamente utilizado nessa função. No entanto, a função mais reconhecida do pronome *você* nas conversas formais e informais é a de pronome de tratamento ao interlocutor, ainda que muitas vezes, nas gramáticas tradicionais, apareça apenas em notas de rodapé.

Menon e Loregian-Penkal (2002) e Loregian-Penkal (2004, p.95-96) analisaram a variável *determinação do discurso* em seus estudos com o objetivo de verificar se a (in)determinação do referente exercia influência no uso dos pronomes de segunda pessoa. Para tanto, as autoras controlaram os seguintes fatores: a) *determinado*: neste fator codificaram as ocorrências em que o referente era recuperável; e b) *indeterminado*: foram controladas neste fator as ocorrências em que não havia como recuperar o referente.

Nas cidades em que essa variável foi selecionada, seus resultados mostraram que se o referente era recuperável havia um predomínio no uso de *tu*, e, com referente indeterminado, as autoras verificaram um desfavorecimento nas ocorrências de *tu*. Segundo Menon e Loregian-Penkal (2002, p.176): “(...) a *indeterminação* parece ser o caminho da penetração do *você* no sistema dos falantes de *tu*”.

Souza (2008) em sua análise sobre o pronome *você*, propôs a seguinte classificação semântica para este pronome: *você* - P1, quando faz referência ao próprio falante; *você* - P2, quando faz referência ao interlocutor e *você* - *genérico*, quando faz uma referência genérica, indeterminadora.

Seus resultados apontaram um predomínio do uso do *você* como *genérico* seguido de seu uso como P2, e apresentando apenas 20% de ocorrências de *você* como P1.⁴ Em relação a sua classificação, a autora reconhece as dificuldades para se determinar com precisão qual é a referência semântica do pronome, pois que muitas vezes uma mesma ocorrência permite várias interpretações.

No tópico seguinte apresentamos alguns trabalhos e considerações de autores que nos parecem relevantes sobre a indeterminação do sujeito.

1.3.3.1 A indeterminação do sujeito

Considerando particularmente a indeterminação do sujeito, podemos observar no uso corrente da língua que formas pronominais são frequentemente utilizadas com esse valor semântico em muitas línguas, e entre elas no PB. A gramática tradicional, porém, geralmente cita apenas duas formas de se indeterminar o sujeito, conforme observamos em Cunha e Cintra (2001, p. 128): a) com o verbo na 3.^a pessoa do plural sem sujeito; e b) com o pronome *se* junto ao verbo na 3.^a pessoa do singular.

Como alguns estudos já demonstraram (MILANEZ, 1982; MENON, 1994; SETTI 1997; GODOY, 1999; MENON, 2006), há várias formas de se indeterminar o sujeito, além das citadas acima. Milanez analisou 20 horas de gravação do Projeto NURC de São Paulo. No *corpus* analisado detectou a presença dos seguintes recursos de indeterminação: *a gente*, *você*, *eles*, *eu*, *nós*, *o/um indivíduo*, *o/um sujeito*, *o/uma pessoa*, *o/um cara*, *a/ uma pessoa*, que classificou como formas representadas por sujeito lexical; e um grupo de formas sem sujeito lexical: (\emptyset + 3.^a p. sing.), (\emptyset + 3.^a p. pl.), *se* e (\emptyset + *infinitivo*).

⁴ Souza (2008) apresentou os resultados somente em percentagens, sem os respectivos pesos relativos.

Menon (1994)⁵ em pesquisa realizada com 68 informantes também do Projeto NURC de São Paulo encontrou 12 variantes para indeterminar o sujeito: *a gente, eles, eu, formas nominais, nós, se, você, vocês, VPSA* (Voz Passiva Sem Agente), *VPASSINT* (Voz Passiva Sintética), *ØV3PS* (Verbo na terceira pessoa do singular sem sujeito), *ØV3PP* (Verbo na terceira pessoa do plural sem sujeito).

Já Setti (1997) analisou 72 entrevistas do banco de dados VARSUL considerando as três capitais da região Sul do Brasil (Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre). Apesar do *corpus* ser de outra região, encontrou nos dados as mesmas variantes que Menon, incluindo ainda para Florianópolis e Porto Alegre o pronome *tu*, não presente em trabalhos anteriores.

Percebe-se a partir desses estudos que a indeterminação do sujeito apresenta uma grande diversidade de recursos, muito superior aos apresentados pela gramática tradicional. Outra questão fundamental no estudo da indeterminação é a diferença entre esta e a indefinição, conceitos não claros na GT.

Segundo Milanez (1982), vários aspectos devem ser considerados na distinção entre esses dois conceitos, como, por exemplo, o fato de que a indeterminação apresenta recursos sintaticamente bem distintos entre si (tanto formas verbais como itens lexicais de 1.^a, 2.^a e 3.^a pessoas), enquanto que a indefinição envolve formas lexicais exclusivas de 3.^a pessoa: *alguém, algo, uns, tudo, nada*, etc. Para a autora, outra característica essencial da indeterminação é a generalização, que na indefinição é apenas uma possibilidade, e mesmo quando generaliza, esta distingue-se da indeterminação pela natureza limitada dessa generalização. Desse modo, segundo Milanez, a indefinição pressupõe um conjunto fechado de elementos que pode ser expresso ou na sua totalidade (*todos, tudo*), ou no seu esvaziamento (*nenhum, nada*) ou parcialmente (*alguns, uns*, etc.). Ao contrário, os recursos da indeterminação não apresentam esse aspecto quantitativo, pois na indeterminação o referente, por não ser determinado, não pode ser quantificado.

Menon (1994) analisou detalhadamente a questão da indeterminação do sujeito em sua tese, e para o levantamento dos dados a autora estabeleceu uma série de *testes* que tinham por objetivo verificar se uma forma linguística poderia ser considerada um recurso utilizável para a indeterminação do sujeito. Em nosso trabalho, adotamos esses testes estabelecidos por Menon e, considerando sua importância para o estudo da indeterminação do sujeito,

⁵ Os resultados do trabalho de Menon (1994, 2006) sobre os pronomes *nós* e *a gente* serão comentados no capítulo 2.

discorreremos brevemente sobre cada um deles, ilustrando com exemplos extraídos de nossos dados.

a) *Intercambialidade das formas*

Como o pronome *se* é considerado a forma prototípica da indeterminação, o primeiro teste proposto por Menon consiste em substituir as formas encontradas por esse pronome e verificar, assim, se o conteúdo semântico da indeterminação permanece. Para esse teste a autora considerou, além do *se*, também a possibilidade de substituição entre as seguintes formas: *a gente*, *eles*, *eu*, *nós*, *você*, *vocês*, FN (formas nominais), VPSA (Voz Passiva Sem Agente), VPASSINT (Voz Passiva Sintética), ØV3PS (Verbo na terceira pessoa do singular sem sujeito), ØV3PP (Verbo na terceira pessoa do plural sem sujeito).

Como pode ser observado nos exemplos (1) e (2), extraídos de nossos dados, o mesmo informante usa, alternadamente, os pronomes indeterminadores *a gente* e *você*; e, também, é possível substituí-los, nos dois exemplos, pelo pronome *se* sem alteração do valor semântico-referencial que apresentam. Isso comprovaria, segundo Menon, o caráter indeterminador do uso desses pronomes neste contexto. No exemplo (1), o falante discorre sobre a necessidade de adequar as técnicas de acupuntura aos problemas de saúde dos pacientes para se obter melhores resultados. Ele usa *a gente* e *você* com valor indeterminado para se referir às pessoas em geral que trabalham com acupuntura. Do mesmo modo, o informante do exemplo (2) alterna o emprego de *a gente* e *você* com valor indeterminado quando fala sobre as formas de tratamento usadas com as pessoas mais velhas.

(1) Então *a gente* percebe assim, na área tem- tem um determinado tipo de- de- de problema que *você* tem um resultado- tem mais dificuldade em tê resultado, então precisa uma técnica que melhore o desempenho nesse campo, então *a gente* vai buscar....(MS1f)⁶

(2) I - É, pelo menos *a gente* sempre aprende isso também, né? que as pessoas mais velha *você* chama de 'senhor' o 'senhora' né?

(...)

I - É, é, pelo menos quando eu estudei sempre fala, as professora sempre falavam: ó, as pessoa mais velha *chama* de 'senhor ou senhora'; não sei porque também, né? Porque não *pode chamá* um mais novo de 'senhor' e coisa, né? (MP1d)

⁶ As siglas nos exemplos correspondem à descrição dos informantes: *sexo* (M – Masculino e F – Feminino); *escolaridade* (P – Fundamental I, G – Fundamental II, S – Ensino Médio); *faixa etária*: (1 – 26 a 45 anos e 2 – 50 anos ou mais). As letras *a – z* identificam o informante.

b) “*Pares mínimos*”

Esse teste se refere à ocorrência das formas variantes em contextos idênticos. Segundo Menon (2002, p. 136): “Diversamente da fonologia, aqui as formas **devem ter o mesmo** significado referencial, ou seja, serem equivalentes, para poderem ser consideradas variantes”.

Os exemplos (3) e (4) de nosso *corpus* ilustram o uso dos pronomes indeterminadores *tu* e *você* usados em contextos equivalentes. No exemplo (3), a informante diz que as pessoas de sua empresa possuem o plano SESC de saúde e usa a forma indeterminadora *você* para informar quanto é necessário pagar por mês e por cada consulta médica. No exemplo (4), a mesma informante usa o pronome *tu*, também com valor semântico indeterminado, para informar quanto se paga a porção de comida em dois restaurantes da cidade (*Melão e Polaco*).

(3) E nós temos o SESC, que daí **você** paga vinte, trinta pila por mês, não sei, não me lembro. E **você** paga, digamos, a consulta é cento e vinte, **você** paga sessenta. (FS1z)

(4) Bom, tem aqui no Melão, **tu** paga dezoito, aqui no Polaco **tu** paga vinte. Porque a porção de um, às vezes é menor do que a porção do outro restaurante. (FS1z)

c) *Tempos verbais – o papel do presente do indicativo*

Menon (2006, p.138) considera a análise do tempo verbal como especialmente relevante na localização das ocorrências indeterminadas, e o presente do indicativo como um dos tempos mais característicos da indeterminação: “(...) entre os inúmeros sentidos desse tempo verbal estão as acepções de *atemporal, repetitivo, durativo, permansivo*”. Como pode ser observado nos exemplos (5) e (6) abaixo, esse tempo verbal, o presente do indicativo, é empregado em enunciados que apresentam sujeito indeterminado. No exemplo (5), o entrevistado discorre sobre a excessiva cobrança de impostos sem retorno nenhum para a sociedade e usa o pronome indeterminador *você* para se referir às pessoas e empresas em geral, e o tempo presente para retratar uma situação constante e contínua, ou seja, atemporal. Também no exemplo (6), em que o informante faz reflexões sobre a sociedade e o mundo, tem-se o emprego do pronome indeterminador *a gente* associado ao presente do indicativo, o qual apresenta um valor semântico atemporal.

(5) Imposto, cobrança, mudança de lei, exigem um monte de coisa e **você vê** que o dinheiro que **você gasta, paga** de imposto, não tem retorno nenhum. (MS2c)

(6) Principalmente porque passa- passa a idade também para todos, né? e... juntamente com toda essa visão que **a gente tem**, holística, sobre o movimento do mundo, a situação em que *as pessoas* vão andando, que o mercado caminha, a política caminha, é...os direitos e deveres do trabalhador, do empregado vai caminhando, **a gente percebe** que é destrutivo o caminho, na minha visão é destrutivo. (MS1f)

d) *Ditados, verdades gerais ou eternas, perguntas retóricas*

Aqui a importância do presente atemporal é também ressaltada, pois esse tempo é largamente utilizado em *ditados* ou *verdades gerais* ou *eternas*. O conhecimento compartilhado também se apresenta como favorável à indeterminação do sujeito e ocorre geralmente precedido da conjunção *como* ou *conforme* (cf. MENON, 2006, p.139).

A indeterminação do sujeito associada ao emprego do presente do indicativo em enunciados que apresentam verdades gerais ou conhecimentos compartilhados pode ser observada nos exemplos abaixo extraídos de nossos dados; no exemplo (7), a informante fala que o local onde mora possui muitas escadas e diz: ‘*vai um tempo que **tu** tem que pensá que **tu** não vai ficá sempre nova, né?*’; nesse enunciado, que apresenta um conhecimento compartilhado ou verdade geral, o pronome indeterminador *tu* é empregado associado às formas do presente do indicativo, sendo que na segunda oração em que ocorre, o tempo semântico é o futuro⁷. Também no exemplo (8), em que a informante expressa um conhecimento compartilhado sobre a vida, tem-se o emprego do pronome indeterminador *a gente* e do presente do indicativo.

(7) Porque que nem aqui, sobe escada, que nem aqui também, *tu qué-* pra dormí *tu* tem que subí escada, desce escada, sobe escada, tudo. *Vai um tempo que **tu** tem que pensá que **tu** não vai ficá sempre nova, né?* E daí que nem eles tamém, daí eu tenho pena, mas, gente... não é fácil vendê. (FG1x)

(8) *A gente é-* porque daqui em diante, né? tem as parte boa na vida e tem as ruim também, né? *que nem o frei falô, ‘a gente não pode vivê só da alegria, tem que tê as tristeza, tem as coisa ruim também, sustos.’* (FG2t)

e) *Mudança do tempo verbal*

A mudança do tempo verbal também foi considerada por Menon (2006, p.140) como uma das estratégias empregadas para indeterminar o sujeito.

⁷ Em nosso estudo, na análise das formas verbais compostas, foram consideradas as formas dos verbos auxiliares.

(...) ao lado de uma narrativa geral ou de uma exposição de fatos, com sujeito indeterminado, o locutor apresenta uma situação real, de que ele é o sujeito. A marca do discurso é a mudança de tempo: em geral, ele passa do presente atemporal para o passado, ou, ainda, do passado ao imperfeito ou ao presente (ou ao contrário). (MENON, 2006, p.140)

No exemplo (9) o falante usa, inicialmente, os pronomes *você* e *a gente* com sentido indeterminado e o verbo no presente, e, em seguida, emprega *a gente* para fazer referência a si mesmo e seu grupo de trabalho, isto é, com valor determinado; observa-se aí, como bem assinalou Menon, uma mudança do tempo verbal, que passa do presente para o imperfeito do indicativo.

(9) A terra ***você consegue*** prepará-la, ***você consegue*** fazer uma análise de solo, ver os nutrientes, ver o potencial hidrogênico dela, fazer as correções através dos- dos produtos das- as pedras né? que ***a gente chama***, ***você faz*** a correção com o calcário, que não deixa de ser [...]...da natureza. Na nossa região não existe, mas ***a gente comprava*** isso de outras, principalmente do Paraná. (MS1f)

f) Advérbios, localizadores espaço-temporais, preposições

Menon (2006, p.141) nota a importância desses elementos na indeterminação do sujeito. Entre os advérbios, a autora destaca aqueles compostos em – *mente*, que, segundo ela, remetem a situações que acontecem com uma certa frequência, a ponto de se tornarem gerais (*geralmente, normalmente*) e marcam também a intensidade das ocorrências (*frequentemente, repetidamente*). Destaca também outros advérbios como *hoje, agora, amanhã, antigamente, atualmente*, que marcam oposições no tempo, e *toda vez que, todo fim de ano, às vezes, sempre*, que indicam a repetição de um fato. Isso pode ser observado nos exemplos (10) e (11) abaixo, extraídos de nosso *corpus*, nos quais os advérbios *às vezes, hoje* e *esses ano* são usados em enunciados que apresentam formas indeterminadoras do sujeito. No exemplo (10), o locutor discorre sobre o pagamento do INSS e a dificuldade de conseguir trabalho; tem-se aí o emprego do advérbio *às vezes* e o sujeito indeterminado, *você*. Em (11), a informante emprega os advérbios *hoje* e *esses ano* para discorrer sobre fatos atuais e antigos, respectivamente; tem-se aí também o emprego de um sujeito indeterminado, representado pelo pronome *tu*.

(10) I – Ah, eu sei que na época, quando eu trabalhei quase um ano prum cara aí, eu ganhava um salário mínimo, sem fichá. E eu pagava INPS daí.
E – Olha só que absurdo, tinha que pagá por fora...
I – Ah, eu pagava. Eu tenho uns quantos carnê aí. (...) Mas vai- mas vai fazê o que? *uns cara* mais quebrado que eu, se vai vê... *eles* conseguiam, ainda que *eles* tinham umas máquina, *eles* conseguiam serviço. *Às vezes você* tem que dá graças a Deus que tá conseguindo. (MG2b)

(11) E – Ela faleceu cedo, né?

I – Em 78, ah, ela tinha diabete, sabe? *esses ano*, não sabiam o que que era, e quando descobriram daí... Ih, ainda que ela foi em Erechim, *esses ano*, o pai levô ela em Erechim, né? E daí que lá viram. Olha só.... Mais não tinha aquilo de *tu* í fora, né? (..) e quando iam, é porque o causo já tava.... *Hoje tu* vai consultá, *faiz* exame nem que *tu* não tá ruim, né? E *esses ano* ia no médico *quando tu* tava... bem ruim. (FG2t)

Localizadores espaço-temporais são, para Menon (2006, p.142) “pontos de referência, no tempo e no espaço, que situam o fato representado”. Quando tal localização é distanciada do locutor, ela implica em uma interpretação indeterminada do sujeito, conforme mostram os exemplos do NURC/SP apresentados por Menon (2006, p.142):

(12) (43) **em São Paulo** não se usa o pronome cujo (EF/350/367/382/M2)

(13) (44) a de que **no estatuto civil vigente de 1916** se fala nos municípios (EF/361/221/29M2)⁸

g) *Completivas (Subordinadas Substantivas)*

Menon refere-se, aqui, às subjetivas reduzidas de infinitivo (pospostas) e às predicativas. Segundo a autora (2006, p.143) “nos dois casos, a GT prevê um sujeito, ou predicativo, constituído de um verbo no infinitivo impessoal”. O exemplo (14), retirado de nossos dados, ilustra esse uso:

(14) Então a cada nível que você sobe, você vai vendo que...fica fácil, fica *fácil* **você** conversá com as pessoas mais instruídas, não denegrindo aquela pessoa...é mais *fácil* **você** enrolá aquela lá em baixo, na matemática, na ciência, né? (MS1f)

h) *Destaque do locutor*

Menon observa que nas entrevistas os falantes, muitas vezes, saem do discurso indeterminado, ou das situações genéricas, para incluir suas opiniões, idéias ou experiências. De acordo com a autora:

Eles se servem dos recursos de indeterminação para fazer referência aos fatos gerais mas, quando julgam necessário, introduzem uma observação pessoal, seja para se destacarem do conjunto genérico, seja para se identificarem, como iguais ou como diferentes dos outros. (MENON, 2006, p. 144)

⁸ O segundo número entre parênteses se refere à numeração do exemplo em Menon (2006). Após os enunciados, os códigos entre parênteses se referem (i) ao tipo de entrevista: EF, DID, D2; (ii) número da gravação; (iii) número do informante; (iv) linha inicial do trecho transcrito; (v) sexo; (vi) idade.

Nos exemplos (15) e (16), extraídos de nossos dados, observamos que os informantes fazem uso desse recurso, no primeiro caso para se destacar do conjunto genérico, pois segundo o entrevistado, embora não se precise de muito dinheiro para viver, (*pra tu vivê bem tu não precisa de muito dinheiro*), ele (*em cada lugar que eu vô*) gasta muito; e no exemplo (16) a informante usa o pronome *tu* genérico e, em seguida usa o *eu* para se identificar com o grupo genérico, ou seja, com as pessoas em geral que devem ter uma fé, segundo ela.

(15) I – *Tu* qué vivê feliz é *vivê* co pé na estrada...

E – (...)

I – Ah, com dinheiro no bolso. Ma sabe que tu- pra *tu* vivê bem *tu* não precisa de muito dinheiro. Sabe o que? nossa vida aqui é caríssima. *Eu* vô- em cada lugar que *eu* vô, paga⁹ cerveja, paga isso, paga aquilo...(MS2c)

(16) É, comé que eu vô te dizê? Porque assim, porque, é a mesma coisa, a religião precisa, *tu* tem que tê uma fé, né? porque senão, comé que *tu-* é uma fé morta, no caso, assim sem vida, né? a mesma coisa, *tu tem* que tê uma- *tu tem* que tê fé, acreditá em alguma coisa, né? e *eu* acredito muito nisso. Comé que eu vô te explicá, também? Porque *eu* faço parte também do grupo da Legião de Maria, o grupo de Liturgia, né? (FP2s)

i) *Distanciamento no tempo; construções hipotéticas*

Nesse caso incluem-se determinadas situações em que, pelo distanciamento no tempo ou impossibilidade espacial, nem o entrevistador nem o informante poderiam ter participado. Segundo Menon (2006, p.145-146): “Na maior parte dos casos, trata-se de narrativas, receitas, exemplificação de certas situações e fatos da vida em geral.” No exemplo (17), retirado de nosso *corpus*, o informante, falando sobre problemas da sociedade atual, passa a explicar sobre a origem do salário mínimo e usa o pronome indeterminador *você* referindo-se às pessoas que no passado eram pagas com *sal*, pelo trabalho.

(17) ...Modificar isso, não dar somente para um e sim para dez, para o povo não ficá à mercê, escravo... do SAL. (...) Do SAL, o salário mínimo. Que a formação de- de- quanto é o salário mínimo? Isso aí, na origem do homem, o trabalho foi feito pelo pagamento em sal. *Você* vai ganhá dez quilos, não sei se era quilos na época, se eles já tinham. Então, que que vai? Eu vô dá emprego pra dez, eu vô dá dez sal pra cada um. Eu não quero que as pessoas fiquem atreladas a esse comando. (MS1f)

Menon propõe, com esses testes, uma metodologia rigorosa para a análise das variantes empregadas para a indeterminação do sujeito. Essa autora nos mostra que os

⁹ Neste exemplo, o falante começa usando o *tu* indeterminado, passa para *eu*, 1ª pessoa, e finaliza usando ØV3PS (*paga...paga...paga..*), também indeterminado.

recursos empregados para a indeterminação do sujeito no PB são muito mais amplos do que os estudados nas escolas e que os pronomes pessoais *sujeito* também são empregados para fazer referência a um referente indeterminado.

No capítulo seguinte, apresentamos uma revisão dos estudos realizados sobre a gramaticalização das formas *a gente* e *você* e sobre as variáveis *nós/a gente* e *tu/você* no português falado no Brasil e, principalmente, na região Sul.

2. REVISÃO DE ESTUDOS SOBRE *NÓS/A GENTE* E *TU/VOCÊ* NO PORTUGUÊS

Neste capítulo tratamos inicialmente de estudos sobre a gramaticalização dos pronomes *a gente* e *você*, destacando alguns dos trabalhos que fundamentaram ou deram continuidade à análise linguística desses processos no PB. Em seguida, apresentamos alguns estudos variacionistas já realizados sobre a variação pronominal *nós/a gente* e *tu/você* no Brasil, em geral, e na região Sul, em particular.

2.1 A gramaticalização de *a gente*

Neste tópico, tem-se o objetivo de apresentar algumas pesquisas acerca da gramaticalização de *a gente* no português do Brasil. Interessa-nos aqui, especialmente, a maneira como os autores analisaram a gramaticalização considerando as mudanças que gradualmente propiciaram o aparecimento das formas atuais. A questão da gramaticalização de *a gente* pode ser observada, dentre outros estudos, em Menon (1995, 1996), Omena e Braga (1996), Lopes (2004), Borges (2004) e Zilles (2007). Destacamos alguns desses trabalhos para explicitar os processos que envolveram a gramaticalização de *a gente*.

Para explicar a especialização de significado de *a gente*, Menon (1996, p. 624) parte, inicialmente, de sua origem em latim:

No latim, *gens*, *gentis* possuía vários significados, como nos mostra GAFFIOT (1934: 708): “raça, estirpe, linhagem, família; raça de povo, povo (em ordem decrescente: gente, nação, cidade); o povo de uma cidade; país, região, lugar; pl. *gentes* “bárbaros”; gênero: a raça humana, o gênero humano”.

Em seu estudo sobre a gramaticalização de *a gente*, Menon (1996) adota como referência teórica os trabalhos de Hopper & Traugott (1993) e de Reighard (1978), porém, ela observa que esses autores usam o nível *item lexical* como ponto de partida para explicar o processo, mesmo admitindo que a gramaticalização possa ocorrer em níveis mais elevados. No entanto, em sua análise diacrônica de *a gente*, Menon (1996, p.624) esclarece que foi necessário estudar o fenômeno “no nível acima dos vocábulos, na estrutura dos constituintes: o da *locução* (ou sintagma) *nominal*”.

Assim, Menon descreve as fases pelas quais a forma nominal *gente* teria passado até o estágio atual do PB, onde se encontra em concorrência com *nós*, como pronome pessoal.

A seguinte cadeia de transformação é apresentada por Menon (1995, p. 398):

(..) <u>LNPlena</u>	>	<u>LNespecial</u>	>	<u>LNInvariável</u>	>	<u>Pron. Indef.</u>	>	<u>Pron. Pess.1 (P>S)</u>
[...gente...]		a gente		[a gente]		a gente		a gente

Segundo a autora, a primeira fase, em que *gente* funciona como uma locução nominal plena (LNP), corresponde à etapa de ‘autonomia’, o que significa que o substantivo *gente* é autônomo, podendo fazer parte de qualquer locução nominal com a adjunção de artigos (mesmo indefinido), sofrer flexão de número e concordância de predicativo. Menon (1995, p.397) descreve esta fase como “a etapa de autonomia do substantivo *gente*, ou seja, o momento em que a palavra poderia entrar na composição de qualquer LN garantida a expansão máxima”.

Na segunda fase, a autora destaca que *a gente* forma uma locução nominal especial (LNE), passando a ser acompanhada do artigo *a*, mas ainda podendo ser usada no singular ou no plural. Nesta fase fixam-se significados diferentes para o substantivo *gente* e para a locução nominal *a gente*. Menon (1995, p.398) diz ainda que essa LNE, aos poucos foi se tornando invariável, a ponto de perder inclusive a possibilidade de concordância, no predicativo do sujeito, com um adjetivo no feminino.

Na fase seguinte, a locução nominal especial perde a capacidade de ser usada no plural e se especializa. Nesta fase em que *a gente* funciona como uma locução nominal invariável (LNI), essa locução passa a ser utilizada como uma das formas de indeterminação do sujeito, transformando-se em pronome indefinido. Menon (1996, p. 625) ressalta que: “Desse uso, possivelmente derivou o emprego de *a gente* por *nós* e por *eu*. Visto que o(s) falante(s) pode(m) se incluir na indeterminação, a forma adquiriu os traços semânticos de 1.^a pessoa do plural e, depois, do singular”.

Menon (1996, p. 626) ressalta ainda as mudanças sofridas por *a gente* do ponto de vista fonológico, pois ao se fixar em LNI, a locução apresentou comportamento idêntico ao dos itens lexicais, quando considerados os padrões acentuais do português, já que isoladamente: “não recebe mais intensidade 2 (’), característica de locução; passa a ter intensidade 1 (‘), de vocábulo”. A autora aponta o seguinte processo de transformação fonética:

Quadro 1 – Representação da cadeia de transformações fonéticas de *a gente*

a. LN >	N(ome) >	b. P(ronome)
[a. ‘ʒẽ.tɪ] > [a. ‘ʒẽ.tɪ] > [a. ‘hẽ.tɪ] > [a. ‘ẽ.tɪ] > [a.ẽ. ‘tɪ] > [ẽ. ‘tɪ]		

Fonte: Menon (1996).

Na última fase do processo de gramaticalização, segundo a autora, *a gente* assume as características de qualquer outro pronome pessoal:

Como elemento gramaticalizado, assumiu funções específicas; neutralizou-se a concordância: enquanto forma de indeterminar o sujeito, a concordância se faz no masculino, *gênero não-marcado em português*. Empregado como forma de primeira pessoa do plural, concorrente do pronome pessoal *nós*, *a gente* volta a ter concordância mas, desta feita, vai concordar em *gênero e número* com *o sexo do referente extralinguístico*, como de resto acontece com os outros pronomes pessoais. (MENON, 1995, p.398)

Assim, de acordo com Menon, é nessa fase que o *a gente* se comporta como qualquer outro pronome pessoal. E esse comportamento do pronome, segundo a autora (1996, p. 627), indica que nesta fase o *a gente*: “Está, portanto, perfeitamente integrado no paradigma dos pronomes pessoais, sobretudo no PB”.

Lopes (2004) também tratou da gramaticalização de *a gente*, ela analisou sua inserção no sistema pronominal do português como um processo de mudança em tempo real de longa duração (do português arcaico ao português contemporâneo) e em tempo real de curta duração. Para a análise de longa duração, a autora utilizou textos escritos entre o século XIII e o século XX e para a análise em tempo real de curta duração analisou entrevistas de falantes cultos cariocas feitas nas décadas de 70 e de 90 com diferentes informantes para análise do comportamento da comunidade.

Os dois estudos – de longa e curta duração – foram realizados com os seguintes objetivos: 1) delimitar cronologicamente a fase histórica em que se processa a transição de nome para pronome; 2) identificar as possíveis causas da pronominalização do vocábulo *gente* em português e 3) enquadrar o fenômeno como uma mudança encaixada no sistema linguístico e social.

Seu primeiro estudo procura identificar o percurso histórico de *gente* para *a gente* em tempo real de longa duração, a partir da atuação das propriedades intrínsecas de gênero, número e pessoa no processo de gramaticalização do substantivo *gente*.

Em estudos anteriores, Lopes (1999, 2003) propôs as seguintes alterações no sistema de traços de *gente* > *a gente*, sintetizadas no quadro a seguir:

Quadro 2 – Traços morfo-semânticos de gênero, número e pessoa de *gente* e *a gente*

TRAÇOS		GENTE	A GENTE
NÚMERO	FORMAL	[αpl]	[-pl]
	SEMÂNTICO	[+PL]	[+PL]
GÊNERO	FORMAL	[+fem]	[φ fem]
	SEMÂNTICO	[φFEM]	[αFEM]
PESSOA	FORMAL	[φeu]	[φeu]
	SEMÂNTICO	[φEU]	[+EU]

(Fonte: Lopes, 2004, p. 54)

A análise de Lopes mostra alterações nos traços de *número*, *gênero* e *pessoa* durante o processo de gramaticalização de *a gente*. Quanto ao *número*, o substantivo *gente* podia ser usado tanto no singular quanto no plural, conforme as fases LNP e LNE apresentadas por Menon (1996). No entanto, já nos dados referentes ao século XVI, Lopes identifica um percentual significativo de 74% de ausência do traço de número plural, sendo que a partir desse período, a perda desse traço é acelerada, atingindo 100% no século XX. Seus dados comprovam, assim, que embora a marcação de número se faça presente até o século XIX, o traço [-pl] (uso de *gente* apenas no singular) se expande ao longo do tempo firmando-se como uso categórico no século XX. Porém, a autora destaca que a perda da subespecificação de número não significa que a pluralidade é semanticamente irrelevante; significa apenas que é gramaticalmente irrelevante.

Quanto ao *gênero*, Lopes destaca que os resultados de suas pesquisas mostraram que no período arcaico, entre os séculos XIII e XV, a combinação do substantivo *gente* com formas sintáticas que apresentavam o traço [+fem] era frequente (73%), e que, a partir do século XVI, essa possibilidade de concordância foi gradualmente diminuindo em termos de frequência de uso. Com a forma gramaticalizada *a gente*, a especificação positiva de gênero formal [+fem] do substantivo desaparece tornando-se neutra ([φfem]) do mesmo modo que ocorre com as outras formas pronominais de primeira e segunda pessoas (eu/nós, tu/você(s)/vós) que não têm gênero formal. No que se refere à interpretação semântica de gênero, Lopes diz que o traço [φFEM], que não esclarecia necessariamente o gênero semântico do referente, com a pronominalização, passaria a ser semanticamente subespecificado [α FEM], uma vez que *a gente* pode combinar-se com adjetivos no masculino e/ou no feminino.

Quanto aos traços de *pessoa*, Lopes postula que a forma pronominalizada *a gente* teria herdado o traço formal [øeu] do substantivo, pois continuou, pelo menos entre os falantes escolarizados, a se combinar com formas verbais de P3 – a “não-pessoa” de Benveniste. Entretanto, a autora salienta que em termos de pessoa semântica, houve uma mudança interpretativa na medida em que passa a compreender o “eu-ampliado”: o traço deixou de ser [øEU] alterando-se para [+EU] na forma pronominal.

Segundo a autora, seus resultados confirmaram uma perda gradativa e não instantânea dos traços formais através dos séculos, o que reforçaria a perspectiva da dinamicidade da mudança vista como um *continuum* e não uma mera sucessão de sistemas homogêneos e unitários. A partir de seus resultados, Lopes (2004, p.64) diz, ainda, comprovar a *persistência* de algumas propriedades intrínsecas ao nome *gente* na forma *a gente*, como a concordância com o verbo na terceira pessoa do singular, que é mantida na forma gramaticalizada *a gente*, embora a interpretação semântica seja de primeira pessoa do plural. Teriam ocorrido, entretanto, algumas alterações ou adoção de propriedades tipicamente pronominais, o que remete ao princípio da *decatégorização*. Com a gramaticalização, a forma *a gente* passa a se correlacionar a adjetivos no masculino ou feminino em estruturas predicativas, conforme a última fase da gramaticalização apresentada por Menon (1996). Contudo, para Lopes (2004, p. 65), “a possibilidade de determinação do nome, ao lado da impossibilidade de determinação do pronome pessoal, seria o principal fator que oporia uma classe à outra, determinando sua referenciabilidade”.

Zilles (2007) destaca que o encaixamento linguístico de *a gente*, como aquele que ocorreu com *você/vocês*, também está acarretando mudança no paradigma da concordância verbal, assinalando sua redução. Para a autora, o parâmetro do sujeito e do objeto nulo também seriam aspectos relacionados ao encaixamento linguístico de *a gente* no PB.

Com o objetivo de melhor compreender o processo de gramaticalização de *a gente*, Zilles analisa as mudanças ocorridas através de quatro mecanismos – *dessemantização*, *extensão*, *decatégorização* e *erosão* – propostos por Heine (2003).

O primeiro mecanismo, a *dessemantização*, se refere à redução semântica, desbotamento (*bleaching*) ou perda (parcial) de conteúdo semântico do item lexical original. Segundo Zilles (2007, p. 32), no caso em estudo, o substantivo *gente* perde o traço de povo, porém mantém o de pessoa, condição considerada essencial para o passo seguinte, quando ocorre a posterior mudança semântica relacionada com a possibilidade de *a gente* expressar *pessoa do discurso: eu e tu, eu e outras pessoas*.

Já a *extensão* pode ser entendida como a generalização contextual, uso em novos contextos. Quantitativamente, conforme Zilles (2005), o uso de *a gente* na posição de sujeito da oração aumenta significativamente dos anos 1970 para os anos 1990; qualitativamente, expande-se para novos contextos: inicialmente usado apenas com sentido genérico, estende-se para os contextos de referência específica.

O terceiro mecanismo citado por Zilles é a *decatégorização*, que implica a perda de propriedades morfossintáticas características da forma original, o que inclui a perda do *status* de palavra independente própria da cliticização e da afixação. No caso de *a gente*, quando este se torna pronome indefinido, há, primeiramente, a fixação da sequência *a gente* e restrições combinatórias: “a sequência *a boa gente*, por exemplo, não corresponde ao uso como pronome, e sim como substantivo”. (cf. Zilles, 2007, p 33). Retomando Menon (1995, 1996) e Lopes (2003), Zilles (2007, p.33) lembra que ocorre a perda do plural gramatical e também a perda do gênero feminino, inerente ao substantivo *gente*, de modo que o predicativo do pronome *a gente* passa a assumir o gênero do referente, como ocorre com o pronome *nós*.

O último mecanismo, *a erosão*, refere-se à redução fonética, ou perda de substância fonética. Zilles (2007), citando pesquisas realizadas por Menon, 1996 e Zilles, 2002, observa que a forma *a gente* pode ser realizada como *a gente*, *ahente*, *a'ente* e *'ente*. Borges (2004) também encontrou casos de redução de *a gente* para *a 'ente* e *'ente* em Pelotas. O autor destaca, porém, que o número reduzido de casos (48) e o baixo percentual (4%) indicam tratar-se de uma mudança incipiente, que ainda não está consolidada plenamente. Já em Curitiba, Tamanine (2010) detectou a redução de *a gente* em 15% dos dados, sendo que *a 'ente* representa 10% das ocorrências, e são as mulheres, os mais jovens e aqueles com maior escolaridade que estão favorecendo seu uso. A autora ressalta, então, a importância de se considerar esse resultado, pois a redução representaria aqui um avanço na gramaticalização de *a gente*.

Finalizamos aqui a apresentação de trabalhos que trataram da gramaticalização de *a gente* e passamos, no tópico seguinte, à apresentação de estudos realizados sobre o processo de gramaticalização de *você*.

2.2 A gramaticalização de *você*

Neste tópico apresentamos alguns estudos sobre a gramaticalização do pronome *você*, em especial os de Lopes (2003), Menon (2006) e Machado (2008). Lopes e Menon analisaram a gramaticalização de *você* em textos escritos em Portugal e no Brasil. No entanto, o estudo dessas autoras considerou diferentes períodos e gêneros textuais. Enquanto Lopes analisou peças teatrais populares escritas nos séculos XVIII e XIX, Menon analisou diferentes gêneros textuais escritos entre os séculos XIV e XIX. Já Machado apresenta uma análise da gramaticalização de *você* no sistema pronominal do português brasileiro ao longo do século XX, a partir da análise de peças teatrais produzidas e ambientadas no Rio de Janeiro.

Em seu estudo Lopes (2003), considerando as diferenças entre o uso europeu e o brasileiro, teve como principais objetivos: (a) delinear historicamente o processo de gramaticalização/pronominalização da forma *Vossa Mercê* nos dois territórios; (b) levantar as formas nominais e pronominais de tratamento mais frequentes nos séculos XVIII – XIX em português; (c) identificar os fatores linguísticos e extralinguísticos que aceleraram o processo de gramaticalização de *Vossa Mercê* > *você* no PB.

Lopes mostra que assim como ocorreu na gramaticalização de *a gente*, a gramaticalização de *Vossa Mercê* não foi um processo isolado, mas consequência de uma mudança encaixada linguística e socialmente:

Há uma emergência gradativa de formas nominais de tratamento que passam a substituir o tratamento cortês universal *vós* a partir do século XV, num primeiro momento pela ascensão da nobreza e mais tarde da burguesia que exigia um tratamento diferenciado. Essa propagação, que começa de *cima para baixo*, se dissemina pela comunidade como um todo e as formas perdem sua concepção semântica inicial, gramaticalizando-se – algumas de forma mais acelerada que outras, como é o caso de *Vossa Mercê* > *vosmecê* > *você*. (LOPES, 2003, p. 63)

A autora discute alguns aspectos linguísticos que delimitam no fim do século XVIII o início do processo de pronominalização de *Vossa Mercê* e a efetiva gramaticalização de *você* no PB e PE a partir do século XIX, baseando-se nos cinco princípios propostos por Hopper (1991): *estratificação, divergência, especialização, persistência e decategorização*.

Como já discutido no tópico 1.2, o princípio da *estratificação* estabelece a coexistência entre as formas, e Lopes destaca que no caso de *Vossa Mercê/você*, não houve o descarte imediato da forma mais antiga (*Vossa mercê*) em detrimento da forma emergente (*você*), mas um período de transição, de convivência das diversas camadas, que

configurariam uma fase de convivência entre as duas estratégias. Este princípio pode também ser explicado sincronicamente, ou seja, pela situação atual do PB em algumas regiões, onde convivem a forma ‘antiga’, *tu*, com a forma ‘inovadora’, *você*.

Em relação ao princípio da *divergência*, que postula a permanência do item lexical original (*Vossa mercê*) convivendo de forma autônoma ao lado da forma gramaticalizada (*você*), mas com funções distintas, Lopes (2003, p.3) exemplifica com o substantivo *mercê*, que conserva ainda hoje sua integridade fonológica e até, de certa forma, semântica, conforme seu exemplo “*estamos à mercê de bandidos*”.

Quanto à *especialização*, Lopes destaca que em determinado momento, a partir do século XIX, a forma emergente *você* passou gradativamente a ocorrer em contextos linguísticos específicos, com uma maior probabilidade de ocorrência, principalmente, nas relações assimétricas de superior para inferior.

Já em relação ao princípio da *persistência*, que consiste na conservação de alguns traços do significado original, aderindo-se à nova forma gramaticalizada, Lopes afirma:

As formas não perdem completamente suas propriedades originais e não assumem definitivamente os traços característicos da nova classe da qual passam a fazer parte. Com *você* não foi diferente. *Persiste* a especificação original de 3.^a pessoa, ou [øeu] nos termos de Lopes (1999, 2003), embora a interpretação semântico-discursiva passe a ser de 2.^a pessoa [-EU]. (LOPES, 2003, p. 73)

O último princípio, da *decatégorização*, consiste, como mencionado anteriormente, na perda ou neutralização das marcas morfológicas e propriedades sintáticas da categoria-origem – no caso de *Vossa Mercê*, um nome – e na adoção dos atributos da categoria-destino, ou seja, pronome de 2.^a pessoa.

Lopes observa que embora não possa estabelecer generalizações descritivas, alguns aspectos de seu estudo podem confirmar conclusões obtidas em trabalhos com outros corpora:

- a) Nas relações simétricas, predominou, nas peças brasileiras e portuguesas setecentistas e oitocentistas, o mútuo *tu* (T/T), apesar de as outras formas nominais e pronominais de tratamento também serem utilizadas.
- b) Com a gradativa dessemantização sofrida por *Vossa Mercê*, a forma vulgar *você* tornou-se mais produtiva entre personagens populares e nas relações assimétricas de superior para inferior, ao passo que *Vossa Mercê*, ainda em uso nos séculos XVIII-XIX, conservou-se como forma mais produtiva nas relações assimétricas de natureza oposta: de inferior para superior.
- c) A produtividade do traço de número plural, a mistura de tratamento e o emprego maior como sujeito nulo nas peças brasileiras dão indícios de que a gramaticalização de *Vossa Mercê* para *você* começa timidamente no século XVIII e se implementa de forma mais acelerada no final do século XIX, principalmente, em substituição ao pronome *vós*. (LOPES, 2003, p. 73-74)

Menon (2006), assim como Lopes, analisou a trajetória do pronome de segunda pessoa *você* em textos escritos em Portugal e no Brasil. Seu estudo considerou, principalmente, os seguintes aspectos: a) o percurso de gramaticalização [(a) *vossa mercê* > *você*]; b) o aparecimento, por escrito, das primeiras ocorrências da forma *você* (grafada *vossê*); c) a distribuição de *você* por várias regiões brasileiras, a partir do testemunho de vários autores; e d) alguns dos contextos linguísticos por onde o novo pronome penetrou na língua.

A análise de Menon partiu, inicialmente, de algumas afirmações e dados do trabalho pioneiro de Luz (1956-1958), que apresenta um levantamento sistemático da ocorrência de formas de tratamento no português arcaico. Porém, Menon (2006, p. 100) ressalta: “(...) à medida que fui alargando a abordagem, do presente para o passado, (...) fui também me debruçando sobre textos antigos e descobrindo uma série de *pontos* ainda não abordados por descrições, de nenhuma época”. Desse modo, retomando alguns dos trabalhos anteriores e, sobretudo, apresentando novos elementos, a autora assim explica a trajetória do pronome de segunda pessoa no português:

1. O substantivo feminino *mercê* era usado em sentido próprio, o de “dom, graça, privilégio concedido pela autoridade” – o rei, (...) Como tal, *mercê* podia aparecer em qualquer função gramatical quando acompanhado do determinante possessivo *minha, tua, sua, vossa(s)* com a devida concordância nominal ou podia constituir a locução nominal sem determinantes ou com outro tipo de determinantes. Também aparecia na construção verbal com o verbo suporte *fazer*. (*fazer mercê*)
2. Ainda nessa fase, é de se observar a presença do artigo diante do possessivo. Quando o uso é do substantivo *mercê*, parece que se emprega aleatoriamente o artigo, exceto quando é “complemento” do verbo suporte *fazer*.
3. Em algumas das ocorrências aparece a LN *vossa mercee* antecedita do artigo, em outras, não: nessa etapa, com o início da especialização da LN, aparece o artigo. Isso parece ir contra a regra gramatical, apregoada depois, que “com o possessivo não se usa artigo. (...) aquele *vossa mercê* já não era mais interpretado como *a mercê de vós*, mas como uma forma contrata, e era necessário precisar-lhe o sentido: daí o uso do artigo. *Vossa mercê* era igual a *autoridade*!
4. Posteriormente, se fixa a LN *Vossa Mercê*, assim como as correlatas *Vossa Senhoria* e *Vossa Alteza*, e a concordância deixa de ser exclusivamente no feminino e pode ser feita, segundo nos contam os autores, no masculino, “concordando com o sexo da pessoa que ocupa o cargo ou a dignidade”.
5. Quanto à afirmação de que na época mais recuada da história da língua V.M. era tratamento exclusivo ao rei, o texto (17), de 1463, desmente essa assertiva, pois o bispo se dirige ao secretário, provavelmente do rei.
6. A partir do momento em que V.M. se “torna” forma de se dirigir ao rei — lembrar que já nos textos de Évora do século XIV apareciam V. S.^a e V. A. (1456) junto com V. M. — começa a se intensificar a sua aplicação (em número) e a sua interpretação como “forma específica de tratar o rei por um membro da corte ou de fora dela” e a decorrente conotação, ou significado derivado, a de que “é assim que um inferior deve se dirigir a um superior” (os superiores podem conceder coisas). (MENON, 2006, p. 120-122)

Menon apresenta também um *roteiro* reconstituindo o percurso de vulgarização do emprego da LN *Vossa Mercê*:

- a) passa a ser forma exigida pelos escalões superiores da hierarquia da corte aos seus imediatamente subordinados;
- b) o uso “escapa” do círculo da nobreza mais ligada à corte e passa à nobreza mais distanciada (rural?) ou aos senhores de domínios que, por sua vez, passam a exigir esse tratamento dos que não são nobres;
- c) aqueles que não são nobres, mas dispõem de dinheiro — comerciantes, armadores de navios, usurários —, também querem ter o seu quinhão de dignidade e exigem de empregados ou outras pessoas com quem mantenham contato e/ou comércio o seu *vossa mercê*. (MENON, 2006, p.123)

Menon (2006, p.123) ressalta ainda que *vossa/sua mercê* passa, a partir daí, a ser empregado para designar qualquer pessoa que tenha algum tipo de posição/*status* superior, ou seja: “qualquer um que tenha um quê a mais no século XVI — marido em relação à mulher; empregado hierarquicamente superior em relação ao inferior; criada de quarto em relação à da cozinha (...)”. Desse modo, segundo a autora, o pronome se vulgariza: “De honorífico passa a comum, de comum passa a vulgar”.

Essas condições sociais propiciam também transformações linguísticas importantes na pronúncia de *vossa mercê*. De acordo com Menon:

Constatamos *vossemecê* /*vossemecê*, grafado o /a/ átono da sílaba final do “possessivo” com um e, o que reflete um fechamento ou redução desse /a/ átono, ouvido como [e] ou um chuá. [ə]. (...) A assimilação regressiva do /s/ sobre o /r/ continua a ser grafada –ce; depois, resultado ou da redução da vogal postônica ou do acento secundário em [vó] aparece *vosmecê*. Daí em diante, há uma quantidade de variantes de pronúncia que vão originar *voncê*, *vancê*, *vossê*. (MENON, 2006, p.124)

Menon apresenta, então, uma das possíveis cadeias de modificação fonética de *vossa mercê*: [vósme'se] > [vóm'se] > [võ'se] > [vo'se] ou [vó'se]. Segundo a autora (2006, p.125): “É sob esta última forma que se costumou representar, na escrita, o que vai se tornar o pronome de segunda pessoa: *você*, no uso de igual para igual ou de superior para inferior, invertendo o significado histórico da forma original.”

Menon constata que desde meados do século XVIII alguns textos apresentavam um emprego já corrente de *você*, ao lado do *tu* (cf. as peças d' O Judeu: *A Vida do Grande D. Quixote*, de 1733; *Esopaida*, de 1734). No entanto, a primeira vez que apareceu o pronome grafado *vossê(s)* foi, segundo Menon, ainda no século XVII, na obra de Francisco Manuel de Melo (1608-1666), *Feira de Anexins*¹⁰:

1. Segundo Menon, essa obra só foi publicada em 1875.

Vemos que em Melo o uso de **vossê(s)**, já completamente **pronominalizado**, é muito frequente, apesar de aparecerem todas as maneiras de se dirigir ao interlocutor : *tu, vós, o senhor, Vossa Mercê*.(...) Cabe ressaltar que **vossê(s)** aparecem em todas as funções gramaticais, inclusive como antecedente de oração relativa explicativa co-referencial (como qualquer outro pronome pessoal). (MENON, 2006, p.135)

Prosseguindo no estudo de textos, Menon faz um levantamento das formas de tratamento (*endereçamento*) usadas na correspondência pessoal do Marquês de Lavradio, considerado um bom representante da linguagem portuguesa falada e escrita no século XVIII. Essa correspondência mostrou as várias formas de tratamentos formais e informais empregadas pelo Marquês e também como se manifestava linguisticamente a hierarquia social no século XVIII. Em relação ao pronome *você*, a autora destaca (p. 142): “Vemos, aí, que o pronome *você* já se apresentava em contextos específicos de parentesco e de amizade e não era considerado pejorativo pelo Marquês de Lavradio”.

Já nas narrativas do Visconde de Taunay, Menon destaca comentários feitos pelo autor em relação aos usos linguísticos de várias regiões brasileiras. Analisando esses comentários e o uso dos pronomes empregado em diversos textos de autores portugueses e brasileiros a autora afirma:

Assim, se considerarmos que as pessoas, ao escreverem, são mais formais, a presença de *Vossa Mercê* na correspondência pode nos sugerir que, na fala do século XVIII, já estaria sendo usado o *você*. No século XIX, já abundam os exemplos. Machado de Assis emprega majoritariamente o *tu* em suas obras; no entanto já aparece o *você* em várias delas. No final do século XIX, Euclides da Cunha, em sua correspondência, insere o *você* quando faz enumerações. Esse contexto seria um daqueles que teria favorecido o ingresso de *você* na gramática de quem ainda empregava o *tu*, inclusive na manifestação por escrito. (MENON, 2006, p.144)

Machado (2008) também tratou da gramaticalização de *você*, mas, ao contrário de Lopes e Menon, sua análise baseou-se apenas na utilização de diferentes estratégias de tratamento ao interlocutor em peças teatrais produzidas e ambientadas no Rio de Janeiro, ao longo do século XX. Ao selecionar uma amostra composta por comédias de costumes, Machado (2008, p. 35) tinha como objetivo verificar (i) quais estratégias pronominais predominaram nas diferentes obras em análise e (ii) qual o comportamento das formas pronominais em questão quanto a seu preenchimento na função de sujeito ao longo do século.

Segundo a autora, as diversas teorias sobre a gramaticalização produziram uma infinidade de nomenclaturas que, muitas vezes, designam fenômenos semelhantes. Assim, com o propósito de conciliar essas propostas, Machado (2008) apresenta uma tentativa de organização dos fenômenos descritos sob os eixos sincrônico e diacrônico.

Quadro 3: Mecanismos, princípios e processos de gramaticalização

<i>EIXO SINCRÔNICO</i>	<i>EIXO DIACRÔNICO</i>	
<i>Estratificação</i> (HOPPER, 1991)	<i>Mudança semântica com ampliação dos contextos pragmáticos</i>	<i>Desgaste</i> (LEHMANN, 1985)
<i>Divergência</i> (HOPPER, 1991)		<i>Dessementização</i> (HEINE, 2003)
<i>Persistência</i> (HOPPER, 1991)	<i>Mudança morfossintática</i>	<i>Extensão</i> (HEINE, 2003)
		<i>Obrigatoriedade</i> (LEHMANN, 1985)
		<i>Especialização</i> (HOPPER, 1991)
		<i>Fixação</i> (LEHMANN, 1985)
		<i>Decategorização</i> (HOPPER, 1991; HEINE, 2003)
		<i>Paradigmatização</i> (LEHMANN, 1985)
	<i>Mudança fonológica</i>	<i>Desgaste</i> (LEHMANN, 1985)
		<i>Erosão</i> (HEINE, 2003)

(Fonte: Machado, 2008)

No eixo sincrônico se situariam os seguintes princípios propostos por Hopper para explicar a gramaticalização: *estratificação*, *divergência* e *persistência*.¹¹ Quanto à *estratificação*, considerando a gramaticalização de *Vossa mercê* > *você*, Machado observa que as formas emergentes de tratamento para a segunda pessoa do discurso – *você* /*vocês* – convivem ou conviveram, em um período de transição, com as formas mais antigas – *tu* /*vós*. A convivência entre o velho e o novo na língua também pode ser explicada pelo *princípio da divergência*, pois apesar de a forma original *Vossa mercê* ter se desgastado foneticamente e alterado seu valor semântico, transformando-se no pronome *você*, o item lexical original, o substantivo *mercê*, mantém sua integridade fonológica e, até mesmo, semântica, como já destacaram Lopes (2003) e Menon (2006). O último princípio ligado ao eixo sincrônico é o da *persistência*, e, para Machado (2008), na gramaticalização de *você* a persistência mais evidente seria a conservação da marca verbal de 3.^a pessoa (característica do item original), mesmo com essa forma exercendo o papel de pronome de 2.^a pessoa.

Passando do eixo sincrônico para o diacrônico, Machado (2008) analisa o processo de gramaticalização sob os seguintes prismas: (a) *mudança semântica e ampliação dos contextos pragmáticos*, (b) *mudança morfossintática* e (c) *mudança fonológica*.

Considerando a *mudança semântica e a ampliação dos contextos pragmáticos*, a autora diz que a forma em processo de gramaticalização passaria por uma alteração gradativa de seu valor semântico em contextos específicos, seu significado tornando-se cada vez mais gramatical, conforme prevê Lehmann (1985) no processo de *desgaste* e Heine (2003) no mecanismo de *dessementização*. Ao iniciar a transformação de seu significado, essa forma passa, então, a ser usada em contextos pragmáticos em que não podia ser empregada

¹¹ Esses princípios foram tratados no tópico 1.2.

anteriormente e assim vai ampliando seu uso, como propõe o mecanismo da *extensão* concebido por Heine (2003). Na análise do processo de gramaticalização de *Vossa mercê* > *você*, Machado destaca que a *mudança semântica* e a *extensão dos contextos pragmáticos* de uso dessa forma podem ser facilmente identificados:

Essa sensível ampliação no uso dessa forma explica em parte o fato de sua evolução ter se dado em duas vertentes, uma vez que, de um lado, mantém sua integridade formal e seu valor como forma de tratamento relativamente respeitosa e, de outro, por volta dos séculos XVII e XVIII, simplifica sua substância fonológica, transformando-se no pronome *você(s)*, cujo uso é corrente no tratamento à segunda pessoa do discurso já no século XIX e que se transforma, na principal estratégia de referência ao interlocutor ao longo do século XX. Nesse sentido, é importante ressaltar que a alteração do conteúdo semântico prossegue e que, atualmente, já se pode encontrar *você* sendo empregado como referência indeterminadora. (MACHADO, 2008, p. 31)

Desse modo, segundo a autora, ao se observar o percurso evolutivo de *Vossa mercê* > *você*, pode-se notar que, progressivamente, os contextos pragmáticos que requeriam o emprego dessa forma se diversificaram e, conseqüentemente, se expandiram.

Quanto à gramaticalização no *nível sintático*, Machado observa que Lehmann (1985), ao descrever o processo de *fixação*, pressupõe a perda da variabilidade sintagmática do item ou expressão em via de gramaticalização, pois o signo gramaticalizado tende a ocupar uma posição sintática mais fixa, depois uma posição morfológica mais determinada. Possivelmente, para a autora, esse processo ocorre de maneira simultânea ao da *obrigatoriedade* também proposta por Lehmann (1985), que aparentemente corresponderia ao princípio da *especialização* descrito por Hopper (1991).

Já com relação à perda de *substância fonológica* das formas em vias de gramaticalização, Machado destaca que esta pode ser associada aos altos índices de frequência de uso da forma em questão. Essa perda é apontada por Lehmann (1985) e Heine (2003) como evidências diacrônicas do processo de gramaticalização.

Com base nas discussões desenvolvidas em seu estudo e na análise das oito peças teatrais escritas no Rio de Janeiro, Machado conclui que o emprego da forma *você* passa, ao longo do século XX, por três momentos distintos:

(i) no primeiro quarto do século, sua variação com o legítimo pronome de 2ª pessoa tu; (ii) a partir da década de 30, seu alçamento à principal estratégia de referência ao interlocutor e a conseqüente neutralização formal entre 2ª e 3ª pessoas, em favor da última, acarretando a indicação da noção de pessoa exclusivamente pelo pronome e não mais pela forma verbal; (iii) no final do século, sua co-ocorrência com o pronome “tu” agora em seu uso não padrão, não se relacionando mais a formas

verbais de 2ª pessoa, que ficaram praticamente restritas, ao longo do período sob análise, ao emprego no modo imperativo. (MACHADO, 2008, p.44)

Machado constatou, portanto, em seu estudo, que, a partir dos anos 30 do século XX, a forma *você* já era a mais empregada no Rio de Janeiro, o que teria levado à neutralização da oposição entre a 2.ª e 3.ª pessoa do singular no verbo. No entanto, no final do século XX, a forma *tu* retornaria, co-ocorrendo, então, com a forma *você*, mas sem a flexão verbal padrão.

Após a apresentação nos tópicos acima dos trabalhos de Menon (1995, 1996), Lopes (2004) e Zilles (2007), de um lado, e, de Lopes (2003), Menon (2006) e Machado (2008), de outro, que trataram da implementação de *a gente* e *você* no PB, respectivamente, considerando a trajetória e os princípios ou mecanismos que explicam a gramaticalização desses pronomes, pôde-se melhor entender não só a inserção de *a gente* e *você* no sistema pronominal, como também o funcionamento desses elementos no PB. No tópico seguinte, apresentamos alguns dos estudos variacionistas realizados sobre a alternância no uso das variantes *nós/a gente* no português do Brasil.

2.3 O uso de *nós/a gente* no português do Brasil

Apresentamos, neste tópico, alguns trabalhos realizados sobre a variação *nós/a gente* no português do Brasil detalhando, especialmente, os que serão retomados ao longo deste estudo. Iniciamos com a apresentação do trabalho de Omena (realizado em 1986 e publicado em 1998), o primeiro a tratar da alternância *nós/a gente*, em seguida apresentamos o trabalho de Lopes (1998), cujas hipóteses preliminares foram levantadas a partir da pesquisa de Omena (1986). Finalizamos esta seção com os resultados da análise da variável *nós/a gente* apresentados no trabalho de Menon (1994, 2006), que tratou mais especificamente da indeterminação do sujeito no PB.

Omena (1998) analisou em sua pesquisa dados de 64 entrevistas do *Corpus Censo*, gravadas no início dos anos 80, da fala urbana da cidade do Rio de Janeiro. O *corpus* está dividido em três faixas etárias (15-25 anos, 26-49 anos e 50 anos ou mais); três níveis de instrução (primário, ginásio e 2.º grau) e sexo (masculino e feminino). Nas 64 entrevistas analisadas, a percentagem geral para o uso de *a gente* foi de 69%. As ocorrências de *a gente* foram mais frequentes na função gramatical de adjunto adverbial (84%), seguida da função de sujeito (73%), de complemento (72%) e, por último, de adjunto adnominal (14%). A partir da observação dos dados totais em conjunto e, em separado para as crianças e adultos,

Omena verificou que, no geral, a entrada de *a gente* é maior na função de adjunto adverbial (100% e 77%), depois na de sujeito (82% e 70%) e na de complemento (90% e 65%), respectivamente para crianças e adultos. Tanto os percentuais totais, como os dos adultos, foram sempre inferiores aos percentuais atribuídos ao uso de *a gente* pelas crianças. Este aumento do uso de *a gente* entre os falantes mais jovens, segundo Omena, indicaria um fenômeno de mudança em progresso.

Nos resultados do trabalho de Omena (1998) sobre a variação *nós* e *a gente*, especialmente na função de sujeito, destacaram-se as seguintes variáveis linguísticas: a) *disposição das formas na sequência do discurso*; b) *saliência fônica*; c) *tempo e aspecto verbal*; e d) *indeterminação e número de referentes*.

Considerando a *sequência das formas no discurso* (ou *paralelismo*) e a *manutenção ou não do referente*, os resultados indicaram que a probabilidade de se usar *a gente*, ao invés de *nós*, é maior quando o antecedente formal for *a gente* e a referência for igual à anterior (adultos: .81 e crianças: .78). Essa probabilidade diminui quando se muda a referência (adultos e crianças: .65). Em relação ao uso de *nós* a autora observou a mesma tendência. A probabilidade para o uso desse pronome com o mesmo antecedente e a mesma referência foi de .86 para os adultos e de .75 para as crianças. No entanto, a probabilidade de uso de *nós* entre os adultos diminui quando a referência muda, passando de .86 para .58. Omena verificou ainda que a influência dos antecedentes com sujeito *zero* sobre a realização plena de *a gente* ou *nós* atuou propiciando a forma *a gente*, quando o antecedente estava na forma de terceira pessoa do singular e com o mesmo referente (.61). Já a mudança do referente favoreceu o uso de *nós* (.59). De outro lado, quando o antecedente era a forma verbal com a desinência *-mos* e com sujeito nulo, o uso do pronome *nós* (.62) era favorecido, com o mesmo referente, e, com a mudança do referente, atuou em favor de *a gente* (.60). Quanto à escolha de uma das variantes para a 1.^a referência, Omena verificou que a probabilidade ficou em torno de .50. Segundo Omena (1998, p.197):

A escolha de uma das formas, ao se nomear pela primeira vez um referente na sequência de um discurso, deve-se a outros fatores. No entanto, uma vez escolhida a forma, essa escolha atua sobre o uso das formas subsequentes, até que um novo fator atue, provocando nova escolha.

A segunda variável analisada foi a *saliência fônica* e, segundo Omena (1998, p.199): “o grau de diferença entre as formas verbais de 3.^a pessoa do singular e 1.^a pessoa do plural também condiciona a ocorrência (ou não) de *a gente*.” Comparando essas formas verbais, a

autora verificou que a maior diferença entre elas privilegiou o uso de *nós*, e a menor, o uso de *a gente*. Ela destaca, ainda, que:

Se a concordância do verbo com o sujeito é sensível ao maior ou menor grau de saliência fônica verbal, supõe-se que o falante use mais a forma *nós* (com flexão verbal *-mos*) como sujeito, com formas verbais onde exista maior diferença fônica entre a 3.^a pessoa do singular e a 1.^a do plural. (OMENA, 1998, p. 199)

O grupo de fatores testado por Omena apresentou níveis de 1 a 7, indo do mesmo saliente (nível 1) até o que apresenta maior diferença entre P1 e P3, ou maior saliência (nível 7).¹² O resultado obtido para este grupo de fatores mostrou que as formas verbais que apresentam menor saliência fônica foram as que, em termos de probabilidade, favoreceram o uso da forma *a gente*, tanto para os adultos como para as crianças (nível 2: .68 e .87; nível 3: .65 e .82 e nível 4: .58 e .61, respectivamente). No nível 1, gerúndio, em que não há flexão verbal, o uso de *a gente* como sujeito foi categórico, quando comparado ao da forma *nós*. Apesar desses resultados comprovarem suas expectativas, Omena faz uma ressalta em relação à análise da saliência fônica:

A maior ou menor saliência fônica na diferença entre as duas formas verbais que acompanham as variantes, já testadas em investigações sobre concordância verbal, evidencia aqui um efeito a indicar que a desinência do verbo seleciona a forma do sujeito. Ou será que o falante aprende a forma como um todo? (OMENA, 1998, p. 201)

Esse trecho de Omena merece destaque, pois, embora os resultados de sua análise tenham selecionado a *saliência fônica* como um dos fatores significativos na escolha das variantes, aqui a autora questiona, de certa forma, a pertinência deste fator na análise da variação *nós/a gente*, uma vez que o falante pode selecionar a forma como um todo, ou seja, *pronome + verbo*, e não selecionar a forma pronominal, a partir da seleção do verbo, como prevê o fator saliência fônica. Por ora deixamos em aberto essa questão que, no entanto, será retomada na análise de nossos dados.

¹² O grupo de fatores testado na pesquisa de Omena (1998) foi o seguinte: 1) a mesma forma para ambas as pessoas: *cantando*; 2) conservação da sílaba tônica e acréscimo da desinência *-mos*: *falava/ falávamos*; 3) infinitivo com acréscimo da forma *-mos*: *cantar/ cantarmos* 4) deslocamento do acentoônico e acréscimo da desinência *-mos*: *fala/ falamos*; 5) redução dos ditongos finais em vogais, com acréscimo da desinência *-mos*: *cantou/ cantamos*; 6) monossílabos tônicos ou oxítonos que passam a paroxítonos: *faz/ fazemos*; 7) diferenças fonológicas acentuadas: *veio/ viemos, é/ somos*.

Dois aspectos relacionados ao significado gramatical das formas verbais também foram analisados no trabalho de Omena: o *tempo* e o *aspecto*. Os resultados obtidos para os tempos verbais *presente*, *passado*, *futuro* e *não marcado* demonstraram que, com os tempos *não marcados* e o *presente*, é maior a probabilidade para o uso de *a gente* (.83 e .55, respectivamente), enquanto o tempo *passado* (.64) e o *futuro* (.75) favoreceram a forma *nós*.

Quanto aos fatores semânticos *indeterminação* e *número maior ou menor de referentes*, a autora testou a influência destes na fala dos adultos. Os fatores considerados em sua análise foram: a) *grupo grande e indeterminado*, b) *grupo pequeno ou intermediário e indeterminado*, c) *grupo grande e determinado*, e d) *grupo pequeno ou intermediário e determinado*. Em relação ao maior número de pessoas, cuja referência geralmente é *indeterminada*, a variante que prevaleceu foi *a gente* (.72). Já quando Omena amalgamou o *grupo grande e determinado*, o uso de *nós* foi favorecido (.72). Em relação ao *grupo pequeno e intermediário* amalgamados, *determinado* e *indeterminado*, houve um processo de neutralização. Omena destaca que nestes casos, possivelmente, a forma *a gente* estaria perdendo a marca de indeterminação, como aconteceu com *on* em francês.

Em relação à influência das *variáveis sociais* no uso de *nós* e *a gente*, na função de sujeito, Omena (1998, p.312) diz que “muito nitidamente a *idade* influencia a alternância *nós/a gente*, (...), no sentido dos falantes mais velhos usarem mais a forma *nós*”. A autora observou uma probabilidade de uso do pronome *nós* de .64 na faixa etária de 26 a 49 anos, e de .78 na de 50 a 71 anos. Por outro lado, os mais jovens – de 7 a 14 anos e 15 a 25 anos – favoreceram *a gente*, apresentando uma probabilidade de .74 e .67, respectivamente, no uso desse pronome. Segundo a autora, esses resultados podem indicar que os falantes nascidos a partir de, aproximadamente, 1960 usam bem mais a forma *a gente*.

Quanto à *escolarização*, Omena observou uma influência do *ginásio* no comportamento dos falantes, pois tanto nos dados das crianças (.52) quanto nos dos adultos (.78) com nível *ginasial*, a forma *nós* foi favorecida. Porém, a autora nota que estes voltam ao uso precedente (.61) no 2º grau, quando a taxa é análoga à do primário. Para Omena, o elevado uso do pronome *nós* entre os falantes com escolaridade *ginasial* pode estar relacionado ao programa escolar, que inicia o estudo da conjugação verbal no fim do *primário* e a enfatiza no *ginásio*.

O trabalho de Lopes (1998), baseado na pesquisa de Omena (1986), teve como um dos objetivos analisar o comportamento linguístico de falantes com formação *universitária completa* de três regiões do Brasil, Sudeste, Sul e Nordeste, e comparar os resultados dessa

análise com os de Omena, que estudou o comportamento linguístico de falantes com pouca escolaridade (*primário, ginásio e segundo grau*) do Rio de Janeiro.

Lopes analisou a variação *nós/a gente* na posição de sujeito a partir de uma amostra de 18 entrevistas do tipo DID (diálogo entre informante e documentador) do Projeto NURC/Brasil. Seu estudo focalizou o uso dessas variantes por falantes com formação universitária completa de três regiões geográficas do Brasil: Rio de Janeiro (Sudeste), Porto Alegre (Sul) e Salvador (Nordeste). As entrevistas foram assim distribuídas: seis entrevistas por cidade, sendo uma de cada sexo pelas três faixas etárias: de 25 a 35 anos, de 36 a 55 anos e mais de 56 anos.

Na análise geral, Lopes obteve 972 dados, explícitos ou não, sendo 562 dados de sujeito *nós* (58%), contra 410 de sujeito *a gente* (42%). Das cidades analisadas, o Rio de Janeiro apresentou o maior percentual de uso de *a gente* (59%, .69). Já em Porto Alegre e Salvador observou-se um maior uso do pronome *nós* (72%, .60 e 63%, .66, respectivamente).

Quanto aos resultados obtidos a partir da análise estatística, os grupos de fatores selecionados na rodada geral com todos os dados foram: a) *paralelismo formal*; b) *sexo associado à faixa etária*; c) *saliência fônica*; d) *região geográfica*; e) "*eu-ampliado*"; f) *tempo verbal*; e g) *modalização discursiva*. Apresentamos, a seguir, os resultados obtidos para alguns desses fatores.

Em relação aos fatores *linguísticos*, o fator mais significativo foi o *paralelismo formal*. Considerando essa variável, os resultados de Lopes (1998), assim como os de Omena (1998), apontaram pesos relativos próximos de .50 para a 1.^a referência e a forma isolada, o que parece indicar que o falante usa tanto *nós* quanto *a gente* para iniciar uma série. Já quando o falante seleciona uma forma, essa escolha pode influenciar no uso das formas subsequentes, pois a autora observou uma maior frequência de *nós*: a) com o sujeito não explícito e verbo na 1.^a pessoa do plural (93%, e peso relativo de .86); e b) com a forma *nós* precedida de uma oração introduzida por *nós* (87% e .79). A forma *a gente* apresentou o mesmo comportamento: houve maior probabilidade para o uso de *a gente* quando o antecedente formal era *a gente* (87% e .90), ou quando o verbo encontrava-se na 3.^a pessoa do singular, com sujeito implícito (92% e .91).

Na análise da *saliência fônica*, segundo fator selecionado, os resultados de Lopes (1998), como os de Omena (1998), mostraram que quanto maior a diferença entre as formas do singular e plural maior probabilidade de ocorrer o pronome *nós*. O nível 3 apresentou .65 de probabilidade para *nós*, e os níveis 4 e 5 amalgamados .77. Já nos níveis 1 e 2, de menor saliência, houve favorecimento para a forma *a gente* (.62 e .63, respectivamente).

A análise do *eu-ampliado* foi considerada significativa no trabalho de Lopes, pois seus resultados mostraram uma diferenciação no emprego de *nós* e *a gente* em relação a um uso *mais restrito* ou *mais genérico*: o falante utilizou preferencialmente o pronome *nós* para se referir a *ele mesmo* mais o *interlocutor* (*eu + você* - .91), ou *eu + ele* (*eu + não-pessoa* - .87). Já quando o falante ampliava a referência, indeterminando-a, a autora observou um maior favorecimento para a forma *a gente* (.65), de maior grau de impessoalidade, resultado esse semelhante ao de Omena.

Em relação ao *tempo verbal*, os resultados de Lopes (1998) também foram semelhantes aos de Omena (1998). Na análise de Lopes, o pronome *nós* apresentou maiores probabilidades de uso com o *pretérito perfeito* (.90) e com os tempos que se caracterizam pelo fato de apresentarem maior número de marcas (futuro do subjuntivo .84; imperfeito do subjuntivo .67; presente do subjuntivo .58; e futuro do pretérito do indicativo .61). Já os maiores pesos relativos para o uso de *a gente* ocorreram em *formas nominais* (gerúndio .75 e infinitivo .65) e *presente do indicativo* (.60). Esses resultados confirmaram as hipóteses de Lopes, embasadas no trabalho de Omena (1998), de que o *presente* e as *formas nominais* favorecem o uso de *a gente*, enquanto que o *futuro* e o *pretérito perfeito* favorecem a presença de *nós*.

Quanto aos *fatores sociais*, as tendências gerais na variação *nós/a gente* verificadas por Lopes foram: os falantes mais jovens (25 a 35 anos), com um peso relativo de .77, e o sexo feminino, com um peso de .59, favorecem o uso de *a gente*, enquanto que os falantes com mais de 56 anos apresentam uma maior probabilidade de uso do pronome *nós* (.60). Também nos dados analisados por Omena (1998) o uso de *a gente* foi favorecido pelos mais jovens; no entanto, quanto à variável *sexo*, os resultados de Omena apontaram um leve favorecimento no uso da variante *nós* pelas mulheres, diferenciando-se assim dos resultados de Lopes.

Os resultados obtidos na análise da variação *nós/a gente* realizada por Omena (1998) e Lopes (1998), como já visto acima, apresentaram várias semelhanças. As variáveis selecionadas apontam as mesmas tendências gerais nas duas pesquisas: no trabalho de Omena a *disposição das formas na sequência do discurso* apresenta resultados próximos daqueles da variável *paralelismo formal* no trabalho de Lopes, ou seja, maior probabilidade de se usar o pronome *a gente* ou *nós* quando o antecedente formal for o mesmo; a variável *saliência fônica*, também selecionada nos dois trabalhos, apresentou em ambos uma maior probabilidade de uso de *a gente* quando a diferença entre as formas verbais de 3.^a pessoa do singular e 1.^a pessoa do plural era menos saliente. Em relação ao *tempo verbal*, observou-se

que os maiores pesos relativos para o uso de *a gente* nos dois trabalhos ocorreram em *formas nominais* (gerúndio e infinitivo) e no *presente* do *indicativo*. Também na análise da *referência semântica do sujeito*, apesar de os fatores considerados pelas autoras não serem exatamente os mesmos, os resultados em Omena (1998) e Lopes (1998) mostraram que quando o falante ampliava a referência, indeterminando-a, havia um maior favorecimento para a forma *a gente*. As semelhanças nos resultados desses dois trabalhos, apesar das diferentes amostras analisadas, sinalizam tendências que foram, em grande parte, também verificadas em estudos posteriores sobre a variação pronominal *nós/a gente* no PB.

Os trabalhos de Menon (1994, 2006), apresentados a seguir, não trataram especialmente da análise da variação *nós/a gente*, mas das formas de indeterminação do sujeito, dentre elas *nós* e *a gente*. A autora analisou 68 entrevistas do Projeto NURC-SP, e para o levantamento dos dados estabeleceu uma série de *testes*¹³ que tinham por objetivo verificar quais as formas linguísticas que podem ser usadas como recurso para a indeterminação do sujeito no PB. Em sua amostra, a autora encontrou 8.150 ocorrências de formas indeterminadas, distribuídas por doze variantes: *a gente*, *eles*, *eu*, formas nominais, *nós*, *se*, *você*, *vocês*, VPSA, VPASSINT, ØV3PS, ØV3PP. Segundo Menon, o principal objetivo de seu trabalho era demonstrar que existem muito mais formas de indeterminar o sujeito no português do Brasil (PB) que aquelas apontadas pela Gramática Tradicional (GT).

Como sua variável dependente era constituída de doze variantes, e o programa estatístico (IVARB)¹⁴ aceita, no máximo, cinco, Menon (1994) analisou os dados a partir da variável social *sexo*, que lhe forneceu resultados binários. Os demais resultados foram obtidos em rodadas com as seguintes variáveis dependentes ternárias (no TVARB):

- a) *estilo*: constituída por três tipos de entrevista disponíveis no NURC: **EFs** (Elocuções Formais), **DIDs** (Diálogo entre Informante e Documentador), e **D2** (Diálogo entre 2 Informantes);
- b) *faixa etária*: primeira (**FE1**: 25-35 anos), segunda (**FE2**: 36-55 anos) e terceira (**FE3**: + de 56 anos).

Menon (2006) retoma os resultados obtidos em sua análise da indeterminação do sujeito a partir das variáveis sociais (1994), para, posteriormente, compará-los aos de uma nova análise realizada a partir de rodadas no programa estatístico VARB2000 (versão mais moderna do IVARB, que permite maior número de células). Nessa análise, a autora efetuou

¹³ Esses testes foram tratados no tópico 1.3.3.1 do capítulo 1.

¹⁴ Programa do pacote VARBRUL que realiza a rodada com variável dependente binária, selecionando os grupos de fatores (GFs) ou variáveis em ordem estatística decrescente.

rodadas binárias, tendo sempre como variável dependente uma das doze variantes encontradas para a indeterminação do sujeito contra as demais. Os resultados obtidos a partir dessa análise corroboraram os resultados encontrados em seu trabalho anterior (1994).

A seguir apresentamos alguns desses resultados, a partir das variáveis sociais *sexo*, *estilo* e *faixa etária*, a propósito das variantes indeterminadoras *nós* e *a gente*, já que as mesmas fazem parte de nosso objeto de pesquisa. Os resultados obtidos por Menon (2006) foram os seguintes:

1. Em sua análise binária a partir da variável *sexo*, o uso de *a gente* foi favorecido pelas mulheres, com peso relativo .64; já entre os homens, a probabilidade para *nós* foi de .51, valor próximo do ponto neutro;
2. Considerando a *faixa etária*, análise ternária¹⁵, os mais jovens (F1) e os mais velhos (F3) favoreceram *a gente*, com pesos de .403 e .399, respectivamente. Já a faixa etária intermediária (F2) apresentou um uso reduzido de *a gente*, com peso de .198. Quanto a *nós*, seu uso foi favorecido pelos mais velhos (F3), com peso relativo .510, e desfavorecido nas outras faixas etárias (F1: .215, F2: .275);
3. A partir do *estilo*, também análise ternária, os resultados apontam o diálogo entre dois informantes (D2) favorecendo *a gente*, com uma probabilidade de ocorrência de .475, e as elocuições formais (EFs) favorecendo *nós*, com peso de .617.

Os resultados da análise a partir da variável *sexo*¹⁶ foram retomados posteriormente por Menon (2006) e comparados aos resultados dos estudos sobre a indeterminação do sujeito realizados por Setti (1997) e Godoy (1999), que trabalharam com dados do Projeto VARSUL, a primeira com dados das três capitais do Sul, Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre, e a segunda apenas com dados de cidades do interior do Paraná, Irati, Londrina e Pato Branco.

Menon (2006) estabeleceu um paralelo entre seus resultados e aqueles de Setti (1997) e Godoy (1999) a partir da variável dependente *sexo*, uma vez que com as demais variáveis sociais a comparação seria problemática, pois, como destacou a autora, o NURC tinha um só grau de *escolaridade*, o *universitário*, e o VARSUL tinha três: *primário*, *ginásio* e *segundo grau*. As *faixas etárias* também eram diferentes, o NURC tinha três e o VARSUL, na época em que foram feitas essas entrevistas, tinha somente duas. Além disso, o VARSUL só tinha um tipo de *entrevistas*, que correspondem às DIDs, do NURC. Essas diferenças

¹⁵ Nessa análise, com três variantes, o ponto neutro é .33.

¹⁶ Única variável que possibilitava a comparação de dados do NURC/SP com os do VARSUL.

impossibilitavam, portanto, uma comparação a partir das variáveis escolaridade, faixa etária e estilo.

Em geral, os resultados da comparação dos dados do NURC com os do VARSUL, *apesar da distância de vinte anos entre uma coleta e outra*, mostraram tendências bastante similares na distribuição por *sexo*. Assim, considerando o sexo dos informantes, os resultados de Menon (1994), Setti (1997) e Godoy (1999) indicam um favorecimento no uso do pronome indeterminador *a gente* pelas mulheres, com pesos de .64, .63 e .58, respectivamente. Menon relaciona esse resultado, favorecimento de *a gente* pelas mulheres, com aquele obtido para as *formas nominais* (a pessoa, o indivíduo, o cara, etc.), que são favorecidas pelos homens:

(...) se observarmos os pesos relativos à variante *a gente* pelas mulheres, veremos que elas são superiores aos das FNs, entre os homens (exceto no interior, quando é igual). Então, aparentemente, a variante *a gente* pode ser considerada não-marcada, por ter curso entre as mulheres e que as demais FNs poderiam carregar algum estigma por terem sido de maior uso entre os homens. (MENON, 2006, p.155-156)

Em relação à variante indeterminadora *nós*, os resultados mostraram um favorecimento dessa variante pelos falantes do sexo masculino das capitais do Sul e do interior do Paraná, com pesos de .62 e .74, respectivamente. Já os falantes do sexo masculino e feminino nos dados do NURC/SP apresentaram um peso relativo aproximado para o uso do pronome *nós*, .51 e .49, respectivamente.

Assim, as mulheres apresentaram uma maior tendência ao uso da variante inovadora *a gente* para fazer referência a um sujeito indeterminado nas três amostras analisadas, e, ao contrário, os homens da região Sul empregam mais a variante conservadora *nós* para indeterminar o sujeito. Já em São Paulo, a variante indeterminadora *nós* foi empregada por homens e mulheres em proporções semelhantes.

A seguir apresentamos alguns dos principais estudos realizados sobre a variável *nós/a gente* na região Sul do Brasil.

2.4 O uso de *nós/a gente* na região Sul

Destacaremos abaixo alguns trabalhos que são de especial interesse para nosso estudo sobre os pronomes pessoais *nós/a gente*, uma vez que analisam dados de falantes de Santa Catarina (SEARA, 2000; TAMANINE, 2002), do Rio Grande do Sul (BORGES, 2004), e do Paraná (TAMANINE, 2010).

Seara (2000) analisou a variação *nós* e *a gente* na posição de sujeito a partir de uma amostra de 12 entrevistas do Projeto VARSUL de Florianópolis. As entrevistas foram distribuídas por sexo, dois níveis de escolaridade (primário e colegial) e três faixas etárias (15 a 24 anos, 25 a 50 anos e mais de 50 anos). A autora obteve em seus dados um percentual de uso de 72% para *a gente*¹⁷. Dentre os dez grupos de fatores controlados em sua pesquisa, seis foram considerados significativos, sendo que o *tempo verbal* ocupou o primeiro lugar na ordem de relevância para o uso de *a gente*, seguido pelo *sexo*, *traço semântico do sujeito*, *faixa etária*, *graus de conexão do discurso* e *escolaridade*.

Considerando a atuação do *tempo verbal* na escolha da variante, Seara verificou em seus dados uma maior probabilidade de uso de *a gente* no *pretérito imperfeito* (.68, resultado associado pela autora à menor saliência fônica); já o *pretérito perfeito* e o *presente* do indicativo desfavoreceram o uso de *a gente* (.23 e .33, respectivamente). Nota-se que o peso atribuído ao *presente do indicativo* nos dados de Seara (2000) não corrobora os resultados encontrados nos trabalhos de Omena (1996) e Lopes (1998), onde esse tempo verbal favoreceu o uso do pronome *a gente*.

Em relação ao *traço semântico do sujeito*, Seara verificou que com o sujeito ‘*específico*’ a probabilidade de uso de *a gente* é superior a de *nós* (.68 contra .32, respectivamente), e, com o traço ‘+ *específico*’, há uma leve diminuição no uso de *a gente* (.44 contra .56 para *nós*). Este resultado indica, segundo a autora (2000), “um comportamento não mais insignificante dessa variante em relação à maior especificidade semântica do sujeito”, pois o pronome *a gente* estaria, assim, penetrando também no campo da determinação, ou de referentes ‘+ *específicos*’, de acordo com sua classificação.

Baseando-se em Paredes Silva (1991, p.184), Seara analisou *os graus de conexão do discurso*, controlando em seu trabalho os níveis apresentados a seguir:

- a) grau 1: mesmo referente sujeito da oração anterior na posição de sujeito, com ou sem intercalação de material impessoal;
- b) grau 2: mesmo referente da oração anterior em posição não sujeito, com ou sem intercalação de material impessoal;
- c) grau 3: retoma integralmente referentes na posição de sujeito ou mistos (posição de sujeito e não sujeito) dispersas no texto;
- d) grau 4: entre um dado e outro há inserção de um sujeito diferente;
- e) grau 5: mudança de tópico discursivo ou grande distância referencial (mais de 10 orações).

¹⁷ Seara (2000) apresenta esse resultado somente em percentagem.

A autora verificou que o *grau 1*, apesar de sua aparente neutralidade (peso relativo próximo de .50), e os *graus 2 e 3* (.46 e .42, respectivamente) mostraram-se menos propensos ao uso de *a gente* do que o grau 4. Visando refinar sua análise, ela realizou um cruzamento do *grau 4* com a presença de pronome diferente na oração anterior (*paralelismo formal*) e verificou que o grau 4 da escala levou a uma ruptura na sequência discursiva, fazendo com que o informante utilizasse, em 83% das ocorrências, o pronome *a gente* quando o pronome usado na frase anterior era *nós*. Essa preferência também foi confirmada por Seara nos casos em que *a gente* era usado na frase anterior à do sujeito intercalado, sendo este pronome retomado na oração subsequente em 86% dos casos. A autora afirma:

Os resultados mostraram então que esse critério escalar é mais adequado para os dados em estudo do que o paralelismo formal, pois permitiu apreender diferenças, por exemplo, em relação a elementos interferentes impessoais (Graus 1 e 2) e de outras pessoas gramaticais diferentes dos dados (Grau 4). (SEARA, 2000, p. 185)

Em relação às variáveis sociais, *o sexo* foi selecionado como o fator mais significativo pelo programa, e apresentou os seguintes resultados: os informantes do sexo *masculino* inclinam-se mais ao uso da variante *nós* (.70), enquanto com as *mulheres* ocorre o inverso, ou seja, tendem mais à variante *a gente* (.66). Considerando a *faixa etária*, o pronome *a gente* foi mais favorecido na faixa etária mais jovem (.69) do que na intermediária (.51). Já na faixa de idade acima de 50 anos, a probabilidade de uso de *a gente* foi desfavorecida (.40). Quanto à *escolaridade*, último fator selecionado, Seara verificou que a probabilidade de uso de *a gente* é maior entre os falantes do colegial (.56), já o primário desfavorece este pronome (.46). Em suas palavras:

Isso parece mostrar que, à medida que se aumenta o grau de escolaridade, se tende a um maior uso dessa variante. Esperava-se, no entanto, que com o aumento da escolaridade, se tivesse justamente o contrário, já que na escola as variantes mais formais são as privilegiadas. E é a variante *nós* considerada a mais formal, sendo codificada nas gramáticas escolares e transformada em norma a ser aprendida, conforme salientamos acima. (SEARA, 2000, p.189)

Assim, os fatores sociais que favoreceram o uso de *a gente* no trabalho de Seara foram: o sexo *feminino* (.66), a *faixa etária mais jovem* (.69) e o nível de escolaridade *colegial* (.56). Os resultados de Seara para os fatores *sexo* e *faixa etária* corroboram os resultados obtidos para estas variáveis no estudo de Setti sobre o falar das capitais da região Sul do Brasil, mas também os obtidos em diferentes regiões do Brasil: Sudeste (Rio de Janeiro), Nordeste (Salvador) e Sul (Porto Alegre), conforme os estudos de Lopes (1998);

Sudeste (São Paulo), conforme Menon (1994, 2006)¹⁸; e cidades do interior do Paraná (Irati, Londrina e Pato Branco), conforme Godoy (1998), os quais foram apresentados no tópico anterior.

O segundo trabalho sobre a variação *nós/a gente* na região Sul é o de Tamanine (2002), que analisou 24 entrevistas (banco de dados do VARSUL) de cada uma das seguintes cidades do interior de Santa Catarina: Blumenau, Lages e Chapecó. Na distribuição geral das ocorrências para a primeira pessoa do plural, a forma *a gente* foi utilizada em 55% dos casos. Entre as cidades analisadas, Blumenau apresentou um percentual de 60% para o uso de *a gente*, Lages 58% e Chapecó 48%.

Tamanine (2002) analisou as ocorrências de *nós/a gente* sob a perspectiva de três categorias: *ocorrência isolada* (OI), *sequência binária e sequência ternária*, e os resultados probabilísticos obtidos através do VARBRUL em seu trabalho consideraram rodadas distintas em que as três categorias de dados foram testadas. Inicialmente Tamanine realizou duas rodadas, uma considerando somente as *ocorrências isoladas* (OI) e outra com todas as ocorrências (*ocorrências isoladas* e em *paralelismo* (OA))¹⁹. As duas rodadas selecionaram praticamente os mesmos grupos de fatores, somente o quinto e último grupo (*sexo/escolaridade*) foi diferente: o *sexo* foi selecionado na rodada com as *ocorrências isoladas*, e a *escolaridade* na rodada que incluiu *todas as ocorrências*. Os seguintes grupos de fatores foram selecionados como significativos pelo programa estatístico: *faixa etária, localidade, tipo de verbo, determinação do referente e sexo ou escolaridade*.

Em relação à *faixa etária*, a probabilidade de aplicação do pronome *a gente* apresentou, para as faixas etárias *a* (25 a 45 anos) e *b* (mais de 50), distribuição similar entre OI (*ocorrências isoladas*) e OA (*sequências binária e ternária*). Os mais jovens, como nos demais estudos, foram os que apresentaram maior uso de *a gente* tanto nas OI (.59) quanto nas OA (.58), indicando uma mudança em tempo aparente.

Quanto à variável *localidade*, os dados apontaram Blumenau como a cidade mais inovadora, apresentando maior tendência para o uso de *a gente* (.55 nas OI e .56 nas OA), ficando Lages em segundo lugar com .53 e .52, respectivamente para OI e OA. Chapecó apresentou-se como a cidade mais conservadora, já que o uso de *nós* prevaleceu sobre o de *a gente*, que apresentou pesos de .42 (OI) e .43 (OA). Pode-se observar nesses resultados de Tamanine que o uso do pronome inovador predomina nas cidades nas cidades de Blumenau e

¹⁸ Os trabalhos de Menon, Setti e Godoy analisaram apenas as variantes indeterminadoras *nós* e *a gente*.

¹⁹ Ocorrências Alternadas.

Lages, e tem um uso mais reduzido na cidade mais interiorana, Chapecó. Destacamos aqui que a cidade de Chapecó localiza-se no oeste de Santa Catarina, próxima de Concórdia, nossa comunidade de estudo.

Tamanine (2002) também analisou neste trabalho a influência do fator *tipo de verbo* na escolha da variante; para tanto os classificou em *dicendi*, de *estado*, de *ação* e *epistêmicos*. Enquanto que os verbos *dicendi* apresentaram o maior peso relativo para o uso de *a gente* (.57), os verbos de *estado* favoreceram o uso de *nós* (.61). A autora fez um levantamento geral sobre o tempo dos verbos de *estado* acompanhados do pronome *nós* e encontrou, em maior número de ocorrências, os verbos no *presente do indicativo* e flexionados com – *mos*: *somos*, *estamos* e *ficamos*. Segundo ela, tais verbos parecem inibir o uso de *a gente* justamente por sua frequência, pois sendo as formas verbais mais usadas, resistiriam por estarem mais associadas à forma antiga e não à forma inovadora.

Em relação ao quarto grupo de fatores selecionado, a *determinação*, os resultados mostraram que a probabilidade de *indeterminação* de *a gente* diminui nas *sequências* (.60 nas OA e .64 nas OI), o que pode indicar, segundo Tamanine, que o ambiente das *sequências* inibe a *indeterminação*. A análise também mostrou que os resultados da *determinação* estão próximos de .50 para as duas variantes, o que parece significar, segundo a autora, que o uso de *nós* ou de *a gente* é praticamente aleatório, com o pronome *a gente* já penetrando mais no campo da *determinação*.

Considerando o fator *sexo*, selecionado nas ocorrências *isoladas*, Tamanine (2002) verificou uma tendência levemente superior do uso de *a gente* para as mulheres, com peso de .52, enquanto os homens apresentaram um maior uso de *nós* (.53). A autora destaca que, como a probabilidade de uso de *a gente* por homens e mulheres encontra-se próxima do ponto neutro, isso indica que o *sexo* não atuou significativamente na alternância entre o uso de *nós* e de *a gente* em ocorrências isoladas. No entanto, nos resultados das *sequências binárias e ternárias* (rodadas que realizou somente com as *sequências*) foram os homens que apareceram na vanguarda da mudança. No paralelismo *a gente/a gente*, os homens apresentaram .60 de aplicação e as mulheres .41. Nas *sequências ternárias* os homens também apresentaram uma maior tendência para o uso de *sequências* de pronomes que se iniciam por *a gente* (.58), enquanto para as mulheres a probabilidade de uso de *a gente* foi de .43; o ambiente das *sequências* favoreceu, portanto, o uso de *a gente* pelos homens.

Quanto à *escolaridade*, Tamanine destaca que sua seleção na rodada em que foram agrupadas as *ocorrências isoladas* e as *sequências* pode indicar que este fator interfere no uso dos pronomes quando em *sequência*. Contudo, os níveis de escolaridade não

apresentaram diferença muito significativa no uso dos pronomes, os resultados do *primário* e *ginásio* ficaram próximos do ponto neutro, com probabilidades de aplicação de *a gente* de .48 e .52, respectivamente; o *secundário* apresentou peso de .50, ou seja, no ponto neutro. Segundo a autora, esses resultados nas *sequências* indicam uma tendência de uso aleatório entre *nós* e *a gente*, especialmente entre os informantes com o nível de instrução mais alto de sua amostra.

No Rio Grande do Sul, Borges (2004) estudou a gramaticalização de *a gente* no português brasileiro a partir de onze peças de teatro de autores gaúchos e de 60 entrevistas, 24 referentes à cidade de Jaguarão (Banco de dados: BDS Pampa) e 36 de Pelotas (VarX). Os resultados da análise geral dos dados apontaram 72% de frequência de uso de *a gente* em Pelotas, e 53% em Jaguarão, o que, segundo Borges, favorece a hipótese de que as mudanças se propagam dos centros maiores para os menores. Esta hipótese também se confirma na análise de Tamanine apresentada acima, já que nas cidades maiores de SC o uso da forma inovadora *a gente* prevaleceu, enquanto no interior predominou o pronome *nós*.

As variáveis linguísticas analisadas por Borges (2004) foram dispostas em três conjuntos:

- 1) variáveis associadas ao estilo/discurso: *referência semântica do sujeito, discurso reportado e plano discursivo*.
- 2) variáveis associadas à sintaxe: *posição do sujeito na frase, paralelismo formal, oração em frase, e tipo de sentença*.
- 3) variáveis associadas à morfofonologia: *saliência fônica, tempo verbal, tonicidade, concordância com o verbo, contexto fonológico e tipo de fala*.

Quanto às *variáveis sociais*, o autor considerou em seu estudo: *gênero, faixa etária, classe social e localidade*. Dentre os fatores selecionados no trabalho de Borges, destacaremos aqueles que se mostraram mais significativos na análise do *corpus* oral.

Na análise das *variáveis linguísticas*, o grupo de fatores da variável *paralelismo formal* foi selecionado em primeiro lugar. Tanto em Jaguarão como em Pelotas, o fator que mais favoreceu o uso de *a gente* foi ‘*a gente na oração anterior*’, independentemente do referente²⁰. Em Jaguarão, este fator ficou com peso relativo de .73, tanto para referente igual como diferente; já em Pelotas, sobressaiu-se *a gente* com referente igual, com peso relativo de .88, bem superior ao peso relativo de .58 para esse fator com referente diferente. Para Borges, o *paralelismo* não pode ser entendido apenas como um processo, até certo ponto mecânico, de preservação de estruturas na frase, pois, como seus resultados sugerem, o

²⁰ Borges associa o *paralelismo formal* ao tipo de *referente* (ou *referência semântica do sujeito*), para tanto analisou em seus dados os seguintes fatores: *a gente/nós/Ø* com o mesmo referente na oração anterior, e *a gente/nós/Ø* com outro referente na oração anterior.

paralelismo estaria relacionado à manutenção da continuidade do discurso em função da manutenção da referência no plano discursivo.

A variável *tonicidade* foi a segunda variável selecionada, tanto em Jaguarão, como em Pelotas, seguida da variável *saliência fônica*. Em Jaguarão, 59% das ocorrências de verbos nos quais as formas proparoxítonas de primeira pessoa do plural ocorrem, foram evitadas com a utilização de *a gente*. Em Pelotas o percentual foi bem maior, chegando a 81%. Os verbos *monossílabos tônicos* e *oxítonos* favoreceram o uso de *a gente* com peso relativo de .89 para Jaguarão e de .79 para Pelotas. Os verbos *paroxítonos* desfavoreceram a aplicação de *a gente* nas duas comunidades (.22 e .24, respectivamente).

Quanto à variável *saliência fônica*²¹, os resultados de Borges (2004) demonstraram que a aplicação de *a gente* é maior nos níveis em que é menor a oposição entre P3 (-V) – que se combina com *a gente* – e P4 (-Vmos) – que se combina com *nós*. Em Jaguarão, os níveis 1, 2 e 3 amalgamados ficaram com .52, o nível 4 com .75 e os níveis 5, 6 e 7, com apenas .30. Em Pelotas, os resultados foram semelhantes aos de Jaguarão, sendo que os níveis 1, 2 e 3 ficaram com .63, o nível 4 com .72 e os níveis 5, 6 e 7, juntos, com apenas .26. Os resultados obtidos corroboraram a hipótese de Borges, de que “o uso de *a gente* será menor quando, nas formas verbais, existir menor *saliência fônica*”. Isto significa que os níveis 1, 2 e 3, onde há menor diferença entre P3 e P4 (cf. *falar* x *falarmos*, *falava* x *falávamos*), favorecem o uso de *a gente*, e os níveis de maior diferença entre P3 e P4 (níveis 5, 6 e 7, cf. *está* x *estamos*, *falou* x *falamos*, *é* x *somos*) favorecem o uso de *nós*.

O fato de Borges (2004) opor, em seu trabalho, *a gente está* x *nós estamos*, *a gente é* x *nós somos*, etc., nos faz retomar o questionamento de Omena (1998) e Menon (notas de comunicação oral) acerca da pertinência da *saliência fônica*, uma vez que pode-se perguntar, neste caso, se o falante não seleciona o todo (*pronome + verbo*) e não o pronome a partir da escolha do verbo, como prevê a análise da *saliência fônica* proposta pelo autor.

Considerando a *referência semântica do sujeito*, Borges trabalha de início com cinco²² fatores, que depois são reagrupados em três, conforme apresentamos a seguir:

²¹Os seguintes níveis de *saliência* foram considerados na análise de Borges (2004): 1.a mesma forma para ambas as pessoas: cantando; 2. infinitivo com acréscimo da forma -mos : cantar/ cantarmos; 3. conservação da sílaba tônica e acréscimo da desinência –mos: falava/falávamos; 4. deslocamento do acentoônico e acréscimo da desinência –mos: fala/ falamos; 5. monossílabos tônicos ou oxítonos que passam a paroxítonos: está/ estamos, tem/ temos; 6. redução dos ditongos finais em vogais, com acréscimo da desinência –mos: cantou/ cantamos; 7. diferenças fonológicas acentuadas: veio/ viemos, é/ somos.

²² Um dos fatores, ‘*eu + pessoa + não-pessoa*’, não apresentou nenhuma ocorrência e foi descartado da análise.

1. referência específica ao falante (=eu) e 2. referência específica inclusiva (eu + pessoa);
3. referência específica exclusiva (eu + não-pessoa);
4. referência genérica (eu + todo/ qualquer indivíduo) (BORGES, 2004, p.144)

O autor verificou um favorecimento para o uso de *a gente* nos dois extremos, isto é, nos contextos de referência *genérica* e nos contextos em que o grau de *pessoalização* é maior (1 e 2). Com *referência genérica*, os resultados em percentuais e pesos relativos, tanto em Jaguarão (75% / .65) como em Pelotas (93% / .73) mostraram um favorecimento do pronome *a gente*. Nos contextos de maior *pessoalização*²³ (1 e 2) o pronome *a gente* também foi favorecido em Jaguarão (80% / .73) e Pelotas (78% / .66). Segundo Borges, apesar do número reduzido de ocorrências, esses valores indicam a existência de um fato novo, por mostrar que o uso de *a gente* também é funcional no contexto de *referência específica inclusiva*, tradicionalmente associado ao pronome *nós*. Nos casos de *referência exclusiva* (eu + não pessoa), o uso de *nós* é favorecido em peso relativo, tanto em Jaguarão (.62 / 35%), como em Pelotas (.56 / 25%), embora os percentuais para esse pronome sejam bastante reduzidos.

Dentre as *variáveis sociais*, os resultados para a *faixa etária* favoreceram a hipótese de que os falantes mais jovens tendem a utilizar mais a forma inovadora *a gente*. As duas cidades apresentaram resultados semelhantes para os mais jovens (16 a 25 anos): Jaguarão apresentou um percentual de 76% e peso relativo de .70; Pelotas, um percentual de 86% e peso relativo de .71. Já entre os falantes de 26 a 49 anos, Borges notou uma leve diferença de comportamento em relação ao uso da variante *a gente*: em Jaguarão, o percentual ficou em 70% e o peso relativo em .47, próximo do ponto neutro; em Pelotas, o percentual foi de 82% e o peso relativo de .56. Quanto aos falantes acima de 50 anos, Borges (2004, p.148) verificou que “os pesos relativos para as duas comunidades mostraram ser esta faixa etária a que menos favorece o uso de *a gente*”. Os resultados em pesos relativos foram de .27 para Jaguarão e de .29 para Pelotas. Pode-se observar, em todos os trabalhos apresentados até o momento, um favorecimento no uso do pronome inovador *a gente* pelos falantes mais jovens, tendência essa também confirmada no trabalho de Borges (2004).

A variável *classe social* também foi selecionada como estatisticamente significativa nas duas comunidades analisadas. Borges notou, no entanto, que a distribuição do uso de *a gente* por classe social não é equilibrada e que há uma inversão quanto ao seu favorecimento nas duas comunidades: em Jaguarão, o uso de *a gente* é favorecido pela *classe baixa*, com

²³ Os fatores 1 e 2 amalgamados apresentaram um número reduzido de ocorrências (somente 10 ocorrências num total de 1.263 em Jaguarão, e 18 num total de 1.560 em Pelotas).

peso relativo de .67, mas em Pelotas pela *classe média-alta*, com peso relativo de .76. O autor destaca que esta variável, ao contrário das tratadas anteriormente, apresenta diferenças substanciais nos resultados para as duas comunidades: em Pelotas a mudança vem de ‘*cima para baixo*’, pois é a *classe média-alta* a que mais favorece *a gente*, conferindo maior prestígio à forma inovadora; já em Jaguarão o processo é inverso, a mudança ocorre de ‘*baixo para cima*’, ou seja, é a classe *baixa* que favorece o pronome inovador *a gente*.

O último trabalho sobre *nós/a gente* que apresentamos aqui é o de Tamanine (2010). A autora, além da análise da variação *nós/a gente* em cidades do interior de SC, já apresentada, realiza uma análise da variação *nós/ a gente* na posição de sujeito e da gramaticalização de *a gente* em Curitiba, a partir de dados do Projeto VARSUL. Os resultados desta análise fazem parte de sua tese defendida em 2010. A amostra foi composta por 32 entrevistas de falantes curitibanos, distribuídas por duas faixas etárias (A - 25 a 49 anos e B - 50 anos ou mais) *sexo masculino e feminino* e quatro níveis de escolaridade: *primário, ginásio, secundário e ensino superior*. Considerando a variação *nós/ a gente* na função de sujeito, a autora definiu como objetivos centrais:

- 1) investigar os usos desses pronomes em contextos de *ocorrência isolada e ocorrências em paralelismo pronominal binário, ternário ou eneário*, assim como em *tipos textuais*, a saber, *narração, descrição, dissertação e injunção*;
- 2) no âmbito da gramaticalização de *a gente*, investigar o processo de redução fonética representado pela variação *a gente > a ‘ente > ‘ente > ‘te* e outras realizações reduzidas que porventura forem encontradas. (TAMANINE, 2010, p.15)

Os condicionamentos linguísticos analisados foram: *preenchimento e não-preenchimento das formas; determinação e indeterminação do referente; tipo de verbo; tipos de perífrases, tempo e concordância verbal, tipo de discurso e tipos de texto*. Quanto aos sociais, *sexo, faixa etária e escolaridade dos informantes* foram os fatores controlados.

A autora encontrou em seus dados, entre formas *expressas* (com os pronomes *nós/a gente* explícitos) e *não-expressas* (com os pronomes *nós/a gente* implícitos), 2.084 dados na função de sujeito, sendo 54% de *a gente* e 46% de *nós*. Tamanine (2010) analisou também a distribuição dos pronomes em *ocorrências isoladas e paralelismos*, e verificou que as *ocorrências isoladas*, com 777 ocorrências, representaram a maior parte da amostra, 37%; em seguida apareceu o *paralelismo binário*, com 558 dados, e percentual de 28%; o *paralelismo eneário* com 392 dados e percentual de 19%; e, por fim, o *paralelismo ternário*, com o menor número de ocorrências, 357 dados e percentual de 17%. Tamanine destaca

ainda que o agrupamento das ocorrências em paralelismo representa 67% do *corpus* (1.307 ocorrências), ou seja, quase chega ao dobro do número de ocorrências isoladas.

Os resultados da rodada geral apontaram a seguinte ordem de seleção dos grupos de fatores: 1. *tonicidade*; 2. *tempo verbal*; 3. *faixa etária*, 4. *tipo de texto*; 5. *perífrases*; 6. *verbos plenos*; 7. *sexo*; 8. *determinação*; 9. *discurso reportado* e 10. *escolaridade*.

A *tonicidade* foi estatisticamente o fator mais relevante na rodada, selecionado em 1.º lugar. Os resultados apontaram uma divisão polarizada entre o uso de *nós* e de *a gente*, este altamente favorecido com *monossílabos tônicos* e *átonos* (amalgamados) com peso relativo de .97; e *oxítonos*, com peso de .99; ou seja, com verbos de menor saliência fônica. Nas *paroxítonas*, o resultado de .23 desfavoreceu *a gente*, favorecendo o uso de *nós* em .77. Para Tamanine, os pesos relativos contemplam a hipótese defendida de que os verbos de menor material fônico condicionariam a presença de *a gente*. Considerando o fator *tonicidade*, resultados semelhantes ao de Tamanine (2010) foram encontrados por Borges (2004) em Pelotas e Jaguarão.

Em relação ao *tempo verbal*, 2.º grupo selecionado na rodada, o *gerúndio* (.94) e o *pretérito imperfeito* do subjuntivo (.82), com reduzido número de ocorrências, apresentaram os maiores pesos relativos para *a gente*. O *pretérito imperfeito do indicativo* destacou-se com .75 a favor de *a gente*, enquanto o *presente do indicativo* desfavoreceu o uso deste pronome, com .40. Segundo Tamanine, este resultado contrariou a hipótese de que *a gente* seria favorecido com o presente, possibilitando ao falante evitar a ambiguidade na referência temporal *presente/pretérito perfeito* quando do uso de *nós* (*nós falamos* x *a gente fala/falou*). O *pretérito perfeito* também desfavoreceu o uso de *a gente*, com .18, ou seja, favoreceu o uso de *nós* em .82.

Quanto à *perífrase*²⁴, 5.º grupo selecionado, a maior probabilidade de aplicação de *a gente* foi de .90 para *IR + NDO*. A perífrase *ter que +R* também se apresentou como um contexto favorecedor de *a gente*, com .66 de aplicação, já o uso de *nós* foi favorecido com *ir + R* (.74). Em relação aos *verbos plenos*, Tamanine verificou os seguintes resultados: a) o verbo *saber*, o mais relevante para a aplicação de *a gente* (.90), apresentou um uso quase categórico com o pronome inovador; b) o resultado para o fator *outros* (.65) envolveu uma gama diversa de verbos e não permitiu observações mais objetivas; c) *morar*, *ter*, *ser* e *estar*,

²⁴ Para a análise das *perífrases*, Tamanine (2010) considerou as ocorrências de verbos compostos por V1 + V2 na forma do infinitivo para V1 (*ter*, *ir*, *estar* etc.) + flexão verbal de V2 (R = infinitivo; NDO = gerúndio; DO = particípio passado).

verbos *estativos*, não favoreceram *a gente*, mas sim o uso de *nós*, conforme observação inicial lançada em Tamanine (2002).

O grupo de fatores *tipo de texto* foi o 4º. selecionado na rodada estatística geral e o 1º. entre as variáveis relacionadas ao *estilo-discurso*. O *texto dissertativo* destacou-se no favorecimento de *a gente*, com peso relativo de .58, os textos *injuntivo* (.60) e *descritivo* (.75) favoreceram o uso de *nós*. Esse alto favorecimento do uso de *nós* no *texto descritivo*, segundo Tamanine, pode estar relacionado ao uso de *verbos estativos*, frequentes nesse tipo de texto e já identificados na rodada como contextos de favorecimento do uso de *nós*. Já a *narração* encontra-se no ponto neutro, o que indica um ambiente de plena variação entre os dois pronomes. A autora destaca ainda que a *narração* foi o único *tipo de texto* que não apresentou maior especialização de uso entre os pronomes, sendo ambos de igual relevância.

Em relação à *determinação*, a autora verificou que *a gente* apresentou .60 de probabilidade de ser *indeterminado*. Na *determinação* ela detectou uma situação de neutralidade, com resultados próximos de .50 (.46 para *a gente*). De acordo com a autora (2010, p. 170): “Na amostra de Curitiba, a entrada de *a gente* na *determinação* (.46) acontece ao mesmo tempo em que a probabilidade do uso de *nós* na *indeterminação* também se aproxima do ponto neutro (.40)”.

Em relação aos *fatores sociais*, os resultados da análise do falar de Curitiba mostraram que o uso do pronome inovador *a gente* é favorecido pela faixa etária mais jovem (.70), pelos falantes de escolaridade *secundária* (.57) e pelo sexo *feminino* (.55). Quanto ao pronome *nós*, este predomina entre os falantes mais velhos (.67) e com escolaridade *primária* (.57).

Nos trabalhos sobre a variação *nós/a gente* apresentados nos tópicos 2.3 e 2.4 acima, apesar dos diferentes fatores analisados, pôde-se observar que o uso destas variantes apresenta alguns resultados que indicam uma mesma tendência em diferentes regiões do Brasil: em relação à análise das *variáveis sociais*, a começar pela *faixa etária*, embora os estudos apresentem diferentes grupos etários, isso não impede que se perceba indícios de uma mudança em progresso, já que os resultados obtidos em todos esses estudos apontam os falantes mais jovens como favorecedores do pronome inovador *a gente*; em relação ao fator *sexo*, as mulheres também aparecem, na maioria dos trabalhos, como favorecedoras do pronome inovador, não apresentando restrições quanto ao seu uso, o que parece indicar que esta forma (*a gente*) é não-marcada, ou seja, aparentemente não apresenta nenhuma valoração negativa nas localidades analisadas.

Os trabalhos apresentados nesta seção, além de resultados bastante significativos para o conhecimento da variação pronominal *nós/a gente* no PB, contribuíram para o estabelecimento de determinadas linhas de pesquisa e nortearam vários estudos realizados posteriormente sobre a variável *nós/a gente*, inclusive o nosso. No tópico seguinte, apresentamos alguns dos estudos realizados sobre a variação *tu/você* no português do Brasil e, posteriormente, da região Sul, a qual também é objeto de nossa pesquisa.

2.5 O uso de *tu/ você* no português do Brasil

A variação *tu/você* no português do Brasil também tem sido objeto de estudo de várias pesquisas. Apesar de muitas afirmações generalizantes, e muitas vezes sem fundamento, sobre o uso dos pronomes de 2.^a pessoa do singular no PB, conforme já destacou Menon (2000), percebe-se, através de pesquisas realizadas sobre os pronomes *tu/você*, que há uma grande diversidade no uso desses pronomes, não somente de uma região para outra como também, muitas vezes, na mesma região, ou em localidades bastante próximas.

A alternância *tu/você* já não é mais observada em todas as variantes do PB. Segundo Menon (1994), em São Paulo, conforme dados do NURC, apenas o *você* faz parte do sistema pronominal dos falantes, o que também já foi atestado no falar de Belo Horizonte (cf. RAMOS, 1997) e no de Curitiba (cf. LOREGIAN, 1996). Apesar desse processo de mudança ter sido verificado nesses e outros falares do PB, Menon (2000, p. 125) questiona a afirmação de que o *você* teria substituído o *tu* na maior parte do Brasil e, também, a de que o *tu/ você* constituem uma variável no PB, já que em alguns dialetos somente uma das formas ocorre, como mencionado acima. Segundo essa autora, o fato de não dispormos suficientemente de levantamentos e de estudos sincrônicos de várias épocas do PB, não permite afirmar que uma forma tenha substituído a outra, já que para isso teríamos que comprovar que as duas formas coexistiram em um período anterior ao atual; a afirmação de que estaria ocorrendo a *substituição* de *tu* por *você* em todos os falares do PB também é questionada por Menon (2000, p. 159), já que essa não parece ser a tendência verificada em falares do Rio Grande do Sul, onde o *tu* se manteria como um marcador de identidade e de valores regionais.

Após esta breve exposição de alguns dos questionamentos levantados por Menon (2000) a propósito das variantes *tu/ você*, apresentaremos nesta seção alguns trabalhos sobre o uso de *tu/você* no PB, detalhando, especialmente, os que serão retomados ao longo deste estudo. Iniciamos com a apresentação do trabalho de Paredes Silva (2003), com dados do Rio

de Janeiro, seguido do de Lucca (2005), que analisou dados de falantes *jovens* e do sexo *masculino* de Brasília.

Paredes Silva (2003) analisou a variação *tu/você* na fala carioca a partir de gravações de conversas (ocultas) realizadas entre setembro de 1995 e março de 1996, e comparou seus resultados com dados do acervo PEUL/UFRJ, coletados em épocas distintas, no início da década de 80 (*corpus* Censo), e em 1989-1990 (*corpus* BDI - Banco de Dados Interacionais).

Segundo a autora, o fato da forma reduzida *cê* ultrapassar em frequência de uso a forma plena *você* na fala carioca, fez com que o falante passasse a usar a forma mais forte *tu*, para melhor marcar a referência ao interlocutor. Em suas palavras: “através do pronome *tu* o falante estaria resgatando um monossílabo tônico para competir, com vantagem, com o clítico *cê* na função de atrair a atenção do interlocutor e compensar a perda de corpo fônico que se vem assinalando” (PAREDES SILVA, 2003, p. 165).

Nos dados do *corpus* Censo, Paredes Silva observou que em quase a metade das entrevistas (46%) o pronome *tu* não foi usado uma única vez, e apenas 5 falantes (10% do total) apresentaram mais de 10 ocorrências deste pronome. Segundo ela, duas interpretações seriam possíveis para explicar esses resultados: 1) no início dos anos oitenta, época em que as gravações foram feitas, talvez o emprego do *tu* não estivesse tão difundido; e, 2) o gênero do discurso utilizado, entrevista, não favorece o aparecimento do pronome referindo-se a segunda pessoa, mas propicia principalmente o uso dos pronomes com valor genérico.

Os estudos sobre a gramaticalização de *você*, apresentados no tópico 2.2, mostraram que a partir dos anos 30 do século XX este pronome provavelmente já representava a principal estratégia de referência ao interlocutor no Rio de Janeiro, sendo que somente no final do século foi verificado um retorno ao uso do pronome *tu*, e com a forma verbal *não marcada* (cf. LOPES 1998 e MACHADO, 2008). Isto reforça a primeira explicação de Paredes Silva em relação ao uso reduzido de *tu* no *corpus* Censo, cujas gravações foram realizadas nos anos 80.

Quanto ao gênero do discurso, certamente *conversas informais* tendem a propiciar um aparecimento muito maior de pronomes de 2.^a pessoa; já a *entrevista*, por centrar-se principalmente no informante não favorece, inicialmente, o emprego desses pronomes. Acreditamos, porém, que a forma como é realizada a entrevista, o grau de proximidade entre o entrevistador e o entrevistado e a situação e local em que a entrevista se realiza, também podem influenciar no aparecimento ou não dos pronomes de 2.^a pessoa do singular, *tu* e *você*.

Paredes Silva (2003) ressalta, entretanto, que da mesma maneira que no *corpus* Censo, as gravações realizadas em 1989-1990 (*corpus* BDI), onde os participantes eram amigos ou conhecidos, também apresentaram um número insignificante de ocorrências de *tu*, apenas cinco, num total de seis entrevistas analisadas. A autora acredita que o fato do material ter sido colhido com a autorização prévia dos falantes, provavelmente tenha inibido o uso da forma não-padrão, com o pronome *tu*. Já a observação assistemática do uso de pronomes de 2.^a pessoa nas mais diversas situações e de diferentes faixas etárias (*corpus* Paredes96) apontaram um uso crescente do pronome *tu*. Nas palavras da autora: “À primeira vista, o fenômeno poderia parecer típico de jovens, ou de camadas sociais mais baixas. (...) Entretanto, nossa suspeita é a de que tal uso se alastra na área do Rio de Janeiro, ultrapassando as barreiras de idade e grupo social.” (PAREDES SILVA, 2003, p.163).

A amostra Paredes96 foi constituída utilizando-se um gravador oculto, foram oito gravações de cerca de 20 minutos cada uma e com 12 informantes. O total de referências pronominais de 2.^a pessoa foi de 368, sendo que o pronome *tu* representou 65% das ocorrências. Comparando o *corpus* Paredes96 com as amostras PEUL, a autora observou, inicialmente, uma grande diferença na distribuição das variantes. O *corpus* Censo e BDI-PEUL apresentaram somente 6% e 3%, respectivamente, de ocorrências do pronome *tu*, já no *corpus* Paredes96 o *tu* predominou, com 65% das ocorrências. A autora destaca, ainda, que na amostra Paredes96, 68% dos usos são de natureza específica, contrariamente aos índices de 10% da amostra Censo, resultados que, segundo ela, seriam influenciados pelo *gênero do discurso* utilizado (entrevistas e gravações não ocultas nos *corpus* Censo e BDI-PEUL, e gravações secretas no *corpus* Paredes96) na composição das amostras.

Considerando a análise das *variáveis sociais*, Paredes Silva destaca a importância da variável *gênero/sexo*, a primeira selecionada pelo programa estatístico. A autora lembra que, na perspectiva dos estudos sociolinguísticos, os homens têm se mostrado na vanguarda da mudança na direção de formas *não-padrão*, como é o caso da variação em estudo, onde a forma inovadora *tu*, com verbo na 3.^a pessoa do singular, segundo a autora, provoca forte estigma social pela falta de concordância verbal. Seus resultados mostraram que os homens detêm o predomínio no uso do *tu*, tanto no *corpus* Censo, apresentando um peso relativo de .72, quanto no *corpus* Paredes96, onde eles apresentaram uma probabilidade de uso do *tu* de .57. Em relação à *faixa etária*, no *corpus* Paredes96, o uso do *tu* foi favorecido principalmente pelos falantes de 20 a 29 anos, com peso relativo de .60, enquanto a faixa entre 10 a 19 anos teve menor efeito favorecedor, com peso de .50, e a faixa dos 30 a 39 anos desfavoreceu o uso do *tu*, com peso de .28.

Seguindo o mesmo modelo das entrevistas feitas para o *corpus* Censo e visando a um estudo da mudança linguística em tempo real de curta duração, vinte anos depois o PEUL constituiu um novo *corpus*, denominado *Tendência*. Na amostra *Censo* as faixas etárias mais jovens (7 a 14 anos e 15 a 25 anos) favoreceram o uso do *tu* (.61), e na amostra *Tendência* os informantes da faixa etária de 15 a 25 anos e de 26 a 49 anos, que eram os mais jovens na época do *Censo*, permaneceram com os pesos relativos mais altos (.64 e .50, respectivamente). Segundo Paredes Silva a comparação dos resultados parece apontar para uma possível mudança em curso: uma tendência à generalização do emprego do *tu* em todas as faixas etárias.

Já o trabalho de Lucca (2005) tratou da variação *tu/você* somente na fala de jovens. Os dados (gravações ocultas) foram coletados entre falantes *jovens* (de 15 a 19 anos) do *gênero masculino*²⁵ da rede pública de ensino de três regiões administrativas do Distrito Federal: Ceilândia, Taguatinga e Brasília. A autora analisou 182 minutos de gravações: cerca de 55 minutos com falantes de Ceilândia, 82 minutos com falantes de Taguatinga e 45 minutos com falantes da região administrativa de Brasília.

A análise dos dados apontou apenas duas variáveis linguísticas como estatisticamente relevantes na variação pronominal *tu/você*: *paralelismo formal* e *tipo de estrutura*, já em relação às variáveis sociais, foram selecionadas pelo programa estatístico: *tipo de relação entre os pares*; *familiaridade com o tema*; *região administrativa* e *gênero do falante*.

Os resultados gerais mostraram que a fala dos jovens brasilienses, em especial do *gênero masculino*, favorece o uso do pronome *tu*, pois este apresenta uma frequência de uso de 72%, em contraposição ao uso do pronome *você*, que representa apenas 28% das ocorrências. A autora destaca ainda que o *input*, ou média global corrigida, é de .77, ou seja, o *tu* tende a ser o pronome mais usado na referência de 2.^a pessoa com um peso relativo de .77.

O *gênero* do falante foi o primeiro fator selecionado pelo programa estatístico e os resultados mostraram que o *tu* é mais usado entre falantes do *gênero masculino*. Os resultados indicaram ainda que as *falas reais masculinas* favorecem o uso do *tu* com peso de .55, mais do que as *falas masculinas retomadas* por rapazes, com peso de .40. Já as *falas femininas retomadas* por rapazes têm efeito desfavorecedor sobre o uso do *tu*, com peso de .18, mas que é ainda maior que as *falas reais femininas*, que apresentam um peso relativo de

²⁵ Segundo Lucca (2005), os dados foram coletados entre falantes *jovens* do *gênero masculino* por ser este considerado o grupo social que mais se apropriou do uso do *tu* no Distrito Federal.

somente .09 para o pronome *tu*. Salienta-se, porém, que as ocorrências de *falas reais femininas* no trabalho de Lucca (2005) são muito reduzidas (17/453), pois seus dados foram coletados em conversas cotidianas entre rapazes e, só eventualmente, entre falantes de gêneros opostos.

Considerando *o tipo de relação entre os interlocutores*, a hipótese inicial de Lucca (2005) era que o pronome *tu* tenderia a ser usado em um estilo amplamente informal, típico de relações entre *pares solidários*, sendo que seu uso diminuiria conforme a necessidade de se prestar mais atenção à fala e adequá-la ao seu interlocutor. Os resultados confirmaram sua hipótese e mostraram que a *solidariedade entre os pares* é um fator que favorece a ocorrência de *tu* em um grau bem mais elevado que os demais: a relação entre *pares solidários* teve um efeito mais forte sobre o uso do pronome *tu*, com peso relativo de .57. Os outros fatores analisados por Lucca (2005) desfavoreceram o uso deste pronome (peso relativo de .22 para *pares em relação não solidária*, .21 de *superior para inferior* e .34 de *inferior para superior*), resultados que, segundo a autora, evidenciam a tendência de o falante não usar o pronome *tu* quando não está envolvido em uma interação solidária.

Em relação à *familiaridade com o tema do discurso*, quarto grupo selecionado, o uso do *tu* predominou com *temas mais familiares* (.52), comprovando a hipótese da autora; já os temas *menos familiares*, tiveram um efeito altamente desfavorecedor sobre o uso deste pronome, com peso de .17.

Quanto à *região administrativa (RA) do falante*, quinta variável selecionada, os resultados indicaram que os falantes de Ceilândia tendem a selecionar mais o pronome *tu*, apresentando uma frequência de uso do *tu* de 86%, contra 66% para os falantes de Taguatinga e 68% para os falantes de Brasília. Já a probabilidade de uso do *tu* em Ceilândia foi de .68, bem superior ao peso relativo de .43 obtido para este pronome em Taguatinga e Brasília. Segundo a autora, uma explicação para esse fato pode ser a origem dos pais dos falantes de Ceilândia, pois 65,5% deles são do Nordeste, onde predominaria o uso de *tu*.

Considerando as variáveis *linguísticas*, Lucca (2005) verificou que os resultados do *paralelismo linguístico*, segundo grupo de fatores selecionado pelo programa, mostram que o fator que mais favorece a ocorrência de *tu* é o *primeiro item da série*, com peso relativo de .58. O fator *não primeiro precedido* de *tu* também tem efeito favorecedor sobre a seleção do *tu*, com peso relativo de .56, enquanto o fator *não primeiro precedido* de *você* desfavorece o uso do *tu* com peso de .33. Segundo a autora, esses resultados podem indicar a tendência ao

paralelismo, pois mostram que a ocorrência do pronome *tu* favorece a ocorrência de outro *tu*, assim como a ocorrência de *você* favorece a ocorrência de outro *você*.

O tipo de estrutura, que analisa a classificação das estruturas frasais segundo a entoação do falante, foi o último dos seis fatores selecionados pelo programa estatístico. Os resultados apresentam as estruturas *exclamativas*²⁶ como altamente favorecedoras do uso do pronome *tu*, com peso relativo de .87, seguidas pelas *interrogativas* com .54, já as estruturas *declarativas* favoreceram o pronome *você* (.57). Esses resultados confirmaram a hipótese de Lucca, de que as estruturas *interrogativas* e *exclamativas* favorecem as ocorrências de *tu* por terem um caráter mais emotivo e, portanto, refletirem um estilo menos monitorado que as estruturas *declarativas*.

Os resultados da pesquisa de Lucca (2005) apontam para um uso elevado de *tu* na fala de jovens brasileiros (72% e .77). O *sexo* foi, tanto na pesquisa de Lucca quanto na de Paredes Silva (2003), o primeiro fator selecionado como estatisticamente significativo, e os resultados de Lucca, também como os de Paredes Silva, mostraram que os falantes do sexo *masculino* têm efeito favorecedor sobre o uso do pronome *tu*, com peso de .57, enquanto as *mulheres* desfavorecem o emprego desse pronome, com peso de .43. Além disso, nota-se que tanto na fala carioca quanto na dos jovens brasileiros, a flexão verbal de *tu* é *não-marcada*, caracterizando uma mudança na direção de formas *não-padrão*, que na perspectiva dos estudos sociolinguísticos são geralmente favorecidas pelos homens.

Apresentamos, a seguir, alguns estudos que trataram da alternância *tu/você* na região Sul do Brasil.

2.6 O uso de *tu/ você* na região Sul

A região Sul apresenta uma grande diversidade de usos de pronomes de 2.^a pessoa, conforme apontam alguns trabalhos. Apresentamos, primeiramente, neste tópico, o estudo de Ramos (1989) sobre as *formas de tratamento* no falar de Florianópolis; em seguida, o trabalho de Menon (2000), que faz uma análise do uso das formas de tratamento no romance *Vinhas da Ira*²⁷, cuja primeira tradução, datada de 1940, reflete, segundo a autora, a fala da primeira metade do século XX no Rio Grande do Sul. Em seguida apresentamos os trabalhos de Menon e Loregian-Penkal (2002) que analisaram a variação pronominal *tu/você* no falar das

²⁶ Lucca considerou como *estruturas exclamativas* as sentenças que continham algum tipo de declaração, mas entoadas de forma exclamativa, dependendo em larga medida da emoção com que se falava.

²⁷ Romance de John STEINBECK, traduzido por Ernesto Vinhaes e Herbert Caro. Porto Alegre: Livraria do Globo.

três capitais do Sul e de três cidades do interior de Santa Catarina (Lages, Blumenau e Chapecó); e o estudo de Loregian-Penkal (2004) que incluiu além das três capitais do Sul, cidades do interior de Santa Catarina (Lages, Blumenau, Chapecó e Ribeirão da Ilha), e do Rio Grande do Sul (Flores da Cunha, Panambi e São Borja). Loregian (1996), também realizou uma análise da concordância verbal com o pronome *tu* na fala de três localidades do Sul do Brasil (Porto Alegre, Florianópolis e Ribeirão da Ilha). Destaca-se que o trabalho de Loregian (1996) foi o primeiro a tratar dessa variação com base nos dados do VARSUL e nos moldes labovianos.

O estudo de Ramos (1989), um dos primeiros a analisar as formas de tratamento no falar de Florianópolis, foi realizado a partir de uma amostra constituída por 36 entrevistas, distribuídas por *sexo*, *três faixas etárias: 20 a 35 anos, 36 a 50 anos e 51 anos em diante*; e *três níveis de escolaridade: primário, secundário e universitário*. A fim de obter resultados satisfatórios para a pesquisa, a autora realizou testes que consistiam em mostrar fotografias de diversas pessoas (em seu local de trabalho e na rua) aos informantes que deveriam dirigir-se a essas pessoas pedindo-lhes alguma informação.

A pesquisa de Ramos trouxe constatações reveladoras para a época, pois, entre outras coisas, seus resultados²⁸ mostraram que os falantes omitem muito o pronome de tratamento sujeito: 40% do total de ocorrências (427) foram realizadas com o *grau zero* da forma de tratamento, ou seja, uso de uma forma verbal não marcada sem pronome sujeito. A autora constatou também um maior uso do pronome *você* (31%), seguido de *tu* (20%) e por último, de *senhor* (09%). Em relação ao uso do *tu*, a autora verificou que este pronome apresenta diferentes variações no dialeto florianopolitano. Em suas palavras: “Ora aparece flexionado *corretamente* (04%), ora apresenta-se sem a devida flexão verbal (06%) com verbos de 3.^a pessoa e, na maioria das vezes, é referido na flexão verbal sozinha (10%).” (RAMOS, 1989, p.77)

Ramos (1989) considerou como fatores linguísticos condicionadores da variação as *formas de interpelação* e as *formas de mitigação*²⁹. De modo geral, ela observou que as *formas de interpelação* foram muito usadas na *ausência* do pronome de tratamento, apresentando-se como formas substitutivas dele. A autora verificou também que o *grau zero* de tratamento apresentou uma maior frequência em orações com *vocativo* e *formas de polidez* (80%) conjuntamente, e que houve pouca correlação das formas de *interpelação* com

²⁸ Ramos (1989) apresentou os resultados de sua pesquisa somente em percentuais.

²⁹ Expressões linguísticas que têm por função suavizar o impacto da imposição exercida sobre o alocutário no ato de um pedido.

o pronome *tu*, o que, segundo ela, pode ser explicado pelo fato de ser ele uma forma mais direta e informal de tratamento.

Quanto ao uso das *formas de mitigação*, os resultados mostraram que as formas *zero* e *você* são acompanhadas de maior mitigação, empatando mesmo na percentagem de uso (42%). O uso de *mitigação* em relação ao pronome *tu* é menor (16%), o que comprova a hipótese inicial da autora: “sendo este uma forma mais informal de tratamento, usada entre íntimos, era de se esperar uma menor marca de mitigação”.

No que se refere aos condicionamentos sociais, a *escolaridade* e a *faixa etária* foram os fatores que mostraram maior atuação. Considerando três níveis de escolaridade, *primário*, *secundário* e *universitário*, Ramos (1989) obteve os seguintes resultados:

Tabela 1 – Uso das variantes *tu/você/grau zero* por *escolaridade*

Escolaridade	Pronome <i>tu</i>	Pronome <i>você</i>	<i>Grau zero</i>
Primário	18%	38%	44%
Secundário	23%	35%	42%
Universitário	27,5%	27,5%	45%

(Adaptado de: Ramos, 1989)

A partir desses resultados, a autora verificou que o *grau zero* de tratamento predominou nos três níveis de escolaridade, uma vez que apresentaram um percentual de uso semelhante; verificou também que quanto maior o nível de escolaridade do informante, maior é sua opção pelo pronome de tratamento *tu*. O percentual de uso dos pronomes *tu* e *você* revelou-se o mesmo na fala de *universitários* (27,5%), já os falantes com educação *primária* hesitaram em fazer uso do *tu* (18%), empregando com mais frequência *você* (38%), o que implicaria, segundo Ramos, em um tratamento mais formal e mais educado. O nível *secundário* apresentou uma diferença, em relação ao ensino primário, um pouco menor entre a escolha de *tu* (23%) e *você* (35%).

Na análise da *faixa etária*, os resultados mostraram que os informantes das faixas de *20 a 35 anos* e *36 a 50 anos* apresentaram um percentual mais elevado e quase idêntico de uso em relação ao *grau zero* de tratamento (49% e 46%), seguido de uma percentagem também aproximada de uso do pronome *você* (29% e 25%, respectivamente). O pronome *tu* apresentou uma maior frequência de uso entre os informantes de 36 a 50 anos (29%). Por outro lado, entre os falantes da faixa etária de *51 em diante* predominou o uso do pronome *você* (46%).

Tabela 2 – Uso das variantes *tu/você/grau zero* por *faixa etária*

Faixa etária	Pronome <i>tu</i>	Pronome <i>você</i>	<i>Grau zero</i>
20 a 35 anos	22%	29%	49%
36 a 50 anos	29%	25%	46%
50 anos em diante	17%	46%	37%

(Adaptado de: Ramos, 1989)

Segundo Ramos (1989, p.65), o uso mais elevado do *você* entre os mais velhos ocorre “devido ao fato de (...) primarem por um comportamento linguístico mais educado em sua relação com o semelhante”.

Em relação ao *sexo* dos informantes, Ramos verificou que tanto os *homens* quanto as *mulheres* apresentaram maior incidência de *grau zero* de tratamento (45% e 42%, respectivamente), com uma percentagem aproximada de uso pelos dois sexos. Em seguida, ambos os sexos usam mais a forma *você* (*masculino*: 37% e *feminino*: 30%) e, finalmente, a forma *tu* (*masculino*: 18% e *feminino*: 28%). A autora notou também a preferência dos homens pela forma *você* que, comparada ao *tu*, revela uma percentagem bem mais alta; já entre as mulheres, a percentagem de uso dos dois pronomes é muito próxima. Deste modo, na análise geral a percentagem de uso da forma *tu* predominou no sexo *feminino*, o que contrariou a hipótese da autora (1989, p. 68): “as mulheres usariam mais a forma *você* do que os homens, visto ser atribuído a elas um modo de falar mais cuidado e polido”. Esses resultados também divergem dos resultados obtidos em outros estudos³⁰, como, por exemplo, o de Lucca, do falar brasileiro e o de Paredes Silva, do falar do Rio de Janeiro, onde se constatou um maior uso do *tu* pelos falantes do sexo *masculino*.

Solicitando ao final de cada entrevista a opinião dos informantes a respeito do uso dos pronomes *tu* e *você*, Ramos procurou analisar também a *atitude* dos falantes em relação a essas formas de tratamento. De modo geral, as opiniões indicaram o seguinte: “*Tu*: íntimo, familiar, em ambiente familiar, dos ilhéus, rude, informal, coloquial, desrespeitoso; *Você*: distante, com estranhos, influência de fora, bonito, educado, formal, correto, respeitoso”. (RAMOS, 1989, p.46)

Em relação à atitude linguística dos falantes, pôde-se, então, verificar uma diferença significativa desses a respeito das formas de tratamento: o *tu* implicaria em solidariedade ou intimidade, mas também seria considerado rude, desrespeitoso; *você* denotaria tratamento mais formal, implicando numa maneira mais educada e bonita de tratar o outro com o qual

³⁰ Esses estudos foram apresentados no tópico anterior.

não se tem intimidade; já a forma *senhor*, usada em relação às pessoas mais velhas, denotaria respeito, sendo, em algumas ocasiões, também condicionada pela situação de *interpelação*, independentemente da idade.

Em relação à análise quantitativa, a autora destaca que o *você* compete com o *tu* na fala dos ilhéus, mas que, em termos semânticos, o *você* parece se aproximar mais da forma *senhor*, por ser considerada forma mais respeitosa e formal de tratamento. Assim, os resultados da pesquisa, segundo Ramos, não só confirmaram sua hipótese de um terceiro elemento: *você*, incorporando-se ao sistema binário (*tu*, *senhor*) já existente, como também comprovaram a existência de um *quarto elemento*, o *grau zero* de tratamento. Segundo a autora: “Deste modo, podemos afirmar que nossa hipótese a respeito de um sistema ternário foi contrariada pela constatação de um sistema quaternário com as formas *tu*, *senhor*, *você* e *zero*, no quadro das formas de tratamento em Florianópolis”. (RAMOS, 1989, p.78)

Menon (2000) analisou o uso das formas de tratamento no romance *Vinhas da Ira*, cuja primeira tradução reflete, segundo a autora, a fala da primeira metade do século XX no Rio Grande do Sul. Seu objetivo, então, foi analisar a alternância e/ou substituição no uso dos pronomes íntimos de 2.^a pessoa *tu* e *você* no português do Brasil a partir desse *corpus* escrito, o romance *Vinhas da Ira*. No dialeto gaúcho retratado neste romance, a autora observou a tendência de uso do pronome *tu* como forma de tratamento íntimo. De todas as referências de 2.^a pessoa na obra, 77% das ocorrências foram com o pronome *tu* (1.295/1.686). Segundo Menon, mesmo com o uso de *você* (15%) no *corpus* estudado, a ocorrência de dados de *tu* ainda era muito grande para se pensar na questão da substituição do pronome *tu* por *você* no Rio Grande do Sul. Menon destaca ainda que o pronome *tu*, mais empregado no *corpus*, apresentou somente .29 de possibilidades de aplicação da regra de concordância, já o *você* favoreceu a concordância verbal padrão em .95. De acordo com a autora, os casos de não-concordância com *você* e com o *senhor* são em geral do modo imperativo, que tendem a ocorrer na forma comumente associada ao *tu*. Isto reforça, segundo Menon, sua hipótese de que a variação *tu/você* se dá no nível lexical, com a realização de uma mesma forma verbal, não marcada.

A autora destaca uma gradação nos usos do pronome, no sentido de que o *senhor* seria o tratamento [+ formal / - íntimo], *você* a forma [- formal / - íntima] e *tu* usado para tratamento [- formal / + íntimo].

Segundo Menon, o elevado número de ocorrências do pronome *tu* no Rio Grande do Sul, mesmo que este esteja co-ocorrendo com o *você*, pode estar sinalizando uma outra

tendência possível no PB que não sua substituição pelo *você*, como ocorreu no falar de várias regiões do Brasil, o de ser empregado como marcador de uma identidade e de valores regionais, embora esteja perdendo sua marca verbal de 2.^a pessoa na língua escrita desde a segunda metade do século XX.

Menon e Loregian-Penkal (2002) analisaram, nos dados do Projeto VARSUL, a distribuição e variação dos pronomes *tu/você* na comunidade a partir de amostras de Curitiba, Florianópolis, Porto Alegre, capitais do Sul; e de Lages, Blumenau e Chapecó, interior de Santa Catarina. Em seguida, utilizando os dados de Lages, Florianópolis e Porto Alegre, as autoras trataram da variação no(s) indivíduo(s), numa tentativa de *rastrear* o processo de variação/ mudança nessas comunidades.

As autoras consideraram os trabalhos realizados por Guimarães (1979), Abreu (1987) e Ramos (1989), sobre os falares de Porto Alegre, Curitiba e Florianópolis, respectivamente. Mas elas partiram, sobretudo, do trabalho de Loregian (1996), que analisou a concordância verbal com o pronome *tu* na fala do sul do Brasil a partir dos dados do VARSUL. Segundo elas, esses estudos apontam para uma tendência de uso ou só do pronome *você*, como em Curitiba, ou da menor concordância com o *tu*, fenômeno mais avançado em Porto Alegre que em Florianópolis. Em relação aos dados do VARSUL, as autoras citam, em especial, os resultados de Loregian (1996):

Loregian (1996) constatou (i) a não-existência de *tu* em Curitiba; (ii) a ocorrência de *tu* e de *você* tanto em Florianópolis quanto em Porto Alegre, com diferentes graus de distribuição no uso dos dois pronomes e (iii) uma menor concordância verbal canônica com o pronome *tu* na capital gaúcha. Tais resultados mapeiam uma distribuição dos pronomes: na capital paranaense, uso exclusivo de *você*; nas outras duas capitais, alternância dos pronomes, mas com algumas nuances: na catarinense, maior presença da concordância verbal canônica com o *tu*, porém com presença maior de *você* se comparada a Porto Alegre; nesta, maior uso de *tu*, mas com menos concordância. (MENON e LOREGIAN-PENKAL, 2002, p. 157)

Com o objetivo de verificar em que medida havia, ou não, concorrência entre *tu* e *você*, ou tendência à substituição do primeiro pelo segundo, Menon e Loregian-Penkal (2002, p.158) retomaram as entrevistas do VARSUL e realizam uma análise mais minuciosa das ocorrências individuais, pois, em suas palavras: “Trabalhamos com a hipótese de que o conhecimento dessa estrutura da variação (tanto condicionamentos linguísticos como sociais) parece ser indispensável para a compreensão do processo histórico dessa mudança linguística”.

Inicialmente, Menon e Loregian-Penkall apresentam a distribuição dos pronomes *tu/você* na amostra geral, com um total de 144 informantes (sendo que um deles não usou nenhum dos dois pronomes), 72 das capitais e 72 do interior de Santa Catarina. Os resultados mostraram, no geral, uma intensa variação na comunidade. Porém, elas destacam diferenças regionais *não negligenciáveis*:

(...) de um lado, Curitiba apresenta, categoricamente, o emprego de *você*. De outro, Porto Alegre (doravante POA), Florianópolis (doravante FLO) e Chapecó (doravante CHA) não têm informantes mulheres que usem categoricamente só *você*. Em Blumenau (doravante BLU), tanto homens como mulheres preenchem as células **só tu**, **só você** e **t+v**. Deparamo-nos, assim, com uma multiplicidade de distribuição que uma análise restrita à variação na comunidade mascararia. (MENON e LOREGIAN-PENKAL, 2002, p.160-161)

Para tentar melhor compreender a distribuição das formas pronominais, as autoras realizam, então, uma análise da variação no indivíduo, para tanto agrupam aos casos categóricos de *só tu* e de *só você* os números correspondentes aos falantes que têm ambos os pronomes. No entanto, ressaltam que uma análise considerando somente o total de ocorrências não poderia explicar o fenômeno da variação e da mudança, pois, na região Sul, ambos os pronomes estão ocorrendo em (quase) igualdade de condições. Menon e Loregian-Penkall (2002, p.161): “Há um empate técnico, de 107 casos de *tu* (resultado da soma dos casos categóricos de *tu* mais os falantes que têm ambos os pronomes), contra 106 de *você* (...)”.

As autoras propõem, então, uma análise do uso dos pronomes *tu/você* distribuídos pelos 143 informantes (das capitais e das três cidades do interior de Santa Catarina); os resultados dessa análise mostram que 73 informantes faziam um uso categórico, 37 do *tu* e 36 do *você*; e que 70 informantes tinham, na sua gramática, ambos os pronomes. Segundo elas, estes últimos, que manejam a alternância pronominal, poderiam fornecer pistas sobre o processo de variação/mudança.

Assim, inicialmente as autoras realizaram uma análise da distribuição dos informantes segundo a utilização dos pronomes: *só tu*, *tu + você* e *só você*, e verificaram uma diferença entre as duas capitais, mais conservadoras na manutenção do *tu*, e o interior, onde estava havendo maior variação, conforme a tabela 3:

Tabela 3 – Distribuição dos informantes, segundo o uso dos pronomes de segunda pessoa

Pronomes	POA	FLO	CHA	BLU	LAG
só TU	14>	13>	06>	03>	01
TU + VOCÊ	09<	10<	16<	18>	17
só VOCÊ	01=	01<	02=	02<	06

Fonte: Menon e Loregian-Penkall (2002, p. 163)

Menon e Loregian-Penkall ressaltam que pelos resultados observados se poderia falar de *mudança em curso*, visto que os falantes com ambos os pronomes eram a maioria da amostra nessas cidades, e em Lages, o número de informantes que usaram *só você* mostrou-se bastante expressivo, seis, contra um único informante que usou *só tu*. Avaliando esses resultados, as autoras propõem o seguinte processo de mudança no sistema pronominal da região Sul:

Se se pensar num *continuum* gaúcho-catarinense-paranaense, os resultados apontam para uma mudança progressiva no sistema dos pronomes pessoais, à medida que se avança para o norte pelo oeste: inicialmente, o sistema de *só-tu* com concordância verbal canônica (ainda presente, em alguma medida, em Porto Alegre ou, quem sabe, na parte mais meridional do RS); depois, um sistema com a introdução do *você* e uma menor concordância verbal com o *tu*; a seguir, um sistema de co-ocorrência e concorrência dos pronomes, ambos com a mesma forma verbal não marcada (Chapecó), até chegar a um sistema de maior (ou quase) predominância do *você* (Pato Branco). (MENON e LOREGIAN-PENKALL, 2002, p.167)

Em seguida, Menon e Loregian-Penkall realizaram várias rodadas com todos os informantes de Porto Alegre, Florianópolis e Lages. Nas rodadas de POA e FLO foram considerados os seguintes grupos de fatores: *tipo de discurso*, *determinação do referente*; *tempo verbal*; *presença do pronome sujeito*; *região*; *idade*; *escolaridade*; *sexo*. Dentre eles, os grupos selecionados foram: *sexo*, *presença do pronome*, *região*, *tipo de discurso e escolaridade*.

No geral, os resultados de Menon e Loregian-Penkall (2002) para as capitais mostraram:

- a) uma relevância do sexo feminino, com peso relativo de .75 no uso de *tu*, contra somente .19 dos homens;
- c) Porto Alegre apresenta um peso relativo maior de aplicação no uso de *tu*: .70, contra .28 de Florianópolis;
- d) os fatores MD (*marcador discursivo*), DR3 (*discurso reportado de terceiros*) DRF (*discurso reportado do falante*) favorecem o uso de *tu*, com pesos de .90, .69 e .60, respectivamente;

e) os informantes com *segundo grau* favorecem o emprego do *tu*, com peso relativo de .74 e os falantes com *primário* e *ginásio* desfavorecem o uso desse pronome (.41 e .36, respectivamente).

As autoras realizaram também rodadas separadas, somente com os informantes que apresentavam *tu + você*. Essa análise contou, então, com um *corpus* constituído por 17 informantes de Lages, 10 de Florianópolis e 09 de Porto Alegre.

Em Porto Alegre o programa estatístico selecionou os fatores: *informantes* e *tipo de discurso*. O DRF e DR3 favoreceram quase categoricamente o uso de *tu* (.98 e .91, respectivamente), seguidos de MD (.68); já o discurso direto (.41), a argumentação (.34) e a narração (.19), desfavoreceram o uso do pronome *tu*. Segundo as autoras, os *discursos relatados*, em Porto Alegre, indicaram claramente a percepção do falante como usuário consciente de *tu*.

Em Florianópolis, os fatores selecionados foram: *informantes*, *presença/ ausência do pronome* (.91 para *ausência* de *tu*, contra .22 para *presença* desse pronome), e *tipo de discurso* (MD: .93, DR3: .82, DRF: .49, discurso direto: .40, argumentação: .26 e narração: .17). Os resultados mostraram também que os mais velhos, com ambos os pronomes, favoreceram o uso de *tu*, já os mais jovens favoreceram o pronome *você*, o que indicaria uma mudança em curso, *nesse grupo de falantes*, em Florianópolis.

Em Lages, as autoras observaram que a distribuição dos informantes com ambos os pronomes parecia ser completamente aleatória. O programa selecionou para esta cidade os grupos de fatores: *tipo de discurso* e *informantes*, e, em rodada posterior, sem o DR3, inverteu a seleção, dando prioridade para *informantes*. Na avaliação dos resultados, Menon e Loregian-Penkall evidenciaram que os fatores – *tipo de discurso* e *determinação do referente* – se apresentavam como problemáticos. Elas realizam, então, várias rodadas exclusivas para Lages e constataam que a *indeterminação* como variável dependente causava uma sobreposição de fatores:

(...) nesse caso, os 48 casos de DRF eram categóricos na aplicação da determinação; as 296 ocorrências de *receitas*, *procedimentos* davam nocaute por serem todas indeterminadas; idem, para as 137 ocorrências de *narrativas*. Dessa forma, retiramos esses fatores e, ao rodar novamente o programa, foi a *indeterminação* do referente o GF selecionado em segundo lugar, logo atrás de *informantes*. Esse resultado aponta ser esse o ponto fraco do sistema, por onde estaria penetrando o pronome concorrente? (MENON e LOREGIAN-PENKALL, 2002, p.175)

Menon e Loregian-Penkal analisaram, então, os dados de *você* em Florianópolis e Porto Alegre e verificaram que eles eram, em sua maioria, condicionados pelo grupo de fatores *indeterminação* do referente, seguidos pelo DR3 e, alguns raros casos, todos em Florianópolis, pelo DRF. Em Lages, assim como em Porto Alegre e Florianópolis, seus resultados apontaram a *indeterminação* como fator favorecedor do uso do *você*, em contrapartida, a *determinação* do referente favorecendo o uso de *tu*, com uma probabilidade de .80. Segundo as autoras, seria a partir desse uso como *pronome indeterminador* que o *você* teria penetrado no sistema dos falantes de *tu*.

Em relação à *concordância verbal* com o pronome *tu*, elas observaram que apesar da diferença no número de casos entre as três localidades, a probabilidade de concordância com ou sem pronome mostrou-se muito semelhante nas três localidades. Elas destacam a *presença do pronome* como forte inibidora da concordância verbal, em maior grau em Porto Alegre (.36) e Lages (.37) e um pouco menos em Florianópolis (.27). Já com o *pronome tu ausente*, houve um grande favorecimento para o uso da forma verbal marcada, e, apesar da grande diferença no número de ocorrências desse pronome (213 em Florianópolis, 60 em Porto Alegre e somente 05 em Lages), Menon e Loregian-Penkal verificaram uma tendência de maior concordância verbal nas três cidades, que apresentaram uma probabilidade de .85 (POA), .76 (FLO) e .77 (LAG) de concordância sem o uso do *pronome tu*, contra .36 (POA), .27 (FLO) e .37 (LAG), na presença do *pronome tu*.

Para traçar o caminho da penetração do pronome *você* no sistema do *tu*, Menon e Loregian-Penkal partiram, então, da análise dos resultados da variação no indivíduo. Essa análise apontou a *indeterminação* e o DR3 como os contextos mais favoráveis à entrada do *você* no sistema, e, segundo as autoras:

Parece, assim, que o traço [+genérico] do referente propicia o uso de *você*, no sentido de que o falante atribui a outro(s) a autoria (ou a responsabilidade) no uso de *você*. O traço genericidade é primordial na *indeterminação* e possibilita que o falante, mesmo se fizer parte do grupo referido, se dilua na não-responsabilidade individual da afirmativa. No discurso relatado de terceiros, ele “culpabiliza” o outro na ocorrência do pronome; como ele reproduz a fala do outro, pode estar inserida aí a consciência linguística da mudança, mas sempre na boca do outro, jamais na sua. (MENON e LOREGIAN-PENKAL, 2002, p.183)

Loregian-Penkal (2004) retomou a análise da variação na comunidade e no indivíduo, incluindo também outras localidades em sua análise: Ribeirão da Ilha, Blumenau e Chapecó, em Santa Catarina; e Flores da Cunha, Panambi e São Borja, no Rio Grande do Sul. A autora analisou em seu trabalho o comportamento de duas regras variáveis: a alternância *tu/você* e a

concordância verbal com o pronome *tu* na fala de informantes do *corpus* VARSUL. As cidades do Paraná foram excluídas da análise, pois na capital, Curitiba, a autora não encontrou *tu*, e nas cidades do interior, Irati, Londrina e Pato Branco, constatou pouquíssimas ocorrências desse pronome. Loregian-Penkal (2004) analisou, então, 24 entrevistas de cada uma das cidades de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul e 11 do Ribeirão da Ilha, totalizando 203 informantes, distribuídos em duas *faixas etárias* (25 a 49 anos; mais de 50 anos), três níveis de *escolaridade* (primário; ginásio; colegial) e *sexo* (masculino; feminino).

O número total de dados encontrados por Loregian-Penkal nas cidades que compõem a amostra foi de 6.234, sendo que 4.090 dessas ocorrências foram de *tu* (66%) e 2.144 de *você* (34%). Em relação aos resultados obtidos em pesos relativos para cada localidade no uso dos pronomes *tu/você*, Loregian-Penkal observou um favorecimento do *tu* em 05 localidades: Chapecó (.82). Ribeirão da Ilha (.78) São Borja (.76); Porto Alegre (.61); e Blumenau (.61). Já Lages, Panambi, Florianópolis e Flores da Cunha apresentaram pesos relativos abaixo de .50 e, portanto, um desfavorecimento do uso do pronome *tu*, o qual já não faz parte da gramática dos falantes de Curitiba, sendo ali o uso de *você* categórico.

Considerando a variação no indivíduo, seus resultados mostraram algumas semelhanças no uso dos pronomes pelos 24 informantes de Florianópolis e de Porto Alegre:

- a) em Florianópolis, o uso categórico do *tu* foi verificado em 13 informantes, e, em Porto Alegre, em 14;
- b) em ambas as cidades, o uso categórico de *você* foi verificado em um único falante; c) a alternância entre *tu/você* foi atestada em 10 falantes de Florianópolis e em 9 de Porto Alegre.

Já no Ribeirão da Ilha, o uso categórico do *tu* foi atestado em 7 falantes, e a alternância *tu/você* em 4. Nas cidades do interior do Rio Grande do Sul, um total de 30 informantes usou alternadamente *tu/você*: 14 em Panambi, 10 em Flores da Cunha e 06 em São Borja. No interior de Santa Catarina o número de falantes que alternaram o uso dos pronomes *tu/você* foi maior, 50: 17 em Lages, 17 em Blumenau e 16 em Chapecó.

A partir da análise dos indivíduos com *tu* e *você* em sua gramática, Loregian-Penkal (2004, p.163) concluiu, entre outras coisas, que “há contextos recorrentes em (quase) todas as localidades testadas e, entre eles, se destacam a *indeterminação do referente*; o *discurso relatado de terceira pessoa* e o *discurso predominantemente narrativo*”, além das *explicações* e *discurso para o entrevistador*, que atuaram como fatores favorecedores do uso do pronome *você*.

Para a análise da variação na comunidade, Loregian-Penkal efetuou, inicialmente, três rodadas gerais para testar a alternância *tu/você*. Para tanto, as localidades foram agrupadas da seguinte forma:

- a) Florianópolis, Porto Alegre e Ribeirão da Ilha;
- b) Chapecó, Blumenau e Lages e,
- c) Flores da Cunha, Panambi e São Borja.

Os grupos de fatores selecionados para a aplicação da regra de uso do pronome *tu* como mais relevantes nessas rodadas foram para as cidades do grupo (a): 1. *sexo*; 2. *localidade*; 3. *explicitação do pronome*; 4. *escolaridade*; 5. *gênero do discurso*; 6. *determinação do discurso*; 7. *faixa etária*; para as do grupo (b): 1. *localidade*; 2. *gênero do discurso*; 3. *faixa etária*; 4. *sexo*; 5. *escolaridade*; e para as do grupo (c): 1. *sexo*; 2. *escolaridade*; 3. *alternância de pronomes*; 4. *localidade*; 5. *gênero de discurso*; 6. *faixa etária*; 7. *determinação do discurso*. Pode-se observar que apenas a *explicitação do pronome*, *determinação do discurso* e a *alternância de pronomes* não foram selecionados como fatores condicionadores do uso do *tu* em todos os grupos de cidades, a *explicitação do pronome*, sendo selecionada apenas para o grupo (a), a *determinação do discurso*, apenas para os grupos (a) e (c) e a *alternância de pronomes*, apenas para o grupo (c).

Em relação ao *sexo*, primeiro fator selecionado para o grupo (a) e (c), e quarto para o grupo (b), cidades do interior de SC, os resultados gerais mostraram a liderança das mulheres, de todas as localidades, no uso de *tu*. As mulheres de Florianópolis, Porto Alegre e de Ribeirão da Ilha (grupo (a)) favoreceram o uso desse pronome com .74 de peso relativo; as do interior do Rio Grande do Sul (grupo (c)) apresentaram uma probabilidade de uso de *tu* de .67, e as do interior de Santa Catarina de .61.

Para comprovar tais resultados, a autora realizou rodadas de cada cidade em separado. Após as rodadas e cruzamentos efetuados, Loregian-Penkal concluiu que a variável *sexo* é relevante como condicionante extralinguístico, visto que a aplicação da regra de uso do *tu* pelas mulheres nas seguintes localidades da amostra foi bastante significativa: Florianópolis (peso relativo de .85), Porto Alegre (.92), Blumenau (.76), São Borja (.84) e Panambi (.73); nessas localidades as mulheres se mostraram mais conservadoras quanto ao uso do *tu*. Seus resultados também indicaram que as mulheres do interior de Santa Catarina têm uma frequência menos acentuada no uso de *tu* que as mulheres das demais localidades, e que as mulheres (como os homens) de Lages são as únicas que apresentam um maior uso do pronome *você* (77%).

A variável *faixa etária* foi selecionada pelo programa em todas as localidades da amostra. Os resultados mostraram que a faixa etária A de 25 a 49 anos lidera no uso do pronome *tu*. Loregian-Penkal verificou também que a diferença entre as duas faixas etárias é menos acentuada nas capitais e no Ribeirão da Ilha (faixa etária A: .55 e faixa etária B: .44) que nas demais cidades. Já nas cidades do interior de Santa Catarina (faixa etária A: .62; faixa etária B: .27) e do Rio Grande do Sul (faixa etária A: .60; faixa etária B: .36) a autora verificou uma maior diferença de pesos relativos entre as duas faixas etárias.

Em relação à *escolaridade*, os resultados de Loregian-Penkal mostraram que:

- a) na rodada das capitais e no Ribeirão da Ilha, há uma nítida progressão no uso de *tu*, proporcional ao aumento dos anos de contato com a escola: informantes do *primário* apresentaram peso relativo de .34, os do *ginásio* de .41 e os informantes do *colegial* de .75;
- b) no interior do Rio Grande do Sul são os informantes do *primário* que lideram o uso de *tu* com .72 de peso relativo, seguidos pelos informantes do *ginásio* com .38 e, por último, aparecem os do *colegial* com .28 de peso relativo, e
- c) nas cidades do interior de Santa Catarina são os informantes do *ginásio* que apresentam um leve favorecimento do *tu* com .59 de peso relativo, em seguida aparecem os do *colegial* com .47 e os do *primário* apresentam .42 de peso relativo.

As variáveis linguísticas selecionadas para a aplicação da regra de uso do *tu* na pesquisa de Loregian-Penkal foram: a) *gênero de discurso*, na rodada com as três cidades do interior de Santa Catarina; b) *presença/ausência de pronomes*, *gênero de discurso* e *determinação do discurso*, na rodada com Florianópolis, Porto Alegre e Ribeirão; e c) *alternância de pronomes*, *gênero de discurso* e *determinação do discurso* na rodada com Flores da Cunha, Panambi e São Borja.

Considerando a variável *gênero de discurso*, selecionada nas três rodadas, a autora ressalta, inicialmente, o elevado índice de aplicação do pronome *tu* com o fator *receitas*, que aparece com 100% de aplicação em Florianópolis, Porto Alegre e Ribeirão; com .89 de peso relativo em Chapecó, Blumenau e Lages e com .86 em Flores da Cunha, Panambi e São Borja.

Nas capitais e no Ribeirão da Ilha, o discurso predominantemente *argumentativo* favoreceu o aparecimento do pronome *tu* com .62 de peso relativo, e os fatores discurso predominantemente *narrativo* e *explicações* desfavoreceram o *tu*, com .39 e .26 de peso relativo, respectivamente.

Nas cidades do interior de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, a autora verificou uma regularidade nos pesos relativos atribuídos aos quatro fatores da variável *gênero de*

discurso. O discurso predominantemente *argumentativo* obteve para o uso do pronome *tu* um peso relativo de .51 no interior de SC e .52 no interior do RS, resultados próximos do ponto neutro. O discurso predominantemente *narrativo* apresentou uma probabilidade de aplicação do *tu* de .39 no interior de SC e de .37 no interior do RS, o que indica um favorecimento do pronome *você*. Já os pesos relativos do fator *explicações* foram de .72 para o interior de SC, e de .78 para o interior do RS, verificando-se, assim, uma maior probabilidade de uso do pronome *tu*.

Nas rodadas com cada localidade em separado, a variável *gênero de discurso* foi selecionada em Porto Alegre, Ribeirão, Lages, Panambi e São Borja. Nessas cinco localidades, o discurso *argumentativo* favoreceu o uso do *tu*, enquanto o discurso *narrativo* desfavoreceu o uso desse pronome.

A variável *determinação do discurso* foi selecionada na rodada com as capitais e Ribeirão da Ilha e na rodada com as três cidades do interior do RS. Em todas essas localidades a autora observou que quando o referente era recuperável houve predomínio do uso de *tu*, com peso relativo de .62 para as capitais e Ribeirão e de .58 para as três cidades do interior do Rio Grande do Sul. Já com referente *indeterminado*, Loregian-Penkall verificou um desfavorecimento nas ocorrências de *tu*, mais acentuado em Florianópolis, Porto Alegre e Ribeirão, com uma probabilidade de .39, mas também em Flores da Cunha, Panambi e São Borja, com .47 de peso relativo.

Nas rodadas por localidade, a variável *determinação do discurso* só não foi selecionada como estatisticamente relevante em Lages. Estes resultados, segundo Loregian-Penkall, podem indicar que os falantes de Lages já ‘incorporaram’ o *você* como um pronome pertencente à comunidade. A autora diz ainda:

Já nas demais localidades testadas, tudo indica que é principalmente via indeterminação que o pronome *você* está encontrando um caminho propício para sua entrada no sistema: o falante fica isento de "culpa" por estar utilizando um pronome "alienígena", pois o traço que predomina na indeterminação é o [+ *genérico*], e sabemos que nesse tipo de discurso se perde a possibilidade de recuperar a quem o discurso se refere. (LOREGIAN-PENKALL, 2004, p.149)

Já a variável *explicitação do pronome* só foi selecionada na rodada com as capitais e Ribeirão da Ilha. Esse resultado, segundo a autora, foi motivado pelos dados de Florianópolis e do Ribeirão da Ilha, locais onde a flexão verbal canônica com o *tu* se mantém. Os resultados mostraram que a *ausência* de pronome favorece o uso de *tu* com .80 de peso relativo, isto é, emprega-se neste caso o verbo na 2.^a pessoa do singular sem pronome sujeito.

Já com o pronome *explícito* houve uma redução no uso de *tu*, com peso relativo de .39, sendo que neste caso o verbo aparece na forma não-marcada. A autora observa que a flexão verbal canônica de segunda pessoa é, muito provavelmente, a responsável pelo elevado peso relativo atribuído ao *tu* no falar de Florianópolis e Ribeirão da Ilha.

O último grupo de fatores selecionado para testar a variação pronominal *tu/você* foi a *alternância de pronomes* no mesmo período, que foi selecionado somente na rodada com as três cidades do interior do Rio Grande do Sul. Os resultados apontaram um peso relativo de .67 para as ocorrências de *tu* precedido de *você* e somente .36 de *você* precedido por *tu*. Segundo Loregian-Penkal, o número restrito de ocorrências impossibilitou qualquer conclusão sobre essa variável.

Os trabalhos apresentados sobre a variação no uso dos pronomes de 2.^a pessoa do singular no Brasil e, especialmente, no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, mostraram que, na maioria das localidades analisadas, o pronome *tu* permanece sendo uma forma bastante usada e, conforme Loregian- Penkal:

Logo, as frequentes generalizações de que "o pronome *você* substituiu/está substituindo o *tu* no **PB**" deveriam ser revistas, uma vez que não é isso que os dados reais estão mostrando, haja vista que todas as localidades por nós analisadas também compõem o **PB**. (LOREGIAN- PENKAL, 2004, p.231)

Apesar das diferenças encontradas em relação aos grupos de fatores analisados em cada trabalho apresentado, pôde-se observar, em alguns casos, as mesmas tendências nas diferentes localidades. Em relação ao *sexo*, principalmente, observamos que nas localidades de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul pesquisadas, de uma maneira geral, as mulheres usam mais o pronome *tu* que os homens; já os estudos sobre o falar de outras regiões, como Rio de Janeiro e Brasília, apontam os homens como favorecedores do uso deste pronome.

Quanto à *faixa etária*, tanto no Rio de Janeiro e em Brasília, quanto no Sul do Brasil, a maioria dos trabalhos apresentados mostrou que são os falantes jovens que estão favorecendo o uso do pronome *tu*, o que poderia estar relacionado a uma maior informalidade na fala dos mais jovens, mas também, no Sul, conforme hipótese de Menon (2000), o de ser empregado como marcador de uma identidade e de valores regionais.

Dentre os fatores linguísticos, a *indeterminação do referente*, ao lado do *tipo de discurso*, foi um dos fatores mais significativos no uso do *você* na região Sul, o que levou Menon e Loregian-Penkal a propor que a entrada do *você* no sistema dos falantes que só têm *tu* ocorreu a partir desse uso.

Estes trabalhos, que nos permitiram conhecer um pouco a situação de uso dos pronomes *tu/você* em algumas regiões do Brasil e, em especial, da região Sul, são de fundamental importância para o estudo aqui proposto, visto que este tem também por objetivo analisar o uso desta variável na fala de uma cidade do oeste de Santa Catarina, Concórdia. Passamos, a seguir, à exposição da metodologia variacionista empregada para a realização de nossa pesquisa.

3. METODOLOGIA

Este capítulo trata das etapas transcorridas para a realização deste estudo. Apresentamos, inicialmente, algumas características históricas e sociais da comunidade de fala analisada, em seguida abordamos a realização da coleta de dados e a composição da amostra utilizada na pesquisa e, por fim, apresentamos as variáveis dependentes e independentes analisadas.

3.1 Características históricas e socioculturais da comunidade de fala analisada

A cidade de Concórdia³¹ localiza-se no oeste do estado de Santa Catarina e foi colonizada por descendentes de imigrantes italianos e alemães provenientes na sua grande maioria do Rio Grande do Sul. Concórdia começou a ser formada a partir de 1922, quando um grupo empresarial passou a vender terras em pequenas extensões no oeste de Santa Catarina. Isto atraiu grande número de colonos de origem germânica e italiana, provindos do Rio Grande do Sul, que se dedicaram à agricultura e à criação de suínos. O município de Concórdia tem ainda na agroindústria sua base econômica, e no meio rural predominam as agroindústrias familiares, o pequeno agricultor e o sistema desenvolvido pelas grandes agroindústrias denominado “Integração”: granjas que abastecem o setor. Atualmente a cidade possui uma área de 797,26 km², e uma população de 68.627 habitantes (IBGE - 2010), sendo que aproximadamente 28% encontram-se na área rural e 72% na área urbana. Concórdia está localizada a 80 km de Chapecó³², cidade que faz parte do banco de dados VARSUL, e cujos dados relativos à variação pronominal *nós/a gente* e *tu/você* foram analisados por Tamanine (2002) e Loregian-Penkal (2004), respectivamente.

O texto abaixo destaca alguns aspectos sobre a formação da cidade e a origem do nome ‘Concórdia’.

A colonização de Concórdia, como a do Meio Oeste e Oeste de Santa Catarina, passou a ser intensificada após a Guerra do Contestado, especialmente nos anos de 1920 e 1930. Nesta época os governos estadual e federal estimularam a venda de pequenas propriedades rurais aos colonos gaúchos. Até então, a região era habitada somente por caboclos.

Ao contrário do que algumas pessoas divulgam, a denominação "Concórdia" não se deve a nenhum acordo de paz para o fim da Guerra do Contestado, que aconteceu no início do século passado na região Meio Oeste de Santa Catarina. Isso pelo simples fato de que não houve qualquer acordo de paz, já que os jagunços foram

³¹ O mapa de Santa Catarina encontra-se nos ANEXOS deste trabalho.

³² Chapecó tem uma população de 183.530 habitantes (IBGE-2010) e, como Concórdia, foi colonizada por gaúchos.

dizimados pelo Exército Brasileiro e pelas forças policiais do Paraná e Santa Catarina. Ao que tudo indica, o nome Concórdia surgiu em função da necessidade de se estabelecer uma nova denominação para a vila, até então chamada de Queimados, em razão do riacho que corta seu centro. "Queimados" este sim seria um nome pouco charmoso para a cidade, enquanto Concórdia soa melhor e é mais simpático. O nome Concórdia pode estar associado sim ao espírito de pacificação que existia, sem, entretanto, que se fizesse qualquer coisa para a integração social dos caboclos que viviam na região.

Devido ao grande crescimento, diversas etnias podem ser encontradas em Concórdia, mas sua população mantém as características originais, sendo predominantemente descendente de italianos e alemães.

(CONCÓRDIA – SANTA CATARINA..., 2010)

Os colonizadores do oeste de Santa Catarina, descendentes de italianos e alemães, trouxeram seus costumes e cultura, que eram distintos dos costumes dos caboclos e povos indígenas que viviam nesta região. Deve-se dizer que estes últimos já haviam sido quase que completamente dizimados nesta região quando ocorreu a instalação oficial do município de Concórdia, em 1934.

Desde o início do povoamento houve certa tendência a reunir em determinadas áreas famílias que tivessem as mesmas origens, assim, ainda hoje há áreas (no interior do município) onde predominam descendentes de italianos, e outras com descendentes de alemães. Nessas áreas rurais percebe-se ainda a influência cultural e linguística dos países de origem. Em pesquisa que realizamos em 1996, nas áreas rurais, foi possível observar uma grande diferença na situação linguística das comunidades de origem italiana e alemã. Os italianos, salvo alguns idosos, não falavam mais o dialeto de origem, os jovens diziam entender um pouco, mas, segundo a maioria deles, nunca falaram nem aprenderam esse dialeto. Ao contrário, nas áreas cuja população era formada por descendentes de alemães, não só os mais velhos, como os mais jovens falavam ainda o dialeto de origem, inclusive em alguns locais a língua materna, primeira aprendida pela criança e falada praticamente até a idade escolar, continuava sendo o dialeto alemão.

Na cidade, a situação linguística apresenta-se visivelmente mais homogênea, as tradições e línguas de origem praticamente desapareceram, tanto na população de origem italiana, quanto na de origem alemã, o que poderíamos relacionar com os casamentos mistos, a escolaridade e a influência dos meios de comunicação.

Considerando a situação linguística do município, nossa pesquisa foi realizada somente na área urbana. Procuramos selecionar informantes pertencentes às várias origens, mas sem classificar essas origens como uma variável no presente estudo, pois cremos que a etnia não se mostra, aqui, como fator condicionante no uso dos pronomes pessoais *nós/a gente* e *tu/você*.

3.2 A coleta de dados e a amostra utilizada

Nesta pesquisa utilizamos o modelo de análise linguística laboviana, que também é conhecido como Sociolinguística Quantitativa, por operar com números e dar um tratamento estatístico aos dados coletados. Adotando, então, essa metodologia, nosso *corpus* foi constituído de uma amostra de 24 entrevistas (diálogo entre informante e entrevistador), realizadas entre 2007 e início de 2010.

Os informantes de nossa amostra foram selecionados segundo critérios pré-estabelecidos. Inicialmente, nossa intenção era trabalhar somente com informantes nascidos na área urbana e que nunca tivessem residido fora da cidade, porém, devido a certas dificuldades para completar nossa amostra com informantes que se encaixassem completamente neste perfil, selecionamos também pessoas nascidas nas áreas rurais ao redor da cidade, contanto que morassem na área urbana desde criança, ou há um tempo relativamente longo. Nossa maior dificuldade foi encontrar informantes, principalmente dentre os mais jovens, nascidos na área urbana e com nível de escolaridade *fundamental*. Já os que vieram das áreas rurais, devido a maior dificuldade em se deslocar até a cidade para continuarem os estudos, pois no interior havia somente o nível primário (*fundamental I*), acabavam abandonando a escola mais cedo. Ressalta-se aqui que a cidade em questão tem uma forte base agrícola e boa parte de sua população nasceu nos arredores da área urbana, ou seja, nas comunidades agrícolas que circundam a cidade.

Uma característica comum de nossos informantes é que todos são filhos ou netos de agricultores, a grande maioria oriunda do Rio Grande do Sul. Homogêneo também é o nível de escolaridade dos pais dos entrevistados, todos cursaram no máximo até o 4º ano primário (ensino *fundamental I*), o que é explicável pelo fato de serem agricultores e terem crescido em comunidades rurais que, como já dito, na época possuíam apenas escolas primárias (de 1.^a a 4.^a série), e na maioria dos casos com professores da mesma origem que os alunos (italiana ou alemã). Assim, considerando o fato de que os entrevistados são filhos de imigrantes gaúchos, quer dizer, não temos praticamente informantes cujos pais tenham nascido na cidade, acreditamos que essa pesquisa poderá servir de base para um possível trabalho posterior, isto é, uma comparação com a próxima geração, de informantes com pais nascidos em Concórdia.

Considerando, então, as particularidades da comunidade pesquisada, nossos informantes foram selecionados seguindo os seguintes critérios:

- a) Nascidos em Concórdia ou nas comunidades agrícolas que circundam a cidade. Neste último caso, consideramos somente aqueles que vivem na área urbana há mais de 15 anos;
- b) Que não tenham residido mais do que 2 anos em outra cidade;
- c) Que tenham feito os estudos na cidade de Concórdia.

Considerando os critérios estabelecidos acima, foram selecionados 24 informantes, distribuídos por três graus de escolaridade (*fundamental I, fundamental II e ensino médio*), duas faixas etárias (*26 a 45 anos e 50 anos ou mais*) e sexo, *masculino e feminino*. Inicialmente, para a constituição dessa amostra, efetuou-se um primeiro contato com os informantes com o intuito de verificar suas características (idade, escolaridade, local de nascimento, etc.), assim como explicar o objetivo da pesquisa, que seria o de obter informações para um estudo sobre o município e sua população (trabalho, saúde, família, lazer, etc.). Na sequência, foi estabelecido um local e horário para a realização das entrevistas, sendo que estas foram realizadas principalmente na casa dos informantes, e, em alguns casos, em seu local de trabalho. O *corpus* foi formado, portanto, por 24 entrevistas, que foram realizadas pela autora deste trabalho, entre os anos de 2007 e 2010, na residência ou local de trabalho dos informantes e na cidade de Concórdia. Destaca-se que nove dos informantes (37%) eram conhecidos da entrevistadora (parentes, amigos, vizinhos), os demais sendo indicados ou apresentados por pessoas de suas relações. Nas entrevistas, que tiveram em média 35/45 minutos de duração, abordaram-se temas relacionados ao trabalho, lazer, família, saúde, acontecimentos do dia a dia, entre outros, a fim de estabelecer um diálogo informal com o entrevistado. Ao final de cada entrevista foi solicitado ao informante sua opinião sobre o uso dos pronomes *tu* e *você*, visando estabelecer algumas correlações entre a atitude dos falantes em relação a esses pronomes e o comportamento linguístico verificado nos dados.

Posteriormente, foi feita a transcrição das gravações, a codificação da primeira amostra e o levantamento de dados da mesma, composta de 12 informantes (metade do número total). Realizou-se, então, uma análise preliminar dos pronomes sujeito *nós/a gente* e *tu/você* com a finalidade de verificar a ocorrência destes em nosso *corpus* e levantar algumas hipóteses sobre a frequência dos mesmos e os possíveis fatores de condicionamento da variação. Na etapa seguinte, deu-se continuidade à transcrição das gravações, codificação dos dados e análise dos mesmos, após terem sido feitas as devidas rodadas pelo programa

estatístico VARBRUL. Assim sendo, a metodologia empregada nesta pesquisa constou das seguintes etapas:

- a) Seleção dos informantes de acordo com os critérios estabelecidos: sexo, faixa etária (*26 a 45 anos e 50 anos ou mais*) e escolaridade (*fundamental I, fundamental II e ensino médio*);
- b) Realização das entrevistas com gravação;
- c) Transcrição das entrevistas;
- d) Codificação dos dados;
- e) Análise preliminar dos dados com a quantificação das ocorrências;
- f) Baseando-se nas hipóteses fixadas e outras que surgiram no decorrer da pesquisa, procurou-se comprová-las através de procedimentos estatísticos com o programa VARBRUL.

3.3 A estruturação das variáveis

As variáveis dependentes e independentes analisadas neste trabalho são apresentadas nesta seção e, juntamente com alguns resultados de pesquisas já realizadas sobre os pronomes *nós/a gente* e *tu/você*, apresentamos também nossas hipóteses relacionadas aos grupos de fatores associados ao uso desses pronomes.

Em ambas as análises foram consideradas as seguintes variáveis independentes: *determinação do referente, tipo de discurso, tipo de verbo, tipo de texto, tipo de ocorrência, tempo verbal, faixa etária, sexo e escolaridade*. Já as variáveis *tonicidade, saliência fônica e concordância verbal* foram consideradas somente na análise dos pronomes *nós/a gente*, pois os pronomes *tu/você* apresentaram, em todas as ocorrências, a mesma desinência verbal, não-marcada.

3.3.1 As variáveis dependentes

Considerando que duas análises foram realizadas, uma sobre a variável *nós/a gente* e outra sobre *tu/você*, apresentamos, inicialmente, uma exposição em separado para cada uma das variáveis dependentes e, na sequência, tratamos conjuntamente das variáveis independentes, que são praticamente as mesmas para a variação *nós/a gente* e *tu/você*.

Neste trabalho, considerando os pronomes pessoais de 1.^a pessoa do plural e 2.^a pessoa do singular, levantamos as ocorrências em que os pronomes *nós/a gente* e *tu/você* *explícitos* e *implícitos* estavam sendo usados pelos informantes na função de sujeito. Considerou-se como formas *implícitas/não-preenchidas* dos pronomes os casos em que orações não coordenadas apresentavam os pronomes *a gente*, *tu* ou *você* como sujeitos explícitos na oração antecedente e que se mantinham no mesmo segmento tópico, conforme mostram os exemplos (18) e (19):

(18) Assim, tem gente que **a gente** tem confiança, até **a gente** sabe que tem apelido, só que **a gente** não chama porque \emptyset ³³ sabe que *não gosta*, né? (MG1e)

(19) ...daí **tu** tem que vê quando \emptyset *consegue* ficha com outro médico pra **tu** í consultá. (FG1x)

Analizamos, então, como pronomes *implícitos* somente os casos em que era possível recuperar o pronome pelo contexto imediatamente anterior³⁴. Já os casos, como no exemplo (20), em que o falante iniciava o tópico com verbo na forma *não-marcada*, não foram considerados em nossa análise.

(20) Outros problemas que levam **a tê** e agravá essa disfunção. Então **tem** que vê muito bem. O ideal é *não chegá* a tê uma hérnia. (MS1r)

3.3.1.1 A variável dependente *nós/a gente*

O estudo da variação *nós* e *a gente*, fenômeno que constitui um dos objetos desta investigação, foi verificado em trabalhos de Omena (1998, 2003), Menon (1994, 2006), Lopes (1998), Seara (2000), Zilles (2002), Tamanine (2002, 2010) e Borges (2004), dentre outros. No geral, os resultados destas pesquisas indicaram mudança em curso, com a gradativa substituição de *nós* por *a gente* e com um avanço cada vez maior de *a gente* no campo da determinação, antes relacionado apenas ao uso de *nós*.

Dessa forma, nossa primeira variável dependente ficou assim estabelecida:

a) *A gente* explícito/implícito

³³ Neste caso, se o sujeito não fosse *a gente*, seria expresso.

³⁴ Esse mesmo critério foi utilizado por Tamanine (2002, 2010) e Loregian-Penkall (2004) para a análise da alternância *nós/a gente* e *tu/você*, respectivamente.

(21) Sim, sim, *a gente* gosta de morá aqui na cidade. Acho que pra *se mudá* também é difícil, né? porque *a gente* já fez o pé de meia aqui, daí *a gente* tá aqui...tá aqui, né? (FP2s)

(22) *A gente* tem que pensá, sei lá, até se *Ø quisesse* dava pra í, ma *a gente* já tem poca coisa, qué dizê, poco não, *Ø tem* bastante, né? só que... ah, vô ganhá uns troquinho das fêria, vô ajeitá a casa, vô fazê alguma coisinha, vai vendo aí se tem...sempre tem o que gastá. (MG1e)

No exemplo (21) a entrevistada fala sobre o fato de morar na cidade e recorre ao uso de *a gente explícito* para referir-se a ela e ao marido; no exemplo (22) o falante, referindo-se ele e a mulher, explica a razão pela qual não viajam nas férias. Ele inicia seu discurso com *a gente explícito* e na sequência alterna o uso de *a gente implícito /explícito/ implícito*, sempre com o mesmo referente.

b) *Nós* explícito/implícito

(23) E – E a obra é essa que tem agora?

I – Essa que tá hoje. Então, na verdade *nós* fizemos na época mais de trezentos mil de dívida pagando juro. E aí ficô até hoje, *nós* não terminamo de pagá ainda.

E – Ainda não?

I – Ainda não. *Nós* ainda tamo pagando juro, *nós* temos ainda acho que...praticamente os trezentos mil de dívida hoje, pagando juro. (MS2c)

(24) E – E desde que casaram vocês moraram aqui nesse lugar?

I – Não, *nós* morava aqui no fundo, lá no- pra lá do Dalpizol, tinha o- era os terreno do pai, né? tudo.

E – Era tudo dele pra lá?

I – Tudo. Daí o pai deu o lotezinho, *Ø fizemo* a casa, que esses ano não tinha como alugá casa, tinha que se fazê, né? daí *Ø fizemo* a casinha, *Ø fomo* morá lá. Só que *a gente* tinha fogão, móveis, e depois daí, daí *Ø compramo* mais pra cá, né? (FG2t)

O exemplo (23) ilustra a presença do pronome *nós*, o entrevistado fala sobre a construção de seu mercado e da dívida que contraiu para tanto, usa o pronome *nós explícito* para referir-se a ele e a seus sócios no empreendimento. No exemplo (24), a entrevistada fala sobre os lugares onde ela e o marido moraram desde o casamento, ela inicia seu discurso com o *nós explícito* e na sequência usa várias vezes o *nós implícito*, que é facilmente detectado pela desinência verbal *-mos*.

3.3.1.2 A variável dependente *tu/você*

A análise da alternância *tu/você* também já foi objeto de estudo de vários autores. Destacamos aqui especialmente os trabalhos de Ramos (1989), Menon e Loregian-Penkal (2002), Loregian-Penkal (2004) e Paredes Silva (2003). Baseando-nos nestes trabalhos e na

observação de nossos dados, estabelecemos as variáveis *independentes* e nossas hipóteses em relação à variação *tu/você* em Concórdia.

Da mesma forma que na análise da variação *nós/a gente*, aqui também foram consideradas as ocorrências *explícitas* e *implícitas* dos pronomes *tu/você*. Destacamos, porém, que neste caso houve uma maior dificuldade em se detectar o pronome em uso, pois as desinências verbais empregadas com *tu* e *você* são, em todas as ocorrências, as mesmas. Os exemplos abaixo ilustram a variável em análise:

a) *Tu* explícito/implícito

(25) Mais perto da minha casa, né? daí quando eu vim morá aqui, tinha que atravessá toda a cidade, í lá no Walter, lá onde que a Maria trabalha. **Tu** sabe onde ela trabalha? (FS2u)

(26) Porque assim, *tu* tem que passá cum clínico geral. Daí o clínico ele te consulta, se tem que fazê exame, alguma coisa, ele manda fazê. Daí **tu** tem que tirá otra ficha co clínico geral, mostrá, e daí conforme, se não é na área dele, ele te- ele te encaminha pra outro, daí **tu** tem que vê quando *Ø* consegue ficha com otro médico pra **tu** í tirá consulta- a ficha, pra depois *Ø* í consultá. (FG1x)

No exemplo (25), a informante fala sobre a distância de sua casa até a escola onde trabalhava (Walter), usa o *tu explícito* numa referência direta à entrevistadora. No exemplo (26), pode-se observar que usando o pronome *indeterminador tu* a informante explica como é necessário proceder para se consultar com um médico especialista do SUS. Ela usa inicialmente o *tu explícito* (*tu tem... tu tem...*) e, em seguida, utiliza o pronome *implícito* (*quando Ø consegue, pra depois Ø í consultá...*).

b) *Você* explícito/implícito

(27) E – E vocês atendem qualquer hora?
I – Funeral, qualqué horário. Só funeral. Presente não, porque **você** tem como se programá, né? **você** vai num aniversário, **você** se programa pra í antes. Convite de última hora, só pra velório, pra enterro, que o resto da vida é tudo com antecedência, né? (FS1z)

(28) Lá na Policlínica **você** tem responsabilidade, porque entregá medicamento **você** tem que sabê- *você* tem que sabê o que que o médico prescreveu. Tem horas que *você*... nem **você** querendo adivinhá, **você** não sabe o que tá escrito lá. Então quando **você** vai pegá uma receita e **você** vai entregá um medicamento, *Ø* tem que ter certeza daquilo que o médico prescreveu, né? (FS11)

No exemplo (27), a entrevistada fala sobre o atendimento da floricultura onde trabalha, ela usa o pronome *você explícito* para referir-se às pessoas em geral, que podem programar com antecedência a compra de flores para praticamente todos os eventos, com

exceção de velórios, único caso em que a floricultura atende fora do expediente normal. No exemplo (28), para referir-se às pessoas que trabalham na Policlínica e são responsáveis pela entrega de medicamentos aos pacientes, a entrevistada usa várias vezes o pronome *você explícito* e, no final, utiliza também este pronome *implícito* (*Ø tem que ter certeza...*) Conforme observamos nos exemplos (25) a (28), a desinência verbal empregada com os pronomes *tu* e *você* é a mesma, o que torna necessário o uso *explícito* de um ou outro desses pronomes para podermos analisar os casos de pronome *implícito*.

Considerando a alternância *tu/você* em Concórdia, e baseando-nos em nossas observações e em nossa intuição de falante nativo, acreditamos que o uso do pronome conservador *tu* predomine nesta cidade, pois esse é o pronome *típico* da região de Concórdia, e parece ainda o mais usado na cidade, principalmente nas relações próximas, de maior intimidade.

3.3.2 As variáveis independentes

Neste tópico apresentamos as variáveis *linguísticas* e *sociais* consideradas em nossas análises. Dentre as *linguísticas*, têm-se as seguintes: 1. *determinação do referente*, 2. *tipo de discurso*, 3. *tipo de verbo*, 4. *tipo de texto*, 5. *tipo de ocorrência*, 6. *tempo verbal*, 7. *concordância verbal*, 8. *tonicidade* e 9. *saliência fônica*.

3.3.2.1 Determinação do referente

A *determinação do referente* tem se destacado como uma variável relevante para a escolha do pronome, seja no caso da variação *nós/a gente* ou *tu/você*. Apesar da correspondência apontada entre *nós* e *a gente* na indicação de 1.^a pessoa do plural, uma análise preliminar das ocorrências dessas duas formas feita a partir de nossos dados parece indicar que *nós* geralmente refere-se a um sujeito mais determinado, enquanto *a gente* seria mais utilizado com referente indeterminado, mesmo que também seja amplamente usado em referência à 1.^a pessoa do plural. Nos exemplos abaixo, podemos identificar o uso dos pronomes *nós* e *a gente* com referentes *determinados* (exemplos 29 e 30) e *indeterminados* (exemplos 31 e 32).

Nos exemplos (29) e (30) a referência dos pronomes *nós* e *a gente* é facilmente detectada; no exemplo (29), o falante refere-se a sua família, pois está relatando onde passam

as férias; no exemplo (30), a referência também é determinada, a entrevistada usa *a gente* e depois *nós* para referir-se a ela e o marido, a quem ela chama de '*pai*'.

(29) I – Nas férias *nós* vamo pra Mato Grosso que tem meu sogro que mora lá, ou *nós* vamo pra Camboriú.

E – A família toda?

I – Vai todo mundo, onde vai um, vai os outros. (MG2b)

(30) I – Além desse programa de campin? Pai, é o segundo ano em barraca, né? Daí fora disso, também... às vezes *a gente* vai pra Piratuba, né? Itá *nós* fomos também, *nós* saímos bastante. (FS2j)

Já nos exemplos (31) e (32) a referência dos pronomes amplia-se; no (31) o assunto é sobre a infra-estrutura do município, o uso do pronome *nós* torna-se mais abrangente, o que é reforçado pelo uso do indeterminador *o cara*. No exemplo (32) a entrevistada usa *a gente* referindo-se às pessoas de um modo geral, o que torna impossível a identificação de um referente específico.

(31) – Funciona, funciona sim, porque hoje o que *nós* temo aí, tá loco... não tem o que *o cara* se queixá, *tu* vai vê tantos lugar que tem, não tá ruim não. Tem alguma coisinha, isso sempre tem, né? porque isso todo lugar tem, ma no geral não tá ruim não. (MG2b)

(32) – É, o SUS, na verdade ele é governo federal, não tem nada a vê com o INPS, é governo federal, é Ministério da Saúde, é Sistema Único de Saúde, Sistema Único de Saúde, *a gente* chama de SUS, né? Mas esses médico aí, esses cartãozinho aí, são aqueles cartãozinhos do governo federal pra ter um controle de quantos têm, quantos utilizam, é... mais um negócio de arrecadação também, né? (FS11)

A partir desses exemplos pode-se perceber que os pronomes *nós* e *a gente* não são auto-referenciais, mas sim dependentes do contexto para serem interpretados. A indeterminação também pode ser expressa pelos pronomes pessoais do singular, referentes a 2.^a pessoa: *tu* e *você*. Estes pronomes podem ser usados em alguns contextos com significados distintos, conforme mostram os exemplos (33) a (34).

(33) – Pra cima. *Tu* tá vendo aquele topo lá que aparece, só aquele topinho lá em cima, no meio do mato? (...) É a igreja, aquela é a igreja, pra baxo ali é deles. (FS2j)

(34) – Mas tem, ó... tem minha irmã que mora lá em Castelo Branco, é uma vila, é uma vila Castelo Branco. *Você* conhece Castelo Branco? (MP1d)

(35) – E, e que nem *a pessoa* tem que se dá bem com tudo mundo que amanhã *tu* não sabe se *tu* vai precisá dessa pessoa ou não vai, né? (...) Mesmo que *tu* não faça serviço, né? coisa assim, trabalha pra ela, e coisa. Mas *tu* não pode ficá brigado com ninguém que amanhã, depois, tu- *tu* pode precisá dessa pessoa. (MP1d)

(36) – E se *você* não pagá teus imposto, *você* não consegue mais se mexê, porque eles não te dão negativa de- de- tem negativa disso, negativa daquilo, um monte, né? de negativas. Aí *você* vai vendê pra uma Prefeitura, se *você* não tem todas negativa,

tudo em dia, *você* não pode, licitações *você* não pode participá. Então, o governo, ele... fechô o cerco, né? (MS2c)

Podemos observar que os pronomes *tu* e *você* utilizados nos exemplos (33) e (34) diferem semanticamente dos mesmos pronomes usados nos exemplos (35) e (36). Percebe-se que os falantes no primeiro caso usam os pronomes numa referência direta ao seu interlocutor (2.^a pessoa), enquanto que nos exemplos (35) e (36) a referência de *tu* e *você* é indeterminada, pois se amplia, estendendo-se às pessoas em geral. No exemplo (35), o falante usa o *tu* genérico/indeterminado para discorrer sobre a importância de se viver bem com as pessoas; no (36), o entrevistado emprega *você* para referir-se às pessoas em geral que trabalham com comércio, vendas, etc., ou seja, com um sentido mais indeterminado.

Considerando que a indeterminação do sujeito manifesta-se nos casos em que não podemos determinar claramente o referente, classificamos, de um lado, os pronomes *nós/a gente* e *tu/você* usados como recursos de *indeterminação* e, de outro, essas mesmas formas quando apresentando uma referência *determinada*.

No entanto, como já verificado em outros estudos, constatamos também em nossos dados que os pronomes *nós/a gente* podem apresentar uma referência semântica *exclusiva* (*eu + ele(s)*) ou *inclusiva* (*eu + tu/você*). Na referência *exclusiva*, o locutor exclui o interlocutor de sua fala, conforme mostra o exemplo (37):

(37) – Ah, *a gente* vai, às vezes *vamo* até até aí nas Água das Prata, minha irmã tem uma casa bonita, boa, aquela de Chapecó, daí *a gente* vai lá. Esse ano nem *fomo*, porque era quente daí eu- meu marido já não tá mais gostando muito, né? tem a pele mais assim, sabe? E daí *a gente* vai, *nós* fomo lá pra Jaborá, uns dia lá na sogra do Paulo, ah não, muito longe não. *Fomo* uma vez nas praia, agora não quero mais nem sabê de praia, nada. É muito quente, muito quente, né? (FG2t)

Neste exemplo, a entrevistada fala sobre os lugares em que ela e o marido foram ou costumam ir durante as férias. Os pronomes *a gente* e *nós* usados no decorrer do discurso não incluem o interlocutor, pois se referem a ela e ao marido: ‘*eu + ele*’ ou ‘*pessoa + não-pessoa*’, evidenciando, assim, um uso dos pronomes *nós* e *a gente* com *referência exclusiva*.

Já na referência *inclusiva*, o locutor faz referência a si mesmo e ao seu interlocutor, conforme mostra o exemplo (38):

(38) O que *nós* ia bastante era lá na Joana³⁵, né? (FG1k)

³⁵ Os nomes próprios utilizados nas entrevistas foram substituídos por nomes fictícios.

No exemplo (38) a entrevistada dirige-se ao marido, solicitando sua confirmação em relação aos lugares que costumavam frequentar (ela e o marido). Neste exemplo, o pronome *nós* refere-se a ‘*eu + tu/você*’, ilustrando um caso de *referência inclusiva*.

No entanto, apesar de verificarmos alguns casos de pronomes com referência *inclusiva* em nossa amostra, salientamos que devido ao reduzido número dessas ocorrências (6), a análise da variável *determinação do referente* foi realizada considerando, de um lado, os pronomes com valor semântico *determinado* e, de outro, os pronomes que apresentam um valor *indeterminado*.

Nossa hipótese para essa variável é de que os contextos de sujeito *indeterminado* favorecerão o uso dos pronomes inovadores *a gente*, de um lado, e *você*, de outro.

3.3.2.2 Tipo de discurso

A análise do *discurso reportado* vem sendo considerada por vários autores como fundamental para o estudo dos fenômenos linguísticos. Menon e Loregian-Penkal (2002) verificaram que o *marcador discursivo*, o *discurso relatado de terceiros* e o *discurso relatado do próprio informante* são favorecedores do *tu*, e podem indicar, segundo as autoras, a construção da imagem que o falante faz de si e dos outros. Em nosso trabalho esta variável será analisada com o objetivo de verificar se o *tipo de discurso* exerce influência na escolha do pronome empregado pelo falante. Para tanto, controlamos os seguintes fatores:

a) *Discurso reportado de terceiros*

No exemplo (39) a entrevistada usa o pronome *nós* no discurso reportado do filho mais velho, que lhe aconselha a deixar o irmão mais jovem ver filmes considerados *impróprios para menores*, pois só assim ele e a mãe (*nós*) poderão explicar ao menor e lhe fazer entender os eventuais problemas causados pela violência e as drogas. O pronome *nós* refere-se aqui a ele (o filho mais velho) e a mãe (a entrevistada).

No exemplo (40) nota-se o uso do *você* no discurso reportado do médico. A entrevistada fala sobre o nascimento prematuro do último filho e o dia em que o médico lhe autorizou a levar o bebê para casa.

(39) Sim. Porque daí que nem esses dia o Goga levô um filme aí, eu disse: “Mano, ma não é muito ruim pro Léo assisti? porque...”, daí diz ele: “Mãe, não, dexa que ele vai vê”. Porque é de droga, de polícia, eu achei que era muito pesado. Ele disse:

“Mãe, às vezes é melhor ele assistí esse filme, depois *nós* explicá pra ele, do que *explicá* e ele não entendê o que que *nós* queremos que ele entenda, sabe?” E daí então *a gente* explica tudo, né? Mas eu, o medo era só, gente... as droga, as doença, a-assim que sejam uns home, umas pessoa do bem, né? Isso, e mai- Deus o livre! Porque droga é... tá loco, se vê cada coisa que *tu* fica arrepiada. (FG1x)

(40) Emagreceu. Ele não mamava, aí meu Deus...era pequenininho assim. Daí o dia que- daí o médico diz que eu podia levá ele pra casa, porque daí, eu ia duas vezes, durante a noite pra dá de mamá, né? daí ele disse, daí eu fui de noite, assim de madrugada, ele disse: “Ó, amanhã *você* pode levá ele”. Daí eu fiquei lá no banco, lá fora esperando. Gente! (FG1x)

b) *Discurso reportado do próprio entrevistado*

O exemplo (41) ilustra um caso de discurso reportado em que a entrevistada relata o que disse à filha num domingo em que esta pretendia lhe visitar. A entrevistada usa o *nós* para referir-se a ela e ao marido. No exemplo (42) o falante expõe seu discurso reportado para a esposa (*tu*) quando a pediatra para quem trabalha (às vezes sem cobrar) atendeu seu filho adoentado.

(41) Domingo também *eu* disse: “não vem que *nós* vamo saí.”(FP2g)

(42) A dotora disse que era uma virose que tinha. Daí eu levei a mulher, daí ela foi junto lá, digo: “*Tu* viu, ela não me cobrô nada, não custa eu fazê um serviçinho pra ela, né? fora do que- do que ela me paga. Não custa.”(MP1d)

c) *Discurso direto*

No exemplo (43) o falante discorre sobre a distribuição de renda no Brasil e usa o pronome *você indeterminado* para referir-se às *pessoas* ou *funcionários* que ganham acima de dois mil reais; no exemplo (44) o entrevistado (*leiturista*) fala sobre o acordo que fez com seus colegas (*nós no interior daí combinamo assim...*) para não tirarem férias, evitando assim a sobrecarga de trabalho para os colegas. Esses exemplos de *discurso direto* incluem pronomes *indeterminados* (*você*) e *determinados* (*nós*).

(43) O Brasil, o mal é isso, é a má distribuição de renda, né? eles querem- todo mundo julga hoje, só um exemplo, todo mundo julga assim: *funcionário* que ganha, *uma pessoa* hoje que ganha, *vamo dizê*, dois, três mil reais, *eles* acham que *você* é rico. Que seria o mínimo necessário pra *você* tê uma vida, assim, normal, né? conseguí se mantê num nível razoável, né? Então, os políticos, os empresários, eles mantêm esses salários tão abaxo, né? Então assim, o que que acontece? A concentração de renda vai- vai acumulando no- sempre no mais rico, né? Porque? Eles têm um lucro grande, mas não dividem, né? (MS2o)

(44) – É, porque tem folga todo fim de mês, né? Então, até na cidade ali, os piá que faz cidade eles- eles pegam dez dias, né? Ma *nós* no interior daí combinamo assim: *nós* quatro fizemo interior, né? não *vamo pegá* nem mais dez dias de férias, *vamo tocá* direto. Porque assim, *nós* tamo em quatro que faz interior, *vamo dizê* que eu

peguei férias, né? esse mês, ma os otros três daí têm que ficá fazendo o meu serviço, não tem ninguém pra substituí. (MP1p)

Para a análise da variação pronominal *tu/você*, além dos *tipos de discurso* citados acima, outros também parecem significativos. Em nossos dados observamos várias ocorrências de *discurso para o entrevistador* e *discurso para o interveniente*, fatores também analisados nos trabalhos de Menon e Loregian-Penkal (2002) e Loregian-Penkal (2004). Assim, para a análise da variação *tu/você*, considerou-se ainda os seguintes fatores:

d) Discurso para o entrevistador

Neste caso, o informante dirige-se ao entrevistador para esclarecer dúvidas, pedir ou dar explicações, ou simplesmente falar sobre qualquer assunto de seu interesse.

(45) *Tu* qué sabê quantas mudanças *nós* já fizemos, né? (FS2i)

(46) Mas *tu* tá lá perto do Kobacafé, vai lá per- quando *tu* passa lá, *tu* pergunta pra moça se ela serve vianda, e quanto é que ela cobra a porção. (FS1z)

No exemplo (45) a informante, para esclarecer uma questão da entrevistadora, dirige-se a esta usando o pronome *tu*; no (46) o pronome *tu* também se refere à entrevistadora, que é orientada pela informante sobre onde e como se informar sobre a compra de *vianda* (marmitta).

e) Discurso para o interveniente

Neste caso o entrevistado dirige-se a uma outra pessoa, geralmente alguém de sua família ou amigo, presente no momento da entrevista.

(47) – I – Pai, agora- agora *tu* vai ter que me ajudá, a parte da família. (FS2i)

(48) – Ô, o velho general. Sim, *tu* lembra o véio, e tinha sempre as titica junto, eu não sei pra que...(MP2m)

Quando interrogada sobre a família, a entrevistada do exemplo (47) solicita a ajuda do marido (a quem chama de *pai*); no exemplo (48), o falante dirige-se à mulher (*tu lembra...*) quando vai contar a história de um antigo motorista, seu conhecido.

Nossa hipótese, baseada nos trabalhos realizados sobre o assunto e na observação de nossos dados, é de que o uso do pronome *nós* será favorecido principalmente no *discurso*

reportado, quando o falante monitora sua fala; já em relação aos pronomes *tu/você*, postulamos que o discurso para o *interveniente* (geralmente alguém próximo do falante) favorecerá o *tu*, pronome usado em situações de maior proximidade.

3.3.2.3 Tipo de verbo

A análise do *tipo de verbo*, conforme a utilizada neste trabalho, tem como referência o estudo de Tamanine (2002), que analisou nos dados do interior de Santa Catarina (Lages, Blumenau e Chapecó) a influência dos verbos *dicendi*, *epistêmicos*, *de ação* e *de estado* na alternância *nós/a gente*. Nosso objetivo aqui é verificar se esses tipos de verbos apresentam em nossos dados as mesmas tendências verificadas no trabalho dessa autora, ou seja: os verbos de *estado* favorecendo *nós*, e os verbos *dicendi*, *a gente*. Essa mesma tipologia verbal foi utilizada na análise da *variação tu/você*.

Salientamos que outras classificações semânticas dos verbos foram cogitadas nesse trabalho, como por exemplo, a classificação de Chafe (1979), baseada nas relações do nome com o verbo, e que considera quatro *tipos de verbos*: *ação*, *processo*, *ação-processo* e *estado*. No entanto, como o objetivo de nossa análise é comparar os resultados dos tipos de verbos com aqueles obtidos por Tamanine (2002) em Lages, Blumenau e Chapecó, optou-se por manter a tipologia verbal ali apresentada, salientando que uma análise mais refinada dos tipos de verbos será objeto de outro trabalho. Assim, apesar da necessidade de se estabelecer critérios mais claros para tal classificação semântica, optamos por considerar essa variável em nossa análise e utilizamos a classificação abaixo:

1. Os verbos ***dicendi*** relacionam-se ao *dizer*, são definidos como verbos que normalmente introduzem o discurso, conforme ilustra o exemplo (49). Em nosso estudo, todos os verbos relacionados ao *dizer* foram classificados como *dicendi*, e esses verbos incluem, entre outros: *dizer*, *falar*, *contar*, *explicar*, *responder*, *perguntar*, *conversar*, etc. Os exemplos (49) e (50) ilustram o uso deste tipo de verbo.

(49) Se for fazê um negócio contigo e tivesse chance de ganhar quinhentos e ***você dizia***: “ba, eu só tenho cem pra te dar.”; eu fazia contigo. (MS1f)

(50) Aí só depois que ele vem da faculdade, daí ***a gente conversa*** um pouco. Ele vai dormí, daí no otro dia só.... (FG2h)

2. Os ***epistêmicos*** são considerados verbos de atividade mental, e incluem: *pensar*, *saber*, *conhecer*, *acreditar*, *lembrar*, *imaginar*, etc. A entrevistada do exemplo (51) usa o verbo

aprender quando fala sobre a administração de seu comércio, já no exemplo (52) o falante usa o verbo *pensar* referindo-se aos trabalhadores *braçais*.

- (51) I – *Nós* não temos problema pra recebê, porque chega no final do mês é o acerto de contas só com ele. Não é atrás de um, dois, três, quatro cliente.
E – É bem melhor, né? nossa, nem- nem compará, né?
I – É, tudo isso que *a gente vai aprendendo* com o tempo. (FS1z)
- (52) I – Fica aquela vida, né? estabilizada ali, e deu. No braço eu sempre digo *você não tem muito que pensá* grande, né? Porque até hoje no braço eu não vi ninguém ficá rico e fazê, né? e coisa, trabalhando, não adianta. (MP1p)

3. Os verbos de *estado* incluem, entre outros: *ser, estar, ficar, continuar, permanecer, etc.* No exemplo (53) o verbo *ser* é usado pelo falante para referir-se ao número de irmãos na família; no (54) a entrevistada fala sobre a saída das filhas de casa, e usa o verbo *ficar* (sozinhos) referindo-se a ela e ao marido.

- (53) E – E vocês são quantos irmãos na família?
I – *Nós somos* em dois irmãos e duas irmãs, *nós somos* em cinco no total. (MG1e)
- (54) E – Aí ficô só vocês, só o casal, né?
I – É, *a gente ficô* uns dois ano sozinho, né? Só eu e ele. (FP2s)

4. Os verbos de *ação* são bastante numerosos, destacamos aqui: *sair, andar, trabalhar, comer, viajar, fazer*. A entrevistada do exemplo (55) usa o verbo *fazer* para explicar seu trabalho nos postos de saúde. No exemplo (56) a entrevistada usa vários verbos de ação (*trabalhar, olhar* ('cuidar'), *comprar, fazer*) para descrever o trabalho diário na floricultura.

- (55) No hospital, daí no hospital eu trabalhava mais em setores de risco, né? banco de sangue, CTI adulta e CTI infantil, eu trabalhei. E na prefeitura *nós fizemos* um trabalho nos postos de interior, que não é na cidade, né? Daí lá *você fazia* um pouco de tudo, que nem... como técnica de enfermagem eu posso fazê coleta de. preventivo, essas coisa, aonde não tem enfermeras, né?.(FS11)
- (56) I – *Você trabalha* o dia todo. *Você trabalha* o dia todo.
E – É o tempo todo?
I – Todo, porque uma hora *você olha* aquela, depois *você olha* a outra, daí *você faz* aquela. Daí *você vai comprá* no caminhão, daí *você vai dá* água, *você vai fazê* a embalagem. *Você trabalha* o dia todo. (FS1z)

3.3.2.4 Tipo de texto

A análise do *tipo de texto* tem se mostrado relevante no estudo dos fenômenos de variação e mudança. Porém, sabe-se que um texto, pertencente a um dado gênero discursivo,

pode trazer na sua configuração vários tipos textuais, como a *narração*, a *descrição*, a *dissertação/argumentação*, a *injunção*, etc., dependendo da classificação adotada.

O *texto narrativo* é recorrente nas entrevistas sociolinguísticas, pois o roteiro das perguntas leva o informante a fazer relatos, contar fatos que se sucederam em determinado tempo e local e que dizem respeito a ele e as pessoas de sua convivência, como no exemplo (57) em que o entrevistado relata uma viagem que fez com sua família:

(57) ... **a gente** ficô lá uns dias daí, tinha um- o pai e a mãe junto, né? daí depois **a gente** foi pra- (...) daí de Curitiba **a gente** foi depois visitá aquelas duas irmã dele, né? que ele tem em Camboriú, né? (MG1q)

O texto, ou sequência *narrativa* é, portanto, um trecho constituído por relatos verbais (predominantemente) de fatos, acontecimentos ocorridos no passado e que podem se prolongar por um determinado tempo, em que aparecem ambientes, pessoas e uma sucessão temporal, ou seja, ocorre uma evolução no tempo.

O *texto descritivo* também parece significativo nas entrevistas sociolinguísticas, pois estas apresentam várias sequências em que há o detalhamento de um fato, local, objeto ou pessoa que fazem parte da história familiar, pessoal, profissional e da vida do entrevistado. No exemplo (58) o informante descreve como era o bairro onde mora:

(58) Ah, era bem- era bem menor, né? a rua aonde **a gente** mora aqui era quase tudo mato ainda, não tinha- tinha poucas casa. É um bairro, hoje em dia já é um bairro fechado, né? na época tinha poucas moradia, né? era que nem tá morando na colônia, né? (MG1q)

Já a *argumentação*, costuma ser definida como exposição ou justificativa do ponto de vista do falante sobre determinado tema. No exemplo (59) o entrevistado fala sobre a dificuldade de se empreender um negócio próprio, dando sua opinião /argumentando sobre o assunto:

(59) A competição é muito grande e **a gente** é pequeno, se **você** fizer alguma coisa, se **você** não tiver uma boa base, uma boa estrutura, um bom projeto, administrativo, logística, estrutural, é...e que venha satisfazer ao consumidor, porque é o povo quem faz alguém ter, é o povo quem faz alguém ter. (MS1f)

Além desses tipos de textos, incluiremos ainda na análise da variação *tu/você* as *explicações*, fator que parece recorrente em nossos dados e que não se enquadra nos tipos citados anteriormente.

Na *explicação* incluiremos as ocorrências em que o falante solicita ou fornece algum esclarecimento ou explicação ao entrevistador, não somente em relação a sua fala, mas também

sobre qualquer assunto em pauta na entrevista: uma pessoa, um lugar, uma situação, etc., conforme os exemplos (60) a (62):

- (60) Eu fiz- na época eu fiz de bordado, crochê, costura. **Tu** qué sabê o que deles?
(FS2i)
(61) Sim, ma **tu** tá gravando? (MP2m)
(62) De que família **você** é? (FP1j)

Nos exemplos (60) a (62) os informantes solicitam à entrevistadora algum esclarecimento, seja sobre a entrevista em si (60 e 61), ou sobre a família da entrevistadora (62). Percebe-se nos exemplos que os informantes fazem uso de *tu* e *você* para referir-se à entrevistadora.

Nossa hipótese para essa variável é de que os pronomes inovadores *a gente* e *você*, mais propícios à indeterminação, serão favorecidos nos textos *dissertativos*; já os pronomes canônicos *nós* e *tu* serão mais usados nos textos *narrativos* e *descritivos*.

3.3.2.5 Tipo de ocorrência

Na análise desta variável serão considerados os mesmos fatores apresentados na variável *paralelismo formal* tratada por Tamanine (2010), ou seja: ocorrência *isolada*, *paralelismo binário*, *ternário* e *eneário* (4 ou mais ocorrências). Pretende-se verificar com essa análise se a primeira forma usada na sequência discursiva condiciona o uso das formas seguintes, e, em que *tipo de ocorrência* os pronomes canônicos (*nós*, *tu*) e inovadores (*a gente*, *você*) predominam. A unidade de análise utilizada nesse trabalho para a classificação do *tipo de ocorrência* foi o tópico discursivo. Apresentamos a seguir alguns exemplos de pronomes em *ocorrências isoladas*, *paralelismo binário* e *ternário/eneário*:

a) Ocorrência isolada:

- (63) Mais o menos uns quatro anos que **a gente** tá casado. (MP1d)
(64) **Nós** somo da religião católica, né? católica. (FS2u)
(65) Chalana é um barco grande, tipo um navio, aonde **você** tem quarto com banheiro, tem ar-condicionado. (MS2c)
(66) **Tu** ficô lá cinco anos? Lugar que nem o nosso aqui, pra lá não tem, não adianta. (FG2h)

b) Sequência binária dos pronomes³⁶:

1. formas iguais

(67) *Nós* somos em dois irmãos comigo e duas irmãs, *nós* somos em cinco no total. (MG1e)

(68) É, hã, hã. Por isso é uma família, né? porque *você* tá ali todo dia junto, né? *você* trabalha junto, acaba se tornando uma família. (MP1p)

(69) Comércio varejista de produtos, que daí *nós* podemos comprá e vendê, né? \emptyset ³⁷ *temos* tributação, nota fiscal, tudo, né? (MS1r)

2. formas diferentes

(70) É, normalmente julho que é época de férias da- da- escolar, né? Então *nós* temos professores de faculdade, ah...médico, *a gente* tem tudo que é tipo de gente, sabe? (MS2a)

(71) Porque *tu* pega o pacote de flor, que daí o tempo é mais curto, *você* faz mais rápido, né? (FS1z)

c) Sequência ternária e eneária dos pronomes

1. formas iguais

(72) Eu fico com...quando *a gente* viaja, que *a gente* tá na secretaria, que *a gente* viaja, daí eu- daí *a gente* almoça fora, né? (MG1e)

(73) Ma claro, porque é todo dia aumenta o negócio, todo dia tem uma coisa que *tu* pensa que *tu* vai conseguí com aquele dinheiro e *tu* não consegue, não é fácil... (FG1x)

(74) É, não deveria ser, mas é, né? então, a interferência político-partidária ela- ela existe, né? E não parece, ma *você* leva um monte de vantagem, porque você- *você* além de teu salário normal, que *você* normalmente recebe, *você* vai tê um adicional, que é uma gratificação de função, né? de chefia, né? (MS2o)

2. formas diferentes

(75) – O moço da funerária, automaticamente ele já oferece, a flor dentro do caixão, a flor pro chão, a cesta, a coroa. Porque como *a gente* trabalha com parceria, ele vende um valor x, e *nós* temos uma comissão que *a gente* paga pra ele. (FS1z)

(76) Tem *gente* que sai, e já se aposenta no INSS. Aí é- aí vale a pena, é uma vantagem boa, né? *Tu* deixa de pagá INSS, e *você* vai recebê um incentivo aí por mais três, quatro anos às vezes, né? e *você* já tá recebendo do INSS. (MS2o)

³⁶ A codificação utilizada permitiu a identificação das formas pronominais empregadas nas sequências.

³⁷ As formas *implícitas* também foram consideradas na análise dos paralelismos.

3.3.2.6 Tempo verbal

Estudos sobre a variação pronominal *nós/a gente* já comprovaram a importância da variável *tempo verbal*. Omena (1998, 2003) observou que os tempos verbais mais marcados (passado e futuro) tendem a refrear a mudança; os menos marcados (formas nominais e presente) a impulsionam, favorecendo o uso de *a gente*. Menon (1994, 2006) e Lopes (1998) também constataram em seus estudos que os maiores pesos relativos para o uso de *a gente* ocorreram no presente do indicativo e em formas nominais (infinitivo e gerúndio). Segundo Menon (2006, p.139), “é sobretudo o presente atemporal o tempo da indeterminação”, o que indica que o presente, que pode ser utilizado para indicar aspectos como *habitualidade* e *momentaneidade* seria um tempo verbal favorável ao emprego do pronome *a gente*.

Borges (2004, p. 162-163) efetuou um cruzamento entre os resultados de *a gente* considerando os fatores referência específica do sujeito e tempo verbal e constatou o favorecimento de *a gente específico* com verbos no pretérito imperfeito e no pretérito perfeito, em contextos verbais próprios à narrativa. Segundo o autor, o uso de *a gente* com referência específica em contextos verbais mais ‘pontuais’ mostra que há um movimento de *a gente* em direção aos contextos antes utilizados pela forma *nós*, o que demonstraria a especialização de *a gente* e o fluxo contínuo da mudança.

Os resultados de Tamanine (2010) apontaram o pretérito imperfeito do indicativo como favorecedor do uso de *a gente*, já o presente do indicativo desfavoreceu este pronome. Segundo a autora, esse resultado nos dados de Curitiba pode reforçar que não é somente a *desambiguidade* entre os tempos *presente/pretérito perfeito* que influencia a escolha do falante entre as formas, mas que outras circunstâncias podem ser mais relevantes, como, por exemplo, a prosódia.

Já em relação aos pronomes *tu/você*, em nenhum dos trabalhos consultados a variável *tempo verbal* foi considerada significativa, o que parece indicar que essa variável não condiciona o uso dos pronomes de 2.^a pessoa do singular.

Considerando os diferentes resultados obtidos nos trabalhos citados em relação ao *tempo verbal* na análise da variação *nós/a gente*, nossa expectativa é de que o *presente* e o *pretérito imperfeito* condicionem o uso de *a gente* e *você*, pronomes mais propícios à indeterminação; já as formas verbais morfologicamente mais marcadas (*pretérito perfeito* e *futuro*) provavelmente favorecerão a manutenção dos pronomes canônicos *nós* e *tu*. Os seguintes tempos verbais serão controlados:

1. Presente do indicativo
2. Pretérito imperfeito do indicativo
3. Pretérito perfeito do indicativo
4. Futuro do presente do indicativo
5. Futuro do pretérito do indicativo
6. Presente do subjuntivo
7. Pretérito imperfeito do subjuntivo
8. Futuro do subjuntivo
9. Gerúndio
10. Infinitivo

3.3.2.7 Tonicidade

A análise da *tonicidade* tem se mostrado relevante em vários estudos sobre a variação *nós/a gente*. Os resultados de Borges (2004) indicaram a tonicidade como um dos fatores mais significativos, tanto em Jaguarão como em Pelotas. Os verbos *monossílabos tônicos* e *oxítonos*, amalgamados, favoreceram o uso de *a gente* nas duas cidades. O autor destaca ainda a tendência entre os informantes de evitar as formas verbais *proparoxítonas*, ou utilizando a forma *nós* com o verbo na forma não-marcada, ou utilizando *a gente*. Borges acredita que a tonicidade é determinante na atuação da saliência fônica, e, assim, procura apresentar seus resultados a partir de uma análise que contemple essa inter-relação.

Os resultados do estudo de Tamanine (2010) com dados de Curitiba aproximam-se daqueles de Borges (2004), pois o uso de *a gente* é altamente favorecido com *monossílabos tônicos* e com os *oxítonos*. Já as formas verbais *paroxítonas* favorecem a utilização de *nós*.

Baseando-nos nesses e em outros trabalhos já realizados sobre o assunto, postulamos que em nossos dados haverá um maior uso de *a gente* com formas verbais *monossílabas* e *oxítonas*, enquanto as formas *paroxítonas* favorecerão o uso de *nós*.

Os fatores considerados na análise dessa variável foram os seguintes³⁸:

- M - *monossílaboônico*
- O - *oxítono*
- P - *paroxítono*
- R - *proparoxítono*

3.3.2.8 Concordância verbal

³⁸ Salientamos que em nossa análise considerou-se a forma *realizada* dos verbos.

Quanto à *concordância verbal*, nossa hipótese para a variável *nós/a gente* é de que a maior frequência será constatada para a concordância esperada – *a gente* com \emptyset / *nós* com – *mos*.

Encontramos as seguintes formas de concordância em nossos dados:

a) *nós*...- mos

(77) Exatamente. E *nós não temos* propaganda nenhuma...nenhuma, nenhuma, nada, *nós não divulgamos* nada, *nós não patrocinamos* evento, nada. Essas clínicas têm programa em rádio, eles patrocinam festa, eles... que nem essa clínica da Andréia. *Nós não fizemos* absolutamente nada. (MS1r)

b) *nós*... \emptyset

(78) É, eu tinha um poquinho de receio. Não, eu acho que... um poquinho mais *nós pensava* de aproveitá, se divertí. Daí agora engravidei....ma que nada, já tá no final nem...tá tudo bem, é a mesma coisa. (FP1v)

c) *a gente*.... \emptyset

(79) É, saúde assim, pelo que *a gente escuta* os outros falá, porque pra *nós* até praticamente, que nem eu, a mulher, as criança também quase nunca, difícil *a gente í* no médico, né? coisa assim. E aí que nem as criança...(MP1d)

Lembramos que a variável *concordância* não foi considerada na análise dos pronomes *tu/você*, pois estes não apresentaram variação nas desinências verbais, ambos apresentando a mesma flexão de 2.^a pessoa, *não marcada*, em todas as ocorrências, conforme os exemplos (80) e (81):

(80) I – Aí *você chega*-, o vaso chega, *você vem* de madrugada atendê o caminhão, porque ele chega de madrugada assim, ele liga, *você tem* que vim, pra recebê o que é teu. Um mês antes *tu encomenda*, *tu faz* o pedido, um mês antes. (FS1z)

(81) I – Então não adianta *você pagá* duzentos reais por mês se *tu tem* de graça, que é o mesmo atendimento. (FG1k)

No exemplo (80) a entrevistada usa os pronomes *tu* e *você*, com a mesma flexão verbal, para relatar o trabalho habitual na floricultura para a encomenda e recebimento das flores; no exemplo (81) a informante fala sobre o atendimento no pronto-socorro do hospital, que é o mesmo para quem paga plano de saúde ou não. Ela usa os pronomes *você* e *tu* com a mesma flexão verbal e com sentido indeterminado, pois se referem às pessoas em geral.

Menon (1995) fala sobre o emprego do pronome *tu* seguido de forma verbal com morfema \emptyset , que é descrito por alguns autores de gramáticas como desvio “ultrajante” da língua portuguesa. Segundo a autora, essa variação pode ser explicada de outra maneira:

A minha hipótese é a de que os falantes “interiorizam” a forma verbal com morfema Ø como marca de segunda pessoa e a variação recai simplesmente no uso do pronome. Assim, no paradigma verbal já teria havido a mudança de forma e a variação continuaria a existir a nível de escolha – determinada pelo dialeto que o falante utiliza – entre dois pronomes possíveis: *tu* ou *você*. (MENON, 1995, p.97)

A autora diz ainda que essa hipótese é reforçada pela utilização, mesmo por falantes onde *tu* é a forma preferida no singular, da forma plural *vocês*. Como não há mais diferença formal entre a segunda e a terceira pessoa, do singular e do plural, Menon acredita que essa ambiguidade estaria sendo compensada pelo uso cada vez maior de pronomes sujeito expressos.

Considerando, então, a variação pronominal *tu/você* presente em nossos dados, destacamos que os verbos apresentam-se, em todas as ocorrências, com o morfema Ø como marca de 2.^a pessoa, isto é, não há variação nas formas verbais empregadas e, de acordo com o que disse Menon (1995), *a variação recai simplesmente no uso do pronome*.

3.3.2.9 Saliência fônica

Nos estudos variacionistas do português do Brasil, a *saliência fônica* foi inicialmente utilizada na análise da concordância verbal e nominal. Estes estudos evidenciaram que o aumento da saliência do material fônico na oposição singular/plural aumentava as chances de concordância verbal ou nominal (*cf.* NARO, 1981, SCHERRE e NARO, 1998, 2010), ou seja, aumentava as chances da variante explícita de plural.

A fim de melhor avaliar a importância da *saliência fônica* e do *tempo/modo* na análise da concordância verbal, Scherre e Naro (2010) analisam detalhadamente dados de 64 informantes do Rio de Janeiro da amostra PEUL (Programa de Estudos da Língua) da década de 80. Os autores consideram, inicialmente, o grau de diferenciação entre a forma singular e a forma plural do verbo como a base para a *hierarquia da saliência fônica*. Essa *hierarquia*, conforme Naro (1981, *apud* Scherre e Naro, 2010, p.71-72), apresenta dois níveis principais, sendo cada um deles dividido em três outros níveis, de acordo com o aumento da diferenciação fônica na oposição singular/plural, conforme mostra o quadro 4:

Quadro 4 – Hierarquia da *saliência fônica* conforme Naro (1981)

Nível 1 - oposição foneticamente menos marcada ou menos saliente	
1.a	Apenas nasalização da vogal na forma plural: <i>come/comem</i>
1.b	Nasalização e/ou mudança na qualidade da vogal: <i>ganha/ganham</i>
1.c	Acréscimo de segmentos vocálicos: <i>faz/fazem</i>
Nível 2 - oposição foneticamente mais marcada ou mais saliente	
2.a	Ditongação com mudança na qualidade da vogal: <i>dá/dão</i>
2.b	Acréscimo de segmentos consonânticos sem mudanças vocálicas no radical: <i>comeu/comeram</i>
2.c	Acréscimo de segmentos consonânticos com mudanças em pontos diversos: no radical, na desinência ou na forma toda: <i>ganhou/ganharam; fez/fizeram; é/são</i>

Fonte: Scherre e Naro (2010, p.71-72)

No entanto, embora a distribuição da *saliência* seja baseada estritamente em critérios fonéticos, os autores ressaltam que há uma forte sobreposição dos fatores da *saliência fônica* e *tempo/modo* verbal. Na amostra do PEUL - Rio de Janeiro, os autores verificaram, dentre outras coisas, que as formas do *pretérito perfeito* se concentravam no nível mais alto da hierarquia (2a, 2b e 2c), e que quase a metade dos dados do *presente do indicativo* no nível mais alto de *saliência* (2a e 2c) era constituída de um único item lexical – *é/são*.

Assim, a fim de verificar se a variável mais importante para o estudo da concordância verbal era a *saliência* ou o *tempo/modo*, os autores fizeram uma codificação bastante detalhada dos dados e, com o programa GoldVarb X, realizaram uma série de análises. A partir dos resultados dessas análises, Scherre e Naro (2010, p.74) constataram que:

- 1) A *saliência* é sempre selecionada como estatisticamente significativa independentemente de tempo/modo estar ou não presente na etapa de análise. Além disso, os pesos relativos (frequências corrigidas) projetados para *saliência fônica* quase não sofrem alteração quando tempo/modo é incluído, independentemente de o tempo/modo ser apontado como estatisticamente significativo.
- 2) O tempo/modo é selecionado principalmente se a *saliência* não for incluída; quando a *saliência* é incluída, o tempo/modo de forma geral não é selecionado; e, quando os pesos relativos são projetados em uma mesma etapa de análise, os valores de tempo/modo são instáveis, mudando de modo imprevisível, se comparados aos valores dos pesos relativos projetados no primeiro nível de análise da análise executada pelo GoldVarb X (paralelos às frequências relativas correspondentes).
- 3) Em síntese, *saliência* e tempo/modo são variáveis fortemente significativas em análises distintas, mas a *saliência* sempre supera tempo/modo quando são colocadas em uma mesma análise como variáveis separadas.

A partir desses resultados, os autores concluíram que a *saliência fônica* é mais importante que o *tempo/modo* para o estudo da concordância verbal, pois, segundo Scherre e Naro (2010, p.76): “(...) o traço que governa o uso variável da concordância é de fato a

saliência fônica, uma categoria seguramente de natureza cognitiva, e não tempo/modo, uma categoria gramatical”.

Além de ser empregada para o estudo da concordância verbal, a *saliência fônica* também foi utilizada por vários autores na análise da variação pronominal e, em especial, da variação *nós/a gente*. Em seus estudos sobre essa variação, Omena (1998, 2003), Lopes (1998) e Borges (2004), dentre outros, assumem que a variação *nós/a gente* é condicionada, em grande parte, pela *saliência fônica*.

Para Omena (1998), o grau de diferença entre as formas verbais de 3.^a pessoa do singular e 1.^a pessoa do plural, ou seja, a *saliência fônica*, também é um fator que condiciona a ocorrência de *nós* ou *a gente*. Comparando essas formas verbais, a autora verificou que a maior diferença entre essas formas privilegia o uso de *nós*, e a menor, o uso de *a gente*: “supõe-se que o falante use mais a forma *nós* (com flexão verbal –*mos*) como sujeito com formas verbais onde exista maior diferença fônica entre a 3.^a pessoa do singular e 1.^a do plural” (Omena, 1998, p.199).

Em sua análise da amostra Censo – RJ, Omena (1998) testou sete diferentes níveis de *saliência fônica* das formas verbais:

- 1) a mesma forma para ambas as pessoas
Ex: *cantando*;
- 2) conservação da sílaba tônica e acréscimo da desinência –*mos*
Ex: *falava/ falávamos*;
- 3) infinitivo com acréscimo da forma –*mos*
Ex: *cantar/ cantarmos*
- 4) deslocamento do acento tônico e acréscimo da desinência –*mos*
Ex: *fala/ falamos*;
- 5) redução dos ditongos finais em vogais, com acréscimo da desinência –*mos*
Ex: *cantou/ cantamos*;
- 6) monossílabos tônicos ou oxítonos que passam a paroxítonos
Ex: *faz/ fazemos*;
- 7) diferenças fonológicas acentuadas
Ex: *veio/ viemos, é/ somos*.

Nesta análise, Omena verificou um favorecimento para a forma *a gente* nos níveis de menor *saliência*, ou seja, nos níveis em que há menos diferença entre a terceira pessoa do singular e a primeira pessoa do plural, tanto para os adultos como para as crianças (nível 2: .68 e .87; nível 3: .65 e .82 e nível 4: .58 e .61, respectivamente); já os níveis 5, 6 e 7, de maior *saliência*, favoreceram o pronome *nós* (.54, .62 e .74, entre os adultos, e .84, .71 e .82, entre as crianças, respectivamente), confirmando, assim, suas expectativas. No nível 1, com as formas do gerúndio, o uso de *a gente* como sujeito foi categórico.

Lopes (1998), em dados do português falado culto do Rio de Janeiro, Porto Alegre e Salvador (NURC – final da década de 70), também analisou a influência da *saliência fônica* na variação pronominal *nós* e a *gente*. Baseando-se em Lemle & Naro (1977), a autora assim define o princípio da *saliência fônica*:

(...) diz-se que entre duas formas niveladas, que se opõem, é mais provável a manutenção dessa oposição quando existe, entre elas, uma diferenciação fônica acentuada. Caso contrário, ou seja, quando for menor essa distinção, há uma tendência a neutralizar-se a oposição e prevalecer o uso de apenas uma das formas. (LOPES, 1998, p.8)

A autora adotou em sua análise uma escala gradual crescente de *saliência*, com cinco diferentes níveis de diferenciação fônica. À diferença de Omena, não considerou o gerúndio e o infinitivo (níveis 1 e 3 de Omena, respectivamente) como níveis de *saliência*. Os níveis adotados por Lopes foram os seguintes:

- 1) *falava/ falávamos*
- 2) *fala/ falamos, trouxe/ trouxemos*
- 3) *está/ estamos, tem/ temos*
- 4) *comeu/ comemos, vai/ vamos*
- 5) *falou/ falamos, é/ somos*

Os resultados de sua análise, assim como os de Omena, mostraram que nos níveis de menor *saliência* (nível 1: *falava/ falávamos*; nível 2: *fala/ falamos*), houve um favorecimento para o uso da forma *a gente* (.62 e .63, respectivamente), enquanto nos níveis 3, 4 e 5 houve um favorecimento para a forma *nós*, no nível 3 de .65 e nos níveis 4 e 5 amalgamados de .77. Desta maneira Lopes (1998) comprova em seus dados o *princípio da saliência*, pois verifica que quanto maior a diferença entre as formas do singular e plural, maior a probabilidade de manutenção de apenas uma das formas, no caso o pronome *nós*. Borges, assim como Omena e Lopes, obtém resultados significativos para a *saliência fônica* em sua análise da variação *nós/a gente* em diferentes variedades linguísticas do Rio Grande do Sul. Baseando-se em estudos anteriores sobre a análise da *saliência fônica*, Borges (2004, p.139) propõe a seguinte escala de *saliência*:

- 1) a mesma forma para ambas as pessoas: *cantando*;
- 2) infinitivo com acréscimo da forma -mos : *cantar/ cantarmos*
- 3) conservação da sílaba tônica e acréscimo da desinência -mos: *falava/falávamos*;
- 4) deslocamento do acentoônico e acréscimo da desinência -mos: *fala/ falamos*;
- 5) monossílabos tônicos ou oxítonos que passam a paroxítonos: *está/ estamos, tem/ temos*;
- 6) redução dos ditongos finais em vogais, com acréscimo da desinência -mos: *cantou/ cantamos*;
- 7) diferenças fonológicas acentuadas: *veio/ viemos, é/ somos*.

Nota-se que Borges adota os mesmos níveis de saliência estabelecidos por Omena; no entanto, propõe algumas modificações na ordem dos fatores: os níveis 3 (*infinitivo com acréscimo de –mos*) e 6 (*monossílabos tônicos ou oxítonos que passam a paroxítonos*) da escala apresentada por Omena, são classificados como níveis 2 e 5, respectivamente, na escala proposta por Borges.

Na análise de seus dados, Borges verificou, assim como Omena e Lopes, que o pronome *a gente* é mais favorecido nos níveis em que não há ou há uma menor diferenciação de material fônico. Os resultados obtidos para *a gente* nos falares de Jaguarão e Pelotas nos níveis menos salientes foram: nível 1 (.58 e .62); nível 2 (.76 e .74); nível 3 (.54 e .59) e nível 4 (.76 e .70, respectivamente). De forma oposta, nos níveis 5, 6 e 7, nos quais as diferenças fônicas entre as formas verbais são maiores, o autor encontrou os menores pesos relativos, tanto em Jaguarão, como em Pelotas: nível 5 (.16 e .33); nível 6 (.33 e .30) e nível 7 (.26 e .19). Esses resultados corroboraram, dessa forma, sua hipótese (2004, p. 141): “o uso de *a gente* será menor quando, nas formas verbais, existir menor saliência fônica”.

Pode-se observar que nos estudos sobre a variação *nós/ a gente* em que se analisou a saliência fônica, esta sempre foi selecionada como estatisticamente significativa, daí a importância de também considerarmos esta variável independente na análise da variação *nós/ a gente* em nossos dados.

Partindo do pressuposto de que a *escala de saliência*, ou seja, a classificação utilizada para caracterizar os diferentes níveis dessa variável, baseia-se na maior ou menor oposição entre a forma verbal no singular e no plural dos diferentes níveis, analisamos as formas verbais *realizadas* pelos falantes de nossa amostra, a fim de estabelecermos os níveis de saliência pertinentes à nossa análise. Adotamos, inicialmente, a mesma escala de saliência proposta por Borges (2004), por ser mais adequada à análise de nossos dados.

Nossa primeira observação em relação à *saliência fônica* em nossos dados se refere à distribuição dos pronomes *nós/a gente* nos diferentes níveis de saliência (1 a 7), os quais apresentam situações bem distintas: no nível 1 (*gerúndio*), temos apenas 3 ocorrências, 2 de *a gente* e 1 de *nós*; no nível 2 (*infinitivo*), temos sempre a mesma forma verbal, não-marcada, independentemente do pronome utilizado; e no nível 3 (*imperfeito*), há um predomínio da forma verbal não-marcada com ambos os pronomes. Vejamos abaixo exemplos de verbos do nível 2 (*infinitivo*):

(82) Nossa mãe, que sofrimento *nós falá!* (FG1k)

(83) É muito difícil *a gente* **ficá** sozinho assim, é sempre meio junto, em família.

(FS2i)

(84) Aqui em Camboriu é mais perto pra *nós* **í**, daí *nós* **vamo** mais. (MG2b)

(85) Eles convidaram pra *gente* **í** lá. (FS2u)

Quanto ao nível 2, o fato de ambos os pronomes serem usados com as formas verbais deste nível, indica que há variação pronominal *nós/a gente* nesse nível de saliência (2); no entanto, salientamos que, em nossos dados, esse nível não apresenta oposição verbal entre P3 e P4, caracterizando-se pelo uso da mesma forma, não-marcada, seja com *a gente* ou *nós*, conforme já dito acima. De fato, vários estudos (Omena, 1998; Zilles, 2006) sobre *nós/ a gente* mostram que o uso do infinitivo flexionado na língua falada é extremamente raro. A tendência na língua falada seria, portanto, a de se evitar o uso da forma flexionada.

Em relação aos verbos do nível 3 de saliência (*imperfeito*), a grande maioria dos falantes de nossa amostra usa a mesma forma verbal, independente do pronome escolhido, conforme exemplos (86) e (87). Somente em alguns casos (falantes com *nível médio*) a desinência verbal de 1.^a pessoa do plural foi utilizada, conforme mostra o exemplo (88):

(86) *A gente* **ia** e **voltava** no mesmo dia. (FP1j)

(87) *Nós* só **ia** lá passia, **ficava** quinze, vinte dias nas férias. (FG1k)

(88) Hoje, por exemplo, *nós* **estariamos** os dois aposentado, com um salário aí de uns três, quatro mil cada um. (MS2c)

Já nos níveis 4, 5, 6 e 7, de maior saliência, a escolha do pronome *nós* ou *a gente* pelos falantes de nossa amostra vai *sempre* condicionar o uso de formas verbais diferentes, sendo a forma *marcada* (-mos ~ -mo) selecionada por *nós* e a *não-marcada* por *a gente*, conforme mostram os exemplos abaixo:

- Nível 4

(89) *A gente* **fecha**, avisa os cliente, né? *Nós* **fechamo**. (FS2u)

- Nível 5

(90) *Nós* **temos** com a Embrapa, com o Ceticon, com a Polícia Civil, e deve tê mais uma empresa grande aí que *a gente* **tem**. (MS1r)

- Nível 6

(91) Até *nós* **fomo** foi em agosto *a gente* **foi** pra lá. Agora *a gente* **vai** daqui- a semana que vem *a gente* **vai** lá. O namorado da minha filha vai se formá, daí *nós* **vamo** também lá. (FP2s)

- Nível 7

(92) Ma tu viu como *a gente é* miscigenado, né? (MS1f)

(93) Daí no caso *nós sono* em seis homem e uma mulher. (MG2n)

Esses exemplos de verbos nos níveis de maior saliência mostram usos que são comuns a todos os falantes da amostra. No exemplo (89), a entrevistada, ao explicar como fazem com o mercado da família quando tiram férias, usa *a gente fecha* no início e, em seguida, *nós fechamo*. Da mesma forma o falante do exemplo (90), quando cita os convênios da clínica de acupuntura onde trabalha, usa inicialmente *nós temos* e, em seguida, *a gente tem*. No exemplo (91), a entrevistada fala de suas viagens com o marido para Porto Alegre, onde moram suas filhas, começa com *nós fomo* e logo passa para *a gente foi*, em seguida usa *a gente vai* e termina com *nós vamo*. No exemplo (92) observamos o uso de *a gente é*, quando o informante fala do povo brasileiro em geral, e no (93), o de *nós sono* quando a entrevistada fala de seus irmãos. Nota-se que a alternância pronominal em todos os exemplos citados acima (níveis 4, 5, 6 e 7 de saliência), seja pelo mesmo falante (exemplos 89 a 91), seja por falantes diferentes (92 e 93), leva, necessariamente, a uma mudança nas formas verbais utilizadas.

Verifica-se, então, em nossos dados, a seguinte distribuição dos pronomes *nós/a gente* pelos diferentes níveis de saliência:

1. *nós/a gente* usados com a mesma forma verbal: *nível 1 (gerúndio)*, *nível 2 (infinitivo)* e na maioria dos casos do *nível 3 (imperfeito do indicativo)*;

1. *falando*
2. *falar*
3. *falava - falava/ falávamos*

2. *nós/a gente* usados com formas verbais diferentes: *nível 4, 5, 6 e 7*:

4. *fala/falamos*
5. *está/estamos*
6. *vai/vamos*
7. *é/somos*

Como já destacado, a escala de *saliência fônica* de Borges (2004) será tomada como referência para a análise dessa variável independente em nossos dados. No entanto, o fato de termos apenas três ocorrências de pronomes *nós/a gente* no nível 1 da escala de saliência proposta por Borges, leva-nos a retirar esse nível de nossa análise. Já o nível 2, que não apresenta nenhum caso de flexão verbal em nossos dados, passa a ser caracterizado pelo uso da mesma forma verbal com ambos os pronomes. O nível 3, que apresenta um comportamento atípico, ocorrendo o pronome *nós* com formas *marcadas* e *não- marcadas*,

será discutido no capítulo 4, no tópico que trata especificamente da análise da saliência fônica.

Os demais níveis de saliência (4, 5, 6 e 7), por apresentarem formas verbais que se realizam de acordo com o estabelecido na escala de saliência, ou seja, formas verbais *marcadas* para *nós* e *não-marcadas* para *a gente*, permanecem conforme proposto por Borges. A escala de saliência que utilizaremos inicialmente para a análise de nossos dados será constituída, portanto, de 6 níveis³⁹:

- 2) a mesma forma para ambas as pessoas: infinitivo
- 3) conservação da sílaba tônica e acréscimo (ou não) da desinência –*mos*:
falava/ falávamos;
- 4) deslocamento do acentoônico e acréscimo da desinência –*mos*:
fala/ falamos;
- 5) monossílabos tônicos ou oxítonos que passam a paroxítonos: *está/ estamos*,
tem/ temos;
- 6) redução dos ditongos finais em vogais, com acréscimo da desinência –*mos*:
vai/ vamos, falou/ falamos;
- 7) diferenças fonológicas acentuadas: *veio/ viemos, é/ somos*.

Salienta-se que o que se pretende analisar é o uso dos pronomes *nós/a gente* nos diferentes níveis de saliência, ou seja, nosso objetivo é verificar se, em nossos dados, a forma inovadora *a gente* predomina nos níveis menos salientes; e, por outro lado, se o pronome *nós* se mantém nos níveis de maior saliência, onde há maior diferença entre as formas de singular e plural, ou seja, entre P3 e P4. Daí nossa hipótese para essa variável: os níveis menos salientes favorecerão o uso do pronome inovador *a gente* e os mais salientes favorecerão a manutenção do pronome *nós*, conforme já demonstrado em outros trabalhos sobre esta variável.

3.4 Variáveis sociais

As variáveis sociais analisadas em nossa pesquisa foram as seguintes: *faixa etária*, *sexo* e *escolaridade*.

³⁹ Embora em nossa escala não conste o nível 1 de saliência, optamos por manter a mesma numeração dos níveis propostos por Borges (2004) a fim de facilitar a comparação de nossos resultados com os desse autor, principalmente.

3.4.1 Faixa etária

Esta variável tem se mostrado de grande relevância nos estudos variacionistas, pois nos fenômenos de mudança em curso a análise da faixa etária pode trazer evidências do que Labov (1972) denominou *mudança em tempo aparente*, isto é, ao compararmos a linguagem de diferentes faixas etárias, admitimos que as diferenças entre elas podem ser consideradas o resultado de uma mudança linguística.

Nos trabalhos de Omena (1998), Menon (1994), Tamanine (2002, 2010), Seara (2000) e Borges (2004) os resultados para a faixa etária confirmaram a hipótese de que os falantes mais jovens tendem a favorecer o uso da forma inovadora *a gente*.

No entanto, em relação à variável *tu/você*, os trabalhos analisados apontaram um resultado contrário, ou seja, os falantes mais jovens favorecendo o uso de *tu*, e os mais velhos favorecendo a forma inovadora *você*. Ramos (1989) constatou, embora em percentagens, um maior uso de *tu* entre os informantes de 36 a 50 anos (29%), enquanto os falantes da faixa etária de 51 *em diante* apresentaram um maior uso do pronome *você* (46%). No trabalho de Loregian-Penkal (2004), os resultados mostraram que a faixa etária de 25 a 49 anos (mais jovens) lidera no uso do pronome *tu* em todas as localidades. (pesos de .55 a .62 para o *tu* na faixa etária mais jovem). Este predomínio do uso de *tu* entre os mais jovens estaria relacionado, segundo as autoras, a um comportamento mais informal deste grupo, já os mais velhos usariam principalmente o *você* como marca de maior formalidade ou, segundo Ramos (1989) *devido ao fato de os mais idosos primarem por um comportamento linguístico mais educado em sua relação com o semelhante*. Assim, o uso do *tu* pelos mais jovens estaria relacionado a uma maior informalidade na fala desse grupo.

Entretanto, com base em nossa observação e também intuição de falante nativo, nossa hipótese em relação à *faixa etária*, tanto para a variável *nós/a gente*, quanto para a variável *tu/você*, é de que a *faixa etária mais jovem* favorecerá o uso dos pronomes inovadores *a gente* e *você*.

3.4.2 Sexo

Diversos estudos já demonstraram a influência do fator *sexo* na escolha das formas linguísticas utilizadas por homens e mulheres. Labov destaca que em situação de variação estável, as mulheres têm demonstrado preferência no uso das formas de prestígio, e que em

casos de mudança linguística, as mulheres seriam inovadoras e responsáveis pela propagação da variante não-padrão.

Quanto à influência do sexo do falante no uso de *nós* e *a gente*, os resultados de Omena (1998) demonstraram que esta variável não foi significativa, já os resultados de Menon (1994, 2006) apontaram um favorecimento no uso de *a gente* pelas mulheres, que apresentaram um peso relativo de .64 para esse pronome. Nos dados de Seara (2000) as mulheres também favoreceram a variante *a gente* (.66). Tamanine (2002), nas ocorrências isoladas, obteve probabilidade de uso de *a gente* por homens e mulheres próximo ao ponto neutro, mas nas sequências binárias e ternárias, os homens apareceram na vanguarda da mudança. Borges (2004) verificou um pequeno favorecimento para as mulheres no uso de *a gente*, o que segundo ele reafirma a hipótese já observada por Labov (1990) e Guy (2001), de que as mudanças implementadas pelas mulheres seriam mais rapidamente aceitas na comunidade.

Em relação aos pronomes *tu/você*, os resultados gerais de Menon e Loregian-Penkal (2002) e Loregian-Penkal (2004) mostraram a liderança das mulheres no uso de *tu*. As mulheres de Florianópolis, Porto Alegre e de Ribeirão da Ilha favoreceram o uso desse pronome com .74 de peso relativo; as do interior do Rio Grande do Sul apresentaram uma probabilidade de uso de *tu* de .67, e as do interior de Santa Catarina de .61.

Assim, a partir da análise desses trabalhos observa-se que na variação *nós/a gente* o sexo *feminino* geralmente está à frente da mudança, favorecendo o pronome inovador *a gente*; já os estudos sobre a variação *tu/você* (no Sul) mostram que são principalmente os homens que favorecem o uso do pronome inovador *você*.

Apesar desses resultados, nossa expectativa para essa variável é de que as mulheres estarão à frente da mudança, favorecendo tanto o uso do pronome inovador *a gente*, quanto o uso de *você*, pronomes *não-marcados* e, aparentemente, bem aceitos socialmente.

3.4.3 Escolaridade

Em relação à *escolaridade*, parece que esta atua, geralmente, no favorecimento da variante padrão. No entanto, como destacou Votre (2004, p. 51), para uma análise criteriosa das correlações entre variação e mudança linguística, de um lado, e a variável escolaridade, de outro, torna-se necessário estabelecer algumas distinções, que seriam, dentre outras: entre forma de prestígio social e forma relativamente neutra, entre fenômeno socialmente

estigmatizado e fenômeno imune à estigmatização e entre os fenômenos que são objetos de ensino escolar e aqueles que escapam à atenção normativa da escola.

Os resultados relativos à *escolaridade* nos trabalhos que trataram da variação *nós/a gente* apresentaram várias diferenças: Omena (1998), nos dados de falantes cariocas do final dos anos setenta, verificou que o *ginásio* influenciava o comportamento do falante no sentido deste usar mais a forma *nós*, tanto nos dados das crianças quanto nos dos adultos. Segundo a autora, o fato que o programa escolar inicia o estudo da conjugação verbal no fim do *primário* e a enfatiza justamente no *ginásio* poderia estar correlacionado a este fenômeno. Porém, resultado bastante diverso foi obtido por Tamanine (2002) nos dados de Lages, Blumenau e Chapecó, pois o *ginásio* apareceu, numa visão geral de sua amostra, como a escolaridade que mais favoreceu o uso de *a gente*.

Em relação à variação *tu/você*, os resultados da análise de Loregian-Penkal (2004) na região Sul, apontaram as seguintes tendências:

a) na rodada das capitais e no Ribeirão da Ilha, a autora verificou uma nítida progressão no uso de *tu*, proporcional ao aumento dos anos de contato com a escola: informantes do *primário* apresentaram peso relativo de .34, os do *ginásio* de .41 e os informantes do *colegial* de .75;

b) no interior do Rio Grande do Sul os informantes do *primário* lideraram no uso de *tu* com .72 de peso relativo, seguidos pelos informantes do *ginásio* com .38 e, por último, aparecem os do *colegial* com .28 de peso relativo;

c) nas cidades do interior de Santa Catarina foram os informantes do *ginásio* que apresentam um leve favorecimento do *tu* com .59 de peso relativo, em seguida aparecem os do *colegial* com .47 e os do *primário* apresentam .42 de peso relativo.

Como podemos bem observar, os resultados para o uso dos pronomes, seja *nós/a gente* ou *tu/você*, são bastante heterogêneos, dependendo da localidade em estudo.

Nossa hipótese para essa variável é que os falantes mais escolarizados provavelmente favoreçam o uso do pronome canônico e mais formal *nós*, de um lado, e o pronome inovador *você*, de outro, pois este último parece apresentar uma maior valoração social.

3.5 Dados desconsiderados

Em nosso estudo não foram considerados para a análise da variação *nós/a gente* e *tu/você*, os seguintes tipos de dados encontrados em nossa amostra:

a) pronomes *nós/ a gente e tu/ você* não acompanhados de forma verbal

(94) Parecia que nós não ia mais vivê, que tinha terminado a vida, o mundo, quando a mãe morreu. Não é assim, né? E depois aos poquinho **a gente....** (...) Quando o Ronaldo ficô doente também, a gente ficô triste, né? Meu Deus, eu fiquei apavorada, ele era jovem, **a gente**, né? (FG2t)

b) pronomes *nós/ a gente e tu/ você* expressos em orações coordenadas:

(95) Geralmente quando eles ficam a semana inteira, a gente vai no domingo, **volta** na segunda, que daí sempre tem medicamentos, coisaradas pra trazê, material, né? pra regional. Daí você vai no domingo e **volta**. (MG1e)

c) pronomes *nós/ a gente e tu/ você* que não desempenhavam a função de sujeito:

(96) Passa o dia das mães, aí tem o dia dos namorados. Essa não é uma data muito boa **pra gente**, porque **nós** tamos muito longe do centro. Daí essa não é uma data muito boa **pra nós**, porque o pessoal- porque aqui *você* não tem escritório, você não tem, então o pessoal não vem. (FS2z)

(97) Se você vai trabalhá ali no Sadia, você vai trabalhá aí no Sadia...(...) E sempre ali ó, dois, três chefe ali sempre rodando, sempre de olho encima **de você**. (MP1p)

d) pronomes implícitos *nós* e desinência verbal *-mos* em expressões cristalizadas:

(98) Deodoro é- eu, pelo menos no tempo que estudava eu gostava de estudá, e depois é um colégio, **vamo dizê**, no centro de tudo, né? (MP1d)

3.6 O pacote estatístico VARBRUL

Para a análise dos dados, utilizamos em nosso trabalho o pacote VARBRUL, que é constituído por um conjunto de programas para análise estatística de dados linguísticos (SCHERRE, M., 1992, p.1). Esses programas permitem investigar situações em que a variável em estudo é influenciada por vários elementos do contexto, ou seja, múltiplas variáveis independentes.

O pacote VARBRUL (cf. PINTZUK, 1988) é constituído por um conjunto de 10 programas. Dentre estes, os programas necessários para uma análise de regra variável são os seguintes: CHEKCTOK, READTOK, MAKECELL e IVARB ou TVARB ou MVARB. Scherre (1993) destaca que os programas CHEKCTOK, READTOK e MAKECELL têm como função básica preparar os dados para serem submetidos ao programa IVARB ou TVARB ou MVARB. A autora assim explica a função de cada um desses programas:

O CHECKTOK corrige os dados de entrada e gera os dados corrigidos. O READTOK efetua leves transformações nos dados corrigidos pelo CHECKTOK e gera novos dados com ligeiras modificações, agrupando, opcionalmente, em um só arquivo diversos arquivos corrigidos. O MACKECCELL recebe os dados gerados pelo READTOK e os prepara para serem executados ou pelo IVARB ou TVARB ou MVARB. (SCHERRE, 1993, p.5)

Em nosso estudo, utilizamos o IVARB, um programa de regra variável que faz a análise probabilística na forma *binária*, isto é, faz os cálculos estatísticos, atribuindo pesos relativos aos fatores das variáveis independentes correlacionados às duas variantes de um fenômeno linguístico.

O programa CROSSTAB também foi largamente utilizado em nossas análises. Esse programa faz o cruzamento das percentagens atribuídas a dois grupos de fatores, permitindo, assim, que se analise com maior clareza as possíveis interferências entre dois ou mais grupos de fatores.

Finalizamos a apresentação dos principais procedimentos metodológicos adotados em nosso trabalho e passamos, no capítulo seguinte, à análise da variação *nós/a gente* em nossos dados.

4. ANÁLISE DA VARIAÇÃO PRONOMINAL *NÓS/A GENTE*

Neste capítulo são apresentados e discutidos os resultados referentes à variação *nós/a gente* obtidos mediante a análise de 24 entrevistas realizadas com falantes do sexo *masculino* e *feminino*, de duas faixas etárias (*26-45 anos* e *50 anos ou mais*) e três níveis de escolaridade (*fundamental I*, *fundamental II* e *ensino médio*) da cidade de Concórdia (SC).

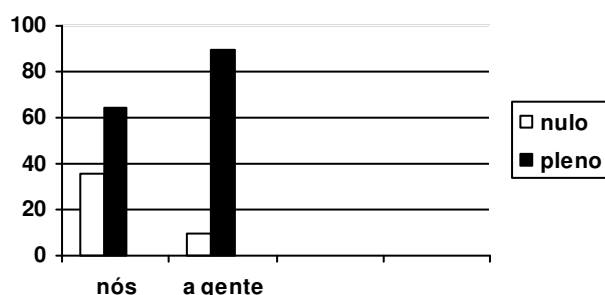
Inicialmente, apresentamos os resultados em números absolutos e frequenciais para visualização da distribuição geral dos pronomes *nós/a gente* na amostra. Em seguida, passamos à discussão da pertinência dos fatores *saliência fônica* e *tonicidade* em nossos dados e, por fim, analisamos os resultados probabilísticos obtidos através do uso do programa estatístico VARBRUL.

4.1 Resultados percentuais relativos à variação pronominal *nós/ a gente*

A análise geral de nossos dados mostrou uma distribuição equilibrada no uso dos pronomes *nós* e *a gente*, pois, de um total de 1.553 ocorrências, entre formas *explícitas* e *implícitas*, encontrou-se 783 casos de *a gente* e 770 de *nós*, o que corresponde a um percentual de aproximadamente 50% para cada um dos pronomes. Considerando somente as formas *explícitas*, o total é de 1.196 ocorrências, sendo 702 (59%) de *a gente* e 494 (41%) de *nós*, resultado que parece indicar que o uso do pronome inovador *a gente* já começa a ultrapassar o uso do pronome *nós* como referência à primeira pessoa do plural em Concórdia.

Em relação à *explicitação do pronome*, ou seja, ao *preenchimento* ou não do sujeito, observamos em nossa amostra que o pronome *a gente* apresenta 10% de não-preenchimento do sujeito, e o *nós*, cuja desinência verbal é marcada, apresenta uma maior percentagem de pronome implícito (36%), conforme mostra o gráfico 1:

Gráfico 1 – Frequência de *nós/a gente* na posição de sujeito preenchido e não-preenchido



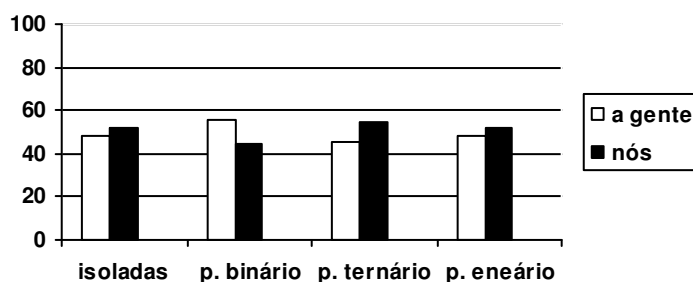
Este resultado, que indica um maior preenchimento do sujeito com o pronome *a gente*, reforça a ideia de que a desinência verbal não marcada estaria conferindo ao pronome o *status* de único indicador da categoria de pessoa, daí sua presença cada vez mais constante.

Comparando o resultado total de uso dos pronomes *nós* (50%) e *a gente* (50%) em nossa amostra aos de outros trabalhos sobre a variação desses pronomes na região Sul, observamos que os resultados de Concórdia aproximam-se principalmente daquele da cidade de Chapecó, onde se verificou (cf. Tamanine, 2002) 48% de ocorrências de *a gente*, e de Jaguarão (Borges, 2004), que apresentou 53% de uso de *a gente*. Já outras cidades analisadas por esses autores, como Lages, Blumenau e Pelotas apresentam um uso mais acentuado do pronome *a gente* (58%, 60% e 72%, respectivamente).

Em nosso estudo, analisamos inicialmente a variável *tipo de ocorrências* para verificarmos a distribuição dos pronomes *nós* e *a gente* na amostra. Foram analisadas as ocorrências *isoladas*, *binárias*, *ternárias* e *eneárias*, conforme Tamanine (2010). Os resultados mostraram que as ocorrências *isoladas*, com 668 casos, predominam sobre os demais, representando 43% do total de ocorrências. Em seguida temos o *paralelismo binário*, com percentual de 36% (554 ocorrências); o *paralelismo ternário* com 14% dos dados (225); e o *paralelismo eneário* apresenta a menor frequência de uso, com percentagem de 7% (106 ocorrências). Analisando-se o total de dados, pode-se observar um predomínio das ocorrências em *paralelismo*, pois representam 57% do total de ocorrências (885/1.553).

Em relação à distribuição dos pronomes, verificamos que o *nós* predomina nas ocorrências *isoladas*, em *paralelismo ternário* e *eneário* (52%, 55% e 52%, respectivamente), e *a gente* predomina no *paralelismo binário* (56%), conforme ilustra o gráfico 2:

Gráfico 2 – Frequência de *nós* e *a gente* entre ocorrência isolada, paralelismo binário, ternário e eneário



Pode-se observar que a diferença na distribuição dos pronomes *nós* e *a gente*, quer nas ocorrências *isoladas*, quer nos *paralelismos*, não se mostra muito significativa em nossos dados. Os resultados de Tamanine (2010), com dados de Curitiba, evidenciaram uma diferenciação mais acentuada no uso dos pronomes segundo o tipo de ocorrências: *a gente* predominou nas ocorrências *isoladas* (58%) e nas sequências *binárias* e *ternárias* (68% e 58%, respectivamente), já nas sequências *eneárias* o uso de *nós* foi maior (63%). Em nossos dados, o uso de *a gente* predominou somente nas sequências *binárias* (56%), enquanto o *nós* apresentou uma maior frequência de uso principalmente nas sequências *ternárias* (55%). Os fatores situados nos dois extremos, ou seja, as *ocorrências isoladas* de um lado, e as *eneárias* de outro, apresentaram a mesma frequência de uso para *nós* e *a gente* (52% e 48%, respectivamente), com um leve predomínio de *nós*.

Na análise das *ocorrências isoladas*, verificou-se que o uso de *nós* foi superior ao de *a gente* em apenas 4 pontos percentuais (52% de *nós* e 48% de *a gente*), o que podemos considerar não muito relevante, pois do total de ocorrências isoladas, essa diferença corresponde apenas a 26 casos.

Em relação ao *paralelismo binário*, onde predominou *a gente*, a diferença foi mais importante, de 12 pontos percentuais (56% de *a gente* e 44% de *nós*). Nos *paralelismos de formas iguais* observamos uma maior frequência de uso de *a gente* (57% - 252/440), e nos *paralelismos binários de formas diferentes* houve um predomínio da alternância *nós/a gente* (32 ocorrências contra 25 de *a gente/nós*) o que parece indicar que há, nas *ocorrências binárias*, uma maior tendência ao uso de *a gente* na retomada do sujeito, seja ele *a gente* ou *nós*.

As ocorrências em *paralelismo ternário* apresentaram diferença de 10 pontos percentuais no uso de *nós* e *a gente* (55% e 45%, respectivamente). Verificou-se 21 ocorrências a mais para *nós*, sendo 123 deste pronome e 102 de *a gente*. Nas *sequências*

ternárias de formas iguais obtivemos 81 ocorrências de *nós* e 57 ocorrências de *a gente*. Nas formas mistas, 11 sequências iniciam-se com *a gente* e mudam para *nós* e 10 sequências iniciam-se com *nós* e mudam para *a gente*. As demais sequências (8, com total de 24 ocorrências) mudam o pronome e depois retornam ao inicial, praticamente na mesma proporção para *nós* e *a gente*.

O *parallelismo eneário* apresentou praticamente a mesma frequência de uso para os dois pronomes, com um leve predomínio de *nós* (52%). Foram encontradas 55 ocorrências de *nós* e 51 de *a gente* neste tipo de sequência. No *parallelismo de formas iguais* foram 29 ocorrências de *nós* e 28 de *a gente*. O *parallelismo de formas mistas* também apresentou praticamente o mesmo número de ocorrências para os dois pronomes (26 para *nós* e 23 para *a gente*).

A partir dessas análises, percebe-se que o uso dos pronomes *nós/a gente* nas sequências não apresenta uma diferença muito relevante em nossos dados, isto é, esses resultados não se mostram muito expressivos para a análise do comportamento desses pronomes. Contudo, comparando-se os tipos de paralelismos, de *formas iguais* ou de *formas diferentes*, nota-se um predomínio do *parallelismo de formas iguais* para ambos os pronomes, principalmente nos casos de *parallelismo binário* e *ternário* (79% e 61%, respectivamente), mas também no *parallelismo eneário*, que apresentou uma percentagem de 54% para as *formas iguais*. Estes resultados parecem indicar que, uma vez escolhido o pronome, a tendência maior dos falantes é continuar usando a mesma forma ao longo do tópico discursivo.

No entanto, salienta-se que na rodada dos dados no programa VARBRUL, os fatores dessa variável, tal como apresentados no capítulo 3, apresentaram muitos *nocautes*, impossibilitando a análise sem a amalgamação dos fatores dessa variável. Assim, na análise geral dos dados, os paralelismos (*binário*, *ternário* e *eneário*) foram amalgamados em *pronomes paralelos iguais* e *pronomes paralelos diferentes*⁴⁰. Pretende-se, com essa amalgamação, verificar qual a probabilidade de uso dos pronomes *nós/a gente* nesses contextos. Destaca-se que, após a análise geral dos dados, serão realizadas rodadas complementares, considerando os diferentes paralelismos (*binário*, *ternário* e *eneário*).

No tópico seguinte são discutidas as variáveis que apresentaram problemas de sobreposição de fatores em nossa análise, ou seja: a *tonicidade*, a *saliência fônica* e o *tempo verbal* e, em seguida, apresentamos os resultados finais da análise da variação *nós/a gente*.

⁴⁰ Essa mesma amalgamação de fatores foi realizada por Tamanine (2010) para a análise dessa variável.

4.2 Discutindo as variáveis *saliência fônica, tonicidade e tempo verbal*.

A partir de resultados estatísticos obtidos mediante diferentes rodadas no programa VARBRUL, procurou-se discutir, neste tópico, a pertinência da análise conjunta das variáveis *saliência fônica, tonicidade e tempo verbal* em nossos dados. Conforme já apresentado anteriormente, foram consideradas em nossa análise as seguintes variáveis independentes:

- a) **variáveis linguísticas:** *tonicidade, saliência fônica, tempo verbal, concordância verbal, tipo de ocorrência, determinação do referente, tipo de discurso, tipo de verbo e tipo de texto;*
- b) **variáveis sociais:** *faixa etária, sexo e escolaridade.*

Já na primeira rodada do VARBRUL a *concordância verbal* foi retirada da análise devido aos *nocautes*, pois se verificou que em todas as ocorrências com o pronome *a gente* a forma verbal apresentou-se não marcada (*a gente* - \emptyset). Quanto ao pronome *nós*, os casos de *não-concordância* verbal foram nas ocorrências de *infinitivo* (11 ocorrências com *nós*), cuja concordância é, de fato, extremamente rara na língua falada; e no *pretérito imperfeito* (81% de *não concordância*), confirmando a tendência geral no português de acentuar a penúltima sílaba, evitando assim as proparoxítonas, ou seja, ocorrendo o que Zilles chama de *esquiva da proparoxítona*, já que palavras proparoxítonas são consideradas marcadas em relação às que são paroxítonas, não-marcadas. De acordo com Zilles (2006, p.107): “Palavras com o acento na antepenúltima sílaba são marcadas, pois diferem da prosódia esperada do português, ou seja, são diferentes das paroxítonas”.

Quanto à *saliência fônica*, lembramos que foram adotados os mesmos níveis de *saliência* propostos por Borges (2004), com exceção do nível 1 (*gerúndio*), que retiramos da análise pelo reduzido número de ocorrências (somente 3).

Assim, nessa rodada, com todos os fatores acima apresentados, exceto a *concordância verbal*, o programa estatístico selecionou os seguintes grupos de fatores:

Quadro 5 - Resultado da rodada com dados de *nós/a gente* – aplicação: *a gente*

1.ª Rodada Geral - grupos selecionados
1. <i>tonicidade</i> , 2. <i>saliência fônica</i> , 3. <i>determinação do referente</i> , 4. <i>faixa etária</i> , 5. <i>tipo de texto</i> , 6. <i>tipo de discurso</i> , e 7. <i>tipo de verbo</i> .

Pode-se observar no quadro acima que a *tonicidade* e a *saliência fônica* foram as variáveis linguísticas selecionadas como as mais significativas, em primeira e segunda

posição, respectivamente; já o *tempo verbal* não foi selecionado nesta rodada. Em relação às variáveis sociais, a *faixa etária* foi a única variável selecionada, sendo que aparece em quarta posição; já as variáveis *escolaridade* e *sexo* não se mostraram significativas nessa análise da variação pronominal *nós/a gente*.

Na tabela 4 são apresentados os resultados quantitativos da variação *nós/a gente* obtidos nesta rodada do VARBRUL, considerando todas as variáveis independentes, exceto a *concordância verbal*.

Tabela 4 – Resultados probabilísticos de *nós/ a gente* na posição de sujeito
(input .59 – a gente)

Grupos de fatores	Nós			A gente		
	Aplic/ N	%	P. R.	Aplic./N	%	P. R.
1. Tonicidade						
– monossílabo tônico	3/282	1	.00	279/282	99	1.00
– oxítono	8/101	8	.00	93/101	92	1.00
– paroxítono	739/1.150	64	.92	411/1150	36	.08
2. Saliência fônica						
– deslocamento do acento tônico (4) ⁴¹	114/381	30	.06	267/381	70	.94
– acréscimo da desinência com conservação da sílaba tônica (3)	106/244	43	.08	138/244	57	.92
– diferenças fonológicas acentuadas entre P3 e P4 (7)	83/114	73	.49	31/114	27	.51
– redução dos ditongos finais em vogais + -mos (6)	340/515	66	.86	175/515	34	.14
– monossílabos tônicos ou oxítonos que passam a paroxítonos (5)	115/261	44	.88	146/261	56	.12
– infinitivo (+ -mos) (2) ⁴²	11/35	31	1.00	24/35	69	.00
3. Determinação do referente						
– indeterminado	28/202	14	.15	174/202	86	.85
– determinado	742/1.351	55	.56	609/1.351	45	.44
4. Faixa etária						
– 26 a 45 anos	359/805	45	.43	446/805	55	.57
– 50 anos ou mais	411/748	55	.58	337/748	45	.42
5. Tipo de texto						
– dissertativo	132/373	35	.44	241/373	65	.56
– narrativo	461/867	53	.47	406/867	47	.53
– descritivo	173/308	56	.67	135/308	44	.33
6. Tipo de discurso						
– não reportado	749/1.529	49	.49	780/1.529	51	.51
– reportado de terceiros	19/22	86	.90	3/22	14	.10
7. Tipo de verbo						
- dicendi	22/100	22	.31	78/100	78	.69
- epistêmico	27/110	25	.45	83/110	75	.55
- ação	521/1.002	52	.50	481/1.002	48	.50
- estado	200/341	59	.57	141/341	41	.43
Total	770/1.553	50*		783/1.553	50	
Significância: .044						

*O programa considerou a percentagem de 50% para cada uma das variantes, embora a percentagem exata seria 49,6% para *nós* e 50,4% para *a gente*.

⁴¹ Os números entre parênteses indicam os *níveis de saliência*, de acordo com a classificação adotada neste trabalho.

⁴² Em nossos dados, todas as ocorrências de *infinitivo* ocorreram com a forma verbal não-flexionada.

Em relação aos resultados obtidos nesta rodada e apresentados na tabela 4, pode-se observar, entre outras coisas, uma diferença significativa entre as percentagens e os pesos relativos em determinados níveis de *saliência fônica*, como, por exemplo, no nível 2, que apresentou 69% de uso de *a gente* e 31% de *nós*, mas um peso relativo de 0.0 para *a gente* e de 1.0 para *nós*. Apesar do pequeno número de dados (35), essa discrepância nos resultados, bem como outros problemas verificados nesta rodada em relação à *tonicidade* e à *saliência fônica*, principalmente, são discutidos a seguir.

No que se refere à *tonicidade*, variável selecionada pelo programa como a mais significativa estatisticamente, observa-se que os resultados apresentam-se um tanto polarizados, pois, de um lado, com os verbos *monossílabos tônicos* e *oxítonos*, temos um uso categórico de *a gente* (1.0) e, de outro, com os *paroxítonos*, o pronome *nós* foi favorecido, com um peso relativo de .92. Verifica-se também que temos somente 11 ocorrências de *nós* com verbos *monossílabos tônicos* e *oxítonos*, as quais correspondem justamente às ocorrências de *infinitivo* não-flexionado. Nota-se que esse resultado só reitera a distribuição dos dados na língua; já que as formas verbais monossílabas são mais prováveis de acontecer com *a gente*.

Em relação à *saliência fônica*, selecionada pelo programa estatístico como segunda variável mais significativa, observa-se que os resultados apresentam os níveis 3 e 4 de *saliência* favorecendo *a gente* e os níveis 5 e 6 favorecendo *nós*, conforme o previsto. Já no nível 7, de maior *saliência*, obtivemos um resultado próximo do ponto neutro (*a gente* .51 e *nós* .49) e no nível 2, o menos saliente, verificou-se um resultado categórico para o *nós*, com uma grande diferença entre o resultado percentual (31%) e o peso relativo (1.0), o que parece apontar para uma sobreposição de fatores. Constatou-se aqui que o *nível 2 de saliência* corresponde na variável *tonicidade* ao uso de *nós* com *monossílabos* e *oxítonos*, justamente os fatores em que o pronome *nós* teve um peso relativo de .00. Isso parece indicar que a análise conjunta destas duas variáveis (*tonicidade* e *saliência*) provoca uma sobreposição de fatores, alterando significativamente os resultados.

Analizando as etapas do programa estatístico, constatou-se que o peso relativo para *a gente* na primeira etapa (ou nível)⁴³ de iteração do programa foi de .68 e .27 para os níveis 2 e 7 de *saliência*, respectivamente. Já na segunda etapa, em que o programa realizou a iteração da *saliência fônica* com a *tonicidade*, os pesos para *a gente* nos níveis 2 e 7 de *saliência*

⁴³ O nível 1 da rodada contrasta cada variável independente com a variável dependente; no nível 2, ocorreu a iteração entre a *saliência fônica* e a *tonicidade*.

passaram para .00 e .68, respectivamente. Nota-se, então, que o enviesamento nos pesos relativos ocorre justamente quando o programa realiza a iteração das variáveis independentes *saliência fônica* e *tonicidade*, ou seja, no nível 2 da análise. Para melhor compreendermos a distribuição dos pronomes *nós/a gente* pelos diferentes fatores dessas variáveis, efetuamos o cruzamento da *tonicidade* com a *saliência fônica*. Os resultados desse cruzamento são apresentados na tabela 5:

Tabela 5 - Percentuais de *nós/a gente* por *tonicidade* e *saliência fônica*

Tonicidade x Saliência fônica		Paroxítonos	Oxítonos	Monossílabos	Total
		Aplic/%	Aplic/%	Aplic/%	Aplic/%
6 - redução de ditongos finais em vogais + -mos	<i>a gente</i>	6 / 2%	53 / 100%	116 / 100%	175 / 34%
	<i>nós</i>	<u>340</u> / 98%			<u>340</u> / 66%
	Total	346			515
7 - diferenças fonológicas acentuadas entre P3 e P4	<i>a gente</i>	10 / 11%		21 / 100%	31 / 27%
	<i>nós</i>	<u>83</u> / 89%			<u>83</u> / 73%
	Total	93			114
3 - acréscimo da desinência e conservação da sílaba tônica	<i>a gente</i>	138 / 62%			138 / 62%
	<i>nós</i>	<u>86</u> / 38%			<u>86</u> / 38%
	Total	224			224
2 - infinitivo + -mos	<i>a gente</i>		18 / 69%	6 / 67%	24 / 69%
	<i>nós</i>		<u>8</u> / 31%	<u>3</u> / 33%	<u>11</u> / 31%
	Total		26	9	35
5 - monossílaboônico ou oxítono que passa a paroxítono	<i>a gente</i>		22 / 100%	123 / 100%	145 / 56%
	<i>nós</i>	116 / 100%			<u>116</u> / 44%
	Total				261
4 - deslocamento do acentoônico + -mos	<i>a gente</i>	254 / 36%		13 / 100%	267 / 70%
	<i>nós</i>	<u>114</u> / 64%			<u>114</u> / 30%
	Total	368			381
Total	<i>a gente</i>	408 / 36%	93 / 92%	279 / 99%	780 / 51%
	<i>nós</i>	<u>739</u> / 64%	<u>8</u> / 8%	<u>3</u> / 1%	<u>750</u> / 49%
	Total	1.147	101	282	1.530

Considerando o total de ocorrências de *nós/a gente* (1553), foram desconsideradas neste cruzamento, dentro das respectivas variáveis, as ocorrências com formas verbais *proparoxítonas* (20 com *nós*), assim como as ocorrências do nível 1 de *saliência* (3 casos).

A tabela mostra que, efetivamente, as ocorrências de *nós* com verbos *oxítonos* e *monossílabos* restringem-se aos 11 casos de *infinitivo não flexionado*, todos os demais verbos

oxítonos e *monossílabos* (372) ocorrem com o pronome *a gente*. Portanto, 97% dos verbos *oxítonos* e *monossílabos* ocorrem com o pronome *a gente*, e somente 3% com o pronome *nós*, o que não parece justificar a análise da *tonicidade* como variável pertinente em nossos dados. Acreditamos, então, que a *tonicidade*, apesar de ser estatisticamente selecionada em primeira posição pelo programa, não deva ser considerada em nossos dados como um fator condicionante da variação *nós/a gente*, pois os verbos *oxítonos* e *monossílabos tônicos*, em sua grande maioria, ocorrem com o pronome *a gente*, constatação reforçada pelo peso relativo categórico atribuído a esse pronome nesses contextos. Assim, a partir da análise desses resultados, pode-se dizer que, embora a *tonicidade* tenha sido selecionada pelo programa como a variável *estatisticamente* mais significativa, essa variável não se mostra *linguisticamente* significativa na análise de nossos dados.

Apesar dessa constatação, para melhor analisarmos a questão da sobreposição de fatores, efetuamos várias rodadas excluindo alternadamente a *saliência fônica*, a *tonicidade* e o *tempo verbal*. Ainda em relação à *saliência fônica* e à *tonicidade*, constatou-se nas diversas rodadas do programa que a retirada de uma ou outra dessas variáveis alterou significativamente o *input* atribuído ao pronome *a gente*, conforme apresentamos abaixo:

- a) rodada com a *saliência* e sem a *tonicidade*: *input* de .52 para *a gente*;
- b) rodada com a *saliência fônica* e a *tonicidade*: *input* de .59 para *a gente*;
- c) rodada sem a *saliência* e com a *tonicidade*: *input* de .72 para *a gente*;

Percebe-se que o *input* de .59 para *a gente* na rodada com a *saliência* e a *tonicidade*, eleva-se para .72 na rodada sem a variável *saliência fônica*, o que parece indicar que essa variável opera no *nós* (cf. Menon, notas de comunicação oral); quando retiramos a *saliência fônica* da análise, o *input* para o pronome *nós* baixa, passa de .41 para .28. Por outro lado, a *tonicidade* parece atuar fortemente em sentido contrário, pois quando essa variável é retirada da análise, o *input* para *a gente* diminui significativamente: passa de .72 para .52. Pode-se observar, a partir dos resultados obtidos nessas diferentes rodadas, que a *saliência fônica* e a *tonicidade* alteram significativamente os resultados estatísticos, mas atuando em sentido contrário: a *saliência fônica* operando no *nós*, e a *tonicidade* no *a gente*. Isso nos mostra que o *input*, ou a *média global* atribuída às variantes em análise, pode alterar-se, dependendo das variáveis independentes consideradas na análise.

Assim, após a constatação de que a *tonicidade* não se mostra uma variável pertinente para a análise de nossos dados, efetuamos uma nova rodada, sem a *tonicidade*. A fim de

compararmos os resultados da primeira (com a *tonicidade*) e segunda rodada (sem a *tonicidade*), apresentamos os grupos de fatores selecionados nas duas rodadas:

Quadro 6 - Rodadas para testar a interferência da *tonicidade na classificação dos grupos de fatores*

1. ^a Rodada (com todos os fatores)	2. ^a Rodada - sem a <i>tonicidade</i>
1. tonicidade	1. saliência fônica
2. saliência fônica	2. determinação do referente
3. determinação do referente	3. tipo de discurso
4. faixa etária	4. tipo de verbo
5. tipo de texto	5. tempo verbal
6. tipo de discurso	6. escolaridade
7. tipo de verbo	7. tipo de texto
	8. faixa etária
	9. tipo de ocorrência

Nota-se no quadro 6, ao compararmos a 1.^a rodada (com a *tonicidade*) com a 2.^a rodada (sem a *tonicidade*), várias mudanças em relação à classificação dos grupos de fatores selecionados. A *saliência fônica* passa a ser selecionada como a primeira variável estatisticamente significativa, seguida da *determinação do referente*. O *tipo de discurso* e *tipo de verbo*, que ocupavam a 6.^a e 7.^a posição na rodada anterior, depois da *faixa etária*, ‘sobem’ para a 3.^a e 4.^a posição, antes da *faixa etária* e *tipo de texto*. Além dessas mudanças na ordem de seleção das variáveis, temos nesta rodada também a inclusão do *tempo verbal*, em 5.^a posição; da *escolaridade*, em 6.^a; e do *tipo de ocorrência*, selecionado em última posição. Os diferentes resultados obtidos nessas duas rodadas, tanto em relação à ordem de seleção dos grupos de fatores, quanto em relação aos grupos selecionados pelo programa, comprovam que a inclusão da *tonicidade* altera significativamente os resultados da análise de nossos dados.

Na tabela 6, apresentamos os resultados obtidos para cada uma das variáveis selecionadas nesta última rodada, sem a inclusão da variável *tonicidade*:

Tabela 6 – Resultados probabilísticos de *nós/a gente* na posição de sujeito – sem *tonicidade* (*input*: .52 – *a gente*)

Grupos de fatores	<i>Nós</i>			<i>A gente</i>		
	Aplic./N	%	P. R.	Aplic./N	%	P. R.
1. Saliência fônica						
– acréscimo da desinência com conservação da sílaba tônica (3)	106/244	43	.37	138/244	57	.63
– deslocamento do acentoônico (4)	114/381	30	.39	267/381	70	.61
– infinitivo + <i>-mos</i> (2)	11/35	31	.41	24/35	69	.59
– monossílabos tônicos ou oxítonos que passam a paroxítonos (5)	115/261	44	.48	146/261	56	.52
– redução dos ditongos finais em vogais + <i>-mos</i> (6)	340/515	66	.62	175/515	34	.38
– diferenças fonológicas acentuadas entre P3 e P4 (7)	83/114	73	.67	31/114	27	.33
2. Determinação do referente						
– indeterminado	28/202	14	.17	174/202	86	.83
– determinado	742/1.351	55	.56	609/1.351	45	.44
3. Tipo de discurso						
– direto	749/1.529	49	.49	780/1.529	51	.51
– reportado de terceiros	19/22	86	.95	3/22	14	.05
4. Tipo de verbo						
– dicendi	22/100	22	.35	78/100	78	.65
– epistêmico	27/110	25	.42	83/110	75	.58
– ação	521/1.002	52	.49	481/1.002	48	.51
– estado	200/341	59	.60	141/341	41	.40
5. Tempo verbal						
– infinitivo	11/35	31	.43	24/35	69	.57
– presente ind.	381/896	43	.43	515/896	57	.57
– pret. imperf. ind.	105/235	45	.57	130/235	55	.43
– pret. perf. Ind.	271/369	73	.63	98/369	27	.37
6. Escolaridade						
- fundamental I	212/460	46	.45	248/460	54	.55
- fundamental II	216/463	47	.47	247/463	53	.53
- ensino médio	342/630	54	.56	288/630	46	.44
7. Tipo de texto						
– dissertativo	132/373	35	.45	241/373	65	.55
– narrativo	461/867	53	.48	406/867	47	.52
– descritivo	173/308	56	.60	135/308	44	.40
8. Faixa etária						
– 26 a 45 anos	359/805	45	.46	446/805	55	.54
– 50 anos ou mais	411/748	55	.55	337/748	45	.45
9. Tipo de ocorrência						
- pronomes iguais	299/636	47	.47	337/636	53	.53
- pronomes diferentes	125/250	50	.46	125/250	50	.54
- isolados	346/667	52	.54	321/667	48	.46
Total	770/1.553	50		783/1.553	50	
Significância: .040						

Nesta rodada, *sem a tonicidade*, verificamos várias modificações, não só na ordem de seleção das variáveis, como também em relação ao próprio peso relativo atribuído aos fatores. A primeira observação que podemos fazer é que, efetivamente, parece que a análise conjunta da *saliência* e da *tonicidade* causa uma sobreposição de fatores, alterando tanto os

pesos relativos quanto os grupos selecionados pelo programa. Em relação à *saliência fônica*, variável selecionada como mais significativa, observou-se várias alterações nos pesos relativos atribuídos aos diferentes níveis de *saliência*. Os resultados da *saliência fônica* nas rodadas com e sem a *tonicidade* podem ser observados na tabela 7:

Tabela 7: Resultados para a *saliência fônica* em rodadas com e sem a *tonicidade* (aplicação: *a gente*)

Grupo de fatores	Saliência fônica e tonicidade	Saliência fônica sem tonicidade
Saliência fônica		
– acréscimo da desinência com conservação da sílaba tônica (3)	.92	.63
– deslocamento do acentoônico (4)	.94	.61
– infinitivo + <i>-mos</i> (2)	.00	.59
– monossílabos tônicos ou oxítonos que passam a paroxítonos (5)	.12	.52
– redução dos ditongos finais em vogais + <i>-mos</i> (6)	.14	.38
– diferenças fonológicas acentuadas entre P3 e P4 (7)	.51	.33

Verifica-se uma mudança acentuada nos pesos atribuídos aos diferentes níveis de *saliência*: o nível 2 (*infinitivo*), com .0 de peso relativo, sem a *tonicidade* passa a .59; o nível 5 passa de .12 para .52; o nível 6, de .14 para .38; já nos outros níveis, os pesos relativos diminuem bastante: no nível 7, passa de .51 para .33; e nos níveis 3 e 4, passam de .92 e .94 para .63 e .61, respectivamente.

Esses resultados parecem comprovar que a análise conjunta da *saliência fônica* e da *tonicidade* em nossos dados não seria viável, pois a alteração causada, tanto nos fatores selecionados, quanto nos pesos relativos, não pode ser negligenciada. Pode-se observar também que *sem a tonicidade* os níveis de *saliência* aproximam-se do previsto, ou seja, os níveis de *menor saliência* (2, 3, 4), favorecendo o uso de *a gente* e os de *maior saliência* (6 e 7), favorecendo o uso de *nós*.

No entanto, antes de passarmos à análise dos fatores selecionados como mais significativos na variação *nós/a gente*, realizamos ainda várias rodadas para verificarmos se havia, em nossa amostra, sobreposição de fatores entre outras variáveis selecionadas pelo programa. Como nossa análise preliminar da *saliência* já havia mostrado que os níveis 2 e 3

de saliência correspondem aos tempos *infinitivo* e *pretérito imperfeito*, respectivamente, procuramos analisar mais detalhadamente os resultados dessas duas variáveis. Efetuamos, inicialmente, um cruzamento entre a *saliência fônica* e o *tempo verbal*. Os resultados desse cruzamento aplicados ao uso de *nós/a gente* são apresentados na tabela 8:

Tabela 8 – Percentuais de *nós/a gente* por *tempo verbal* e *saliência fônica*

Tempo verbal x Saliência fônica		Pretérito Perfeito	Pretérito Imperfeito	Infinitivo	Presente	Total
		Aplic/%	Aplic/%	Aplic/%	Aplic/%	Aplic/%
6 -redução dos ditongos finais em vogais + -mos	<i>a gente</i>	79 / 26%			96 / 46%	175 / 34%
	<i>nós</i>	<u>228</u> / 74%			<u>112</u> / 54%	<u>430</u> / 66%
	Total	307			208	515
7-diferenças fonológicas acentuadas entre P3 e P4	<i>a gente</i>	18 / 30%			13 / 25%	31 / 27%
	<i>nós</i>	<u>43</u> / 70%			<u>40</u> / 75%	<u>83</u> / 73%
	Total	61			53	114
3-acréscimo da desinência e conservação da sílaba tônica	<i>a gente</i>		130 / 55%			130 / 55%
	<i>nós</i>		<u>105</u> / 45%			<u>105</u> / 45%
	Total		235			235
2 – infinitivo + -mos	<i>a gente</i>			24 / 69%		24 / 69%
	<i>nós</i>			<u>11</u> / 31%		<u>11</u> / 31%
	Total			35		35
5-monossílabos tônicos ou oxítonos passam a paroxítonos	<i>a gente</i>				144 / 56%	144 / 56%
	<i>nós</i>				<u>115</u> / 44%	<u>115</u> / 44%
	Total				259	259
4 - deslocamento do acentoônico + -mos	<i>a gente</i>				262 / 70%	263 / 70%
	<i>nós</i>				<u>114</u> / 30%	<u>114</u> / 30%
	Total				376	377
Total	<i>a gente</i>	98 / 27%	130 / 56%	24 / 69%	515 / 57%	767 / 50%
	<i>nós</i>	<u>271</u> / 73%	<u>105</u> / 44%	<u>11</u> / 31%	<u>381</u> / 43%	<u>768</u> / 50%
	Total	369	235	35	896	1.535

Podemos observar na tabela 8 a distribuição dos pronomes *nós/a gente* nos diferentes *tempos verbais* e níveis de *saliência fônica*. Percebe-se no cruzamento dos dados que o *pretérito perfeito* restringe-se aos níveis de maior saliência (6 e 7); os verbos no *presente* se distribuem entre os níveis 4, 5, 6 e 7; enquanto o *infinitivo* e o *imperfeito* ocorrem somente nos níveis 2 e 3, respectivamente, os menos salientes. Isso parece confirmar uma sobreposição de fatores, pois o *nível 2* de saliência corresponde ao tempo *infinitivo*, e o *nível*

3, ao *pretérito imperfeito*, ou seja, existem fatores de diferentes grupos, a *saliência fônica* e o *tempo verbal*, testando a mesma coisa.

Depois de detectado esse problema de sobreposição de fatores, várias rodadas alternativas foram realizadas. Destacaremos os resultados daquelas que consideramos as mais significativas para a análise de nossos dados.

Inicialmente, efetuamos uma rodada sem a *saliência fônica* para verificarmos se haveria alteração nos grupos selecionados e nos pesos atribuídos aos diferentes fatores, em especial, da variável *tempo verbal*. No quadro 7, apresentamos os grupos de fatores selecionados na 2.^a rodada (*com a saliência*) e aqueles selecionados na rodada *sem a saliência*.

Quadro 7 – Grupos de fatores selecionados em rodadas com e sem a *saliência fônica*

2. ^a Rodada - com a <i>saliência fônica</i> <i>significância: .040</i>	3. ^a Rodada - sem a <i>saliência fônica</i> <i>significância: .031</i>
1. <i>saliência fônica</i> 2. determinação do referente 3. tipo de discurso 4. tipo de verbo 5. tempo verbal 6. escolaridade 7. tipo de texto 8. faixa etária 9. tipo de ocorrência	1. determinação do referente 2. tempo verbal 3. tipo de discurso 4. tipo de verbo 5. tipo de texto 6. faixa etária 7. escolaridade 8. tipo de ocorrência

Observamos que os mesmos grupos de fatores são selecionados pelo programa em ambas as rodadas, com algumas alterações na ordem de seleção. O que se destaca aqui é o *tempo verbal*, variável que com a retirada da *saliência fônica*, ‘sobe’ da 5.^a para a 2.^a posição, aumentando sua significância nessa rodada. A fim de melhor entendermos essa mudança, apresentamos na tabela 9 os resultados do *tempo verbal* nas duas rodadas, *com e sem a saliência fônica*:

Tabela 9 – Resultados do *tempo verbal* em rodadas com e sem a *saliência*
(aplicação: *a gente*)

Grupo de fatores	Rodada com <i>saliência</i>	Rodada sem <i>saliência</i>
	P.R.	P.R.
Tempo verbal		
– infinitivo	.57	.67
– presente Ind.	.57	.58
– pret. imperfeito	.43	.56
– pret. perfeito	.37	.26

Constatamos, a partir desses resultados, que os pesos relativos nos diferentes *tempos verbais*, com exceção do *presente*, alteram-se significativamente quando a *saliência fônica* não é considerada na rodada. O peso para *a gente* aumenta no *infinitivo*, de .57 para .67, e no *imperfeito*, de .43 para .56; já no *pretérito perfeito* o peso de *a gente* diminui, de .37 para .26. Observa-se que o *presente* é o único tempo verbal que não sofre alteração no resultado em rodada *com* e *sem* a *saliência*, o que provavelmente está relacionado à boa distribuição dos dados desse tempo nos diferentes níveis de *saliência*, pois, como observamos na tabela 4, temos verbos do *presente* nos níveis 4, 5, 6 e 7 de *saliência*. Já os outros tempos restringem-se a um só nível (*infinitivo* – nível 2, *imperfeito* – nível 3) ou dois (*pretérito perfeito* – níveis 6 e 7). Observamos, assim, uma distribuição não ortogonal dos dados pelos *níveis de saliência e tempo*, e este fato parece estar relacionado às alterações nos pesos atribuídos aos pronomes *nós/a gente* nos diferentes *tempos verbais*.

A fim de verificarmos onde ocorre o desvio, ou a sobreposição de fatores, verificamos detalhadamente os resultados da rodada com a *saliência fônica* e o *tempo verbal*, nas diferentes etapas, ou níveis de iterações, realizados pelo programa. Comparamos os resultados do nível 1 (que contrasta cada variável independente com a variável dependente), com aqueles do nível 2 (onde ocorre a iteração entre *saliência fônica* e *tempo verbal*), e também com os resultados do nível 9, em que o programa seleciona as variáveis mais significativas. Na tabela 10, apresentamos os resultados para o *tempo verbal* nesses diferentes níveis de análise:

Tabela 10 – Resultados probabilísticos para o *tempo verbal* em diferentes níveis da análise (aplicação: *a gente*)

Tempo verbal	Nível 1⁴⁴	Nível 2	Nível 9
- infinitivo	.69	.58	.57
- presente	.58	.56	.57
- pret. imperfeito	.56	.41	.43
- pret. perfeito	.27	.40	.37

Na comparação entre os resultados dos *tempos verbais* nos diferentes níveis de iterações, pôde-se verificar várias alterações, principalmente na passagem do nível 1 ao nível 2, onde ocorre a iteração entre a *saliência fônica* e o *tempo verbal*. Conforme já verificado na tabela 6, em que contrastamos os resultados para o *tempo verbal* em rodada *com* e *sem* a *saliência fônica*, e na tabela 7, que analisa as etapas do programa, somente o *presente* não

⁴⁴ O nível 1 contrastou cada variável independente com a variável dependente; no nível 2, ocorreu a iteração entre a *saliência fônica* e o *tempo verbal*; e no nível 9, o programa realizou a iteração entre todas as variáveis independentes selecionadas.

sofre uma alteração significativa nos resultados. Já no *infinitivo* e no *imperfeito*, os pesos de *a gente* apresentam uma importante redução, enquanto no *pretérito perfeito* apresentam um aumento significativo, quando comparamos o nível 1, com os níveis 2 e 9 de análise. No nível 9, o programa selecionou os grupos de fatores mais significativos, ou seja: 1. *saliência fônica*; 2. *determinação do referente*; 3. *tipo de discurso*; 4. *tipo de verbo*; 5. *tempo verbal*; 6. *escolaridade*; 7. *tipo de texto*; 8. *faixa etária*; e 9. *tipo de ocorrência*. Constatou-se, porém, que a alteração nos pesos relativos dos *tempos verbais*, que ocorre no nível 2 da análise, se mantém até o último nível (9), onde os grupos de fatores mais significativos são selecionados pelo programa. Os resultados obtidos nessas etapas, ou níveis de análise, parecem confirmar a sobreposição de fatores da *saliência fônica* e do *tempo verbal*, pois, como verificado, as alterações nos resultados do *tempo verbal* ocorrem justamente quando o programa realiza a iteração dessas duas variáveis, no nível 2 da análise.

Assim, a fim de tentarmos amenizar a influência da sobreposição de fatores das variáveis *saliência fônica* e *tempo verbal* nos resultados de nossa análise, procedemos à amalgamação de fatores da *saliência* e realizamos uma nova rodada. Nesta rodada foram amalgamados os níveis 2 e 3, os menos salientes, que correspondem aos tempos *infinitivo* e *imperfeito*; e os níveis 5, 6 e 7, os mais salientes, que se realizam com verbos no *presente* e no *pretérito perfeito*. O nível 4, considerado intermediário entre os menos e mais salientes, não foi amalgamado. Nosso objetivo, com essa amalgamação, foi evitar a sobreposição de fatores da *saliência fônica* com aqueles do *tempo verbal* e, dessa forma, obter uma melhor significância na análise da variação *nós/a gente*.

No quadro 8, comparamos os resultados dessa rodada (com amalgamação dos níveis de *saliência*) com aqueles da 2.^a rodada (sem as amalgamações).

Quadro 8 – Resultado de rodadas com os níveis de *saliência não-amalgamados* e *amalgamados*

2. ^a Rodada – sem amalgamação dos níveis de <i>saliência</i> – significância: .040	4. ^a Rodada - com amalgamação dos níveis de <i>saliência</i> – significância: .033
1. <i>saliência fônica</i> 2. <i>determinação do referente</i> 3. <i>tipo de discurso</i> 4. <i>tipo de verbo</i> 5. <i>tempo verbal</i> 6. <i>escolaridade</i> 7. <i>tipo de texto</i> 8. <i>faixa etária</i> 9. <i>tipo de ocorrência</i>	1. <i>determinação do referente</i> 2. <i>saliência fônica</i> 3. <i>tempo verbal</i> 4. <i>tipo de discurso</i> 5. <i>tipo de verbo</i> 6. <i>tipo de texto</i> 7. <i>faixa etária</i> 8. <i>escolaridade</i> 9. <i>tipo de ocorrência</i>

Pode-se observar que a amalgamação de fatores da *saliência* resultou em algumas modificações relevantes na ordem de seleção das variáveis. A *saliência*, da 1.^a posição passa para a 2.^a, depois da *determinação do referente*, variável selecionada pelo programa como a mais significativa. O *tempo verbal*, da 5.^a posição ‘sobe’ para a 3.^a, ultrapassando o *tipo de discurso* e o *tipo de verbo*. O resultado dessa rodada aproxima-se daquele da rodada *sem a saliência*, onde o *tempo verbal* ocupava a 2.^a posição, depois da *determinação do referente*. Essa mudança na seleção do *tempo verbal* provavelmente resulta da amalgamação dos fatores da *saliência fônica*, o que parece ter minimizado a influência da sobreposição de fatores na ordem de seleção das variáveis pelo programa. No entanto, os resultados do *tempo verbal*, apesar da amalgamação dos fatores da *saliência*, também apresentaram alterações nessa rodada, quando contrastados com a *saliência fônica*. No nível 1 de análise, temos os seguintes resultados para o uso de *a gente*:

- infinitivo: .69
- presente: .58
- pretérito imperfeito: .56
- pretérito perfeito: .27

Já no nível 3, em que o programa realizou as iterações entre a *determinação do referente*, o *tempo verbal* e a *saliência fônica*, observamos os seguintes resultados para o uso de *a gente* nos diferentes tempos verbais:

- infinitivo: .56
- presente: .58
- pretérito imperfeito: .42
- pretérito perfeito: .36

Esses resultados mostram que, mesmo com as amalgamações efetuadas, os pesos relativos da variável *tempo verbal* continuam apresentando alterações significativas no *infinitivo*, *pretérito perfeito* e, principalmente, no *pretérito imperfeito*, tempo que sem a *saliência fônica* na análise favoreceu *a gente* (.56), e com a inclusão da *saliência*, passa a desfavorecer este pronome (.42).

Considerando as análises efetuadas e as ressalvas em relação tanto à *tonicidade* quanto à *saliência fônica*, apresentamos a seguir um quadro com as rodadas consideradas mais significativas e os grupos de fatores selecionados em cada uma delas.

Quadro 9 – Resultado dos *grupos de fatores* selecionados nas diversas rodadas efetuadas

1. ^a Rodada geral – com todos os <i>grupos</i>	2. ^a Rodada sem <i>tonicidade</i> - sem amalgamação níveis de <i>saliência</i>	4. ^a Rodada sem <i>tonicidade</i> - com amalgamação níveis de <i>saliência</i>
- aplicação: <i>a gente</i> - <i>input</i> : .59 - significância: .044	- aplicação: <i>a gente</i> - <i>input</i> : .52 - significância: .040	- aplicação: <i>a gente</i> - <i>input</i> : .52 - significância: .033
1. tonicidade 2. <i>saliência</i> fônica 3. determinação 4. faixa etária 5. tipo de texto 6. tipo de discurso 7. tipo de verbo	1. <i>saliência</i> 2. determinação 3. tipo de discurso 4. tipo de verbo 5. tempo verbal 6. escolaridade 7. tipo de texto 8. faixa etária 9. tipo de ocorrência	1. determinação 2. <i>saliência</i> fônica 3. tempo verbal 4. tipo de discurso 5. tipo de verbo 6. tipo de texto 7. faixa etária 8. escolaridade 9. tipo de ocorrência

Pode-se verificar que a retirada da *tonicidade* (2.^a e 4.^a rodadas) alterou significativamente a seleção das variáveis pelo programa; além de mudanças na ordem de seleção, as variáveis *tempo verbal*, *escolaridade* e *tipo de ocorrências*, que não foram selecionadas na rodada com a *tonicidade* (1.^a rodada), passam a ser selecionadas como variáveis significativas na análise da variação *nós/a gente*.

Já em relação à significância, que corresponde à margem de erro da comparação realizada⁴⁵, observamos que na primeira rodada, com a *tonicidade*, a significância foi de .044; na segunda, sem a *tonicidade* e sem a amalgamação dos *níveis de saliência*, foi de .040; e na última rodada, também sem a *tonicidade*, mas com a amalgamação dos *níveis de saliência*, a significância desce para .033, isto é, a margem de erro diminui, o que indica que esta última rodada é estatisticamente mais significativa que as demais.

Apesar da margem de erro diminuir com a amalgamação dos níveis de *saliência*, a sobreposição de fatores dessa variável com o *tempo verbal* se manteve. Realizamos, então, várias rodadas na tentativa de minimizar essa sobreposição, em especial no *pretérito imperfeito*, tempo que mais sofre alterações nos resultados quando a *saliência fônica* é incluída na análise. Finalmente, realizamos rodadas sem a *saliência fônica* e sem o *tempo verbal* para compararmos as variáveis selecionadas, assim como a significância, em cada uma das rodadas. Os resultados das rodadas sem o *tempo verbal* e sem a *saliência fônica* são apresentados no quadro 10:

⁴⁵ O ideal é que a significância seja igual ou inferior a .050.

Quadro 10 – Resultado de rodadas *sem o tempo verbal* e *sem a saliência fônica*

Rodada sem tempo verbal	Rodada sem saliência fônica
- aplicação: <i>a gente</i> - input: .52 - significância: .040	- aplicação: <i>a gente</i> - input: .52 - significância: .031
1. saliência fônica 2. determinação do referente 3. tipo de discurso 4. tipo de verbo 5. escolaridade 6. tipo de texto 7. faixa etária 8. tipo de ocorrência	1. determinação do referente 2. tempo verbal 3. tipo de discurso 4. tipo de verbo 5. tipo de texto 6. faixa etária 7. escolaridade 8. tipo de ocorrência

Nota-se que ambas as rodadas selecionaram as mesmas variáveis, com algumas alterações na ordem de seleção: na rodada *sem tempo verbal*, a *saliência fônica* é selecionada em 1.^a posição; na rodada *sem saliência fônica*, a *determinação do referente* é a 1.^a variável selecionada, seguida do *tempo verbal*. Pode-se observar também que na rodada *sem a saliência*, o *tipo de texto* e a *faixa etária* são selecionados antes da *escolaridade*, enquanto que na rodada *sem tempo verbal* essas variáveis são selecionadas após a *escolaridade*. Em relação à significância, verifica-se que a rodada *sem a saliência fônica* e *com o tempo verbal* apresenta uma menor margem de erro (.031); já *sem o tempo verbal* e *com a saliência fônica*, a margem de erro é maior (.040). Isso indica que a exclusão da *saliência fônica* na rodada resulta numa melhor significância para a análise da variação *nós/a gente*.

Assim, considerando a inviabilidade de se analisar conjuntamente a *saliência* e o *tempo*, devido à sobreposição de fatores que altera os resultados da análise, como também devido à melhor significância obtida na rodada *sem a saliência fônica* e *com o tempo verbal*, optamos pela exclusão da *saliência fônica* e pela manutenção do *tempo verbal* na análise de nossos dados.

A seguir, apresentamos os resultados probabilísticos obtidos na análise da variação *nós/a gente* nos dados de Concórdia, sem a inclusão das variáveis independentes *saliência fônica*, *tonicidade* e *concordância verbal*.

4.3 Análise da variação pronominal *nós/a gente* – resultados da rodada final

Neste tópico apresentamos a análise da variação pronominal *nós/a gente* a partir dos resultados obtidos na rodada final do VARBRUL, sem a inclusão das variáveis independentes *saliência fônica*, *tonicidade* e *concordância verbal*, conforme já discutido no tópico anterior. Os resultados em percentagens e pesos relativos dessa última rodada são apresentados na tabela 11:

Tabela 11 – Resultados probabilísticos de *nós/la gente* na posição de sujeito
- rodada final (*a gente* - input: .52)

Grupo de fatores	Nós			A gente		
	Aplic./N	%	P.R.	Aplic./N	%	P.R.
1. Determinação do referente						
- indeterminado	28/202	14	.17	174/202	86	.83
- determinado	742/1.351	55	.56	609/1.351	45	.44
2. Tempo verbal						
- infinitivo	11/35	31	.33	24/35	69	.67
- presente ind.	381/896	43	.42	515/896	57	.58
- pret. imperf. Ind.	105/235	45	.44	130/235	55	.56
- pret. perf. Ind.	271/369	73	.74	98/369	27	.26
3. Tipo de discurso						
- direto	749/1.529	49	.49	780/1.529	51	.51
- relatado de terceiros	19/22	86	.95	3/22	14	.05
4. Tipo de verbo						
- dicendi	22/100	22	.29	78/100	78	.71
- epistêmico	27/110	25	.40	83/110	75	.60
- ação	521/1.002	52	.50	481/1.002	48	.50
- estado	200/341	59	.60	141/341	41	.40
5. Tipo de texto						
- dissertativo	132/373	35	.46	241/373	65	.54
- narrativo	461/867	53	.48	406/867	47	.52
- descritivo	173/308	56	.61	135/308	44	.39
6. Faixa etária						
- 26 a 45 anos	359/805	45	.45	446/805	55	.55
- 50 anos ou mais	411/748	55	.55	337/748	45	.45
7. Escolaridade						
- fundamental I	212/460	46	.46	248/460	54	.54
- fundamental II	216/463	47	.47	247/463	53	.53
- ensino médio	342/630	54	.55	288/630	46	.45
8. Tipo de ocorrência						
- formas iguais	299/636	47	.47	337/636	53	.53
- formas diferentes	125/250	50	.47	125/250	50	.53
- isoladas	346/667	52	.56	321/667	48	.44
Total	770/1.553	50		783/1.553	50	
Significância: .031						

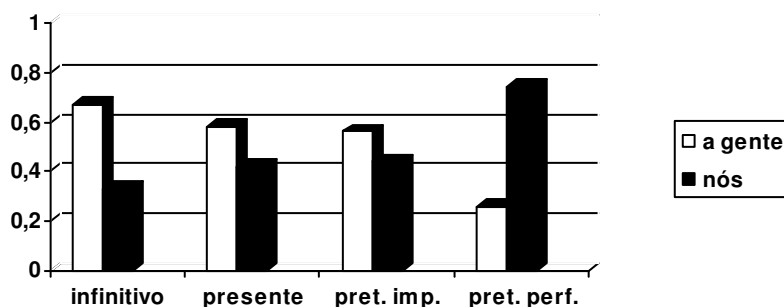
4.3.1 Análise das variáveis linguísticas selecionadas

Como se pode observar na tabela 11, as variáveis linguísticas ocupam posição de destaque, sendo que a *determinação do referente*, o *tempo verbal*, o *tipo de discurso*, o *tipo de verbo* e o *tipo de texto* foram as variáveis selecionadas em 1.^a, 2.^a, 3.^a, 4.^a e 5.^a posição, respectivamente. As variáveis sociais *faixa etária* e *escolaridade* foram selecionados em 6.^a e 7.^a posição, seguidas somente pelo *tipo de ocorrência*. Embora a *determinação do referente* tenha sido selecionada como a variável estatisticamente mais significativa, com o objetivo de recuperarmos a discussão anterior, iniciamos nossa análise pela variável *tempo verbal*.

4.3.1.1 Analisando o *tempo verbal*

Apresentamos inicialmente os resultados da variável *tempo verbal* que, conforme discutido no tópico anterior, apresentou sobreposição de fatores com a *saliência fônica*, variável retirada da rodada final. Os resultados para o *tempo verbal* podem ser observados no gráfico 3:

Gráfico 3 – Atuação do *tempo verbal* no uso de *nós* e *a gente* (pesos relativos)



Considerando, então, a atuação do *tempo verbal* na escolha da variante, verificamos que o pronome *a gente* apresenta maior probabilidade de uso com o *infinitivo* (.67), o *presente* (.58) e o *pretérito imperfeito do indicativo* (.56). O *pretérito perfeito* desfavorece esse pronome (.26), apresentando uma elevada probabilidade de aplicação do pronome *nós* (.74). Esses resultados corroboram nossa hipótese para o *tempo verbal*, pois o *presente* e o *pretérito imperfeito* favorecem o uso do pronome inovador *a gente*, e o *pretérito perfeito* favorece a manutenção do pronome canônico *nós*.

Resultados parcialmente semelhantes aos nossos foram encontrados por Omena (1998), Lopes (1998), Seara (2000) e Tamanine (2010) na análise do *tempo verbal*. No trabalho de Omena (1998) sobre a fala urbana do Rio de Janeiro (*corpus* Censo), e no de Lopes (1998), sobre o falar culto (dados do NURC) do Rio de Janeiro, Porto Alegre e Salvador conjuntamente, os tempos *não marcados*, ou seja, o *infinitivo* e *gerúndio*, bem como o *presente* apresentaram maior probabilidade para o uso de *a gente*, assemelhando-se aos nossos resultados. As ocorrências do uso de *a gente* nos tempos *não marcados* conjuntamente e no *presente*, na amostra de Omena, foram de .83 e .55, respectivamente; e na de Lopes, o uso de *a gente* apresentou um peso relativo de .65 para o *infinitivo*, .75 para o *gerúndio* e .60 para o *presente do indicativo*. Resultado também semelhante ao nosso foi encontrado no estudo desses falares em relação ao *pretérito perfeito*, ou seja, como tempo favorecedor do emprego de *nós*.

Quanto ao *pretérito imperfeito*, os resultados de Omena e Lopes foram distintos dos nossos; enquanto que nos falares estudados por aquelas autoras o uso do *nós* foi favorecido pelo *pretérito imperfeito*, no nosso, o uso de *a gente* é que foi favorecido. Omena fez uma análise conjunta dos tempos do passado (*pretérito perfeito* e *imperfeito*) e obteve o peso relativo de .64 para o uso de *nós* nestes tempos; já Lopes encontrou os pesos relativos .90 para o uso de *nós* no *pretérito perfeito* e .67 no *pretérito imperfeito*. Essa diferença parece resultar do fato de Omena (1998) e Lopes (1998) incluírem em suas análises a variável *saliência fônica* que, conforme verificamos em nossos dados, causa uma sobreposição de fatores, principalmente no nível 3 de *saliência* com o tempo *pretérito imperfeito*, reduzindo o peso relativo de *a gente* e aumentando o de *nós* nesse tempo verbal. Portanto, a comparação de nossos resultados com o dessas autoras nesse tempo verbal (*imperfeito*) não parece significativa.

Resultado semelhante ao nosso na análise dos tempos do passado encontramos nos estudos dos falares de Florianópolis e Curitiba, que não consideraram a *saliência fônica* na análise dos dados, realizados por Seara (2000) e Tamanine (2010), respectivamente. Nesses estudos, o *pretérito imperfeito* apresentou maior probabilidade de uso de *a gente*, tanto nos resultados de Seara (.68), quanto naqueles de Tamanine (.75), enquanto o *pretérito perfeito* favoreceu o pronome *nós* nos dois trabalhos (.77 e .82, respectivamente). Já no *presente do indicativo*, as autoras verificaram um desfavorecimento no uso de *a gente* em Florianópolis e Curitiba, com pesos de .33 e .40, respectivamente. Segundo Tamanine (2010), este resultado

pode significar que a escolha do falante se dá não somente para evitar a ambiguidade entre os tempos (*presente/ pretérito perfeito*), mas também pela prosódia ou outros fatores.

No entanto, em nossos dados, o uso do pronome inovador predominou no *presente*, tempo que consideramos mais propício à indeterminação. Assim, com o objetivo de verificarmos se o maior uso do pronome *a gente* no *presente do indicativo* pode estar relacionado à *indeterminação*, assim como o predomínio de *nós* no *pretérito perfeito* à *determinação*, efetuamos um cruzamento entre as variáveis *tempo verbal* e *determinação do referente* no CROSSTAB. O cruzamento entre essas duas variáveis mostrou que no *presente* a distribuição entre *nós* e *a gente* em contextos de *determinação* foi praticamente a mesma (49% e 51%); já na *indeterminação*, *a gente* apresentou um percentual bem mais elevado (90%). No *pretérito imperfeito* também constatamos o predomínio de *a gente* na *indeterminação* (78%), e um uso aproximado de *nós/a gente* na *determinação* (48% e 52%). Destaca-se, no entanto, que o maior uso do pronome *a gente* no *pretérito imperfeito* também pode estar relacionado à tendência de se evitar o uso de palavras proparoxítonas na língua.

No *pretérito perfeito*, assim como nos demais tempos verbais, o pronome *a gente* foi mais utilizado em contexto *indeterminado* (61%); porém, em contexto de sujeito *determinado*, o pronome canônico *nós* predominou (75%). Esses resultados parecem indicar, então, uma estreita relação entre o sujeito *indeterminado*, que em nosso estudo se manifesta principalmente pelo uso do pronome *a gente*, e o tempo *presente* do indicativo. Já o uso de *nós*, em nossos dados, está mais relacionado à *determinação do referente* e ao *pretérito perfeito*.

4.3.1.2 Analisando a *determinação do referente*

A *determinação do referente*⁴⁶ foi a variável selecionada como a mais significativa na análise da variação *nós/a gente* em nossos dados. Retomemos⁴⁷, então, os resultados relativos a essa variável:

⁴⁶ Conforme já destacado no capítulo 3 (Metodologia), devido ao reduzido número de pronomes *nós/a gente* com referência inclusiva (6), optamos por manter a classificação binária (*determinado/indeterminado*) em nosso estudo.

⁴⁷ A tabela 11, que apresenta os resultados gerais da variação *nós/a gente*, será retomada como 11a, 11b, 11c, etc., para melhor visualização dos resultados de cada uma das variáveis independentes selecionadas.

Tabela 11a – Resultados de *nós /a gente* na posição de sujeito: *determinação do referente*

Grupo de fatores	<i>Nós</i>			<i>A gente</i>		
	Aplic./N	%	P.R.	Aplic./N	%	P.R.
1. Determinação do referente						
- indeterminado	28/202	14	.17	174/202	86	.83
- determinado	742/1.351	55	.56	609/1.351	45	.44
Total	770/1.553	50		783/1.553	50	
Significância: .031						

Pode-se observar que o peso relativo do pronome *a gente* é bem mais elevado na *indeterminação* (.83), resultado que confirma nossa hipótese sobre o predomínio de *a gente* nesse contexto. Este resultado corrobora os de Menon (1994, 2006), Omena (1998), Lopes (1998), Seara (2000), Tamanine (2002, 2010) e Borges (2004), pois em todos esses trabalhos o pronome *a gente*, em relação a *nós*, predominou no campo da *indeterminação*.

Em contexto de *determinação*, o pronome *nós* foi favorecido (.56), embora *a gente* já apresente um uso bastante significativo (.44). Alguns estudos de tendência também apresentaram resultados relevantes para a sustentação da hipótese em favor do aumento do uso de *a gente* com referente determinado. Zilles (*apud* Borges, 2004) encontrou os seguintes valores para o *a gente específico* no falar de Porto Alegre: de 33% na década de 1970, passou para 51% na década de 1990. Omena (2003), para o Rio de Janeiro, também verificou um aumento do uso de *a gente* na determinação: de 67% na década de 1980, passou para 80% na década de 2000. Esses resultados indicam, portanto, um aumento significativo no uso de *a gente* no campo da determinação no PB.

A fim de melhor analisarmos o uso dos pronomes *nós/a gente* com referente *determinado* e *indeterminado*, efetuamos o cruzamento da variável *determinação do referente* com as *variáveis sociais*. Destaca-se aqui que os pronomes *nós/a gente determinados* representam 87% dos dados, o que acreditamos estar relacionado aos assuntos abordados nas entrevistas, pois os informantes eram incitados a falar sobre família, férias, passeios com amigos, etc., ou seja, temas que propiciavam, principalmente, o uso dos pronomes *nós/a gente determinados*, isto é, com referentes específicos.

No cruzamento dos pronomes *determinados* com o *sexo*, constatamos um percentual de uso do pronome *nós* no sexo *feminino* de 57%, e no sexo *masculino* de 51%, o que indica que na *determinação* a frequência de uso do pronome *nós* pelas mulheres é levemente superior ao de *a gente*; já a frequência de uso dos pronomes *nós* e *a gente* pelos homens é praticamente a mesma. Em relação à *faixa etária*, observa-se que os *mais jovens* apresentam

o mesmo uso para os dois pronomes (50%), assemelhando-se aos resultados obtidos para o sexo masculino, enquanto entre os *mais velhos* predomina o uso do pronome *nós* (60%), com um resultado próximo ao encontrado na fala das mulheres.

Considerando os pronomes *indeterminados nós/a gente*, foi a *faixa etária mais jovem* (58%) e os níveis de escolaridade *fundamental II* e *médio* (36% cada, *fundamental I*: 28%) que apresentaram maior percentual de uso de pronomes *indeterminados*, seja *nós* ou *a gente*, em nossa amostra. Os resultados dos cruzamentos indicam também que o uso de *a gente* em contextos de *indeterminação* é praticamente o mesmo no sexo *masculino* (88%) e *feminino* (85%), nas *faixas etárias 1* (87%) e *2* (85%) e nos níveis de escolaridade *fundamental I* (86%), *fundamental II* (81%) e *médio* (92%), este último apresentando um percentual de *a gente indeterminado* mais elevado. Esses resultados, embora em percentagens, parecem confirmar os resultados em pesos relativos e nos fornecem informações interessantes sobre a interação dos fatores nos dados analisados. Os cruzamentos da *determinação do referente* com as variáveis sociais indicam, portanto, que em contextos de *determinação* os *mais jovens* e os *homens* apresentam a mesma frequência de uso para *nós* e *a gente*; já as *mulheres* e os falantes *mais velhos* apresentam um maior uso do pronome *nós*. Por outro lado, em contextos *indeterminados*, o uso de *a gente* predomina na análise de todas as variáveis sociais: nas duas faixas etárias, no sexo masculino e feminino e nos três níveis de escolarização. Esses resultados reafirmam a relevância do pronome *a gente* na *indeterminação* do referente.

Ainda com o objetivo de melhor compreender a atuação da variável *determinação do referente* sobre o uso das formas pronominais *nós/a gente* e também para verificar se os mesmos fatores condicionam o uso dos pronomes *determinados* e *indeterminados*, foram realizadas duas novas rodadas: uma com o arquivo de dados de *nós/a gente determinados*, e outra somente com esses pronomes com referência *indeterminada*.

Na rodada com pronomes *determinados*, os grupos de fatores selecionados pelo programa estatístico foram: *1. tempo verbal*; *2. tipo de verbo*; *3. tipo de texto*; *4. faixa etária*; e *5. escolaridade*.

Nota-se que não há muita diferença entre os resultados desta rodada, somente com os pronomes *determinados*, e aqueles da rodada geral. Em relação à ordem de seleção, temos os mesmos grupos de fatores selecionados, somente o *tipo de discurso* não foi selecionado, pois apresentou *nocaute* (16 ocorrências de *nós* e nenhuma de *a gente* no discurso reportado). Os resultados para os grupos de fatores nessa rodada também são semelhantes aos resultados da rodada geral, com pouca diferença nos pesos atribuídos a cada uma das variáveis.

No entanto, na rodada apenas com os pronomes *indeterminados*, o programa selecionou somente o *tipo de verbo* e o *tempo verbal* como significativos. O pronome *a gente* apresentou uma maior probabilidade de uso com os verbos *dicendi* e *epistêmicos* (.75 para ambos), o *nós* com os verbos de *estado* e de *ação* (.73 e .71, respectivamente).

Já na *determinação*, o pronome *a gente* apresentou um resultado próximo do ponto neutro com os verbos *epistêmicos* e de *ação* (.51 e .52). Os outros *tipos de verbos* seguiram as mesmas tendências em ambos os contextos, *determinado* e *indeterminado*. Esses resultados serão oportunamente comparados com a análise dos *tipos de verbos* na rodada geral.

Em relação ao *tempo verbal*, variável também selecionada na rodada somente com os pronomes *indeterminados*, verificou-se que o *presente* favorece *a gente* (.55); e o *pretérito perfeito* e *imperfeito* desfavorecem esse pronome (.25 e .38). Já na rodada somente com os pronomes *determinados*, tanto o *presente*, quanto o *pretérito imperfeito* favoreceram *a gente* (.58 e .59, respectivamente). Nota-se aqui uma diferença em relação ao *imperfeito* nas duas rodadas: o pronome *nós* predomina na análise da rodada apenas com os pronomes *indeterminados* (.62); já na análise dos pronomes *determinados* é *a gente* (.59) o pronome mais usado no *imperfeito*. Quanto ao *pretérito perfeito*, este tempo verbal favorece o uso do pronome *nós*, tanto com referentes *determinados* (.72), quanto com *indeterminados* (.75). Esses resultados indicam as mesmas tendências em relação ao *presente* e ao *pretérito perfeito* nas diferentes rodadas, o primeiro favorecendo o uso do pronome *a gente*, provavelmente devido ao elevado uso desse pronome em contextos de *indeterminação*, e o segundo favorecendo o uso de *nós*.

4.3.1.3 Analisando o *tipo de discurso*

Quanto ao *tipo de discurso*, *terceira variável* selecionada pelo programa estatístico, os resultados da rodada geral foram os seguintes:

Tabela 11b – Resultados de *nós* / *a gente* na posição de sujeito: *tipo de discurso*

Grupo de fatores	<i>Nós</i>			<i>A gente</i>		
	Aplic./N	%	P.R.	Aplic./N	%	P.R.
3. Tipo de discurso						
- direto	749/1.529	49	.49	780/1.529	51	.51
- reportado de terceiros	19/22	86	.95	3/22	14	.05
Total	770/1.553	50		783/1.553	50	
Significância: .031						

Constatamos que essa variável apresentou no *discurso direto* um resultado próximo do ponto neutro (.51), indicando praticamente a mesma probabilidade de uso para *a gente* e *nós*. Apesar do reduzido número de dados (22), no *discurso reportado de terceiros* o uso do pronome *nós* predominou (.95), já o *discurso reportado do próprio falante* apresentou somente duas ocorrências com *nós* (*nocauté*). Assim, nota-se, de um lado, uma distribuição equilibrada dos pronomes *nós* e *a gente* no *discurso direto*, e, de outro, o predomínio de *nós* no *discurso reportado*, ou seja, na retomada da fala, quando há um maior monitoramento por parte do falante, esse é o pronome mais usado, o que comprova nossa hipótese para essa variável.

Esses resultados aproximam-se daqueles encontrados por Tamanine (2010) em Curitiba, onde o *discurso direto* apresentou um peso relativo de .51 para *a gente*, ou seja, próximo do ponto neutro; já os resultados para o *discurso reportado do próprio informante* (14 ocorrências) e *de terceiros* (37 ocorrências) favoreceram de maneira acentuada o uso de *nós* (.84 e .93, respectivamente), indicando, segundo a autora, a especialização do *nós* nesses contextos.

Considerando ainda a análise dessa variável em nossos dados, a seguinte ressalva deve ser feita: verificou-se uma grande diferença entre o número de ocorrências de *discurso direto* e *reportado* incluindo-se, neste último, o *discurso reportado do falante* e *de terceiros*. Enquanto no primeiro caso (*discurso direto*) temos 1.529 ocorrências, no segundo são apenas 22 ocorrências de *discurso reportado de terceiros* e 2 ocorrências de *discurso reportado do próprio falante*, totalizando 24 casos. Isto significa que o *discurso reportado* não representa nem 2% do total de ocorrências, o que parece pouco significativo; mas, mesmo apresentando essa disparidade no número de ocorrências, essa variável foi selecionada pelo programa em 3.^a posição.

Para verificarmos se essa distribuição assimétrica dos dados entre os fatores da variável *tipo de discurso* estava alterando os resultados da rodada geral, efetuamos uma nova rodada sem a variável *tipo de discurso*. Porém, os resultados dessa nova rodada não alteraram a seleção das variáveis, nem o peso relativo atribuído aos diversos fatores. Optamos, portanto, por manter o *tipo de discurso* em nossa análise. Assim, apesar dessa diferença no número de ocorrências, o resultado indica que o *nós* predomina largamente no *discurso reportado*, parecendo efetivamente tratar-se de um caso de especialização do pronome *nós* nesse contexto.

4.3.1.4 Analisando o *tipo de verbo*

Em relação ao *tipo de verbo*, 4.º grupo selecionado na rodada geral, observa-se um predomínio no uso de *a gente* com os verbos *dicendi* e *epistêmicos*, conforme mostra a tabela 11c:

Tabela 11c – Resultados de *nós* / *a gente* na posição de sujeito: *tipo de verbo*

Grupo de fatores	Nós			A gente		
	Aplic./N	%	P.R.	Aplic./N	%	P.R.
4. Tipo de verbo						
- dicendi	22/100	22	.29	78/100	78	.71
- epistêmico	27/110	25	.40	83/110	75	.60
- ação	521/1.002	52	.50	481/1.002	48	.50
- estado	200/341	59	.60	141/341	41	.40
Total	770/1.553	50		783/1.553	50	
Significância: .031						

Verifica-se que os verbos *dicendi* e *epistêmicos* favorecem o uso de *a gente* (.71 e .60, respectivamente) e os verbos de *estado* desfavorecem esse pronome, favorecendo o uso de *nós* (.60). Já os verbos de *ação* apresentam a mesma probabilidade de uso para *nós* e *a gente* (.50).

O elevado peso atribuído ao pronome *a gente* com os verbos *dicendi* pode estar relacionado, dentre outras coisas, ao fato de que nas entrevistas, ao serem questionados sobre o uso dos pronomes *tu* e *você*, os falantes recorriam com frequência ao pronome *a gente*, provavelmente, como uma forma de generalizar o sujeito, distanciando-se da questão linguística imposta, conforme mostram os exemplos (99) e (100):

(99) Depende com quem *a gente fala*. Tem *peessoas* que são estudada e tal, diz ‘ah *você* isso, *tu*’, alguma coisa assim, ‘o *senhor*’, coisa assim, entende, né? (MG1e)

(100) E – E o ‘*tu*’, *você* usa pra alguém ou...

I – Ah, às vezes *a gente usa*, né? sem intenção, né? normal. (MG1e)

Analisando a distribuição dos *tipos de verbos*, verificamos que 42% dos verbos *dicendi* utilizados em nossa amostra referem-se à opinião dos falantes sobre o uso dos pronomes *tu/você* (*falar, dizer, usar, chamar*, etc.), e, dentre estes, 88% são usados com o pronome *a gente*, pronome mais propício à indeterminação.

Já o predomínio do pronome *nós* com os verbos de *estado* pode estar relacionado, conforme destacou Tamanine (2002, p.79), ao maior número de ocorrências de verbos no *presente do indicativo* e flexionados com *-mos*: *somos, estamos e ficamos*; pois estes verbos,

com alta frequência de uso, poderiam de certa forma inibir a entrada do pronome inovador *a gente*. A fim de comprovarmos essa hipótese, analisamos o emprego dos verbos *de estado* e constatamos que também em nossos dados o pronome *nós* apresenta uma elevada frequência de uso com os verbos *ser* e *estar*, pois 78% e 72% das ocorrências desses verbos, respectivamente, são usados com o pronome canônico. O verbo *ficar*, no entanto, apresenta uma distribuição equilibrada entre os pronomes *nós* e *a gente*.

Os resultados da influência dos *tipos de verbos* no uso de *nós/a gente* nos dados de Concórdia são bastante próximos dos resultados obtidos por Tamanine (2002) em Lages, Blumenau e Chapecó. Na análise de Tamanine, os verbos *de estado* apresentaram uma maior probabilidade de uso de *nós*, tanto nas ocorrências isoladas (.61) quanto nas sequências (.62), resultado semelhante ao encontrado em nosso trabalho, onde o peso atribuído ao pronome *nós* com os verbos *de estado* foi de .60. Quanto aos verbos *dicendi*, estes favoreceram o pronome *a gente* tanto em Tamanine (OI: .57 e OA: .65), quanto em nossa análise (.71). Os verbos *de ação* apresentaram exatamente o mesmo resultado nos dois trabalhos: um peso relativo no ponto neutro, ou seja, a mesma probabilidade de uso para *nós* e *a gente*. Quanto aos verbos *epistêmicos*, o resultado também foi semelhante, pois, nos dois estudos, *a gente* predominou nesse contexto. Constata-se, então, que os resultados para o *tipo de verbo* nos dados de Concórdia apontam as mesmas tendências que os resultados de Lages, Blumenau e Chapecó: os verbos *de estado* favorecem o uso de *nós* e os verbos *dicendi* e *epistêmicos* favorecem *a gente*; já os verbos *de ação* apresentam um peso relativo próximo do ponto neutro, ou seja, a mesma probabilidade de uso para os pronomes *nós* e *a gente*. Assim, apesar da necessidade de se refinar a classificação semântica dos verbos empregada em nosso estudo, conforme discutido no capítulo 3, os resultados dessa variável parecem interessantes para nossa análise.

4.3.1.5 Analisando o *tipo de texto*

Apresentamos a seguir a análise do **tipo de texto**, variável selecionada em 5.^a posição na ordem de significância. Os seguintes resultados foram obtidos para esta variável:

Tabela 11d – Resultados de *nós /a gente* na posição de sujeito: *tipo de texto*

Grupo de fatores	<i>Nós</i>			<i>A gente</i>		
	Aplic./N	%	P.R.	Aplic./N	%	P.R.
5. Tipo de texto						
- dissertativo	132/373	35	.46	241/373	65	.54
- narrativo	461/867	53	.48	406/867	47	.52
- descritivo	173/308	56	.61	135/308	44	.39
Total	770/1.553	50		783/1.553	50	
Significância: .031						

Observa-se um leve predomínio do pronome *a gente* nos textos *dissertativos* e *narrativos* (.54 e .52), já o pronome *nós* apresenta uma maior probabilidade de uso nos textos *descritivos* (.61). Esses resultados corroboram, parcialmente, nossa hipótese para essa variável, pois postulamos que o *a gente* seria favorecido nos textos *dissertativos*, e o *nós*, pronome aparentemente mais usado na *determinação*, seria favorecido nos textos *narrativos* e *descritivos*.

Em Curitiba, Tamanine (2010) também encontrou essas mesmas tendências para o uso de *nós/a gente* nos *tipos de textos*: a *dissertação* favoreceu o uso de *a gente* (.58); na *descrição* predominou o pronome *nós* (.75); e a *narração* apresentou uma mesma probabilidade de uso para *nós* e *a gente* (.50).

A fim de melhor avaliarmos o uso dos pronomes segundo o *tipo de texto*, efetuamos ainda um cruzamento dessa variável com a *determinação do referente*. Relacionando o *tipo de texto* com a *determinação do referente*, verificamos que, quando o referente é *indeterminado*, em todos os tipos de textos, há um elevado predomínio no uso de *a gente* (*narrativo*: 73%; *dissertativo*: 89%; *descritivo*: 94%). Porém, com *referente determinado*, é o *nós* que predomina nos textos *narrativos* (55%) e *descritivos* (62%), sendo que o uso do pronome *a gente* é maior somente nos textos *dissertativos* (53%). Esses resultados também parecem corroborar a hipótese da *determinação* estar mais associada ao uso de *nós*, e a *indeterminação* ao uso de *a gente*.

O maior uso de *a gente* nos textos *dissertativos* era esperado, pois, na *dissertação*, quando o falante expõe suas opiniões sobre determinado assunto, se pressupõe uma maior tendência à *indeterminação* do sujeito. Generalizando o sujeito, o falante não assume a total responsabilidade pelas suas opiniões, ele se dilui numa generalidade, daí o maior uso de *a gente*, pronome mais utilizado nesses contextos.

Destaca-se, porém, que a diferença no uso dos pronomes não foi muito significativa na *dissertação*, apresentando um leve favorecimento para o uso de *a gente* (.54). Com os textos

narrativos também o peso relativo encontra-se próximo do ponto neutro, com .52 para *a gente*, o que parece indicar que o uso de *nós* e *a gente* está em plena variação nesses ambientes.

4.3.1.6 Analisando o *tipo de ocorrência*

O último grupo de fatores selecionado pelo programa VARBRUL na análise da variação pronominal *nós/a gente* em nossos dados foi o *tipo de ocorrência* que, na rodada geral, teve os paralelismos amalgamados em *pronomes paralelos iguais* e *pronomes paralelos diferentes*. Os resultados obtidos apontam para um leve favorecimento de *a gente* (.53), tanto nas sequências com *pronomes paralelos iguais*, quanto naquelas com *pronomes paralelos diferentes*. Já nas *ocorrências isoladas* nota-se um maior uso do pronome *nós* (.54). Como podemos observar, a diferença no uso dos pronomes nas *sequências* e nas *ocorrências isoladas* não parece muito relevante, o que pode justificar a seleção desse grupo de fatores como o menos significativo na análise da variação *nós/a gente*. Contudo, a fim de verificarmos se o uso dos pronomes em *paralelismo* é condicionado pelos mesmos fatores que aqueles apresentados na análise geral dos dados (incluindo as *ocorrências isoladas* e as *sequências*), realizamos a análise da variação *nós/a gente* somente com os pronomes em *paralelismo*, conforme Tamanine (2010).

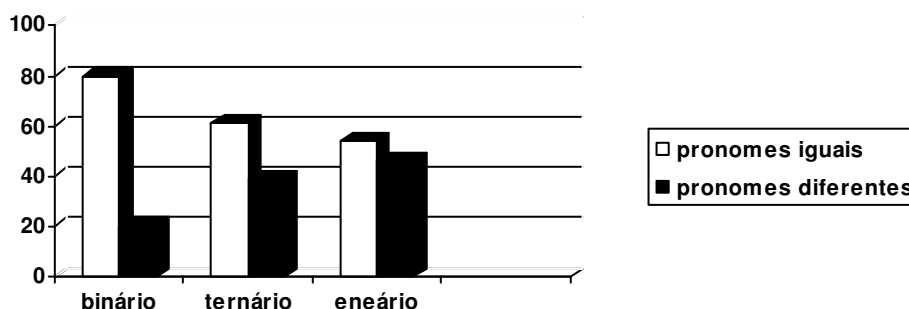
A fim de analisar especialmente os pronomes *nós/a gente* em paralelismo retomamos, inicialmente, a distribuição dos pronomes apresentada no tópico 4.1. Lembramos que as *ocorrências de nós/a gente em paralelismo*⁴⁸ predominam em nosso *corpus*, pois representam 57% do total de dados (885/1.553): as *sequências binárias* representam 63% das *ocorrências em paralelismo* (554), as *ternárias* 25% (225) e as *eneárias* somente 12% (106). Quanto ao uso dos pronomes *nós/a gente* nas *sequências*, observa-se um predomínio de *a gente* nas *sequências binárias* (56%) e de *nós* nas *sequências ternárias* e *eneárias* (55% e 52%, respectivamente).

Observou-se ainda que em todas as *sequências (binárias, ternárias e eneárias)* há um predomínio do *paralelismo de formas iguais* (635/885=72%), seja com o pronome *a gente*, seja com o pronome *nós*: as *sequências binárias* apresentaram 80% de *formas iguais*, (*a gente*: 252/57%, *nós*: 188/43%); nas *sequências ternárias* as *formas iguais* representam 61% dos dados (*a gente*: 57/41%, *nós*: 81/59%) e nas *eneárias* 54% das *ocorrências* são de *formas*

⁴⁸ Conforme já destacado, nesta análise foram consideradas as *ocorrências explícitas e implícitas dos pronomes nós/a gente*.

iguais (a gente: 28/49%, nós: 29/51%). O gráfico 4 ilustra a distribuição dos pronomes *nós/a gente* de formas iguais e diferentes nas sequências binárias, ternárias e eneárias.

Gráfico 4 – Distribuição percentual de pronomes paralelos iguais e pronomes paralelos diferentes nas sequências



Verifica-se que é principalmente nas sequências *binárias* que o paralelismo de *formas iguais* predomina (80%), embora também presente, mas em menor proporção, uma maior frequência de uso nas sequências *ternárias* e *eneárias* (61% e 54%, respectivamente). Esse resultado indica que a alternância pronominal ocorre, principalmente, nas sequências com maior número de pronomes.

A fim de melhor analisar o uso dos pronomes nas sequências, efetuamos várias rodadas no VARBRUL sem as *ocorrências isoladas*, ou seja, somente com as ocorrências dos pronomes *nós/a gente* em *paralelismo* (885 ocorrências). A 1.^a rodada, efetuada somente com os *pronomes em paralelismo*, teve como principal objetivo verificar se o uso dos pronomes *nós/a gente* em *paralelismo* é condicionado pelos mesmos grupos de fatores que aqueles obtidos na análise geral dos dados (tabela 11), que incluiu todas as ocorrências (*isoladas* e em *paralelismo*/1553).

Nesta rodada, somente com os *pronomes em paralelismo*, controlamos os seguintes fatores para a variável *tipo de ocorrência*: *paralelismo binário de formas iguais*; *paralelismo binário de formas diferentes*; *paralelismo ternário e eneário* (amalgamados) *de formas iguais* e *paralelismo ternário e eneário* (amalgamados) *de formas diferentes*. No quadro 11 retomamos os resultados obtidos na rodada geral (com ocorrências *isoladas* e *paralelismos*) e apresentamos os resultados obtidos na rodada somente com os pronomes em *paralelismo*:

Quadro 11 – Comparação dos resultados da rodada geral (com todas as ocorrências)
x resultados da rodada somente com os pronomes *nós/a gente* em *paralelismo*

Resultado da rodada geral aplicação: <i>a gente</i> – input .52	Resultado da rodada só com paralelismos aplicação: <i>a gente</i> – input .54
1. determinação do referente 2. tempo verbal 3. tipo de discurso 4. tipo de verbo 5. tipo de texto 6. faixa etária 7. escolaridade 8. tipo de ocorrência	1. tempo verbal 2. determinação do referente 3. tipo de discurso 4. escolaridade 5. tipo de ocorrência 6. tipo de texto 7. faixa etária

Nota-se que a retirada das ocorrências *isoladas* da rodada mantém praticamente os mesmos grupos de fatores com exceção do *tipo de verbo*, que deixa de ser considerado significativo na rodada só com os pronomes em paralelismo. Altera-se, no entanto, a ordem de seleção dos grupos de fatores. Na rodada geral, a *determinação do referente* e o *tempo verbal* são selecionados em 1.^a e 2.^a posição, respectivamente; na rodada só com os paralelismos, estas variáveis alteram a posição, passando a 2.^a e 1.^a, respectivamente. Isso indica que na análise dos pronomes *nós/a gente* em paralelismo, o *tempo verbal* se mostra mais significativo que a *determinação do referente*. Em 3.^a posição se mantém o *tipo de discurso*; já a *escolaridade* e o *tipo de ocorrência*, selecionados na rodada geral após *tipo de texto* e *faixa etária*, passam a ocupar posições anteriores a essas variáveis na rodada somente com os pronomes em paralelismo.

Observa-se também que os pesos atribuídos aos fatores não sofrem grandes alterações em relação à rodada geral; no caso do *tempo verbal*, somente o *infinitivo* apresenta um aumento significativo no peso atribuído ao pronome *a gente*, que passa de .67 na rodada geral para .77 nesta rodada. Os demais fatores deste grupo apresentam praticamente os mesmos pesos relativos que aqueles da rodada geral: o *presente* e o *imperfeito* favorecem *a gente* (.59 e .56) e o *pretérito perfeito* favorece *nós* (.76).

Em relação à variável *determinação do referente*, também as mesmas tendências apresentadas na análise geral dos dados (com as ocorrências *isoladas* e os *paralelismos*) são verificadas nesta rodada, somente com os pronomes em *paralelismo*: o pronome *a gente* em *paralelismo* predomina na *indeterminação* (.88) – ainda em maior proporção que na rodada geral (.83); já a *determinação* favorece o uso de *nós* nas sequências (.56). Constata-se, assim como na rodada geral, que com referentes *determinados* a diferença no uso dos pronomes *nós* e *a gente* em paralelismo não se mostrou muito significativa, podendo-se dizer que o uso de *a gente determinado* aproxima-se do uso de *nós*, ou seja, esses resultados reforçam aqueles da

rodada geral: o pronome *a gente* se destaca na *indeterminação*, e na *determinação* observa-se um uso mais equilibrado dos pronomes, o que indica um avanço do pronome inovador *a gente* também em contexto de sujeito *determinado*.

Quanto ao *tipo de paralelismo*, os resultados do uso de *nós/a gente* mostram que o pronome inovador *a gente* predomina no *paralelismo binário*, tanto de *formas iguais*, quanto de *formas diferentes* (.55). Nos paralelismos *ternários* e *eneários* (amalgamados) os falantes fazem maior uso de *nós*, pronome que predomina levemente nos paralelismos de *formas diferentes* (.52), e, de maneira mais acentuada, também nos paralelismos de *formas iguais* (.62).

Em relação às *variáveis sociais*, verifica-se que nessa rodada, somente com os pronomes em paralelismo, a *escolaridade* passa da 7.^a para a 4.^a posição, mostrando-se mais significativa; já a *faixa etária*, passa da 6.^a para a 7.^a posição. Na *escolaridade*, a diferença entre as duas rodadas (geral e somente com os pronomes em paralelismo) encontra-se no nível *fundamental I*, que aumenta o peso para *a gente* de .54 para .59; e no nível *médio*, que reduz o uso de *a gente*: de .45 para .42, e, conseqüentemente, eleva o uso de *nós*, de .55 para .58. Observa-se que o predomínio do uso de *a gente* entre os falantes com nível de escolaridade *fundamental I*, e de *nós* entre os falantes com nível *médio*, já observado na rodada geral, nesta rodada (somente com os pronomes em paralelismo) mostra-se mais significativo.

Quanto aos resultados das variáveis *faixa etária*, *tipo de discurso* e *tipo de texto* nesta rodada (somente com os pronomes em *paralelismo*), estes foram praticamente os mesmos que os obtidos na rodada geral, isto é, considerando as ocorrências *isoladas* e os *paralelismos*.

Em seguida, a fim de verificarmos os possíveis fatores que condicionam o uso dos pronomes em paralelismo, realizamos uma rodada amalgamando o paralelismo *binário*, *ternário* e *eneário* e tendo como variável dependente o paralelismo de *formas iguais* x paralelismo de *formas diferentes*. Nesta análise a regra de aplicação foi o paralelismo de *formas iguais*.⁴⁹ Salienta-se que nesta rodada foram considerados somente os pronomes *nós/a gente em paralelismo* (885 ocorrências).

Nessa análise, o programa selecionou como significativas somente duas variáveis sociais: a *faixa etária* e a *escolaridade*, em 1.^a e 2.^a posição, respectivamente. Em relação à *faixa etária*, verificou-se que os falantes *mais jovens* favoreceram o uso dos pronomes de *formas iguais* em .60, enquanto entre os *mais velhos*, praticamente na mesma proporção, predominou o uso de *formas diferentes* (.61). Esse resultado indica que são os informantes da

⁴⁹ Esta análise foi proposta e realizada por Tamanine (2010) para a análise de dados de Curitiba.

faixa etária mais velha os que mais alternam o uso dos pronomes *nós/a gente* nos *paralelismos*, resultado que pode significar que essa faixa etária, também favorecedora do pronome canônico *nós*, apresenta uma transição mais lenta para a forma inovadora.

A fim de compreendermos melhor o uso dos *paralelismos* por *faixa etária* em nossa amostra, efetuamos o cruzamento dos pronomes *nós/a gente em paralelismo* com a variável *faixa etária*. Os resultados desse cruzamento confirmaram os resultados obtidos na rodada anterior: os falantes *mais jovens* fazem um maior uso de *formas iguais* (59%) que os *mais velhos* (41%); já os *paralelismos de formas diferentes* predominam na fala dos informantes *mais velhos* (67%). Quanto ao uso dos pronomes *nós/a gente* nos *paralelismos*, observa-se que nos *paralelismos de formas iguais* o uso de *a gente* predomina entre os falantes *mais jovens* (63%). Nos *paralelismos de formas diferentes*, tanto *a gente*, quanto *nós* (67%), são mais usados pelos informantes *mais velhos*, o que confirma o predomínio de *formas diferentes* na fala desse grupo, conforme verificado na rodada geral dos dados.

Em relação à *escolaridade*, verificou-se um predomínio no uso de *formas iguais* entre os falantes com nível *fundamental I* (.63), enquanto os falantes com nível *médio* favoreceram o uso de *formas mistas* (.60). O nível *fundamental II* apresentou um resultado no ponto neutro (.50), isto é, os falantes usam *paralelismos de formas iguais e diferentes* na mesma proporção. Destaca-se que os informantes com *ensino médio* também são os que favorecem o uso do pronome *nós* na rodada geral, o que pode estar relacionado a essa maior alternância entre o pronome canônico *nós* e o pronome inovador *a gente*.

Efetuando o cruzamento dos pronomes *nós/a gente em paralelismo* com a *escolaridade* dos falantes observamos que no *paralelismo de formas iguais* o uso de *a gente* predomina entre os falantes com nível *fundamental I e II* (62% e 57%, respectivamente); já o uso de *nós* é maior no nível *médio* (59%). Nos *paralelismos de formas diferentes*, o uso dos pronomes *nós* e *a gente* é aproximadamente o mesmo no nível *fundamental I, II e médio* (*a gente*: 48%, 52% e 50%, respectivamente). Assim, considerando a *escolaridade* dos falantes, nota-se que é no *paralelismo de formas iguais* que se verifica a maior diferença de uso dos pronomes *nós/a gente*.

Ainda com o objetivo de melhor analisar o uso dos pronomes *nós/a gente em paralelismo*, efetuamos também a análise da *primeira ocorrência de uma série*, considerando a *faixa etária* e a *escolaridade* dos falantes. Em relação à *faixa etária*, observou-se, na análise conjunta dos *paralelismos de formas iguais e diferentes*, que o pronome *nós* predomina como *primeira ocorrência de uma série* na fala dos *mais velhos* (54%), enquanto os *mais jovens*

fazem um maior o uso de *a gente* (57%). Na análise efetuada somente com os paralelismo de *formas iguais*, também é maior o uso de *nós* como primeira ocorrência de uma série pelos *mais velhos* (55%), e de *a gente* pelos *mais jovens* (61%); já no *paralelismo de formas diferentes*, os *mais velhos* apresentam praticamente a mesma proporção de *nós* e *a gente* como primeira ocorrência (51% e 49%, respectivamente), e os falantes *mais jovens*, quando usam formas diferentes numa série, esta se inicia principalmente por *nós* (60%), o que indica que neste caso a alternância pronominal ocorre, principalmente, do pronome *nós* para o pronome inovador *a gente*. No entanto, destacamos que os paralelismos de *formas diferentes* correspondem apenas a 18% das ocorrências na fala dos jovens, e, no cômputo geral dos dados (incluindo as *formas iguais* e *diferentes*) é o uso de *a gente* que predomina como primeira ocorrência nesse grupo. Na *faixa etária mais velha*, o paralelismo de *formas diferentes* corresponde a 34% dos dados, e esse grupo usa como primeira ocorrência tanto *nós*, quanto *a gente*, o que parece indicar que o pronome inovador já está inserido e se encontra em plena concorrência com *nós* também na fala dos *mais velhos*.

Ainda analisando a *primeira ocorrência de uma série*, observamos que em relação à *escolaridade*, na análise conjunta dos *paralelismos de formas iguais* e *diferentes*, o pronome *a gente* predomina no nível *fundamental I e II* (60% e 58%, respectivamente), e o *nós* predomina no nível *médio* (59%). Na análise somente com o *paralelismo de formas iguais*, o resultado é praticamente o mesmo: o pronome *a gente* é mais usado no nível *fundamental I e II* (63% e 58%, respectivamente) e o *nós* no nível *médio* (58%); já no *paralelismo de formas diferentes*, os falantes com *nível fundamental II* fazem um maior uso de *a gente* para iniciar uma série (59%), e aqueles com *nível médio* e *fundamental I* usam principalmente o pronome *nós* (61% e 55%, respectivamente).

Considerando que 72% dos pronomes *nós/a gente* em paralelismo são de *formas iguais*, os resultados obtidos para a *primeira ocorrência* de uma série corroboram os resultados da análise geral dos dados, onde o uso de *a gente* é maior no nível *fundamental I e II*, e o *nós* predomina no nível *médio*. Isso significa que os falantes que usam mais *a gente* para iniciar uma sequência (*nível fundamental I e II*), são também os que mais usam o pronome *a gente*, e os que iniciam as sequências principalmente com *nós* (*nível médio*), também tendem a continuar usando o mesmo pronome. Esses resultados mostram que a 1.^a ocorrência utilizada pelos falantes condiciona, na maioria das vezes, o uso da forma seguinte, ou seja, comprova a força da repetição no uso dos pronomes *nós/a gente*.

No tópico seguinte, retomamos os resultados da rodada geral dos dados, com todas as ocorrências, e apresentamos os resultados das variáveis sociais selecionadas.

4.3.2 Análise das variáveis sociais selecionadas

As variáveis sociais selecionadas na análise da variação *nós/a gente* foram a *faixa etária* e a *escolaridade*, em 6.^a e 7.^a posição, respectivamente.

4.3.2.1 Analisando a *faixa etária*

A *faixa etária*, selecionada em 6.^a posição, apontou uma tendência ao favorecimento da forma inovadora *a gente* pelos falantes mais jovens, o que indica um possível indício de mudança em tempo aparente. Esse resultado para a *faixa etária* corrobora nossa hipótese, ou seja, o pronome inovador predomina entre os mais jovens, e o *nós*, entre os mais velhos. Apresentamos a seguir os resultados obtidos em percentuais e pesos relativos para a *faixa etária*:

Tabela 11e – Resultados de *nós /a gente* na posição de sujeito: *faixa etária*

Grupo de fatores	Nós			A gente		
	Aplic./N	%	P.R.	Aplic./N	%	P.R.
6. Faixa etária						
- 26 a 45 anos	359/805	45	.45	446/805	55	.55
- 50 anos ou mais	411/748	55	.55	337/748	45	.45
Total	770/1.553	50		783/1.553	50	
Significância: .031						

Nota-se que os falantes *mais jovens* favorecem o uso do pronome inovador *a gente* (.55) na mesma proporção em que os *mais velhos* favorecem a manutenção do pronome conservador *nós* (.55).

Nos trabalhos de Menon (1994), Omena (1998), Seara (2000), Tamanine (2002, 2010) e Borges (2004), os resultados para a *faixa etária* também confirmaram a hipótese de que os falantes mais jovens tendem a utilizar mais a forma inovadora *a gente*.

Convém destacar, porém, que há diferenças nas faixas etárias analisadas por cada autor. Omena (1998), que analisou dados do Rio de Janeiro, trabalhou com quatro faixas etárias, sendo que as de 7 a 14 anos e 15 a 25 anos favoreceram o uso de *a gente* (.74 e .67), já os falantes de 26 a 49 anos e 50 a 71 anos favoreceram o pronome *nós* (.64 e .78).

Seara (2000), nos dados de Florianópolis, analisou as faixas etárias de 15 a 24 anos, 25 a 50 anos e mais de 50 anos, e obteve como resultado as seguintes probabilidades de aplicação de *a gente*: .69, .51 e .40, respectivamente.

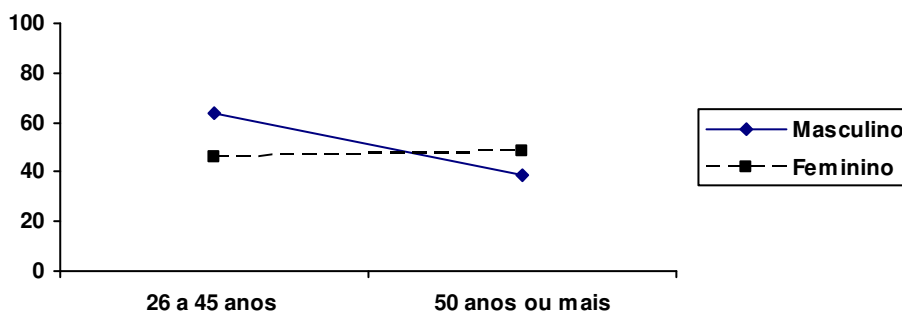
Tamanine (2002) analisou dados do VARSUL de Lages, Blumenau e Chapecó, com informantes de duas faixas etárias – 25 a 45 anos e mais de 50 anos – sendo que os mais

jovens apresentaram maior uso de *a gente* tanto nas ocorrências isoladas (.59) quanto nas sequências (.58). Em seu trabalho sobre *nós/a gente* em Curitiba (2010) a autora analisou as mesmas faixas etárias e verificou uma grande diferença entre elas: a probabilidade de aplicação do pronome *a gente* foi de .70 para a faixa etária mais jovem, e somente .33 para os mais velhos.

Já Borges (2004) trabalhou com informantes de três faixas etárias em Jaguarão e Pelotas: 16 a 25 anos, 26 a 49 anos e acima de 50 anos. A primeira faixa etária favoreceu o uso de *a gente* em ambas as cidades: .70 (Jaguarão) e .71 (Pelotas); a segunda apresentou pesos relativos para *a gente* de .47 em Jaguarão e .56 em Pelotas; e a faixa etária mais velha apresentou pesos de .26 e .29 para *a gente* em Jaguarão e Pelotas, desfavorecendo o uso desse pronome. Nota-se que Borges (2004) obteve em Jaguarão e Pelotas, assim como Tamanine (2010) em Curitiba, uma diferença acentuada no uso dos pronomes *nós/a gente* entre os falantes mais jovens e os mais velhos.

Embora as faixas etárias analisadas nos trabalhos apresentados não sejam exatamente as mesmas, seus resultados, assim como os resultados verificados em Concórdia, convergem numa mesma direção: os falantes *mais velhos* favorecem a manutenção do pronome conservador *nós*, e os falantes *mais jovens* favorecem o uso do pronome inovador *a gente*, impulsionando a mudança.

Para obtermos maiores esclarecimentos sobre a distribuição das variáveis sociais em nossos dados, realizamos o cruzamento das variáveis *faixa etária* e *sexo*. Em relação ao *sexo*, variável não selecionada pelo programa estatístico, verificou-se que o *sexo masculino* apresentou um maior uso do pronome *a gente* (55%) e o *feminino* um maior uso de *nós* (53%). Apesar da diferença não muito relevante na distribuição dos pronomes entre os sexos, esse resultado, mesmo em percentuais, parece indicar que são principalmente os *homens jovens* que estão impulsionando o uso do pronome inovador *a gente*. O gráfico 5 ilustra os resultados do cruzamento entre as variáveis *sexo* e *faixa etária* em nossa amostra:

Gráfico 5 – Frequência de uso de *a gente*: sexo e faixa etária

O cruzamento entre as variáveis *faixa etária* e *sexo* mostrou uma distribuição bem diferenciada de uso dos pronomes. Enquanto no sexo *masculino* o uso de *a gente* predominou entre os falantes mais jovens (64%), e o uso de *nós* entre os mais velhos (61%), no sexo *feminino*, o emprego do pronome *a gente* é praticamente o mesmo nas duas faixas etárias analisadas (46% e 48%), e, embora a diferença no uso de *nós* e *a gente* não se mostre relevante entre as mulheres, nota-se que há um leve predomínio do pronome conservador *nós* nas duas faixas etárias (54% e 52%). Esse resultado, embora indique somente a frequência de uso dos pronomes, sugere que são os *homens mais jovens* de nossa amostra que estão à frente da mudança. Assim, os resultados da variável *faixa etária* em Concórdia corroboram os resultados obtidos em outros trabalhos, ou seja, são os falantes *mais jovens* que favorecem o uso do pronome inovador *a gente*.

4.3.2.2 Analisando a *escolaridade*

Em relação à variável *escolaridade*, selecionada em 7.^a posição pelo programa estatístico, verificamos os seguintes resultados em nossos dados:

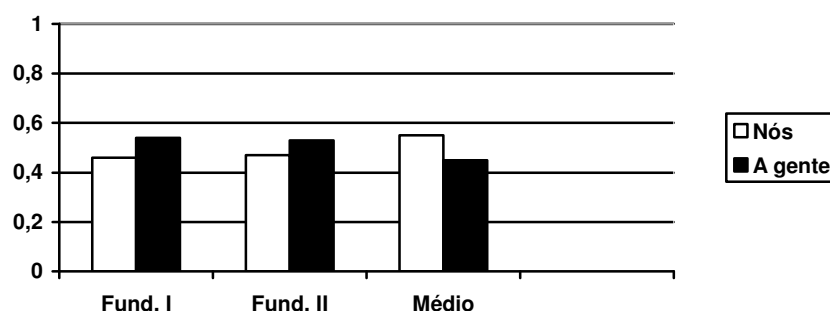
Tabela 11f – Resultados de *nós* / *a gente* na posição de sujeito: *escolaridade*

Grupo de fatores	Nós			A gente		
	Aplic./N	%	P.R.	Aplic./N	%	P.R.
7. Escolaridade						
- fundamental I	212/460	46	.46	248/460	54	.54
- fundamental II	216/463	47	.47	247/463	53	.53
- ensino médio	342/630	54	.55	288/630	46	.45
Total	770/1.553	50		783/1.553	50	
Significância: .031						

Pode-se observar na tabela o predomínio, embora não muito significativo, no uso do pronome *a gente* pelos falantes com menor nível de escolaridade: nível *fundamental I* (.54) e *fundamental II* (.53); já os falantes com ensino *médio* desfavoreceram o uso desse pronome (.45), apresentando uma maior probabilidade de aplicação de *nós* (.55). Portanto, temos, de um lado, os falantes com nível *fundamental I e II* favorecendo *a gente* e, de outro, os falantes com nível *médio* favorecendo *nós*. Esses resultados sustentam nossa hipótese de maior uso do pronome canônico e mais formal *nós* pelos falantes mais escolarizados.

Destaca-se, porém, que a influência da escolaridade no uso dos pronomes *nós/a gente* não se mostrou muito relevante em nossos dados, pois os pesos atribuídos aos pronomes estão próximos do ponto neutro, indicando que não há muita diferença no uso de *nós* e *a gente* nos diferentes níveis de escolaridade. O gráfico 6 ilustra esses resultados:

Gráfico 6 – Influência da *escolaridade* no uso de *nós/a gente*
(em pesos relativos)



Pode-se notar, no gráfico 6, que os níveis de escolaridade *fundamental I e II* apresentam praticamente o mesmo uso dos pronomes *nós/a gente*, com um leve predomínio desse último (.54 e .53, respectivamente); já no nível *médio* é o pronome *nós* que predomina (.55).

A análise dessa variável, a *escolaridade*, tem apresentado diferentes resultados nos trabalhos realizados sobre a variação *nós/a gente*. Omena (1998), no *corpus* Censo do Rio de Janeiro, observou uma influência do *ginásio* no comportamento dos falantes, pois esse nível favoreceu o uso do pronome *nós* tanto nos dados das crianças (.52), quanto nos dos adultos (.73). Já no *primário* as crianças desfavorecem o uso de *nós* (.09), enquanto os *adultos* favorecem esse pronome, apresentando um uso aproximado de *nós* no *primário* e no *segundo grau* (.66 e .61, respectivamente).

Visando a um melhor esclarecimento da influência da *escolaridade* na variação *nós* e *a gente*, Omena realizou análises em separado dos falantes que estavam na escola e dos que não estavam mais. Seus resultados mostraram que o comportamento desses dois grupos era totalmente diferente. A autora observou que o comportamento dos falantes que não estavam mais em contato com a escola era bastante próximo do esperado, ou seja: os falantes que só cursaram o *primário* usavam pouco a variante *nós* (.38) enquanto os que cursaram o *ginásio* e os que chegaram ao 2º grau aumentavam a taxa de uso dessa variante (.58 e .54, respectivamente). Já nos falantes ainda em contato com a escola, Omena observou uma pequena diferença de uso entre o *primário* e o *ginásio* (*nós*: .81 e .73, respectivamente), em oposição aos falantes do 2º grau, que usaram principalmente a forma *a gente* (.92). A autora relaciona esse elevado uso de *a gente* no 2º grau ao fato dessa forma ser possivelmente sentida como uma gíria pelos falantes em contato com a escola.

É importante frisar aqui que os falantes de nossa amostra já não frequentam a escola há um tempo relativamente longo (mais de 10 anos), e que nossos resultados, apesar de não apresentarem diferenças muito significativas entre os diferentes níveis de escolaridade, aproximam-se dos resultados relativos aos falantes *sem contato com a escola* apresentados por Omena, na medida em que os falantes com ensino *médio* favorecem o uso do pronome *nós* e os que possuem o nível *fundamental I* favorecem *a gente*. Já em relação ao nível *fundamental II*, os falantes de nossa amostra favorecem o uso do pronome *a gente*, ao contrário dos resultados de Omena, onde esse nível de escolaridade (equivalente ao *ginásio*) apresenta uma maior probabilidade de aplicação de *nós*. Por outro lado, a análise do uso de *nós/a gente* realizada por Seara (2000) sobre o falar de Florianópolis, e por Tamanine (2010), sobre o falar de Curitiba, apresentam resultados bastante distintos dos nossos.

Os estudos de Seara (2000) e Tamanine (2010) apontaram uma mesma tendência no uso de *nós/a gente* em Florianópolis e em Curitiba, cidades em que o nível de escolaridade mais elevado favoreceu o uso da variante *a gente*. Seara verificou que no *ensino médio a gente* apresentou um peso relativo superior (.56) ao do nível *primário* (.46), contrariando, assim, sua hipótese de que o aumento da escolaridade favoreceria o uso do *nós*. Resultado semelhante foi encontrado por Tamanine na análise dos dados de Curitiba, pois o ensino médio apresentou o maior peso relativo (.57) a favor do pronome inovador *a gente*, e o *primário* foi o que mais favoreceu o uso de *nós* (.57).

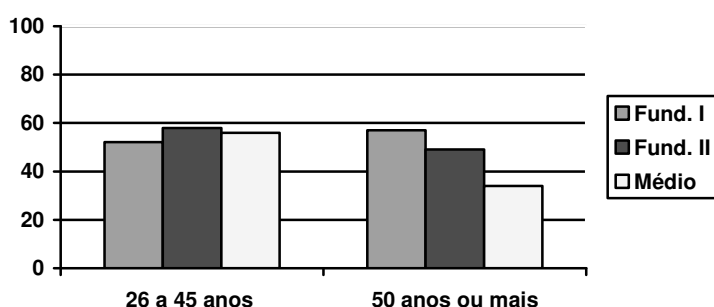
Já os resultados encontrados por Tamanine (2002) na análise de falares do interior de Santa Catarina, que incluíam, dentre outros, dados de Chapecó, cidade próxima de Concórdia, assemelham-se, parcialmente, aos nossos resultados. No *ginásio* (ou *fundamental*

II), Tamanine verificou uma maior probabilidade de aplicação do uso de *a gente* .52, resultado semelhante ao nosso, que foi de .53 para a aplicação desse pronome; já em relação ao *primário* (ou *fundamental I*) e *secundário*, os resultados apresentaram diferenças, pois os resultados de Tamanine para o uso de *a gente* no *nível fundamental I* e *ensino médio* foram, respectivamente, de .48 e de .50, e os nossos foram de .54 e .45, para esses mesmos níveis de escolaridade.

Percebe-se, a partir desses trabalhos, que a *escolaridade* apresenta resultados bastante heterogêneos no uso dos pronomes *nós/a gente*, não permitindo que se proponha uma determinada tendência em relação a essa variável. No geral, pode-se dizer que temos, de um lado, resultados que mostram o aumento da escolaridade favorecendo o uso do pronome inovador *a gente*, e, de outro, resultados que indicam um favorecimento do pronome canônico, conservador e mais formal *nós* pelos falantes com maior escolaridade. Porém, cabe salientar que não somente a escola, mas vários outros aspectos relacionados à vida dos falantes podem interferir no uso dos pronomes *nós/a gente*, pois o ambiente de trabalho, a família, os amigos, e os demais espaços sociais de interação, *fatores* não mensuráveis, geralmente têm reflexos na fala dos indivíduos de uma determinada comunidade.

Assim, em relação à influência da escolaridade na variação *nós/a gente* em nossos dados, podemos por ora analisar a interação desta com as variáveis sociais *faixa etária* e *sexo*. Inicialmente, efetuamos o cruzamento entre as variáveis *faixa etária* e *escolaridade* dos falantes.

Gráfico 7 – Frequência de uso de *a gente*: *faixa etária* e *escolaridade*

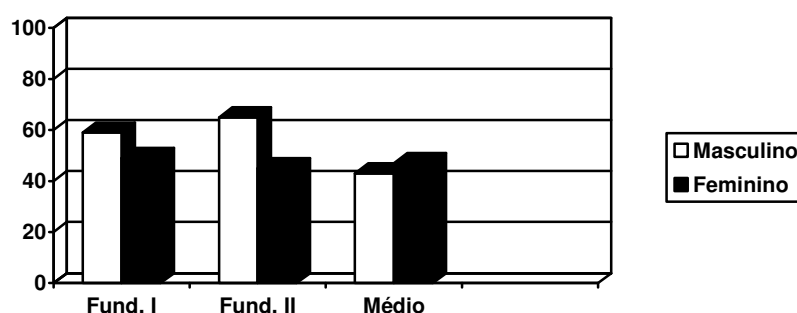


Nota-se no gráfico acima que os falantes *mais jovens*, dos três níveis de escolaridade, apresentam um maior percentual de uso de *a gente* (*fundamental I*: 52%, *fundamental II*: 58% e *ensino médio*: 56%), sendo os falantes com nível *fundamental II* os que mais empregam esse pronome (58%); os de nível *fundamental I* usam *nós* e *a gente* praticamente

na mesma proporção (52% e 48%). Já os falantes *mais velhos* apresentam um maior percentual de *a gente* somente no *nível fundamental I* (57%), o *nível fundamental II* apresenta praticamente a mesma frequência de uso para *nós* e *a gente* (49% e 51%, respectivamente) e, no *nível médio*, o pronome *nós* é o mais usado (66%). Comparando esses resultados frequenciais com os resultados em pesos relativos, observa-se que a maior diferença encontra-se no *nível médio* da *faixa etária mais jovem*, pois no cruzamento dos dados este grupo apresenta maior percentagem de uso de *a gente* (56%), e nos resultados da rodada geral, em peso relativo, o ensino *médio* (incluindo as duas faixas etárias) é o nível de escolaridade que apresenta maior uso do pronome *nós*. Esses resultados parecem indicar, então, que são os falantes com *nível médio*, e dentre estes os *mais velhos*, que mais estão atuando na manutenção do pronome conservador *nós*.

No entanto, como já dito, a diferença no uso de *nós* e *a gente* nos diferentes níveis de escolaridade não se mostrou muito significativa em nossa amostra, o que parece sugerir que o pronome inovador *a gente* está bem inserido na fala da comunidade de Concórdia, independente do nível de escolaridade do falante. A fim de melhor avaliarmos a importância desse fator em nossos dados, efetuamos também o cruzamento da *escolaridade* com o *sexo*:

Gráfico 8 – Frequência de uso de *a gente*: *escolaridade* e *sexo*



Podemos observar no gráfico que os homens com nível de escolaridade *fundamental I* e *II* apresentam uma maior frequência de uso do pronome *a gente* (59% e 65% respectivamente), enquanto aqueles com ensino *médio* fazem maior uso do pronome *nós* (57%). Já entre as mulheres, há um predomínio no uso de *nós* nos níveis *fundamental II* e *médio* (55% e 53%), e no nível *fundamental I* encontramos praticamente a mesma distribuição entre os pronomes *nós* e *a gente* (51% e 49%, respectivamente).

Esses resultados, associados aos resultados em pesos relativos, indicam que o uso do pronome inovador *a gente* nessa comunidade predomina entre os falantes com nível de *escolaridade fundamental* (I e II) e do sexo *masculino*. Em relação às variáveis sociais *faixa etária* e *escolaridade*, observa-se que os cruzamentos realizados só vieram confirmar os resultados obtidos em pesos relativos na rodada geral: é na faixa etária *mais jovem*, e principalmente nos níveis de escolaridade *fundamental I e II* que o pronome inovador *a gente* predomina.

A análise da variação dos pronomes *nós/a gente* na comunidade de Concórdia, apresentada acima, nos indicou as principais tendências de uso desses pronomes no falar dessa localidade. No capítulo seguinte, apresentamos a análise da variação pronominal *tu/você* nos dados de Concórdia.

5. ANÁLISE DA VARIAÇÃO PRONOMINAL *TU/ VOCÊ*

Neste capítulo apresentamos a análise da alternância *tu/você* no falar de Concórdia. Para tanto, foi utilizado o mesmo *corpus* que serviu para a análise da variação entre os pronomes *nós/a gente*, o qual, como já dito acima, foi constituído de 24 entrevistas realizadas com informantes do sexo masculino e feminino, de duas faixas etárias e de três níveis de escolaridade.

Inicialmente, são apresentados os resultados em números absolutos e frequenciais para visualização da distribuição geral dos pronomes *tu/você* na amostra. Em seguida, passamos à apresentação dos resultados obtidos nas rodadas do programa VARBRUL, os quais serão comparados com os resultados de outros estudos sobre essa variável que já foram apresentados no capítulo 2 deste trabalho.

5.1 Resultados percentuais relativos à variação pronominal *tu/você*

Neste tópico, apresentamos os resultados em percentuais do uso das variantes *tu/você*. Foram considerados, assim como no estudo de *nós/a gente*, os paralelismos (*binário*, *ternário* e *eneário*) e as ocorrências isoladas dos pronomes.

A análise da variação pronominal *tu/você* revelou um predomínio do pronome *tu* em nossos dados. Obtivemos, de um total de 926 ocorrências, 512 (55%) ocorrências de *tu* e 414 de *você* (45%). Este resultado indica que o uso do pronome conservador *tu* ainda se mantém entre os falantes de Concórdia.

Quanto ao *preenchimento* ou não do sujeito, verificou-se que o não-preenchimento representou apenas 3% das ocorrências, com uma distribuição aproximada entre os dois pronomes. Vale lembrar aqui que os dois pronomes apresentam a mesma desinência verbal não-marcada (\emptyset) em todas as ocorrências, o que provavelmente favorece o preenchimento do sujeito, conforme mostram os exemplos abaixo:

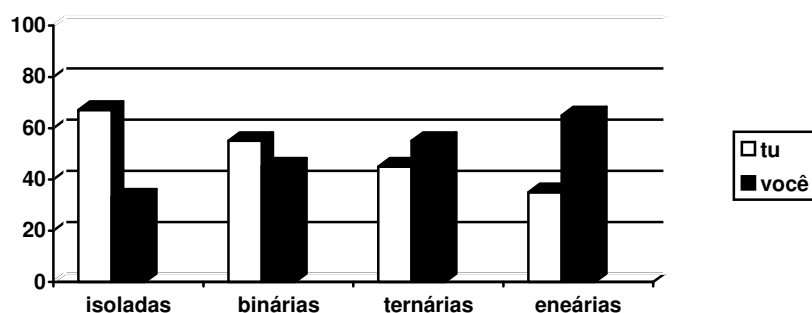
(101) E quando *você tem* uma coisa particular,...que nem *você qué* um quarto particular, melhor, daí *tu tem* que pagá o médico, tudo, tudo, tudo. (FG2t)

(102)...porque *tu chega* lá, *tu pega* metrô, *tu pega* ônibus, *aí tu chega* numa altura que não dá, *tu tem* que pegá um táxi. E aí vai.... (MS1r)

Para verificarmos a distribuição dos pronomes em nossa amostra, analisamos também a variável *tipo de ocorrência* ou *paralelismo formal* (cf. Tamanine, 2010), considerando as

ocorrências isoladas, as *sequências binárias*, *ternárias* e *eneárias*. Os resultados mostram que as *ocorrências isoladas*, com 367 casos, representam 40% do total de dados, o paralelismo *binário* apresenta um percentual de 28% (264 ocorrências), o paralelismo *ternário* de 20% dos dados (183 ocorrências), e com a menor frequência de uso em nossa amostra temos o paralelismo *eneário*, com percentagem de 12% (112 ocorrências). Na análise geral, observa-se um predomínio das ocorrências em *paralelismo*, totalizando 559 casos, o que representa 60% dos dados. Considerando a distribuição dos pronomes *tu* e *você* nas ocorrências isoladas e nos paralelismos, obtivemos os seguintes resultados:

Gráfico 9 – Frequência de *tu/você*: *ocorrência isolada, paralelismo binário, ternário e eneário*



Observa-se um uso acentuado do *tu* nas ocorrências *isoladas*, com uma percentagem de 67%. Os paralelismos apresentam a seguinte distribuição dos pronomes: o *tu* predomina nas sequências *binárias*, apresentando uma percentagem de 55%, enquanto o uso de *você* é maior nas sequências em paralelismo *ternário* (55%) e, de maneira mais pronunciada, no paralelismo *eneário*, com 65% dos dados. Pode-se também observar no gráfico uma diferença mais acentuada no uso dos pronomes nas duas extremidades: o *tu* predominando nas ocorrências *isoladas* (67%) e o *você* nas sequências *eneárias* (65%). Nos paralelismos *binários* e *ternários* a diferença no uso dos pronomes é menos pronunciada. De maneira geral, nota-se que o *você* prevalece nos casos em que há maior repetição do pronome sujeito, ou seja, nas sequências mais longas. Temos, portanto, o predomínio do pronome *tu* nas ocorrências *isoladas* e em paralelismo *binário* e de *você* nas sequências em paralelismo *ternário* e *eneário*.

Nas *ocorrências isoladas* verificou-se a maior diferença de uso entre os pronomes, sendo que o *tu* apresenta o dobro das ocorrências de *você* neste contexto (67% de *tu* e 33% de *você*), diferença essa que corresponde a 123 ocorrências.

Em relação ao *paralelismo binário*, onde também predominou o pronome *tu*, a diferença foi menos importante, de 10 pontos percentuais (55% de *tu* e 45% de *você*). Nos *paralelismos binários de formas iguais* nota-se uma maior frequência de uso de *tu* (56% - 135/241), e nos *paralelismos binários de formas diferentes* (*tu/você* e *você/tu*), houve um predomínio da alternância *você/tu* (75%), o que indica que há, nas *ocorrências binárias*, um maior uso de *tu* na retomada do sujeito, seja este *tu* ou *você*.

As ocorrências em *paralelismo ternário* também apresentaram uma diferença de 10 pontos percentuais no uso dos pronomes, mas neste caso com maior uso de *você* (55%). Verificou-se 19 ocorrências a mais para *você*, totalizando 101 ocorrências deste pronome e 82 de *tu*. Nas *seqüências ternárias de formas iguais* foram 30 casos (90 ocorrências) com *você* e 22 (66 ocorrências) com *tu*. As ocorrências de *formas diferentes* (27) representaram somente 15% dos casos de *paralelismo ternário* e não mostraram uma diferença significativa na alternância para um ou outro dos pronomes.

O *paralelismo eneário* apresentou o percentual mais elevado de uso do pronome *você* (65%), com 73 ocorrências desse pronome e 39 de *tu*. No *paralelismo eneário de formas iguais* observou-se a maior diferença, obteve-se 58 ocorrências de *você* (68%) e 27 de *tu* (32%); já o *paralelismo de formas diferentes*, com um número bem mais reduzido de ocorrências (27), apresentou praticamente o mesmo uso para os dois pronomes.

Observou-se ainda na análise geral dos *paralelismos*, considerando conjuntamente os pronomes *tu/você*, uma maior frequência do *paralelismo de formas iguais* em relação ao *paralelismo de formas diferentes*, pois em todas as seqüências, *binárias*, *ternárias* e *eneárias*, houve um predomínio do *paralelismo de formas iguais* (91%, 85% e 76%, respectivamente). Esses resultados indicam que, uma vez escolhido o pronome, a tendência maior dos falantes é continuar usando a mesma forma ao longo da seqüência.

No tópico seguinte, passamos à apresentação dos resultados da variação pronominal *tu/você* em rodada geral dos dados no programa VARBRUL. Salienta-se que os fatores da variável *paralelismo* apresentaram muitos *nocautes*, impossibilitando a análise sem a amalgamação de fatores. Assim, na análise geral dos dados, os paralelismos (*binário*, *ternário* e *eneário*) foram amalgamados em *pronomes paralelos iguais* e *pronomes paralelos diferentes*. Destaca-se, no entanto, que após a análise geral dos dados foram realizadas rodadas complementares, considerando os diferentes paralelismos (*binário*, *ternário* e *eneário*), conforme realizado na análise da variação *nós/a gente*.

5.2 Análise da variação pronominal *tu/ você* em rodada geral no VARBRUL

Apresentamos a seguir a análise da variação *tu/você* a partir dos resultados obtidos em rodada geral do programa VARBRUL. Nesta rodada foram consideradas as mesmas variáveis independentes que na análise da variação *nós/a gente*, ou seja: *determinação do referente*, *tipo de discurso*, *tipo de texto*, *tipo de verbo*, *tempo verbal*, *tipo de ocorrência*, *faixa etária*, *sexo* e *escolaridade*. Os grupos de fatores selecionados nesta rodada foram os que apresentamos no quadro 12:

Quadro 12 – Resultados de *tu/ você* na posição de sujeito: grupos de fatores selecionados

Rodada geral
1. <i>determinação do referente</i> ; 2. <i>escolaridade</i> ; 3. <i>sexo</i> ; 4. <i>tipo de ocorrência</i> ; 5. <i>tipo de verbo</i> ; 6. <i>faixa etária</i> .

Nota-se que seis dos nove grupos fatores considerados foram selecionados como significativos; destes, três associados às *variáveis sociais*, a saber: *escolaridade*, em 2.^a posição; *sexo*, em 3.^a, e *faixa etária*, em 6.^a. Dentre as variáveis linguísticas, foram selecionadas: a *determinação do referente*, variável selecionada como a mais significativa pelo programa estatístico, o *tipo de ocorrência*, que apareceu em 4.^a posição, e o *tipo de verbo* em 5.^a posição. Já o *tipo de texto*, o *tipo de discurso* e o *tempo verbal* não foram consideradas variáveis significativas na análise da alternância *tu/você* em nossos dados.

Os resultados da análise da variação *tu/você*, em percentagens e pesos relativos, são apresentados na tabela 12:

Tabela 12 – Resultados probabilísticos de *tu/você* na posição de sujeito (aplicação: *você* – input:.43)

Grupos de fatores	TU			VOCÊ		
	Apl/N	%	P.R.	Apl./N	%	P.R.
1. Determinação do referente						
- determinado	162/204	79	.72	42/204	21	.28
- indeterminado	350/722	48	.43	372/722	52	.57
2. Escolaridade						
- fundamental II	142/186	76	.68	44/186	24	.32
- fundamental I	101/171	59	.57	70/171	41	.43
- ensino médio	269/569	47	.42	300/569	53	.58
3. Sexo						
- feminino	285/468	61	.56	183/468	39	.44
- masculino	227/458	50	.44	231/458	50	.56
4. Tipo de ocorrência						
- isolada	245/367	67	.57	122/367	33	.43
- formas diferentes	40/78	51	.50	38/78	49	.50
- formas iguais	227/481	47	.45	254/481	53	.55
5. Tipo de verbo						
- epistêmico	126/179	70	.58	53/179	30	.42
- estado	120/234	51	.53	114/234	49	.47
- ação	244/465	52	.47	221/465	48	.53
- <i>dicendi</i>	22/48	46	.32	26/48	54	.68
6. Faixa etária						
- 50 anos ou mais	220/344	64	.55	124/344	36	.45
- 26 a 45 anos	292/582	50	.47	290/582	50	.53
TOTAL	512/926	55		414/926	45	
Significância: .041						

5.2.1 Análise das variáveis linguísticas selecionadas

Na análise da variável dependente *tu/você*, foram selecionadas como significativas pelo programa, três variáveis linguísticas: a *determinação do referente*, em primeira posição; o *tipo de ocorrência*, em 4.^a, e o *tipo de verbo*, em 5.^a posição, as quais passamos, a seguir, a analisar.

5.2.1.1 Analisando a *determinação do referente*

Em relação à *determinação do referente*, variável selecionada como a mais significativa pelo programa, observa-se, inicialmente, uma grande diferença na distribuição dos dados: os pronomes *indeterminados* representam 78% (722) e os *determinados* apenas 22% (204) do total de ocorrências. Essa diferença no número de ocorrências *determinadas* e *indeterminadas* pode estar relacionada ao tipo de amostra analisada, pois a *entrevista* geralmente centra-se no informante, que discorre sobre sua vida, família, trabalho, opiniões, etc., ou seja, não ocorre efetivamente um diálogo entre locutor - a primeira pessoa (*eu*) - e o

interlocutor - a segunda pessoa (*tu/você*). Os pronomes de segunda pessoa quando são usados nesse contexto normalmente apresentam uma referência *indeterminada*. Porém, na medida do possível, tentou-se criar momentos de diálogo entre a entrevistadora e o entrevistado, visando propiciar, assim, também o uso de pronomes determinados de 2.^a pessoa em nossos dados.

Apesar dessa diferença na distribuição dos dados, a *determinação do referente* foi selecionada como a variável mais significativa pelo programa VARBRUL, o que reforça a importância desta variável na análise da variação *tu/você* em nossa amostra. Com referente *determinado*, nota-se um predomínio acentuado do pronome *tu*, que apresenta um peso relativo de .72. Esse resultado parece indicar que o pronome conservador *tu* continua sendo o mais usado na referência ao interlocutor, o pronome inovador *você* apresentando, em nossos dados, um uso bastante reduzido na *determinação* (.28). Já nas ocorrências com referente *indeterminado* é o pronome *você* que predomina, com um peso relativo de .57. Esses resultados corroboram nossa hipótese para a *determinação do referente*, pois, conforme postulamos, o pronome inovador *você* é mais usado com referente *indeterminado*, e o pronome *tu* mantém seu predomínio na *determinação*. Nota-se que na *indeterminação* a diferença no uso dos pronomes *tu* (.43) e *você* (.57) já demonstra que o pronome inovador está mais adiantado nesse contexto. Esses resultados parecem sinalizar que a inserção de *você* na comunidade de Concórdia está realmente se fazendo via *indeterminação*, conforme também verificado por Menon e Loregian- Penkal (2002) e Loregian-Penkal (2004) em outras localidades da região Sul.

Assim como em nossa análise, na análise de Loregian-Penkal (2004) de diferentes falares de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, a *determinação* se mostrou altamente relevante nas rodadas por localidade, não tendo sido selecionada somente em Lages. Com referente *determinado* o uso de *tu* predominou em todas as localidades: Porto Alegre (.86), Ribeirão (.83), Florianópolis (.73), São Borja (.67), Blumenau (.65), Panambi (.64), Flores da Cunha (.60) e Chapecó (.59). Já com referente *indeterminado*, a autora verificou nessas localidades um favorecimento do pronome *você*: Ribeirão (.92), Florianópolis (.74), Porto Alegre (.72), Chapecó (.65), Panambi (.61), Flores da Cunha (.57), Blumenau (.55) e São Borja (.53).

Apesar das diferenças nos pesos atribuídos aos pronomes *tu* e *você* dependendo da localidade, observa-se que a *determinação do referente* favoreceu o *tu* e a *indeterminação* o *você*, em todas as localidades pesquisadas por Loregian-Penkal (2004) e apresentadas acima. A análise dos dados de Concórdia revelou as mesmas tendências das localidades estudadas

por essa autora, ou seja, a *determinação do referente* favorecendo o uso do pronome *tu* (.72) e a *indeterminação* favorecendo o uso do pronome inovador *você* (.57).

A fim de melhor analisar o uso dos pronomes *tu/você* com referentes *determinados* e *indeterminados*, efetuou-se o cruzamento da variável *determinação do referente* com as *variáveis sociais*. Destaca-se aqui que os pronomes *tu/você indeterminados* representam 78% dos dados, o que acreditamos estar relacionado ao estilo de fala analisado, a *entrevista*, que é centrada principalmente no informante, não propiciando um diálogo propriamente dito.

Em relação aos pronomes *tu/você* usados em contexto de *determinação*, observou-se um acentuado predomínio de *tu* nesse contexto (79%). O cruzamento dos pronomes *determinados* com as *variáveis sociais* mostrou um maior uso do *tu* em contexto determinado: entre os falantes das *faixas etárias 1* (76%) e *2* (83%); de todos os níveis de escolaridade: *fundamental I* (71%), *fundamental II* (82%) e *ensino médio* (81%); assim como do sexo *masculino* (71%) e *feminino* (88%), estes últimos apresentando um percentual de uso do *pronome determinado tu* mais elevado. Esses resultados confirmam a relevância do pronome *tu* nos contextos de *determinação*.

Considerando conjuntamente o uso dos pronomes *tu/você* em contexto de *indeterminação*, foram os falantes da *faixa etária mais jovem* (68%) e com nível *médio* de escolaridade (63%) que apresentaram o maior percentual de uso de pronomes *indeterminados*, *tu* ou *você*, em nossa amostra. Já os falantes com nível de escolaridade *fundamental I e II* respondem apenas por 18% e 19%, respectivamente, dos pronomes *indeterminados*. Em relação à variável *sexo*, constatou-se praticamente a mesma percentagem de uso dos pronomes *indeterminados* na fala de homens (49%) e mulheres (51%). Constatase, assim, que foram os falantes *mais jovens* e com nível *médio* de escolaridade os que mais usaram os pronomes *tu/você indeterminados* em nossos dados, o que parece indicar que esses falantes (*mais jovens* e *mais escolarizados*) apresentam um discurso mais propenso à abstração, daí o maior uso da *indeterminação*.

No cruzamento dos pronomes *indeterminados* com as *variáveis sociais*, verificamos um maior uso do pronome *você* no sexo *masculino* (57%) e de *tu* no sexo *feminino* (54%), assim como um predomínio de *você* entre os *mais jovens* (55%) e de *tu* entre os *mais velhos* (55%). Já a *escolaridade* apresentou os seguintes resultados: no nível *fundamental I e II* predomina o uso do pronome *tu* (56% e 74%, respectivamente), e no nível *médio* é maior o uso de *você* (62%). Assim, verifica-se que na *indeterminação* o pronome inovador *você* predomina na fala dos informantes *mais jovens*, do *sexo masculino* e com *ensino médio*. E o

tu predomina entre os falantes *mais velhos*, do sexo *feminino* e com *menor grau de escolaridade*.

Ainda a fim de obtermos informações mais detalhadas sobre a influência da *determinação do referente* no uso dos pronomes *tu/você* em nossos dados, assim como verificar as variáveis que condicionam o uso desses pronomes quando *determinados* e *indeterminados*, efetuamos duas novas rodadas, uma somente com os pronomes *determinados*, e outra, com os pronomes *indeterminados*.

Na rodada com os pronomes *determinados*, o programa selecionou o *sexo* e o *tipo de verbo* como fatores significativos. Os pesos atribuídos ao uso dos pronomes *tu/você* por homens e mulheres confirmaram as tendências da rodada geral: os homens favorecem o uso do pronome inovador *você* (.62) praticamente na mesma proporção em que as mulheres favorecem a manutenção do *tu* (.63). Nota-se que os resultados dessa rodada, somente com os pronomes *tu/você determinados*, reforçam a tendência apresentada pelos homens e mulheres na rodada geral (com pronomes *determinados* e *indeterminados*), pois o uso do pronome *tu* eleva-se de .56 para .63 no sexo *feminino*, e o uso do pronome inovador *você* passa de .56 para .62 no sexo *masculino*. Assim, como na análise geral dos dados, realizada com todas as ocorrências, esses resultados indicam que os homens estão à frente da mudança, e essa tendência se mostra mais acentuada quando consideramos somente os pronomes *determinados*.

Na rodada somente com os pronomes *indeterminados*, as variáveis selecionadas como significativas pelo programa foram a *escolaridade* e o *tempo verbal*, sendo que este último não foi selecionado na rodada geral dos dados.

Em relação à *escolaridade*, variável selecionada em 1.^a posição, verifica-se que o uso do pronome *indeterminado você* predomina entre os falantes com *ensino médio* (.60), já os falantes com *nível fundamental I* e *II* favorecem o uso do pronome *indeterminado tu* (.58 e .74, respectivamente). Isso indica que o *tu*, pronome mais usado na *determinação*, também prevalece na fala dos informantes com nível *fundamental I* e, principalmente, *II*, na *indeterminação*. O pronome inovador *você* sendo favorecido, então, somente na fala dos informantes com maior escolaridade, o *ensino médio*.

Em relação ao *tempo verbal*, variável selecionada na rodada somente com os pronomes *indeterminados*, os resultados indicaram um uso aproximado de *tu* e *você* indeterminados no presente (.51 e .49, respectivamente), um predomínio de *você* no infinitivo (.60), e um maior uso de *tu* no *pretérito perfeito* (.65) e *imperfeito* (.73). Nota-se que o uso

do pronome conservador *tu* se mantém principalmente nos tempos do passado. No entanto, destaca-se que a maior parte dos verbos encontra-se no tempo *presente* (80%), tempo mais propício à indeterminação.

5.2.1.2 Analisando o *tipo de ocorrência*

Na alternância *tu/você*, o *tipo de ocorrência* foi selecionado em 4.^a posição pelo programa estatístico VARBRUL, sendo precedido pelas variáveis *determinação do referente*, *escolaridade* e *sexo*.

Os resultados da variável *tipo de ocorrência* na rodada geral mostram que o uso do pronome *tu* é favorecido nas *ocorrências isoladas* (.57), e o uso do pronome *você* predomina no *paralelismo de formas iguais* (.55). Já o *paralelismo de formas diferentes* apresenta uma mesma probabilidade de uso para ambos os pronomes (.50), conforme mostra a tabela:

Tabela 12a – Resultados do uso de *tu/você* na posição de sujeito: *tipo de ocorrência*

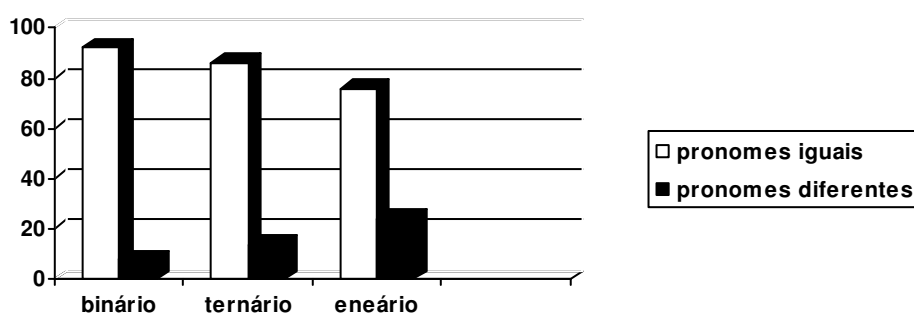
Grupo de fatores	TU			VOCÊ		
	Apl/N	%	P.R.	Apl./N	%	P.R.
4. Tipo de ocorrência						
- isolada	245/367	67	.57	122/367	33	.43
- formas diferentes	40/78	51	.50	38/78	49	.50
- formas iguais	227/481	47	.45	254/481	53	.55
TOTAL	512/926	55		414/926	45	
Significância: .041						

Nota-se que o pronome conservador *tu* se mantém principalmente nas *ocorrências isoladas* (.57); já quando o falante inicia o tópico discursivo com o pronome inovador *você*, a tendência é continuar usando esse mesmo pronome (.55). Assim como na análise da variação *nós/a gente*, efetuamos uma análise dos pronomes *tu/você* em *paralelismo* para observarmos mais detalhadamente o uso destes pronomes e os fatores condicionantes em tal contexto. Como já mencionado, as *ocorrências de tu/você em paralelismo* predominam em nosso *corpus*, com 60% do total de dados (559/926). Considerando somente os pronomes em *paralelismo*, as *sequências binárias* representam 47% das *ocorrências* (264), as *ternárias* 33% (183) e as *eneárias* 20% (112). Quanto ao uso dos pronomes *tu/você* nessas *sequências*, observou-se um predomínio de *tu* nas *sequências binárias* (55%) e de *você* nas *sequências ternárias* e *eneárias* (55% e 65%, respectivamente).

Verificou-se ainda que em todas as *sequências (binárias, ternárias e eneárias)* há um predomínio do *paralelismo de formas iguais* (86%): as *sequências binárias* apresentaram

92% de *formas iguais*, (*tu*: 134, *você*: 106); nas sequências *ternárias* as *formas iguais* representam 86% dos dados (*tu*: 66, *você*: 90) e nas *eneárias* 76% das ocorrências são de *formas iguais* (*tu*: 27, *você*: 58). Pode-se notar que o uso dos pronomes *tu/você* em paralelismo de *formas iguais* é maior que aquele apresentado pelos pronomes *nós/a gente*, pois estes últimos apresentaram 80%, 61% e 54% de *formas iguais* para os paralelismos *binário*, *ternário* e *eneário*, respectivamente. Assim, na análise de *tu/você* em paralelismo também foi possível verificar que *quanto maior o número de pronomes nas sequências, maior é a possibilidade de alternância pronominal, embora esta seja bem inferior à da ocorrência de formas iguais*, conforme se pode observar no gráfico 10, que ilustra a distribuição dos pronomes *tu/você* de *formas iguais* e *diferentes* nas sequências *binárias*, *ternárias* e *eneárias*.

Gráfico 10 – Distribuição percentual dos pronomes *tu/você* em paralelismo



O predomínio dos paralelismos *binário* (92%), *ternário* (86%) e *eneário* (76%) de *formas iguais* pode ser observado no gráfico acima, assim como o gradativo, porém não muito elevado, aumento de *formas diferentes* nas sequências com maior número de pronomes. Como na análise dos pronomes *nós/a gente*, os paralelismos apresentaram vários *nocautes* na rodada geral, optando-se, assim, por amalgamar os fatores em *pronomes paralelos iguais* e *pronomes paralelos diferentes*.

A 1.^a rodada efetuada somente com os dados dos pronomes em paralelismo (*binários*, *ternários* e *eneários* amalgamados) teve como principal objetivo verificar se o uso dos pronomes *tu/você* nas sequências era condicionado pelos mesmos grupos de fatores que aqueles obtidos na rodada geral, que incluiu todas as ocorrências (*isoladas* e em *paralelismo*). Na rodada geral, com todos os pronomes (926), conforme mostra a tabela 10, as variáveis selecionadas pelo programa estatístico foram: 1. *determinação do referente*; 2. *escolaridade*; 3. *sexo*; 4. *paralelismos*; 5. *tipo de verbo* e 6. *faixa etária*. Já na rodada somente com os pronomes em paralelismo (559), o programa selecionou como significativas

somente a *determinação do referente* e a *escolaridade*, ou seja, as variáveis selecionadas em 1.^a e 2.^a posição na rodada geral. Em relação à *determinação do referente*, os pesos relativos atribuídos aos fatores foram praticamente os mesmos da rodada geral, o uso de *tu* foi favorecido com referente *determinado* (.75), e com referente *indeterminado* observou-se um predomínio, embora pouco acentuado, de *você* (.54). Esse resultado parece comprovar que o pronome inovador *você* está se inserindo na fala desse grupo via *indeterminação*, pois com referente *determinado* seu uso é ainda bastante reduzido.

Da mesma maneira, a *escolaridade*, variável também selecionada nesta rodada, mostra as mesmas tendências da rodada geral: o nível *fundamental II* é o que mais favorece o uso do pronome *tu* (.73), seguido do *fundamental I* (.58); já no nível *médio* o pronome inovador *você* predomina (.58). Pode-se verificar nesta rodada um aumento no uso de *tu* no nível *fundamental II*, pois o peso relativo atribuído a esse pronome passa de .68, na rodada geral, para .73, reforçando o predomínio de *tu* nesse nível de escolaridade. Assim, a rodada somente com os *pronomes em paralelismo* confirma a importância da *determinação do referente* e da *escolaridade* na análise da variação *tu/você* em nossa amostra.

Em seguida, conforme também realizado na análise da variação *nós/a gente*, a fim de verificar os possíveis fatores que condicionam o uso dos pronomes em paralelismo, realizamos uma rodada amalgamando o paralelismo *binário*, *ternário* e *eneário* e tendo como variável dependente o paralelismo de *formas iguais* x paralelismo de *formas diferentes*, sendo que a regra de aplicação foi o paralelismo de *formas iguais*. Salienta-se que nesta rodada também foram considerados somente os pronomes em paralelismo (559 ocorrências).

Nessa rodada, o programa selecionou apenas duas variáveis sociais, a *escolaridade* e a *faixa etária*, em 1.^a e 2.^a posição, respectivamente. Destaca-se que na análise da variação *nós/a gente* essas também foram as variáveis selecionadas pelo programa, alterando somente a ordem de seleção, a *faixa etária* foi a 1.^a, e a *escolaridade* a 2.^a selecionada. Essa seleção das mesmas variáveis sociais na análise dos pronomes em paralelismo parece indicar que o uso dos *paralelismos* é altamente condicionado por variáveis sociais.

Em relação à *escolaridade*, 1.^a variável selecionada na análise dos pronomes *tu/você em paralelismo*, verificou-se um predomínio no uso de *formas iguais* entre os falantes com nível *fundamental I* (.86) e *fundamental II* (.54); já os falantes com nível *médio* favoreceram o uso de *formas diferentes* (.63). Nota-se que no nível *fundamental I* o uso do *paralelismo de formas iguais* é bem mais elevado que no *fundamental II*. Já o *ensino médio*, nível em que os informantes favorecem o uso do pronome inovador *você*, verifica-se um maior uso de *formas diferentes*. Assim, o uso de *formas diferentes* nas sequências está relacionado ao aumento da

escolaridade, indicando uma maior alternância pronominal *tu/você* entre os falantes mais escolarizados.

Para verificar a frequência de uso de *tu/você* nos paralelismos, efetuamos o cruzamento desses *pronomes* com a *escolaridade* e a *faixa etária* dos falantes. Em relação à *escolaridade*, observou-se que nos paralelismos de *formas iguais* o uso de *tu* predomina principalmente no nível *fundamental II* (74%), e, de forma menos acentuada, também no nível *fundamental I* (54%); já os falantes com nível *médio* fazem maior uso do pronome *você* nos paralelismos de *formas iguais* (62%).

Nos paralelismos de *formas diferentes*, o uso dos pronomes *tu/você* foi praticamente o mesmo no nível *fundamental I, II e médio* (50%, 47% e 49% para *você*, respectivamente). Salienta-se que somente 14% das ocorrências são de paralelismos de *formas diferentes*, ou seja, temos um elevado predomínio do paralelismo de *formas iguais* no uso dos pronomes *tu/você* (86%). Isso indica que o pronome usado como *1.ª ocorrência de uma série*, na maioria dos casos, é repetido na sequência do discurso.

Considerando a *faixa etária* dos informantes, observa-se que, assim como na análise de *nós/a gente* em paralelismo, na análise de *tu/você* os falantes *mais jovens* favorecem o uso dos paralelismos de *formas iguais* (.58), e os *mais velhos* fazem um maior uso de *formas diferentes* (.67).

Quanto ao cruzamento dos *pronomes em paralelismo* com a *faixa etária*, verificou-se que nos paralelismos de *formas iguais* o uso de *você* predomina entre os falantes *mais jovens* (56%), e o uso de *tu* é maior entre os *mais velhos* (54%). Já nos paralelismos de *formas diferentes*, os pronomes *tu* e *você* são usados praticamente na mesma proporção, tanto pelos *mais jovens*, quanto pelos *mais velhos*.

Ainda com o objetivo de melhor analisar o uso dos pronomes *tu/você* em paralelismo na fala de nossos informantes, efetuamos também uma análise da *primeira ocorrência de uma série*. Em relação à *escolaridade*, observamos que, considerando juntamente os *paralelismos de formas iguais e diferentes*, o pronome *tu* predomina como *primeira ocorrência* no nível *fundamental I e II* (59% e 73%, respectivamente), e o pronome *você* no nível *médio* (61%). Na análise somente com o paralelismo de *formas iguais* o resultado é praticamente o mesmo: o pronome *tu* é mais usado no nível *fundamental I e II* (58% e 76%, respectivamente) e o *você* no nível *médio* (61%). No *paralelismo de formas diferentes*, os falantes com nível *médio* também fazem maior uso de *você* para iniciar uma série (59%); no nível *fundamental I* temos somente uma série mista, iniciada por *tu*; e no nível *fundamental II*, os falantes usam *tu* e *você* na mesma proporção, como primeira ocorrência. Como já destacamos, os *paralelismos de*

formas iguais correspondem a 86% das ocorrências dos pronomes *tu/você* em paralelismo, sendo o uso de paralelismos de *formas diferentes* bastante reduzido em nossa amostra (14%).

Na análise da relação entre a *primeira ocorrência de uma série* e a *faixa etária* dos falantes, verificamos que o pronome *tu* predomina como *primeira ocorrência* na fala dos *mais velhos* (56%), enquanto os *mais jovens* fazem um maior uso de *você* (54%). Tanto no paralelismo de *formas iguais*, quanto no paralelismo de *formas diferentes*, os falantes *mais jovens* fazem maior uso do pronome inovador *você* (53% e 64%, respectivamente).

Portanto, a análise dos paralelismos em nossos dados mostra, tanto no total de ocorrências, quanto na *primeira ocorrência de uma série*, um maior uso do pronome *tu* entre os falantes *mais velhos* e do pronome inovador *você* entre os falantes da faixa etária *mais jovem*. Esse predomínio de *você* na fala dos *mais jovens* parece indicar que o pronome inovador já foi plenamente adquirido por esse grupo; já entre os *mais velhos*, embora o pronome conservador ainda predomine, nota-se que o uso *tu* e *você* como *primeira ocorrência* já se encontra bastante próximo.

No tópico seguinte apresentamos uma análise da variável linguística selecionada em 5.^a posição na rodada geral da alternância *tu/você*, o *tipo de verbo*.

5.2.1.3 Analisando o *tipo de verbo*

Para a análise desse grupo de fatores, foram considerados os seguintes tipos de verbos: *epistêmico*, de *estado*, de *ação* e *dicendi*⁵⁰. Na tabela 12b, retomamos os resultados obtidos na rodada geral para essa variável, que foi selecionada em 5.^a posição pelo programa estatístico:

Tabela 12b – Resultados do uso de *tu/você* na posição de sujeito: *tipo de verbo*

Grupo de fatores	TU			VOCÊ		
	Apl/N	%	PR	Apl/N	%	PR
5. Tipo de verbo						
- epistêmico	126/179	70	.58	53/179	30	.42
- estado	120/234	51	.53	114/234	49	.47
- ação	244/465	52	.47	221/465	48	.53
- dicendi	22/48	46	.32	26/48	54	.68
TOTAL	512/926	55		414/926	45	
Significância: .041						

⁵⁰ Conforme já exposto no capítulo 3 (Metodologia), embora a classificação dos tipos de verbos não seja consensual entre os linguistas, optamos por manter a classificação empregada por Tamanine (2002) em sua análise da variação pronominal *nós/a gente*.

Os resultados para essa variável mostram que os verbos *epistêmicos* e de *estado* favorecem o uso de *tu* (.58 e .53, respectivamente), enquanto os verbos *dicendi* e de *ação* favorecem o *você* (.68 e .53, respectivamente). Os verbos de *estado* e de *ação* apresentam um peso relativo próximo do ponto neutro, o primeiro favorecendo levemente o *tu*, e o segundo o *você*, o que indica praticamente um mesmo uso de *tu* e *você* com esses verbos. Quanto ao predomínio de *você* com os verbos *dicendi*, poderíamos supor que na variação *tu/você*, da mesma forma que na variação *nós/a gente*, os falantes estariam usando o pronome indeterminado *você* como uma estratégia para se distanciar da responsabilidade pelo *dito*, em especial ao se referirem ao seu uso linguístico, como podemos verificar no exemplo abaixo:

(103) Depende se *você* conhece, se *você* tem uma certa intimidade, isso vai dependê da situação, né? Se *você* tem uma certa intimidade com a pessoa, ***você vai chamá*** de ‘você’ ou ‘tu’, depende a ocasião, né? (FS11)

Neste exemplo a entrevistada, quando questionada sobre o uso dos pronomes *tu* e *você*, não usa o pronome de 1.^a pessoa (*eu*) para informar como se refere aos seus interlocutores, ela utiliza o pronome *você*, generalizando o sujeito, e não falando especificadamente de ‘seu’ comportamento linguístico, mas daquele que é considerado *comum* ou *habitual*, ou seja, do uso que as pessoas, em geral, fazem desses pronomes. Assim, na análise geral de nossos dados, pode-se dizer que os verbos *dicendi* estão sendo usados principalmente com pronomes *indeterminados*, daí o maior uso do pronome *você*, assim como de *a gente*, nesse contexto.

Já o os verbos de *ação* e de *estado* apresentaram um peso relativo próximo do ponto neutro, indicando que os pronomes *tu/você* se encontram em plena variação nesses contextos.

5.2.2 Análise das variáveis sociais selecionadas

As três variáveis sociais consideradas na análise da variação *tu/você* foram selecionadas na rodada geral como significativas, a saber: *escolaridade*, em 2.^a posição; *sexo*, em 3.^a; e *faixa etária*, em 6.^a posição. Pode-se verificar que as variáveis sociais ocupam posições de destaque na alternância *tu/você*, principalmente a *escolaridade* e o *sexo*. Essa seleção parece indicar que a variação *tu/você* é marcada socialmente, o que não se verificou na análise de *nós/a gente*, onde as variáveis sociais *faixa etária* e *escolaridade* ocuparam as últimas posições, e a variável *sexo* não foi selecionada pelo programa estatístico.

5.2.2.1 Analisando a *escolaridade*

Em relação à *escolaridade*, selecionada como a 2.^a variável mais significativa, os seguintes resultados foram obtidos:

Tabela 12 c – Resultados do uso de *tu/você* na posição de sujeito: *escolaridade*

Grupo de fatores	TU			VOCÊ		
	Apl/N	%	P.R.	Apl./N	%	P.R.
2) Escolaridade						
- fundamental II	142/186	76	.68	44/186	24	.32
- fundamental I	101/171	59	.57	70/171	41	.43
- ensino médio	269/569	47	.42	300/569	53	.58
TOTAL	512/926	55		414/926	45	
Significância: .041						

Pode-se observar na tabela um predomínio no uso do pronome *tu* pelos falantes com nível *fundamental II* (.68), seguido dos falantes com *fundamental I* (.57). Os falantes com ensino *médio* desfavorecem o uso desse pronome (.42), apresentando uma maior probabilidade de aplicação do pronome *você* (.58). Considerando os dois extremos da escolarização, nota-se que o uso de *tu* entre os *menos escolarizados* (.57) é praticamente o mesmo que o uso de *você* entre os falantes *mais escolarizados* (.58). Apesar de não termos uma escala gradual decrescente nos pesos atribuídos segundo a escolaridade dos falantes, o que podemos inferir é que o *tu*, pronome conservador, predomina no nível *fundamental I e II*, enquanto o *você*, pronome inovador, predomina no nível de maior escolaridade, o ensino *médio*. Esse resultado parece indicar um determinado *prestígio* associado ao uso do pronome *você*, ou seja, indicar que o *você* é mais valorizado socialmente, pois é o pronome que predomina entre os falantes com nível mais elevado de escolarização, o que corrobora nossa hipótese para essa variável. No entanto, a escolarização tem se mostrado como uma das variáveis mais problemáticas no estudo da variação pronominal, tanto de *nós/a gente*, quanto de *tu/você*, apresentando resultados bastante heterogêneos.

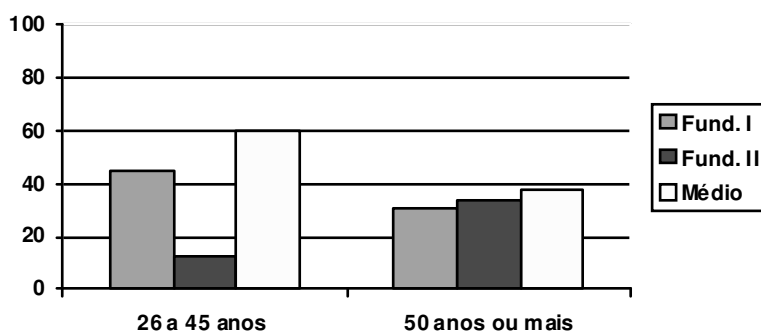
A análise da variação *tu/você* realizada por Loregian-Penkal (2004) mostra claramente essa heterogeneidade nos resultados da variável *escolaridade*. No Rio Grande do Sul a autora verificou um predomínio de *tu* no *colegial* em Porto Alegre (primário: .41; ginásio: .08; colegial: .95), no *colegial* e no *ginásio* em São Borja (primário: .09; ginásio: .80 e colegial: .95) e no *primário* em Panambi (primário: .81; ginásio: .37 e colegial: .13). Em Santa Catarina, o *tu* foi mais usado no *colegial* e no *ginásio* em Florianópolis (primário: .08;

ginásio: .84 e colegial: .85), no *colegial* em Lages (primário: .30; ginásio: .26 e colegial: .79) e no *ginásio* e *primário* em Chapecó (primário: .66; ginásio: .96 e colegial: .06). Em Blumenau, Flores da Cunha e Ribeirão da Ilha a escolaridade não foi selecionada pelo programa estatístico. Segundo Loregian-Penkal (2004), além de resultados nada homogêneos em relação à escolaridade, seus dados mostram também que em algumas localidades a educação formal parece não exercer influência na fala dos entrevistados, *uma vez que se ensina na escola que o único pronome de segunda pessoa do singular é o tu*.

Observando esses diferentes resultados nos dados analisados por Loregian-Penkal (2004), verifica-se que Chapecó é a cidade que apresenta resultados mais próximos aos de Concórdia, pois nessas duas cidades os níveis de escolaridade *fundamental II* (ginásio), seguido do *fundamental I* (primário) favorecem o uso do pronome *tu*, e o ensino *médio* (colegial) favorece o uso de *você*, embora em menor proporção em Concórdia. Destaca-se que essas duas cidades localizam-se no oeste de Santa Catarina, próximas uma da outra, e apresentam características bastante semelhantes em relação a sua formação e constituição populacional, conforme já mencionado no capítulo 3. Como em ambas as cidades o pronome inovador *você* é usado pelos falantes mais escolarizados (*ensino médio*), pode-se supor que esse pronome seja, nessas localidades, se não uma marca de *prestígio*, ao menos uma maneira de se evitar o uso do *tu*, pronome aparentemente marcado socialmente pelo fato de seu uso nessas localidades, com a forma verbal não-marcada, ser considerado ‘errado’ pela escola.

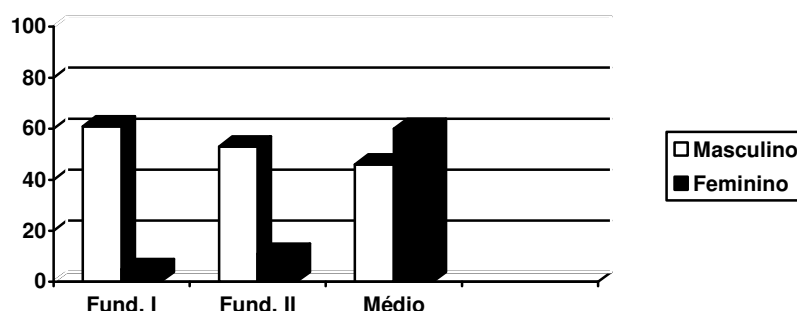
Destaca-se que nessa região (oeste de Santa Catarina), até recentemente, o *ensino médio* era considerado um nível relativamente elevado de escolaridade, pois a distância de centros maiores, com universidades públicas, dificultava muito o acesso da população ao ensino superior. Assim, a maioria dos habitantes de Concórdia, que não tinha condições de ir para centros maiores, ou pagar para estudar na única faculdade particular instalada na cidade, não tinha acesso ao ensino universitário. Pode-se dizer, então, que o *ensino médio* era considerado, até recentemente, um nível de escolarização razoavelmente elevado para grande parte dessa população.

Ainda com o objetivo de obter maiores informações sobre a influência da *escolaridade* na variação *tu/você*, realizamos o cruzamento dessa variável com a *faixa etária* dos falantes. Os resultados desse cruzamento podem ser observados no gráfico 11:

Gráfico 11 – Frequência de uso de *você*: *escolaridade* e *faixa etária*

Nesse gráfico pode-se notar uma diferença bastante acentuada no comportamento linguístico dos falantes de acordo com a *escolaridade* e a *faixa etária*. Os falantes *mais jovens* apresentam um uso bastante diferenciado dos pronomes *tu/você* segundo o nível de escolaridade: no nível *fundamental I*, a frequência de uso do pronome *você* é de 45%; no nível *fundamental II*, o uso de *você* é bem mais reduzido, com somente 13% das ocorrências; já os falantes com *nível médio* utilizam principalmente o pronome *você* (60%). Por outro lado, o comportamento linguístico dos falantes *mais velhos* é mais homogêneo, pois o uso do pronome *tu* predomina nos três níveis de escolaridade (*fundamental I*: 69%; *fundamental II*: 66% e *nível médio*: 62%). Nota-se que há, entre os falantes mais velhos, uma leve redução no uso do pronome *tu* e um consequente aumento, embora não muito relevante, no uso de *você*, de acordo com o aumento da escolaridade. Quanto aos falantes *mais jovens*, a diferença de uso entre os três níveis de escolaridade é bem mais acentuada, sendo o nível *fundamental II* aquele que apresenta o maior uso do pronome *tu*. Assim, os resultados dessa interação de fatores indicam que o uso do pronome inovador *você* predomina somente na fala dos informantes *mais jovens* e com ensino *médio*.

Analizamos ainda o uso dos pronomes *tu/você* de acordo com a *escolaridade* e o *sexo* dos falantes de nossa amostra. Os resultados do cruzamento dessas variáveis encontram-se no gráfico 12:

Gráfico 12 – Frequência de uso de *você*: *escolaridade* e *sexo*

Considerando o *sexo* e a *escolaridade* dos falantes, pode-se observar uma grande diferença no uso dos pronomes *tu/você* em nossos dados. As *mulheres* com nível de escolaridade *fundamental I* e *II* apresentam um uso bastante reduzido do pronome *você* (5% e 11%) e, em consequência, um elevado uso de *tu* (95% e 89%, respectivamente); já as mulheres com ensino *médio* fazem um maior uso de *você* (60%). Ao contrário, no sexo *masculino*, o pronome *você* apresenta uma frequência de uso mais elevada nos níveis *fundamental I* e *II* (61% e 53%, respectivamente); já entre os falantes com nível *médio* predomina o uso do pronome *tu* (54%). Assim, esse cruzamento entre as variáveis *sexo* e *escolaridade* mostrou um comportamento linguístico bastante diferenciado entre homens e mulheres, ou melhor, uma inversão nos resultados relativos ao uso dos pronomes *tu* e *você* de acordo com o nível de *escolaridade* e *sexo* dos informantes. No nível *fundamental I* e *II*, o sexo *feminino* apresenta um maior uso de *tu* e o sexo *masculino* de *você*, e, ao contrário, no nível *médio* são as mulheres que mais usam o pronome inovador *você*, enquanto os homens fazem um maior uso do pronome *tu*. A escolaridade parece interferir, portanto, principalmente no comportamento linguístico das mulheres (uso do *você*: 5% - *Fundamental I* > 11% - *Fundamental II* > 60% - *Ensino Médio*). Os resultados da rodada geral dos pronomes *tu/você* no VARBRUL, em pesos relativos, também apontam os falantes de maior escolaridade, o *ensino médio*, como favorecedores do pronome inovador *você*.

5.2.2.2 Analisando a variável *sexo*

A fim de analisarmos o *sexo*, variável selecionada em 3.^a posição, retomemos os resultados obtidos na rodada geral para esta variável:

Tabela 12 d – Resultados do uso de *tu/você* na posição de sujeito: *sexo*

Grupo de fatores	TU			VOCÊ		
	Apl./N	%	P.R.	Apl./N	%	P.R.
3) Sexo						
- feminino	285/468	61	.56	183/468	39	.44
- masculino	227/458	50	.44	231/458	50	.56
TOTAL Significância: .041	512/926	55		414/926	45	

Os resultados em peso relativo mostram o sexo *feminino* favorecendo o uso do pronome *tu* (.56) na mesma proporção em que o sexo *masculino* favorece o *você* (.56). Esse resultado contraria nossa hipótese de maior uso do pronome inovador *você* pelas mulheres. No entanto, ao compararmos estes resultados com os obtidos no cruzamento efetuado entre o *sexo* e a *escolaridade*, pode-se verificar que o nível de escolaridade das mulheres é um dos fatores determinantes na manutenção ou não do *tu*, pois são principalmente as *mulheres* com nível *fundamental I e II* que apresentam maior uso desse pronome. Já as mulheres com maior nível de escolaridade, o ensino *médio*, apresentam um maior uso do *você*, superando o uso desse pronome feito pelos homens com esse mesmo nível de escolaridade.

Loregian-Penkal (2004) ao estudar a variação *tu/você* em diferentes falares do Sul também constatou a liderança do sexo *feminino* no uso de *tu*. Na rodada geral com Florianópolis, Porto Alegre e Ribeirão da Ilha, as mulheres favoreceram o uso de *tu* em .74 de peso relativo. Na rodada com as cidades do interior de Santa Catarina (Lages, Blumenau e Chapecó), o *tu* também foi favorecido pelas mulheres (.61). No entanto, nas rodadas por *localidade*, a variável *sexo* só foi selecionada em Blumenau, com pesos de .76 para o uso de *tu* pelas mulheres e .35 para os homens. A autora destaca que em Lages, tanto as mulheres quanto os homens fazem maior uso do pronome *você* (77% e 90%, respectivamente), enquanto em Chapecó, homens e mulheres apresentam uma distribuição cruzada no uso de *tu* e *você*, os homens usando *você* (59%) na mesma proporção que as mulheres usam o *tu* (59%). Na rodada com as cidades do interior do Rio Grande do Sul (Flores da Cunha, Panambi e São Borja) as mulheres também favoreceram o uso de *tu*, apresentando um peso de .67 para esse pronome.

Pode-se, portanto, concluir que o resultado obtido para o uso do *tu/você*, considerando a variável *sexo* sem cruzamento com a variável *escolaridade*, apresenta diferenças daquele obtido com o cruzamento das variáveis *sexo* e *escolaridade*. Os resultados da rodada geral, ou seja, sem cruzamento das variáveis *sexo* e *escolaridade*, indicam, tanto em nosso estudo quanto no de Loregian-Penkal, que as mulheres são mais conservadoras que os homens, pois

são elas que favorecem a manutenção do pronome *tu*. Já os resultados, em percentagens, obtidos pelo cruzamento das variáveis *sexo* e *escolaridade* na análise de nossos dados indicam que são as mulheres com maior nível de escolaridade, e não os homens, as que mais usam o pronome inovador, o que nos mostra que a variável *sexo* pode sofrer interferência de outros fatores, no caso analisado, o da escolaridade. Uma análise mais detalhada da variável *sexo*, considerando-se a interferência de outros fatores, tais como profissão, rede de relações sociais, etc., permitiria, sem dúvidas, compreender melhor os usos linguísticos dos homens e mulheres. Este estudo resta a fazer.

5.2.2.3 Analisando a *faixa etária*

Os resultados em relação à *faixa etária*, 6.^a variável selecionada na rodada geral do VARBRUL, mostram que os falantes *mais jovens* favorecem levemente o uso de *você* (.53), já os *mais velhos* favorecem o uso do pronome *tu* (.55), conforme verificamos na tabela 12e abaixo:

Tabela 12e – Resultados do uso de *tu/você* na posição de sujeito: *faixa etária*

Grupo de fatores	<i>TU</i>			<i>VOCÊ</i>		
	Apl/N	%	P.R.	Apl./N	%	P.R.
6. Faixa etária						
- 26 a 45 anos	292/582	50	.47	290/582	50	.53
- 50 anos ou mais	220/344	64	.55	124/344	36	.45
TOTAL	512/926	55		414/926	45	
Significância: .041						

Apesar dos resultados apresentarem quase a mesma probabilidade de uso dos pronomes *tu* e *você* entre os falantes *mais jovens*, verifica-se um leve predomínio do pronome inovador *você* nesse grupo, indicando um possível *início* de mudança em tempo aparente. Esse resultado corrobora nossa hipótese de maior uso do pronome inovador *você* pelos falantes *mais jovens*, hipótese essa que vai de encontro à tendência verificada em outros estudos sobre a variação *tu/você*, onde os *mais jovens* favorecem o uso do pronome *tu*.

Nos resultados de Loregian-Penkal (2004) para a *faixa etária*, os falantes *mais jovens* usam mais a variante *tu* que os de mais de 50 anos, o que sugere, segundo a autora, que os falantes *mais velhos* são mais formais, pois o uso de *tu* estaria associado a uma menor formalidade, ou maior intimidade. A autora destaca que seus resultados não indicam, portanto, mudança em progresso em direção ao uso de *você*.

Nas cidades do Rio Grande do Sul, Loregian-Penkal (2004) obteve os seguintes resultados para o uso de *tu* na primeira faixa etária (25 a 45 anos) e na segunda (+ de 50 anos): Porto Alegre: .64 e .26 e Panambi: .55 e .26, respectivamente. Em São Borja e Flores da Cunha, a faixa etária não foi selecionada. Os resultados das cidades de Santa Catarina apontaram as mesmas tendências para a primeira e a segunda faixa etária no uso de *tu*: Florianópolis, .80 e .09; Chapecó: .68 e .24 e Blumenau: .65 e .27, respectivamente. Em Lages e Ribeirão da Ilha a variável faixa etária não foi selecionada pelo programa como estatisticamente significativa. Pode-se observar que o peso relativo de *tu* na segunda faixa etária foi bastante baixo em todas as localidades pesquisadas por Loregian-Penkal.

Já em nossa análise do falar de Concórdia, os resultados foram bem distintos, uma vez que indicaram a *primeira faixa etária* como favorecedora do pronome *você*. Os falantes *mais jovens* de nossa amostra podem ter sido influenciados pelos meios de comunicação, principalmente a televisão, que apresenta como modelo de maior prestígio a fala do centro do país, daí o maior uso do pronome inovador *você*. Também o maior contato com pessoas de outras regiões, e o fato da escola condenar a forma usada (o pronome *tu não-marcado*) pode estar propiciando esse maior uso do pronome inovador entre os *mais jovens*. Já o predomínio do pronome conservador *tu* entre os *mais velhos* pode estar relacionado ao *hábito linguístico* desses falantes, pois eles cresceram e passaram boa parte de suas vidas ouvindo e empregando principalmente o *tu*, que é o pronome típico da região. Portanto, os falantes *mais velhos*, habituados ao uso do pronome *tu*, e que provavelmente foram menos expostos à influência da mídia, estariam mantendo o uso do pronome conservador na cidade de Concórdia.

Nessa comparação dos resultados de Concórdia com os resultados de Loregian-Penkal (2004), deve-se considerar que os resultados dessa autora foram obtidos em rodadas com várias cidades juntas, e que também os dados analisados foram coletados em diferentes períodos: são quase 20 anos de diferença entre a coleta de dados do VARSUL (início dos anos 90) e a coleta de Concórdia (2007-2010); isto é, os falantes *mais jovens* na época da coleta VARSUL seriam os *mais velhos* hoje, o que pode também explicar, parcialmente, essa diferença nos resultados.

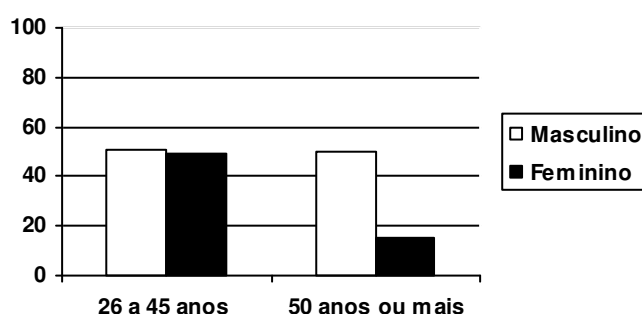
Já no Rio de Janeiro e em Brasília, Paredes Silva (2003) e Lucca (2005), respectivamente, obtiveram resultados semelhantes ao de Loregian-Penkal (2004). Essas autoras também verificaram um maior uso do pronome *tu* entre os falantes *mais jovens*, marcando, segundo elas, uma maior informalidade na fala dessa faixa etária. Porém, cabe

ressaltar que temos duas situações distintas se compararmos as cidades do Sul com o Rio de Janeiro e Brasília. Nas primeiras, o pronome *tu* é ainda amplamente usado, é o pronome característico e talvez, se possa dizer, *típico* dessas localidades da região Sul; e o pronome *você* apresenta-se aí como a forma inovadora. Por outro lado, no Rio e em Brasília, segundo pesquisas realizadas nessas localidades, o pronome *você* é o mais utilizado. O *tu* estaria, portanto, retornando à fala e seria o pronome inovador, manifestando-se principalmente na fala de indivíduos *jovens* e do sexo *masculino*. Teríamos, neste caso, conforme destaca Paredes Silva, *um retorno do pronome tu à fala*, no caso do Rio de Janeiro. Já em Brasília a situação é outra, pois como os imigrantes que formaram a cidade vieram de diversas regiões do Brasil, e, especialmente do Nordeste, onde o pronome *tu* predomina. Pode-se supor que a fala dos *mais jovens* estaria sendo influenciada pelo uso desse pronome com os familiares ou pessoas mais íntimas.

Salienta-se que a cidade de Concórdia também foi formada por uma população (gaúchos) caracterizada por um amplo uso do pronome *tu*. Não se sabe ao certo quando o pronome *você* começou a ser utilizado, mas certamente o *tu* ainda é amplamente usado por boa parte dessa população. No entanto, ao contrário do Rio de Janeiro e Brasília, como também das cidades do Sul analisadas por Loregian-Penkal (2004), em Concórdia são os falantes *mais velhos* que apresentam um maior uso do *tu*; já os *mais jovens* favorecem o uso do pronome inovador *você*.

Ainda tratando da *faixa etária*, e buscando compreender melhor o uso dos pronomes *tu/você* em nossos dados, efetuamos o cruzamento das variáveis *faixa etária* e *sexo*. Os resultados podem ser observados no gráfico 13:

Gráfico 13 – Frequência de uso de *você*: *faixa etária* e *sexo*



Verifica-se no gráfico que os *homens*, das *duas faixas etárias*, usam os pronomes *tu* e *você* praticamente na mesma proporção, ou seja, os resultados em percentagem indicam o

mesmo uso de *você* nas duas faixas etárias (51% e 50%, respectivamente). Quanto às *mulheres*, o uso do pronome *tu* predomina entre as *mais velhas*, que apresentam 85% de ocorrências desse pronome; já as *mais jovens*, assim como os homens das duas faixas etárias, apresentam um uso aproximado de *tu* e *você* (51% e 49%, respectivamente). A partir desses resultados, em percentagens, mas principalmente dos resultados em pesos relativos, pode-se dizer que são as *mulheres*, e dentre estas as da *segunda faixa etária*, as principais responsáveis pela manutenção do pronome conservador *tu* na comunidade de Concórdia. E, considerando-se os resultados obtidos no cruzamento das variáveis *sexo* e *escolaridade*, pode-se acrescentar que são as *mulheres* da *segunda faixa etária* e com escolaridade mais baixa (*fundamental I e II*) que propiciam a manutenção do *tu* na fala desta comunidade.

Esse predomínio do pronome conservador *tu* entre as *mulheres mais velhas e menos escolarizadas* pode ser parcialmente explicado pelas relações sociais desse grupo; pois, conforme verificado em nossos dados, as *mulheres mais velhas* e com *menor escolaridade* não trabalham fora de casa, ou seja, o círculo de relações dessas mulheres se restringe principalmente aos familiares e próximos, o que as levaria a um maior uso do pronome mais íntimo e familiar *tu*.

Já o maior uso do pronome inovador *você* é verificado principalmente na fala de informantes do *sexo masculino* e *mulheres com ensino médio e mais jovens*. Essas mulheres apresentaram um comportamento linguístico semelhante ao dos homens, e, assim como os homens, são aquelas que têm mais relações com o mundo exterior, já que trabalham fora de casa. A rede de relações se mostra, portanto, um fator significativo na determinação dos usos de *tu/você* em nossa amostra. Esses resultados mostram a relevância das variáveis sociais na análise de *tu/você*, variação altamente condicionada pelo social.

A análise da variação dos pronomes *tu/você* na comunidade de Concórdia apresentada acima, nos indicou as principais tendências de uso desses pronomes no falar dessa localidade. No capítulo seguinte, apresentamos uma análise da atitude e comportamento linguístico dos falantes de nossa amostra em relação ao uso dos pronomes *tu/você*.

6. VARIAÇÃO TU/VOCÊ: Atitudes e comportamentos linguísticos

A partir da definição de língua como *um objeto constituído de heterogeneidade ordenada*, Weinreich, Labov e Herzog (1968; 2006:104-125) fundamentaram a teoria linguística na relação entre variação e mudança e no pressuposto de que a mudança pode ser captada no curso de sua implementação. Com o objetivo de descrever essa heterogeneidade ordenada própria das línguas naturais, os autores apresentam cinco *problemas* relacionados à variação e mudança, a saber: *o problema das restrições, o problema da transição, o problema do encaixamento, o problema da avaliação e o problema da implementação*⁵¹.

Dentre os problemas apresentados pelos autores, destacamos aqui o *problema da avaliação*, que trata da forma como os membros da comunidade de fala reagem à mudança em progresso. Ao contrário de um falante que aceita a mudança passivamente, os autores admitem um falante *ativo*, que pode acelerar ou reter processos de mudança na língua da comunidade, na medida em que se identifica com eles ou os rejeita. Partindo, então, do pressuposto de que em algum momento as variantes em competição têm uma significação social, sendo a variante inovadora avaliada positiva ou negativamente, o objetivo do linguista seria, então, determinar como e em que medida as atitudes linguísticas dos falantes interferem no processo de mudança.

Em Nova Iorque, Labov (1974), por exemplo, em estudo realizado sobre a forma da primeira consoante (th) em palavras como *thing, three*, desenvolveu um teste⁵², que isolou e mediu as reações subjetivas dos informantes em relação às variáveis individuais na fala dos outros. A uniformidade das reações mostrou-se surpreendente, e, segundo Labov (1974, p.58): “Embora os novaiorquinos variem grandemente em sua maneira de usar o (th), a maior parte deles pode identificar variantes de pouco prestígio deste traço na fala de outros, desclassificando os falantes que usam a forma não *standard*”.

Nas pesquisas sociolinguísticas, a avaliação subjetiva dos falantes é analisada, fundamentalmente, através de testes de atitude, elaborados para esse fim. Em nosso trabalho, um dos objetivos iniciais era estabelecer uma correlação entre o uso dos pronomes *tu/você* e a atitude linguística dos falantes de nossa amostra em relação a esses pronomes. No entanto, para a realização de tal propósito teria sido necessário a elaboração de uma metodologia diferenciada, direcionada para esse fim, com questionários e testes de avaliação subjetiva, o

⁵¹ Esses *problemas* são apresentados e discutidos no capítulo 2 deste trabalho.

⁵² Nesse teste, o entrevistado marcava cada uma das amostras de fala que ouvia, de acordo com a maior das sete classificações profissionais que o falante poderia ocupar ‘falando daquele modo’.

que não foi possível realizar satisfatoriamente no âmbito dessa pesquisa. Como explicado no capítulo três deste trabalho, as entrevistas realizadas trataram de assuntos gerais, como a infraestrutura da cidade, o sistema de saúde, a educação, etc., e mais específicos, como a família do informante, seu trabalho, religião e lazer. Somente ao final das entrevistas tratamos do uso dos pronomes de 2.^a pessoa *tu/você*, iniciando, porém, com questões sobre as formas de tratamento ‘*o senhor/a senhora*’, para assim amenizar o impacto da questão linguística *imposta*. Em relação aos pronomes de 2.^a pessoa, questionou-se sobre o uso dos pronomes *tu/você* em família – com pais, cônjuges, filhos – e fora desse círculo, com amigos e pessoas de relação não-próxima. Perguntamos também o que os falantes pensavam (*atitudes-crenças*) sobre o uso de um ou outro desses pronomes.

Assim, a partir das respostas dos informantes a essas questões, procuramos verificar:

1. O que os informantes *dizem usar* e correlacionar esse *dizer* com o uso efetivo de *tu/você* nas entrevistas;
2. A opinião dos falantes sobre os pronomes *tu/você*.

Inicialmente, analisamos as formas utilizadas por cada um dos informantes no decorrer das entrevistas, separando os falantes que utilizaram ambos os pronomes e os casos categóricos de *só tu* e de *só você*, conforma realizado por Menon e Loregian-Penkal (2002). Essa análise mostrou que dentre os 24 informantes de nossa amostra, 6 foram categóricos (4 usaram *só tu* e 2 *só você*), os demais (18 informantes) alternaram *tu/você* em sua fala.

Analisando as respostas dos falantes em relação ao uso dos pronomes *tu/você*, consideramos mais apropriado para nosso objetivo de verificar o que os falantes *usam* e o que *dizem usar*, dividir os falantes que alternam o uso dos pronomes *tu/você* em dois grupos:

- a) falantes que usam + *tu* e
- b) falantes que usam + *você*.

Assim, a partir do uso efetuado, obtivemos o seguinte resultado para o comportamento linguístico dos falantes:

Tabela 13 – Uso dos pronomes *tu/você* por informante

Pronomes	só TU	só VOCÊ	TU/VOCÊ	
			+ TU	+VOCÊ
Informantes	04	02	11 (357/411)	07 (341/446) ⁵³
Total	04	02	18	

⁵³ Os números entre parênteses representam as ocorrências do pronome que predomina, e o total de ocorrências (*tu/você*) nesse grupo de falantes.

A partir desses dados, verifica-se que 6 falantes fazem um uso categórico das formas pronominais, sendo que 4 falantes usaram *só tu* e 2 usaram *só você*. Esse uso categórico do pronome *você* é bastante significativo, uma vez que indica que este pronome já está instalado na comunidade e que, na fala de 2 informantes, já teria substituído o pronome *tu*⁵⁴. O fato da maioria dos informantes (18) já ter ambos os pronomes em sua gramática e de dois falantes terem feito um uso categórico de *você*, parece indicar que um processo de mudança está em curso nesta comunidade linguística e que o uso do pronome *você* tem grande possibilidade de ser ampliado.

Ao compararmos o número de informantes que fazem um maior uso do pronome conservador *tu* (11) com os que usam mais o pronome inovador *você* (7), obtém-se uma percentagem próxima à encontrada para o uso categórico desses pronomes, ou seja, 61% dos 18 falantes que alternam o uso de *tu/você* empregam mais o *tu* e 38%, o *você*. Se somarmos o total de informantes que usam mais o pronome *tu* (11) com os que só usam o *tu* (4), teremos um total de 15 falantes que empregam mais o *tu*, o que corresponde a 62,5% do total de nossa amostra. Pode-se concluir, portanto, quanto ao comportamento linguístico dos falantes, que o uso do pronome *tu* ainda predomina na fala de nossos informantes. Nota-se, porém, que a maioria desses falantes (18), conforme já observado, tem ambos os pronomes em sua gramática.

A partir do que os falantes *dizem usar*, consideramos, baseando-nos nas respostas dos informantes, as seguintes possibilidades:

- a) *só tu*;
- b) *só você*;
- c) *mesmo uso de tu/você*;
- d) *+ tu*;
- e) *+ você*.

Salienta-se que [*+ tu*] ou [*+ você*] implica no maior uso desses pronomes em todos os contextos, seja com desconhecidos, ou familiares e pessoas próximas do falante. Essa análise do que os falantes *dizem usar*, mostrou resultados bastante diversos daqueles encontrados nos dados, conforme mostra a tabela 14:

⁵⁴ Os falantes que fizeram um uso categórico de *você* disseram que usam *mais* esta forma pronominal, mas que usam também o *tu*.

Tabela 14 – *tu/você*: o que os falantes *dizem* usar

Pronomes	só <i>TU</i>	só <i>VOCÊ</i>	<i>TU/ VOCÊ</i>		
			<i>TU = VOCÊ</i>	+ <i>TU</i>	+ <i>VOCÊ</i>
Informantes	0	02	06	02	14
			22		

Constata-se que a maioria dos falantes de nossa amostra admite usar os dois pronomes (22); porém, 14 deles *dizem* usar principalmente *você* e 2 *dizem* usar *só você*. Quanto ao *tu*, apenas 2 falantes assumem um maior uso desse pronome e 6 dizem usar tanto *tu*, quanto *você*, dependendo da situação ou aleatoriamente. Já em relação ao uso categórico de *tu*, nenhum falante admite fazê-lo. Percebe-se aqui a contradição entre a crença dos falantes e os resultados dos dados. A comparação entre o uso e o que *dizem usar* mostrou que um maior número de falantes *diz usar* mais o pronome *você* e um menor número *diz usar* mais o *tu*, resultado contrário ao verificado no comportamento linguístico desses falantes.

Quanto ao pronome *você*, verificou-se que apenas 7 falantes fazem maior uso desse pronome, no entanto 14 são os que *dizem* usar mais esse pronome, o que corresponde ao dobro dos que de fato fazem um maior uso dessa forma pronominal. Quanto ao uso desse pronome, o número de informantes que disseram fazer um uso categórico e o número dos que o fizeram foi o mesmo, ou seja, duas pessoas. No entanto, verificou-se que os 2 falantes que fizeram um uso categórico de *você*⁵⁵ (dois homens) não foram os que *disseram* usar *só você*, mas + *você*. A afirmação de usar *só você* foi feita, por sua vez, por duas mulheres: uma que usou + *você* e outra que empregou principalmente o *tu*. A crença dessas mulheres reflete uma avaliação negativa em relação ao uso de *tu*, e por essa razão elas assumem apenas o uso do pronome inovador *você*, ou seja, elas acreditam fazer uso apenas da forma que julgam mais adequada, ou de maior valor social.

Já em relação ao pronome *tu*, verificou-se que dos 11 informantes que fazem maior uso desse pronome, somente 2 dizem usá-lo mais do que *você* e 6 dizem usá-lo na mesma proporção que *você*. Ao compararmos o comportamento com a atitude linguística desses falantes percebe-se que o que *dizem usar* não corresponde ao que *usam*: dos 24 entrevistados, 11 fizeram um maior uso de *tu* e 4 usaram exclusivamente esse pronome nas entrevistas; já ao emitirem suas opiniões sobre o uso dessas formas, apenas 2 deles admitiram usar mais esse pronome. Essa enorme diferença entre o que os falantes usam e o que crêem usar nos indica que avaliam negativamente o uso dessa forma linguística.

⁵⁵ Destaca-se que esses 2 falantes não eram conhecidos ou próximos da entrevistadora, o que pode ter influenciado na escolha da forma pronominal usada.

A constatação de Labov (1974) sobre a análise do (r) final em Nova Iorque pode ser utilizada aqui para explicar essa diferença entre a *atitude* e o *comportamento* dos falantes de nossa amostra em relação aos pronomes *tu/você*:

No conjunto, parece que as reações subjetivas dos falantes são mais uniformes que o desempenho. Quando um novo padrão de prestígio entra na linguagem, ele é aceito a nível de reação subjetiva inconsciente antes que alcance uniformidade no uso real. (LABOV, 1974, p.59)

De fato, a comparação da atitude e do comportamento linguístico dos falantes de nossa amostra parece apontar reações subjetivas uniformes em relação ao *tu/você*, o que indicaria, conforme Labov, que um novo padrão de prestígio está entrando no falar de Concórdia, o *você*, mas que este ainda não alcançou uniformidade no uso real, já que neste falar ainda predomina o uso do *tu*.

A seguir, com o objetivo de melhor compreender a atitude e o comportamento dos falantes de nossa amostra, apresentaremos uma análise considerando as variáveis sociais *faixa etária*, *sexo* e *escolaridade*.

Em relação à *faixa etária*, observamos que 7 dos falantes *mais jovens* e 7 dos *mais velhos dizem* usar mais o pronome *você*, em seguida temos 3 dos falantes *mais velhos* e 3 dos *mais jovens* que *dizem* usar ambos os pronomes, e somente 2 informantes (um de cada faixa etária) *dizem* usar mais o pronome *tu*. No entanto, a análise do uso que efetivamente *fizeram* dos pronomes revelou um predomínio de *tu* entre os falantes *mais velhos*, 2 deles só usaram *tu* e 6 usaram mais o *tu*; o *você* foi usado por um falante categórico, e 3 usaram principalmente o *você*. Entre os *mais jovens* também o uso de *tu* predomina, são 2 falantes categóricos de *tu* e 5 que usam mais esse pronome, o *você* é mais usado por 4 informantes, sendo 1 categórico. A atitude e o comportamento dessas duas faixas etárias são apresentados nas tabelas 15 e 16:

Tabela 15 – *tu/você: dizem usar x usaram – faixa etária 1*

Pronomes	só TU	só VOCÊ	TU/ VOCÊ		
			TU = VOCÊ	+ TU	+ VOCÊ
Dizem usar	0	01	03	01	07
Usaram	02	01	0	05	04

Tabela 16 – *tu/você: dizem usar x usaram – faixa etária 2*

Pronomes	só TU	só VOCÊ	TU/ VOCÊ		
			TU = VOCÊ	+ TU	+ VOCÊ
Dizem usar	0	01	03	01	07
Usaram	02	01	0	06	03

Pode-se perceber ao compararmos a atitude com o comportamento linguístico dos falantes das duas faixas etárias pesquisadas, que estas apresentaram resultados semelhantes: observa-se, nas duas faixas etárias, um predomínio no uso do *tu*, sendo que 7 falantes usaram mais (ou *só*) *tu* e 5 mais *você*, na faixa etária 1; e 8 falantes usaram mais *tu* e 4 mais *você*, na faixa etária 2. No entanto, ambas as faixas etárias dizem usar mais o pronome *você*, o qual, provavelmente, goza de maior prestígio na comunidade.

Quanto ao *sexo*, a atitude das mulheres foi bastante favorável ao pronome inovador *você*, sendo que a maioria disse usar principalmente essa forma pronominal, mas, de fato, não a usou. Contrariamente, poucas foram as mulheres que assumiram usar mais o pronome *tu*, porém a maioria apresentou um maior uso dessa forma pronominal, conforme mostra a tabela 17:

Tabela 17 – *tu/você: dizem usar x usaram - sexo feminino*

Pronomes	só <i>TU</i>	só <i>VOCÊ</i>	<i>TU/ VOCÊ</i>		
			<i>TU = VOCÊ</i>	+ <i>TU</i>	+ <i>VOCÊ</i>
Dizem usar	0	02	01	01	08
Usaram	02	0	0	07	03

Conforme mostram os dados acima, das 8 mulheres que *disseram* usar mais o pronome *você*, apenas 3 delas o usaram de fato, e as 2 que disseram usar *só você*, não o fizeram; por outro lado, somente 1 mulher assumiu usar *mais tu*, no entanto, 7 mulheres usaram mais essa forma pronominal, sendo que 2 mulheres só usaram o *tu*. Essa diferença entre a atitude e o comportamento linguístico das mulheres é bastante significativa, pois indica que o uso do *tu* é avaliado negativamente, o que poderá, futuramente, favorecer o uso do *você*, em detrimento do *tu*, tanto na fala dessas mulheres, quanto na fala das próximas gerações, já que são geralmente as mulheres que têm um contato mais estreito com os filhos.

Os resultados da comparação da atitude e comportamento linguístico dos *homens* foram mais coerentes. Quanto à atitude linguística, 6 homens *dizem* usar com mais frequência o *você*, 5 *dizem* usar ambos os pronomes, e 1 *diz* usar principalmente o *tu*. Quanto ao comportamento linguístico, verificou-se o mesmo resultado para *tu* e *você*: 2 foram categóricos no uso de *tu* e 2 no uso de *você*; 4 apresentaram uma maior frequência de uso de *tu* e 4 de *você*.

Tabela 18 – *tu/você: dizem usar x usaram - sexo masculino*

Pronomes	só <i>TU</i>	só <i>VOCÊ</i>	<i>TU/ VOCÊ</i>		
			<i>TU = VOCÊ</i>	+ <i>TU</i>	+ <i>VOCÊ</i>
Dizem usar	0	0	05	01	06
Usaram	02	02		04	04

A comparação entre a atitude e o comportamento linguístico dos *homens* também mostra algumas diferenças, porém bem menos significativas que as verificadas entre as mulheres. Em relação ao pronome *tu*, somente 1 homem assume fazer maior uso dessa forma pronominal, mas, de fato, 6 o utilizaram mais, sendo que 2 o empregaram categoricamente. Apesar disso, 5 homens dizem usar na mesma proporção ambos os pronomes, enquanto entre as mulheres, somente 1 diz usar igualmente os dois pronomes. Esses resultados revelam que o sexo *masculino* apresenta uma reação menos negativa em relação ao uso do pronome *tu*. Quanto ao comportamento, os homens apresentaram um maior uso do pronome inovador, pois na fala de 4 deles este pronome predominou, e na fala de 2 homens foi a única forma de 2.^a pessoa utilizada. Já entre as mulheres, apenas na fala de 3 delas o pronome inovador predominou.

Portanto, essa comparação entre a *atitude* e o *comportamento linguístico real* dos falantes de nossa amostra revela que são as *mulheres* que avaliam mais positivamente o uso da forma inovadora *você* e, por outro lado, negativamente o uso da forma conservadora *tu*. Pode-se constatar, no entanto, que o novo padrão de prestígio - o *você* - aceito a nível de reação subjetiva inconsciente, já é o mais usado pela metade dos homens de nossa amostra, ou seja, por 6 deles. Porém, esse pronome ainda não faz parte do uso real que a maioria das mulheres faz da língua, uma vez que apenas na fala de 3 dessas mulheres o pronome inovador *você* foi o mais usado.

O trecho abaixo retirado de nossa amostra ilustra a resistência da mulher entrevistada em assumir o uso do pronome *tu*, apesar da opinião contrária do marido⁵⁶, expressa ao longo da entrevista.

(104) E⁵⁷ – E vocês utilizam mais o ‘tu’ ou ‘você’? ‘Tu qué’ ou ‘você qué’?

I2 – Não, nós utilizamo o ‘tu’.

I – Só ‘você’, ‘você’. Não tem esse costume de dizê ‘tu’.

E – É? Utiliza ‘você’?

I – ‘Você’. Isso, isso, só. O ‘tu’ não vem- não entra aqui em casa, (?) não entra a palavra ‘tu’.

E – É? Não usam o ‘tu’? E com os meninos, teus filhos?

I – ‘Paulo, você qué isso; Ana, você qué isso.’

⁵⁶ O marido (I2), que não faz parte da amostra, chama a esposa de ‘mãe’, e esta o chama de ‘pai’.

⁵⁷ Lembramos que E = entrevistadora, I = informante e I2 = interveniente.

- I2 – Ah, ‘tu’ também mãe, ‘tu’ e ‘você’ é a mesma... significa na verdade um...
 I – Tá, mas só que...
 E – É, a mesma coisa, só que uns usam mais um ou outro.
 I2 – ‘Tu’ e ‘você’, acho que... a gente usa sim..
 I – Tu é um palhaço. (rs) **É, né? às vezes escapa, né? assim...**
 E – E tu acha que tem alguma diferença de usá um ou outro?
 I – Não...
 E – Mas o mais usado...
 I – O mais usado é ‘você’. ‘Você’, o mais usado é ‘você’.
 E – E os meninos, entre eles também...
 I2 – Chama ‘mano’, ‘mana’ mais na verdade é o ‘mano’, ‘mana’, chama eles de ‘mano e mana’.
 I – **Porque, tu acha errado?**
 E – Não, só pra vê a região, porque cada região usa mais um ou outro, né?
 I2 – *Quando a gente tá aqui, só dois, a gente usa ‘tu ou você’, mas quando tem mais gente, é ‘mano e mana’.*
 E – Ah sim, agora entre... quando usa o ‘tu’ ou ‘você’, pra vocês não tem diferença usá um ou outro?
 I – Não, eu não acho diferença. Porque o mais usado é o ‘você’. O ‘você’ é mais usado, com certeza, pai. É, porque quando eu vô lá na mãe, lá na mãe, eu estranho às vezes como ela fala, ela usa mais o ‘tu’ a mãe, percebeu isso?
 E – Tua mãe?
 I – Sim, eu percebi, tem sotaque diferente, não sei o que que é.
 E – E com as tuas (irmãs), com a Ana, por exemplo, co Pedro?
 I – **‘Você Ana’, ‘você Pedro, vocês’ Só ‘você’.**
 E – E com pessoas também... amigos, outros?
 I – **Também, sempre. Que a gente não... sempre fica no ‘você’, né? Muito rara- o ‘tu’, eu não... Meu Deus!**
 E – É porque na verdade aqui é uma região...
 I – **Tanto que eu estranho quando vem alguém e fala ‘tu’, tipo você assim, e eu...**
 (FS2i)

No trecho acima, a entrevistada persiste na negação do uso de *tu*, mesmo contrariando a opinião do marido. Somente por um momento, depois de uma observação do marido, ela parece se dar conta que também usa esse pronome: “É, né? às vezes escapa, né? assim...”, indicando que se polícia para não usar o *tu*. Em seguida, retoma sua afirmação de usar o *você*, seja com seus irmãos: “Você Ana.’, ‘você’ Pedro, ‘vocês’, só ‘você’”; ou com outras pessoas: “Que a gente não... sempre fica no ‘você’, né? Muito rara- o ‘tu’ eu não... Meu Deus!”. A exclamação no final do seu discurso parece revelar uma desvalorização extrema do pronome *tu*.

No entanto, analisando sua entrevista, observamos que essa informante usa principalmente o pronome *tu* (87%), seja dirigindo-se ao marido (105), à entrevistadora (106), ou no discurso reportado da filha (107), conforme mostram os exemplos abaixo:

(105) I – Pai, **tu** atende? (telefone)

(106) I – Imagina, **tu** vai tomá um café.

(107) E – Fazia caminhada?

I – Caminhada. Depois das seis, daí a Ana começô a pegá no meu pé, chegô

a época de inverno, daí escurecia cedo: “Mãe, pelo amor de Deus, *tu* vai lá pra cima.” (FS2i)

Apesar da interferência do marido, que não foi entrevistado, nem as suas realizações entraram no cômputo dos dados, achamos interessante apresentar a fala de ambos, pois, nesse caso, a opinião da mulher sobre o uso dos pronomes foi contestada pelo cônjuge, mas, mesmo assim, a esposa manteve sua idéia do predomínio e uso quase exclusivo do pronome *você*, tanto na família quanto fora dela. No entanto, na fala da entrevistada verificou-se, como já dito, um uso muito maior do *tu*, evidenciando que seu uso da língua não reflete o que *pensa* e *diz* usar.

Para melhor compreender as atitudes e usos linguísticos de homens e mulheres, parece fundamental correlacionar este fator com outros, como por exemplo, a posição que ocupam na sociedade, rede de relações, escolaridade etc. Embora não seja possível, a partir da análise das entrevistas, considerarmos todos os fatores que poderiam mostrar-se significativos para explicar a diferença de uso dos pronomes entre os *sexos*, pode-se pensar na profissão dos informantes como um fator de possível influência neste uso. Sabe-se que os pronomes *tu/você* em algumas regiões e, ao que tudo indica, também em Concórdia, são usados principalmente em situações específicas: o *tu* em situações mais informais, com pessoas próximas: família, parentes, amigos; e o *você*, em situações mais formais, em relações com pessoas não muito próximas ou com desconhecidos, conforme se pode observar no discurso de um de nossos informantes:

(108) *Você* vai chamá uma pessoa, eu- **eu não te conheço e coisa**, *você* não é da família, **eu não te chamo de ‘tu’, eu chamo sempre ‘você’, as outras pessoas, né? Aí em casa**, no caso, né? **co meu piá, né? ‘tu’, ‘tu fiz isso’, ‘tu fiz aquilo’, né? eu não digo ‘você fiz aquilo’**. Então aqui em casa, no caso, eu, a mulher e o piá, é ‘tu’, e a mãe no caso, é ‘mãe’. (MP1p)

O informante expressa, neste trecho, o uso que normalmente observamos entre os falantes da cidade, ou seja: o *tu* (íntimo) sendo usado com pessoas próximas, familiares, amigos; e o *você* (não-íntimo) com desconhecidos ou não-próximos. Essa escolha dos pronomes *tu* e *você* de acordo com a relação com o interlocutor ocorre em várias localidades do Sul do Brasil, conforme já observado nos trabalhos de Ramos (1989), Menon e Loregian-Penkal (2002) e Loregian-Penkal (2004).

Assim sendo, se o círculo de relações do falante se restringe principalmente aos familiares e próximos, a tendência será de utilizar principalmente o pronome *tu*; já se sua convivência com outras pessoas for mais abrangente, com uma rede de relações mais diversificada, possivelmente o pronome *você* será empregado com mais frequência. A fim de

verificarmos essa hipótese, analisamos a profissão de nossos informantes, já que a mesma pode nos dar indícios do tipo de relações dos homens e mulheres de nossa amostra. Quanto aos homens, eles têm profissões que implicam em relações mais diversificadas e com variadas pessoas, pois são comerciantes, motoristas, vendedores, leituristas e funcionário público. O contato com pessoas que não fazem parte de seu círculo familiar os levaria, então, a um maior uso do pronome *mais formal* e *menos íntimo* *você*.

Já em relação às mulheres de nossa amostra, o que se verificou é que somente 5 delas trabalham em ambientes que propiciam maior contato com outras pessoas (operária, técnica de enfermagem, funcionária pública e comerciantes); 5 delas são donas de casa e 2 são empregadas domésticas. Isso indica que a maior parte das mulheres (7) tem um contato mais restrito que os homens com o exterior, o que as levaria a um maior uso do pronome mais íntimo, e explicaria, parcialmente, o predomínio do uso do *tu* no sexo *feminino*. Esse resultado é corroborado pelo resultado obtido do cruzamento que efetuamos das variáveis sociais *sexo* e *escolaridade*, já que o mesmo mostrou que as *mulheres* com nível *fundamental I e II* são as que mais empregam o *tu*; e essas *mulheres* são donas de casa ou empregadas domésticas e têm, portanto, uma relação mais restrita com o mundo exterior; já as *mulheres* com *ensino médio* e mais jovens apresentaram um maior uso de *você*, comportamento semelhante ao dos homens, e, assim como os homens, são aquelas que têm mais relações com o mundo exterior, já que trabalham fora de casa. A rede de relações se mostra, portanto, um fator significativo na determinação dos usos de *tu/você* em nossa amostra.

Quanto ao uso das variantes *tu* e *você* pelos falantes dos diferentes níveis de *escolaridade*, obtivemos os seguintes resultados: no nível *fundamental I* temos 4 falantes que dizem utilizar + *você*, 3 *tu/você* e 1 + *tu*; no nível *fundamental II*, 6 falantes *dizem* utilizar mais o pronome *você*, 1 *só você* e 1 falante *diz* utilizar os dois pronomes; no nível *médio* os falantes *dizem* fazer o seguinte uso dos pronomes: 4: + *você*, 2: *tu/você*, 1: + *tu*, e 1: *só você*. Os falantes com nível *fundamental II* apresentam a maior disparidade em relação ao que *usam* e o que *dizem* usar, pois na fala de 5 desses falantes é o pronome *tu* que predomina, mas nenhum deles admite usar + *tu* ou *só tu*.

Tabela 19 – *tu/você: dizem usar x usaram – escolaridade*

Pronomes		só TU	só VOCÊ	TU/ VOCÊ		
				TU = VOCÊ	+ TU	+ VOCÊ
Fundamental I	Dizem usar	00	00	03	01	04
	Usam	02	01		04	01
Fundamental II	Dizem usar	00	01	01	00	06
	Usam	02	01		03	02
Médio	Dizem usar	00	01	02	01	04
	Usam	00	00	00	04	04

Observamos, assim, que a maioria de nossos informantes assume, principalmente, o uso do pronome *você* (16), mesmo em família, com pessoas íntimas ou próximas. No discurso reportado, porém, quando os falantes reproduziam sua fala, principalmente com familiares, empregavam geralmente o pronome *tu*. O exemplo abaixo, de uma informante da faixa etária *mais velha* e com nível *fundamental II*, ilustra claramente essa diferença entre o que *diz* de seu uso e o que *usa*:

(109) E –E entre o “tu” e o “você” assim, vocês usam mais o “tu” ou..[por exemplo, com o marido...]

I – [“você”], “você”, sempre o “você”.

E – O “você”... o “tu”, não?

I – Eu não sei, acho que o “tu” não é bonito, não sei se a gente não... Não é a mesma coisa, né? eu acho,...Será que é a mesma coisa?

E – Os dois são... o mesmo significado...

I – Parece que “você” é mais bonito que “tu”, né? Sei lá.

E – Mas o hábito, então...

I – É “você”.

E – É “você”? Mesmo com os netos, assim vocês não- o “tu” não utilizam?

I – Nunca o “tu”.

E – E é mais porque acha....

I – É que no- parece que não é... “tu” parece que é uma coisa mais assim, né? que... fica mais feio, mais... (FG2t)

Nota-se que a entrevistada assume uma atitude negativa em relação ao pronome *tu* e nega o uso desse pronome em sua família. No entanto, em discurso reportado (110), no qual relata o que disse ao neto para convencê-lo a voltar para casa de seus pais, ela emprega consistentemente o pronome *tu*:

(110) I – Ma esse aí vive (?) : “ Ah vovó, vô ficá”. “Não, hoje *tu* vai pra casa, senão a mamãe fica triste, *tu* só na vovó.” Porque ele diz que gosta mais daqui. Diz que depois ela chega em casa do trabalho, tem um servicinho, depois ela tem de estudá e, sabe comé que é, né? (FG2t)

- e, também (111), quando relata o que disse à irmã, que mora sozinha numa casa próxima da sua:

(111) – Que nem a Maria: “Ai, porque que *tu* não vai morá num apartamento, tá aí sozinha nessa casa, e não sei o que.” Daí ela disse: “O que que eu faço depois, longe de vocês e tudo, ela disse, prefiro ficá ali...”

Observamos também que alguns dos informantes distinguem o uso que fazem dos pronomes *tu* e *você* de acordo com o interlocutor. Foram, principalmente, os *homens* de nossa amostra que falaram desse uso diferenciado dos pronomes: o *tu* sendo usado para os mais íntimos ou pessoas mais jovens, e o *você* para os desconhecidos. Do total de nossa amostra, 6 homens falaram dessa questão - 2 falantes de cada nível de *escolaridade* e, em cada nível, 1 falante *mais jovem* e 1 *mais velho*; mas somente 1 *mulher*, da faixa etária 1 e com *ensino médio*, falou desse uso diferenciado dos pronomes. O exemplo abaixo, produzido por um falante com *ensino médio* e da faixa etária *mais jovem* ilustra a opinião de vários desses falantes:

(112) E – E, você acha que tem alguma diferença entre o ‘tu’ e o ‘você’? tratá a pessoa por ‘tu’ ou ‘você’?

I – Não acho que tenha diferença nenhuma, não- não me parece assim. Eu acho o ‘tu’ uma coisa um poquinho mais...é, eu- eu acho, talvez o ‘você’ é uma forma um poquinho *mais delicada* de tratá a pessoa. Eu acho o ‘tu’ um *poco agressivo*. Não sei se isso procede, mas me parece que é uma coisa um poquinho mais...’você’ é uma coisa um poco *mais suave*, acho eu, não sei.

E – Então seria mais nesse sentido de agressi- o ‘tu’ mais agressivo...

I – Sim, é, talvez o termo não seja bem agressivo, é.... eu não consigo definí. Talvez o ‘você’ uma coisa um poco *mais suave* só, uma forma um poco mais suave de tratá, sei lá. (...)

I – **É, eu acho que o ‘você’ fica uma coisa assim ó mais, que *tu consegue tratá mais todo mundo*, e o ‘tu’, mais restrita.**

E – Fica mais neutro o ‘você’?

I – É, é, **que dá pra você tratá com todo mundo**, e o ‘tu’ às vezes é uma coisa que talvez não- em alguns casos não- não me soa bem. Não sei porque, mas não me soa bem, eu não consigo ter uma explicação...(MS1r)

Assim, em relação à opinião que os falantes têm dos pronomes *tu/você*, obtivemos diferentes respostas, sendo que as principais foram as seguintes:

Quadro 13 – Opinião dos falantes sobre os pronomes *tu/você*

<i>TU</i>	<i>VOCÊ</i>
- feio;	- bonito;
- grosseiro;	- suave;
- desrespeitoso;	- respeitoso;
- mais restrito;	- pode tratar todo mundo;
- íntimo.	- para quem não conhece.

Observa-se que as opiniões dos falantes de nossa amostra em relação aos pronomes *tu/você*, são semelhantes àsquelas encontradas por Ramos (1989), em Florianópolis, ou seja: o *tu* implica em *intimidade*, mas também é considerado *grosseiro, desrespeitoso*; já o *você*, pronome *mais formal* ('para quem não conhece'), implica também em uma maneira mais *bonita e respeitosa* de tratar o outro.

Constatamos ainda que essa avaliação dos pronomes foi proporcional entre homens e mulheres: dos 11 falantes que avaliaram o uso desses pronomes, 6 homens e 5 mulheres dizem que o pronome *você* é mais "bonito", "educado", "delicado" ou "respeitoso", e, ao contrário, o *tu* seria mais "feio", "grosseiro", ou "desrespeitoso". Dentre os *homens*, 3 possuem o nível *fundamental I*, sendo 1 da faixa etária *mais velha* e 2 da faixa etária *mais jovem*; 2 do nível *fundamental II* e da faixa etária *mais velha* e 1 falante *mais jovem* com ensino *médio*. Quanto às *mulheres*, 1 delas é da faixa etária *mais jovem* e tem nível *fundamental I* de escolaridade; 3 têm nível *fundamental II*, sendo 2 da faixa etária *mais jovem*; e 1 *mais jovem* com ensino *médio*. Pode-se notar que são os informantes com nível *fundamental I* e *II* na fala dos *homens*, e *fundamental II* na fala das *mulheres*, que apresentaram valorações mais *negativas* do pronome *tu* e positivas do *você*. Se relacionarmos essas opiniões ao uso dos pronomes pelos falantes da nossa amostra, o esperado seria que esse grupo (de falantes com nível *fundamental I* e *II*) usasse principalmente o pronome *você*, já que o julga de maneira mais positiva; no entanto, isso não se verificou nos dados, pois esse pronome é usado principalmente por falantes com *ensino médio*.

O trecho abaixo, de uma informante com nível *fundamental II* e da faixa etária *mais jovem*, ilustra bem a opinião desses falantes sobre os pronomes *tu/você*:

- (113) E – 'Você'? O 'tu' vocês não usam muito então?
 I – Não, bem poquinhos vezes...
 E – É? A maior parte das pessoas é 'você'?
 I – É só 'você'. 'Você'.
 E – E, você acha que tem alguma diferença entre o 'você' e o 'tu'? são...
 I – Eu acho que o 'tu' assim, é muito... parece *falta de respeito* 'tu', né? Acho que 'você' é mais, parece que *a palavra é mais suave*, né? 'você'. Que nem 'tu', 'tu' é um- é uma coisa meio...forte parece, um negócio... (FG1x)

Assim, esse estudo da atitude e comportamento linguístico dos falantes de nossa amostra, apesar de não termos realizado testes específicos, revelou alguns resultados interessantes sobre a valoração atribuída aos pronomes *tu/você*, assim como sobre o uso que os falantes *acreditam fazer* desses pronomes. Na tabela 20, podemos observar o uso dos pronomes *tu/você*, em número de ocorrências e percentagens, realizado por cada falante de nossa amostra, e o que *dizem* esses falantes sobre seu uso, conforme já apresentado.

Tabela 20 – Distribuição dos pronomes *tu/você* por informante

Informante	<i>Tu</i>	<i>Você</i>	<i>Total</i>
1. MP1d	22/96%	1/ 4%	23
2. MP1p	9/15%	51/85%	60
3. MP2a		10/100%	10
4. MP2m	11/69%	5/31%	16
5. MG1e		9/ 100%	9
6. MG1q	3/100%		3
7. MG2b	17/100%	0	17
8. MG2n	6/23%	20/77%	26
9. MS1f	13/18%	59/82%	72
10. MS1r	77/92%	7/8%	84
11. MS2c	60/69%	27/31%	87
12. MS2o	9/18%	42/82%	51
13. FP1j	14/93%	1/7%	15
14. FP1v	19/100%	0	19
15. FP2g	15/88%	2/12%	17
16. FP2s	11/100%	0	11
17. FG1k	14/93%	1/7%	15
18. FG1x	62/97%	2/3%	64
19. FG2h	9/47%	10/53%	19
20. FG2t	31/94%	2/6%	33
21. FS1l	11/19%	46/81%	57
22. FS1z	48/30%	113/70%	161
23. FS2i	26/87%	4/13%	30
24. FS2u	25/93%	2/7%	27
Total	512/55%	414/45%	926

Informantes dizem usar:

+ *você*

=*tu/você*

+ *tu*

só *você*

Finalizamos esse capítulo com o trecho abaixo, produzido por uma informante da faixa etária *mais jovem* e com *ensino médio*, que ilustra bem a diferença entre o que *usam* e o que *dizem usar* boa parte dos falantes de nossa amostra:

(114) E – E você acha que tem alguma diferença assim, entre o ‘você’ ou o ‘tu’, no uso com as pessoas, assim?

I – Eu prefiro o ‘você’, porque soa melhor.

E – Soa melhor? E o ‘tu’?

I – **Não gosto muito. Agora que tu falô aqui a gente percebe.... a gente não usa, quando se fala sempre é... sempre ‘você’, ‘você’, não é ‘tu’. Não soa bem. (FS1z)**

No capítulo seguinte, apresentamos uma comparação dos resultados da variação *nós/a gente* com aqueles da variação *tu/você* em nossa amostra.

7. VARIAÇÃO *NÓS/A GENTE* E *TU/VOCÊ*: UMA COMPARAÇÃO

Nos capítulos 4 e 5, apresentamos os resultados da análise da variação pronominal *nós/a gente* e *tu/você* separadamente, comparando-os com os resultados de outros trabalhos realizados sobre essas variações pronominais, em especial com os de Omena (1998), Lopes (1998), Tamanine (2002, 2010) e Borges (2004), sobre a variação *nós/a gente*; e com os de Menon e Loregian-Penkal (2002), Loregian-Penkal (2004), Paredes Silva (2003) e Lucca (2005), sobre a variação *tu/você*.

Neste capítulo, apresentamos uma comparação dos resultados obtidos na análise da variação pronominal *nós/a gente* com aqueles obtidos na variação pronominal *tu/você* no falar de Concórdia. Inicialmente, apresentamos a distribuição em números absolutos e frequenciais de *nós/a gente* e *tu/você*, de acordo com as características sociais *faixa etária*, *sexo* e *escolaridade* dos falantes de nossa amostra.

Tabela 21 – Distribuição de *nós/a gente* e *tu/você*: *faixa etária*, *sexo* e *escolaridade*

Grupos de fatores	<i>Nós</i>		<i>A gente</i>		<i>Tu</i>		<i>Você</i>	
	Aplic/N	%	Aplic/N	%	Aplic./N	%	Aplic.N	%
Faixa etária								
- 26 a 45 anos	359/805	45	446/805	55	292/582	50	290/582	50
- 50 anos ou mais	411/748	55	337/748	45	220/344	64	124/344	36
Sexo								
- feminino	476/901	53	425/901	47	285/468	61	183/468	39
- masculino	294/652	45	358/652	55	227/458	50	231/458	50
Escolaridade								
- fundamental I	212/460	46	248/460	54	101/171	59	70/171	41
- fundamental II	216/463	47	247/463	53	142/186	76	44/186	24
- médio	342/630	54	288/630	46	269/569	47	300/569	53
Total	770/1.553	50	783/1.553	50	512/926	55	414/926	45

Podemos observar na tabela 21 que o total de ocorrências de *nós/a gente* em nossos dados é praticamente o mesmo (50%); já na variação *tu/você*, verifica-se um predomínio, embora não muito elevado, de *tu* (55%). Considerando as características sociais dos falantes de nossa amostra, nota-se que são os falantes *mais velhos* que mais usam os pronomes canônicos *nós* e *tu* (55% e 64%, respectivamente); já na faixa etária *mais jovem*, há um predomínio de *a gente* (55%), de um lado, e um uso equivalente dos pronomes *tu* e *você* (50%), de outro.

Em relação ao *sexo*, os pronomes *nós* e *tu* predominam na fala das *mulheres* (53% e 61%, respectivamente); já entre os *homens*, o pronome *a gente* é mais usado (55%), e *tu/você* apresentam a mesma frequência de uso (50%).

A *escolaridade* é a variável que apresenta maior diferença na distribuição dos pronomes, pois, na variação *nós/a gente*, o pronome inovador é mais usado pelos falantes com nível *fundamental I* e *II* (54% e 53%, respectivamente), enquanto na variação *tu/você*, os falantes de maior nível de escolaridade são os que mais usam o pronome inovador *você* (53%), predominando o pronome *tu* na fala dos informantes com nível *fundamental I* e *II* (59% e 76%, respectivamente).

Esses resultados percentuais serão confrontados a seguir com os pesos relativos obtidos nas rodadas do programa estatístico VARBRUL. Para tanto, partimos dos resultados obtidos nessas rodadas considerando as seguintes variáveis independentes nesta comparação: *determinação do referente*, *tipo de discurso*, *tipo de texto*, *tipo de verbo*, *tempo verbal*, *tipo de ocorrência*, *faixa etária*, *sexo* e *escolaridade*.

No quadro 14 apresentamos os grupos selecionados como significativos, em rodadas separadas, para a variação *nós/a gente* e *tu/você*:

Quadro 14 – Resultado dos grupos de fatores selecionados
nós/a gente e *tu/você*

Rodada geral – <i>nós/a gente</i>	Rodada geral – <i>tu/você</i>
- aplicação: <i>a gente</i> - input: .52	- aplicação: <i>você</i> - input: .43
1. determinação do referente 2. tempo verbal 3. tipo de discurso 4. tipo de verbo 5. tipo de texto 6. faixa etária 7. escolaridade 8. tipo de ocorrência	1. determinação do referente 2. escolaridade 3. sexo 4. tipo de ocorrência 5. tipo de verbo 6. faixa etária

Ao compararmos estas duas rodadas, observamos que os pronomes inovadores *a gente* e *você* concorrem com os pronomes conservadores *nós* e *tu*, respectivamente, no falar de Concórdia, pois, embora o *a gente* encontra-se mais avançado, nos dois casos o *input* desses pronomes já é bastante significativo: *a gente* - input: .52. ; *você* - input: .43.

Em relação aos grupos de fatores selecionados, observa-se que nas duas rodadas a *determinação do referente* foi selecionada em primeira posição. Além dessa variável linguística, também foram selecionadas nas duas rodadas as variáveis *tipo de ocorrências* e *tipo de verbo*, mas em posições diferentes.

Após a *determinação do referente*, na análise da variação *nós/a gente*, o programa selecionou quatro variáveis linguísticas, o *tempo verbal*, o *tipo de discurso*, o *tipo de verbo* e o *tipo de texto*, e, em 6.^a e 7.^a posição, duas variáveis sociais, a *faixa etária* e a *escolaridade*, seguidas do *tipo de ocorrência*. Já na variação *tu/você* as variáveis sociais foram selecionadas em posições de maior destaque, sendo que *escolaridade* e *sexo*, esta última não tendo sido selecionada na rodada geral com *nós/a gente*, aparecem em 2.^a e 3.^a posição, e em 6.^a, a *faixa etária*. Nota-se que as *variáveis sociais* são mais significativas na variação *tu/você*, onde ocupam posições de maior destaque.

Antes de passarmos a análise comparativa dos grupos de fatores selecionados nas variações *nós/a gente* e *tu/você*, apresentamos, na tabela 22, os resultados gerais em porcentagem e peso relativo em rodadas de *nós/a gente* e *tu/você* efetuadas no programa VARBRUL.

Tabela 22 – Resultados em rodadas separadas: *nós/a gente* e *tu/você* na posição de sujeito
(*input a gente: .52 / input você: .43*)

Grupo de fatores	<i>Nós</i>		<i>A gente</i>		<i>Tu</i>		<i>Você</i>	
	Aplic/%	P.R.	Aplic/%	P.R.	Aplic/%	P.R.	Aplic/%	P.R.
Determinação do referente	1.⁵⁸				1.			
- indeterminado	28/202 =14	.17	174/202=86	.83	350/722=48	.43	372/722=52	.57
- determinado	742/1351=55	.56	609/1351=45	.44	162/204=79	.72	42/204=21	.28
Tempo verbal	2.							
- infinitivo	11/35 = 31	.33	24/35 = 69	.67				
- presente ind.	381/896=43	.42	515/896=57	.58				
- pret. imperf. ind.	105/235=45	.44	130/235=55	.56				
- pret. perf. ind.	271/369 =73	.74	98/369 = 27	.26				
Discurso	3.							
- direto	749/1529=49	.49	780/1529=51	.51				
- reportado de terceiros	19/22 =86	.95	3/22 = 14	.05				
Tipo de verbo	4.				5.			
- <i>dicendi</i>	22/100=22	.29	78/100=78	.71	22/48 = 46	.32	26/48= 54	.68
- epistêmico	27/110=25	.40	83/110=75	.60	126/179=70	.58	53/179= 30	.42
- ação	521/1002=52	.50	481/1002=48	.50	244/465=52	.47	221/465=48	.53
- estado	200/341=59	.60	141/341=41	.40	120/234=51	.53	114/234=49	.47
Tipo de texto	5.							
- dissertativo	132/373=35	.46	241/373=65	.54				
- narrativo	461/867=53	.48	406/867=47	.52				
- descritivo	173/308=56	.61	135/308=44	.39				
Faixa etária	6.				6.			
- 26 a 45 anos	359/805=45	.45	446/805=55	.55	292/582=50	.47	290/582 =50	.53
- 50 anos ou mais	411/748=55	.55	337/748=45	.45	220/344=64	.55	124/344 =36	.45
Escolaridade	7.				2.			
- fundamental I	212/460=46	.46	248/460=54	.54	101/171=59	.57	70/171=41	.43
- fundamental II	216/463=47	.47	247/463=53	.53	142/186=76	.68	44/186=24	.32
- ensino médio	342/630=54	.55	288/630=46	.45	269/569=47	.42	300/569=53	.58
Tipo de ocorrência	8.				4.			
- formas iguais	299/636=47	.47	337/636=53	.53	227/481=47	.45	254/481=53	.55
- formas diferentes	125/250=50	.47	125/250=50	.53	40/78 =51	.50	38/78=49	.50
- isoladas	346/667=52	.54	321/667=48	.46	245/367=67	.57	122/367=33	.43
Sexo					3.			
- feminino					285/468=61	.56	183/468=39	.44
- masculino					227/458=50	.44	231/458=50	.56
Total	770/1.553=50		783/1.553=50		512/926=55		414/926=45	

A seguir, apresentamos uma análise comparativa dos grupos de fatores selecionados como significativos em ambas as rodadas, ou seja, com as variáveis *nós/a gente* e *tu/você*. Primeiramente, comparamos as variáveis linguísticas selecionadas em ambas as variações, ou seja: *determinação do referente*, *tipo de verbo* e *tipo de ocorrência*. Em seguida, são comparados os resultados obtidos para as variáveis sociais selecionadas.

⁵⁸ Usamos essa numeração para indicar a ordem de seleção dos grupos de fatores pelo VARBRUL. E os espaços em branco na tabela indicam que a variável independente correspondente não foi selecionada para a variação pronominal em questão.

7.1 Análise comparativa das variáveis linguísticas

A primeira variável estatisticamente mais significativa, selecionada em ambas as análises, foi a *determinação do referente*. Já as demais variáveis foram selecionadas em posições bem distintas, a saber: o *tipo de ocorrência* foi selecionado em última posição (8.^a) na variação *nós/a gente*, sendo precedido do *tipo de verbo*, selecionado em 4.^a posição. Já na variação *tu/você*, o *tipo de verbo* foi selecionado como menos significativo que o *tipo de ocorrência*, este ocupando a 4.^a posição e aquele a 5.^a.

7.1.1 Comparando a variável *determinação do referente*

A *determinação do referente*, como já dito, foi a primeira variável selecionada em ordem de significância, tanto na análise da alternância *nós/a gente*, quanto na análise de *tu/você*. Uma consideração importante em relação a essa variável é a distribuição dos dados entre a *determinação* e a *indeterminação* do referente. Na variação *nós/a gente*, verificamos que 87% dos dados (1.351) são de ocorrências de pronomes *nós/a gente* *determinados*; já na variação *tu/você*, a situação é oposta, pois 78% das ocorrências (722) são de pronomes *tu/você* *indeterminados*.

Apesar dessas diferenças verificadas nos dados e parcialmente atribuídas ao estilo de fala analisado, conforme já exposto nos capítulos 4 e 5, a análise das ocorrências desses pronomes em contexto de *determinação* e *indeterminação* apresentou resultados bastante significativos, indicando-nos assim determinadas tendências na comunidade de fala de Concórdia.

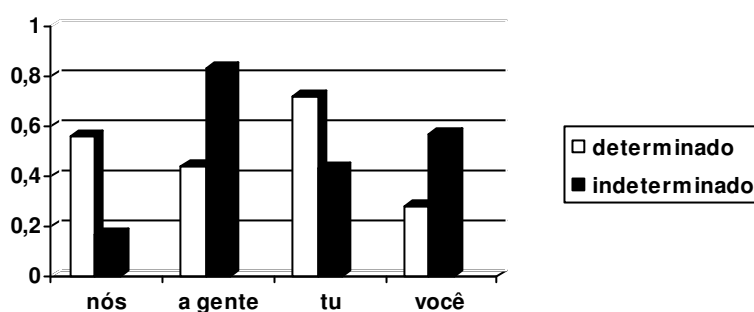
A fim de compararmos as tendências predominantes no falar de Concórdia quanto à variação *nós/a gente* e *tu/você*, retomamos os resultados dessas variáveis para a *determinação do referente*.

Tabela 22a – Resultados das rodadas *nós/a gente* e *tu/você*: *determinação do referente*

Grupo de fatores	<i>Nós</i>		<i>A gente</i>		<i>Tu</i>		<i>Você</i>	
	Aplic/%	P.R.	Aplic/%	P.R.	Aplic/%	P.R.	Aplic/%	P.R.
Determinação do referente	1.				1.			
- indeterminado	28/202 = 14	.17	174/202 = 86	.83	350/722 = 48	.43	372/722 = 52	.57
- determinado	742/1351 = 55	.56	609/1351 = 45	.44	162/204 = 79	.72	42/204 = 21	.28
Total	770/1.553 = 50		783/1.553 = 50		512/926 = 55		414/926 = 45	

As mesmas tendências podem ser observadas nas duas análises, ou seja, na *indeterminação*, os pronomes inovadores *a gente* (.83) e *você* (.57) predominam. No entanto, nota-se que na variação *nós/a gente*, o pronome *inovador* tem um uso muito mais significativo em contextos *indeterminados* que aquele verificado na variação *tu/você*. Já na *determinação*, nota-se que há, em ambas as análises, um predomínio dos pronomes canônicos *nós* e *tu* (.56 e .72, respectivamente), sendo que na variação *tu/você*, o pronome inovador apresenta uma probabilidade de uso de somente .28. O gráfico 14 ilustra os resultados da variável *determinação do referente*:

Gráfico 14 – Probabilidade de uso de *nós/a gente* e *tu/você*
- *determinação do referente*



Considerando a variação *nós/a gente*, nota-se um predomínio acentuado de *a gente* na *indeterminação* (.83), e um uso mais equilibrado desses pronomes na *determinação* (.56 e .44, respectivamente); já em relação à variação *tu/você*, o que se destaca é uma elevada probabilidade de *tu* na *determinação* (.72), enquanto na *indeterminação* a diferença de uso dos pronomes, apesar de significativa, não é tão elevada (*tu*: .43 e *você*: .57).

A fim de analisar mais detalhadamente a distribuição dos pronomes na *determinação* e na *indeterminação*, analisamos o uso dos pronomes em cada um desses contextos. Em relação à *indeterminação*, consideramos conjuntamente os pronomes *nós*, *a gente*, *tu* e *você*, e efetuamos o cruzamento desses pronomes com as variáveis *faixa etária*, *sexo* e *escolaridade*.

Quanto à *faixa etária*, constatamos inicialmente que do total de pronomes *nós*, *a gente*, *tu* e *você* *indeterminados* em nossa amostra, 66% das ocorrências ocorrem na faixa etária *mais jovem*, o que indica um maior uso da *indeterminação* nesse grupo. Quanto à distribuição dos pronomes, os *mais jovens* usam principalmente o *você* (44%), seguido do *tu* (36%); e os pronomes *a gente* e *nós* representam somente 19% dos dados, sendo que a maior parte é de *a gente* (17%). Já os falantes *mais velhos*, estes usam principalmente o *tu* (41%),

seguido de *você* (33%); os pronomes *nós* e *a gente* representam nesse grupo 26% das ocorrências indeterminadas (*a gente*: 22%, *nós*: 4%). Nota-se que as duas faixas etárias apresentam, na *indeterminação*, um uso de *nós* bastante reduzido, assim como um predomínio de *tu/você*, embora na fala dos *mais jovens* predomine o *você* (44%), e na dos *mais velhos* o *tu* (41%).

Quanto ao *sexo*, observamos que os *homens* apresentam a mesma tendência que os *mais jovens*, ou seja, utilizam na *indeterminação* principalmente o pronome *você* (44%), seguido de *tu* (33%) e de *a gente* (20%); já as *mulheres* apresentam a mesma tendência que os *mais velhos*, predominando na *indeterminação* o pronome conservador *tu* (42%), seguido de *você* (38%), e de *a gente* (18%). O pronome *nós* representa somente 3% dos dados, em ambos os sexos.

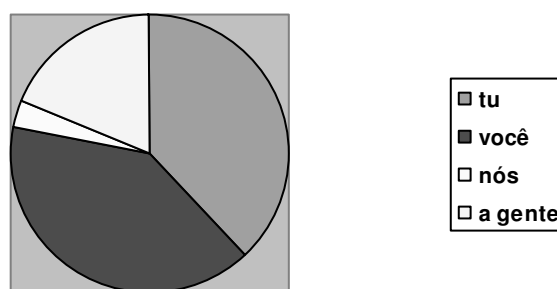
O cruzamento da *escolaridade* com os pronomes *nós/a gente* e *tu/você* também mostrou resultados interessantes. Nossa primeira observação é em relação à distribuição dos pronomes *indeterminados* nos diferentes níveis de escolaridade: 57% desses pronomes encontram-se no *nível médio*, 23% no *nível fundamental II* e 20% no *fundamental I*. Nota-se que o *nível médio*, nível de maior escolarização, responde por mais da metade dos pronomes indeterminados em nossa amostra. Já os níveis *fundamental I* e *fundamental II* apresentam um uso aproximado de pronomes *indeterminados*, uso bem inferior àquele verificado na fala dos informantes com *nível médio*. Quanto aos pronomes usados na *indeterminação*, observa-se que no *nível fundamental I* predomina o *tu* (39%), seguido de *você* (31%) e de *a gente* (26%); no *nível fundamental II* a frequência de *tu* (48%) é mais elevada, e o pronome *a gente* (28%) é mais usado que o *você* (17%). No *nível médio*, ao contrário, é o *você* que predomina (53%), seguido de *tu* (33%), e, em menor proporção, de *a gente* (13%). O uso do pronome *nós*, que é bastante reduzido, está assim distribuído: 4% no *nível fundamental I*, 7% no *fundamental II*, e 1% no *nível médio*.

A partir desses cruzamentos de dados, pode-se perceber que os pronomes *indeterminados* são usados em nossa amostra, principalmente, pelos falantes *mais jovens* e de *maior escolaridade*, o *nível médio*. Em relação à distribuição dos pronomes *indeterminados*, observou-se que o *você* predomina na fala dos informantes *mais jovens*, do sexo *masculino* e com ensino *médio*; já o *tu* é mais usado pelos falantes *mais velhos*, os do sexo *feminino* e que possuem baixa escolaridade (*fundamental I* e *II*). O pronome *a gente* também apresenta um uso significativo na *indeterminação*, mas sua distribuição é praticamente a mesma nas duas faixas etárias e nos dois sexos: masculino e feminino. Somente na *escolarização* nota-se uma diferença no uso desse pronome, o qual é mais utilizado pelos falantes com nível

fundamental I e II, os falantes com ensino *médio* apresentando um uso mais reduzido de *a gente* na *indeterminação*.

Considerando conjuntamente os pronomes *nós/a gente* e *tu/você*, encontramos 924 ocorrências de pronomes *indeterminados* em nossa amostra, assim distribuídos:

Gráfico 15 – Distribuição percentual dos pronomes indeterminados *nós*, *a gente*, *tu* e *você*

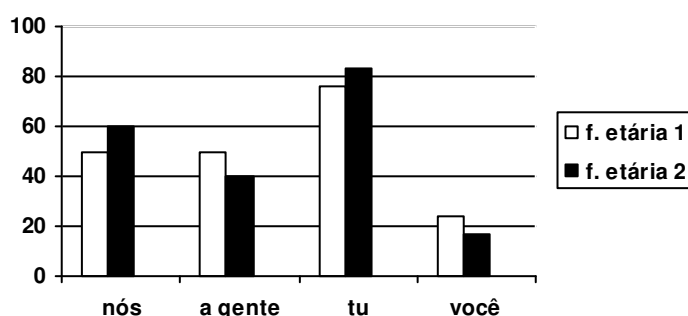


Nota-se um predomínio acentuado dos pronomes *você* e *tu* na *indeterminação*, sendo que juntos estes representam 78% das ocorrências (*você*: 40%; *tu*: 38%, respectivamente). Os pronomes *nós/a gente indeterminados* representam apenas 22% dos dados, sendo a maior parte de *a gente* (19%). O pronome *nós*, que tem um uso muito restrito como *indeterminado* (3%), parece realmente um pronome especializado na *determinação*, conforme já destacado no capítulo sobre a variação *nós/a gente* deste trabalho.

Em relação à análise dos pronomes *determinados*, verificou-se um predomínio do pronome *nós*, na variação *nós/a gente*, e do pronome *tu*, na variação *tu/você*. No entanto, nota-se que a diferença na probabilidade de uso de *nós* ou *a gente determinados* não é muito elevada (.56 e .44, respectivamente), já em relação ao *tu/você*, essa diferença mostrou-se bastante significativa (.72 e .28, respectivamente). Nota-se, então, um uso mais diferenciado de *tu/você* na *determinação*, apresentando o pronome *tu* (.72) um predomínio acentuado na referência ao interlocutor.

A fim de comparar o uso dos pronomes *determinados nós/a gente* e *tu/você*, considerando a variável *faixa etária*, apresentamos a distribuição percentual desses pronomes no gráfico 16:

Gráfico 16 – Distribuição percentual dos pronomes *determinados* *nós/a gente* e *tu/você*: faixa etária



Pode-se verificar que os pronomes *nós/a gente* apresentam uma distribuição bem mais equilibrada, a faixa etária 1 (*mais jovens*) apresentando uma mesma percentagem de uso de *nós* e *a gente* (50%), e entre os *mais velhos* (faixa etária 2) predominando o pronome *nós* (60%). Já em relação à variação *tu/você*, constata-se um predomínio acentuado de *tu* nas duas faixas etárias (1: 76% e 2: 83%, respectivamente); já o *você* apresenta ainda um uso bastante reduzido na *determinação*, em ambas as faixas etárias (1: 24% e 2: 17%).

A partir dessa comparação, pode-se observar que, no falar de Concórdia, o pronome *a gente*, além de predominar largamente com referente *indeterminado*, contexto que propiciou sua entrada no sistema pronominal, já apresenta um uso próximo àquele do pronome *nós* na *determinação*. Já o pronome *você*, embora também predomine na *indeterminação*, seu uso com referente *determinado* pelos falantes de nossa amostra é ainda bastante reduzido. Assim, a hipótese de que o contexto de *indeterminação* é que estaria propiciando a entrada do pronome inovador *você* (cf. Menon e Loregian-Penkal, 2002), reafirma-se nos dados de Concórdia.

7.1.2 Comparando a variável *tipo de ocorrência*

A variável *tipo de ocorrência*, também selecionada nas duas análises, apresentou alguns resultados interessantes para a comparação de *nós/a gente* e *tu/você*. Em ambas as rodadas, o pronome canônico predominou nas *ocorrências isoladas*: o *nós* apresentou um uso de .54, e o *tu* de .57; nos *paralelismos de formas iguais* verificou-se um maior uso dos pronomes inovadores *a gente* (.53) e *você* (.55). Já nos *paralelismos de formas diferentes* observou-se um leve predomínio de *a gente* (.53), de um lado; e um mesmo uso de *tu/você*, de outro. Destaca-se que as ocorrências de *paralelismos de formas iguais* predominaram em

nossos dados, tanto na análise da variação *nós/a gente* (72%), quanto da variação *tu/você* (86%), comprovando, assim, a força da repetição.

Em rodadas efetuadas somente com as ocorrências dos *pronomes em paralelismo*, e tendo como variável dependente o paralelismo de *formas iguais* x paralelismo de *formas diferentes*, o programa selecionou como significativas as mesmas variáveis sociais na análise de *nós/a gente* e de *tu/você*. Na análise de *nós/a gente*, a *faixa etária* e a *escolaridade* foram selecionadas, em 1.^a e 2.^a posição, respectivamente; já na análise de *tu/você* a ordem de seleção dessas variáveis foi alterada: a *escolaridade* foi selecionada em 1.^a posição e a *faixa etária* em 2.^a. Essa seleção das mesmas variáveis sociais na análise dos pronomes em paralelismo parece indicar que o uso dos *paralelismos* é altamente condicionado por variáveis sociais.

Verificou-se também nesta rodada com as ocorrências dos pronomes em paralelismo que os resultados para as variáveis sociais selecionadas seguem as mesmas tendências em ambas as variações pronominais analisadas. Em relação à *faixa etária*, nota-se que os falantes *mais jovens* favoreceram o uso dos pronomes de *formas iguais*, tanto na variação *nós/a gente* (.60), quanto na variação *tu/você* (.58); e os *mais velhos*, também nas duas análises, fazem um maior uso do paralelismo de *formas diferentes* (.61 e .67, respectivamente). Quanto à *escolaridade*, tanto na análise de *nós/a gente*, como naquela de *tu/você*, o paralelismo de *formas iguais* predominou no nível *fundamental I* (*nós/a gente*: .63, *tu/você*: .86), embora de forma mais acentuada na análise da variação *tu/você*; e, no nível *médio*, predominou o uso do paralelismo de *formas diferentes* em ambas as análises (*nós/a gente*: .60, *tu/você*: .63). Já o nível *fundamental II* apresentou a mesma proporção de uso dos *paralelismos de formas iguais e diferentes* na análise de *nós/a gente* (.50); enquanto que, na análise de *tu/você*, verificou-se um leve predomínio do paralelismo de *formas iguais* (.54).

Pode-se, portanto, dizer que os resultados das análises dos pronomes *nós/a gente* e *tu/você* em *paralelismo* indicam, com exceção do nível *fundamental II*, onde se nota uma pequena diferença de uso, as mesmas tendências, ou seja: os falantes *mais jovens*, assim como aqueles com nível *fundamental I*, fazem maior uso do paralelismo de *formas iguais*; já entre os *mais velhos*, e com *maior escolarização*, o ensino *médio*, predomina o uso do paralelismo de *formas diferentes*. Esses resultados mostram que os falantes *mais velhos* e *mais escolarizados* são os que mais alternam o uso dos pronomes, seja *nós/a gente*, ou *tu/você*.

7.1.3 Comparando a variável *tipo de verbo*

A análise do *tipo de verbo* mostrou as mesmas tendências nas duas análises em relação aos verbos *dicendi*, que favorecem o uso dos pronomes inovadores *a gente* e *você* (.71 e .68, respectivamente), e os verbos de *estado*, que favorecem os pronomes canônicos *nós* e *tu* (.60 e .53). Conforme já observado, os verbos *dicendi* foram usados principalmente em contexto de *indeterminação*, o que explicaria o favorecimento dos pronomes inovadores; já os verbos de *estado*, especialmente *ser* e *estar*, com elevada frequência de uso, favorecem a manutenção dos pronomes canônicos. Os verbos de *ação* apresentaram resultados próximos do ponto neutro em ambas as análises, indicando que os pronomes canônicos e inovadores se encontram em plena variação nesse contexto.

Após termos apresentado o uso dos pronomes *nós/a gente* e *tu/você* em contextos de *determinação* e de *indeterminação*, segundo o *tipo de ocorrência* e o *tipo de verbo*, apresentamos a seguir uma análise comparativa dos resultados obtidos para as variáveis sociais.

7.2 Análise comparativa das variáveis sociais selecionadas

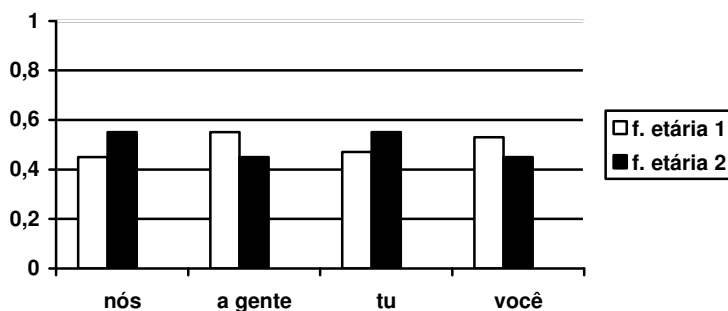
Os resultados das rodadas gerais com os pronomes *tu/você* e *nós/a gente* quanto à significância das variáveis sociais apresentaram diferenças. Na análise de *tu/você* foram selecionadas as três variáveis sociais consideradas, ocupando posições mais significativas a *escolaridade*, em 2.^a posição, e o *sexo*, em 3.^a posição; já a *faixa etária* foi selecionada em último lugar, ou seja, em 6.^a posição. Por outro lado, na análise de *nós/a gente*, as variáveis sociais foram classificadas em posições de menor significância, a *faixa etária* em 6.^a posição e a *escolaridade* em 7.^a posição. Pode-se concluir que as variáveis sociais têm uma maior influência na escolha dos pronomes de 2.^a pessoa do singular do que na dos pronomes de 1.^a pessoa do plural. No tópico seguinte, comparamos os resultados obtidos para a *faixa etária* nas duas rodadas gerais e, a seguir, os resultados obtidos para a *escolaridade*.

7.2.1 Comparando a variável *faixa etária*

A análise de nossos resultados para a *faixa etária* parece indicar que, tanto na variação *nós /a gente*, quanto na variação *tu/você*, está ocorrendo uma mudança em tempo

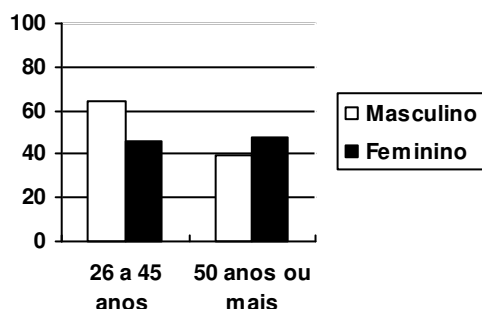
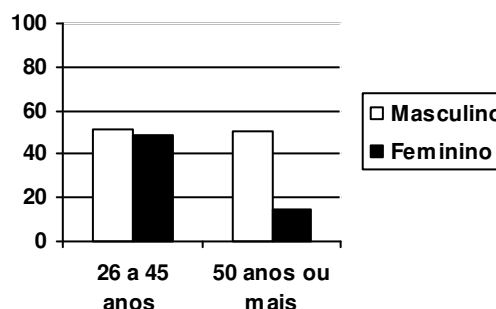
aparente, pois são os falantes *mais jovens* de nossa amostra que apresentam um maior uso, embora próximo do ponto neutro, dos pronomes inovadores *a gente* (.55) e *você* (.53), conforme mostra o gráfico 17:

Gráfico 17 – Probabilidade de uso de *nós/a gente* e *tu/você*
- *faixa etária*



Pode-se visualizar no gráfico, tanto na variação *nós/a gente*, como na variação *tu/você*, a seguinte tendência em relação à *faixa etária* dos falantes: na faixa etária *mais velha* predomina, na mesma proporção, o uso dos pronomes canônicos *nós* e *tu* (.55); já na fala dos *mais jovens*, os pronomes inovadores *a gente* e *você* (.55 e .53, respectivamente), apresentam uma probabilidade de uso um pouco maior que a dos pronomes conservadores, indicando uma provável mudança em curso.

A fim de verificar também a interação da variável *faixa etária* com o *sexo*, analisamos o cruzamento dessas variáveis. Lembramos, porém, que a variável *sexo* foi selecionada somente na rodada com *tu/você*, onde apresentou um maior uso de *você* no sexo *masculino* (.56) e de *tu* no *feminino* (.56). Os gráficos 18 e 19 mostram os resultados do cruzamento da *faixa etária* com o *sexo* nas análises da variação *nós/a gente* e *tu/você*, respectivamente.

Gráfico 18 – Frequência de uso de *a gente*Gráfico 19 – Frequência de uso de *você*

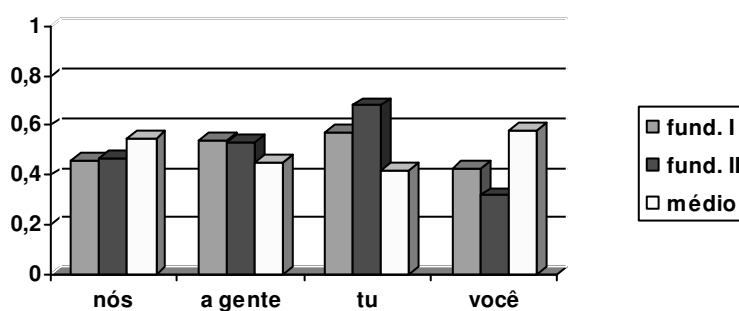
O cruzamento entre as variáveis *faixa etária* e *sexo*, considerando, de um lado, *nós/a gente*, e de outro, *tu/você*, mostrou diferenças que nos parecem interessantes para a comparação dos resultados. Na variação *nós/a gente* nota-se que no sexo *masculino* o uso do pronome inovador *a gente* predomina entre os falantes *mais jovens* (64%), e o uso de *nós* entre os mais velhos (61%); já na análise dos pronomes *tu/você*, os falantes do sexo *masculino* das *duas faixas etárias* usam os pronomes *tu* e *você* praticamente na mesma proporção. O uso do pronome *você* pelos homens *mais jovens* e *mais velhos* foi de 51% e 50%, respectivamente. Considerando o sexo *feminino*, o emprego dos pronomes *nós/a gente* é praticamente o mesmo nas duas faixas etárias, apresentando um leve predomínio do pronome conservador *nós* (54% - faixa etária 1; 52% - faixa etária 2). Na variação *tu/você*, as *mulheres mais jovens* apresentam um uso aproximado de *tu* e *você* (51% e 49%, respectivamente); já entre as *mais velhas*, o uso do pronome *tu* apresenta um elevado predomínio (85%).

A partir desses cruzamentos pode-se notar que o pronome inovador *a gente* predomina, principalmente, na fala dos informantes do *sexo masculino* e *mais jovens*. Já o *você* é usado praticamente na mesma proporção que o *tu* pelos falantes do *sexo masculino* das *duas faixas etárias*, mas também pelas *mulheres mais jovens*, ou seja, nesses grupos há um uso equilibrado dos pronomes *tu/você*. Observa-se também que os falantes *mais velhos* são os que fazem maior uso dos pronomes conservadores; no entanto, nota-se que o pronome *nós* é usado principalmente por falantes *mais velhos* do *sexo masculino* (61%), enquanto o pronome *tu* predomina entre falantes *mais velhos*, mas do *sexo feminino* (85%). Esses resultados sugerem que esses grupos seriam os principais responsáveis pela manutenção dos pronomes conservadores na comunidade de Concórdia.

7.2.2 Comparando a variável *escolaridade*

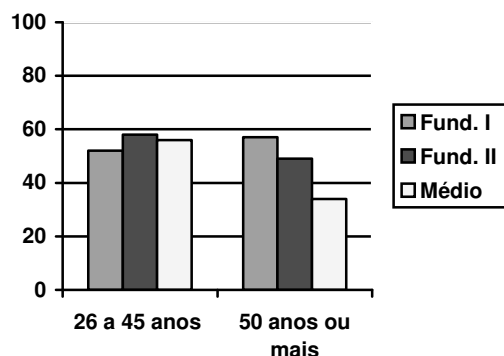
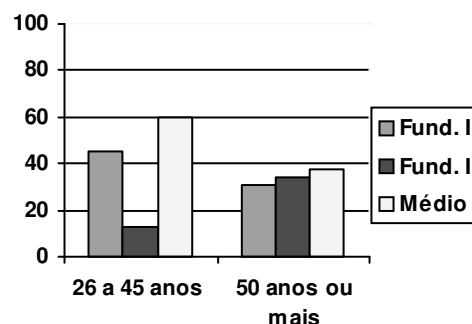
Quanto à *escolaridade*, os resultados da variação *nós/a gente* e *tu/você* apresentaram tendências opostas: no primeiro caso, os falantes com nível mais elevado de escolaridade, o nível *médio*, favoreceram o pronome canônico *nós* (.55), enquanto no nível *fundamental I e II* o uso de *a gente* predomina (.54 e .53, respectivamente); já na variação *tu/você*, é o pronome inovador *você* que predomina entre os falantes mais escolarizados (.58), enquanto os menos escolarizados, com nível *fundamental I e II*, fazem maior uso do pronome *tu* (.57 e .68, respectivamente). O gráfico 20 ilustra os resultados do uso de *nós/a gente* e *tu/você* para a variável *escolaridade*:

Gráfico 20 – Probabilidade de uso de *nós/a gente* e *tu/você*
- *escolaridade*



Pode-se observar que os falantes com nível *fundamental I e II* fazem maior uso do pronome inovador *a gente* (.55) e do pronome canônico *tu* (.57 e .68, respectivamente); já na fala dos informantes com *ensino médio* predomina o uso do pronome canônico *nós* (.55) e do pronome inovador *você* (.58). Os falantes com nível *fundamental I e II* de escolarização apresentam, portanto, as mesmas tendências, diferente daquela apresentada pelos falantes com nível *médio*. Esses resultados parecem indicar que o pronome conservador *nós*, de um lado, e o pronome inovador *você*, de outro, apresentam uma valoração social positiva, pois são os pronomes favorecidos pelos falantes mais escolarizados.

Os cruzamentos da *escolaridade* com a *faixa etária* e o *sexo* dos falantes também nos forneceram informações interessantes para a análise da variação *nós/a gente* e *tu/você* em nossos dados. Esses cruzamentos são retomados aqui para uma melhor comparação dessas variáveis. Considerando a interação entre a *escolaridade* e a *faixa etária*, obtivemos os seguintes resultados:

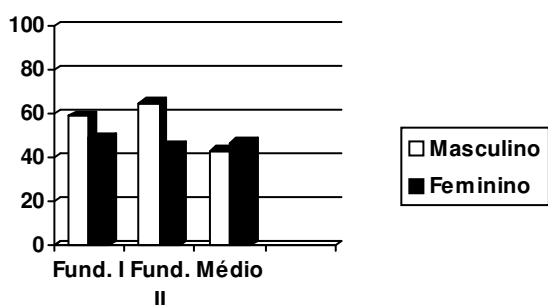
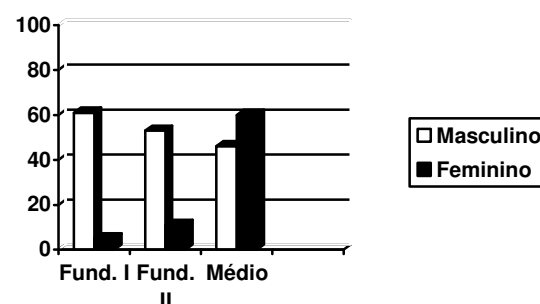
Gráfico 21 – Frequência de uso de *a gente*Gráfico 22 – Frequência de uso de *você*

Em relação à variação *nós/a gente*, nota-se que entre os falantes *mais jovens*, dos três níveis de escolaridade, predomina o uso do pronome inovador *a gente* (*fundamental I*: 52%, *fundamental II*: 58% e *ensino médio*: 56%); já na variação *tu/você*, o pronome inovador *você* predomina somente entre os falantes *mais jovens* com *ensino médio* (60%), os falantes com nível *fundamental I* e *II* fazem maior uso do pronome canônico *tu* (55% e 87%, respectivamente).

Na *faixa etária mais velha*, os resultados apresentam um maior percentual de *a gente* somente no nível *fundamental I* (57%); o nível *fundamental II* apresenta praticamente a mesma frequência de uso para *nós* e *a gente* (49% e 51%, respectivamente); e, no nível *médio*, o pronome *nós* é o mais usado (66%). Já na análise da variação *tu/você*, entre os *mais velhos*, o uso do pronome *tu* predomina nos três níveis de escolaridade (*fundamental I*: 69%; *fundamental II*: 66% e nível *médio*: 62%). Verifica-se que na faixa etária mais velha, quanto maior a escolaridade, maior o uso do pronome canônico *nós*, e, ao contrário, menor o uso do também canônico *tu*.

Assim, esses resultados parecem indicar que o pronome inovador *a gente* está sendo mais usados pelos falantes *jovens*, de todos os níveis de escolaridade; e pelos *mais velhos*, do nível *fundamental I*. Quanto ao *você*, este pronome também predomina na fala dos *mais jovens*, mas somente daqueles com *ensino médio*. Portanto, comparando o uso dos pronomes inovadores *a gente* e *você*, nota-se que a inserção do pronome inovador *a gente* encontra-se bem mais avançada que aquela do pronome *você* na comunidade de Concórdia.

A fim de melhor avaliarmos o uso dos pronomes *nós/a gente* e *tu/você* em nossos dados, efetuamos também o cruzamento da *escolaridade* com o *sexo*. Os resultados podem ser observados nos gráficos 23 e 24 abaixo:

Gráfico 23 – Frequência de uso de *a gente*Gráfico 24 – Frequência de uso de *você*

Os gráficos 23 e 24 mostram que os *homens* com nível de escolaridade *fundamental I* e *II* apresentam uma maior frequência de uso do pronome inovador *a gente* (59% e 65% respectivamente), enquanto aqueles com ensino *médio* fazem um maior uso do pronome *nós* (57%). Resultados semelhantes foram obtidos na análise de *tu/você*: o pronome inovador *você* também predomina na fala dos *homens* com nível de escolaridade *fundamental I* e *II* (61% e 53%, respectivamente); já entre os falantes com ensino *médio*, o pronome *tu* é o mais usado (54%).

Na fala das *mulheres*, nota-se um comportamento linguístico bem distinto em relação ao uso dos pronomes *nós/a gente*, de um lado, e *tu/você*, de outro. Enquanto que o uso de *nós/a gente* não apresentou muita diferença nos diferentes níveis de *escolaridade*, apontando apenas um leve predomínio de *nós* nos níveis *fundamental II* e *médio* (55% e 53%, respectivamente) e praticamente o mesmo uso de *nós* e *a gente* (51% e 49%, respectivamente) no nível *fundamental I*; o uso de *tu/você* mostrou diferenças bastante significativas na fala das *mulheres* de diferentes níveis de *escolaridade*: no ensino *fundamental I* e *II* verificou-se um elevado predomínio de uso do pronome *tu* (95% e 89%, respectivamente), já as mulheres que concluíram o ensino *médio* apresentaram um maior uso de *você* (60%), o que parece significar que a *escolaridade* está impulsionando o uso da variante *você* na fala das mulheres.

Pode-se concluir que, em nossa amostra, são os falantes com nível de *escolaridade fundamental I e II*, do sexo *masculino* e *mais jovens*, os que mais usam os pronomes inovadores *a gente* e *você*, sendo que o pronome inovador *você* também predomina na fala das *mulheres* com *ensino médio*. Além de se constatar que as mulheres mais escolarizadas possuem uma rede de relações sociais mais diversificada, uma hipótese que se pode fazer quanto ao maior uso do pronome *você* por essas mulheres é o da *insegurança linguística*, já

que os meios de comunicação apresentam o *você* como forma de maior prestígio, e na escola se aprende que o uso do pronome *tu*, com a forma verbal *não-marcada*, como ocorre no falar de Concórdia, é *incorreto*. Os falantes parecem querer evitar essa forma pronominal, evitando assim '*falar errado*'. Essa maior *consciência* linguística os levaria, então, a optar pelo uso do pronome *você*. Essa hipótese, no entanto, deverá ser testada em estudos posteriores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise da variação pronominal *nós/a gente* e *tu/você* em posição sujeito no falar de Concórdia (SC), realizada no âmbito deste trabalho, pôde-se verificar as principais tendências desse falar em relação a essas variáveis e compará-las entre si, bem como com as principais tendências observadas em outros falares do Sul do Brasil e também de outras regiões do país. Além desse estudo, também foi realizada uma análise comparativa da *atitude e comportamento linguístico* dos falantes de nossa amostra quanto ao uso das formas pronominais *tu/você*. A *atitude linguística* dos falantes é de extrema importância nos processos de mudança linguística, já que, segundo Labov (1974), o *uso* de uma variante em detrimento de outra é precedido de um julgamento favorável daquela variante pela maioria dos falantes de uma comunidade linguística e, portanto, uma mudança de uso é, em princípio, precedida de uma atitude positiva em relação ao uso da variante inovadora em detrimento da conservadora.

Para a análise da variação *tu/você*, as variáveis independentes *tonicidade*, *saliência fônica* e *concordância verbal* não foram consideradas, já que no falar analisado essas duas formas pronominais são empregadas com a forma verbal não-marcada. No entanto, para a análise da variável dependente *nós/a gente* foi necessário realizar inúmeras rodadas no programa estatístico VARBRUL antes de chegarmos à rodada final, isto é, antes de definirmos quais os grupos de fatores que deveriam ser considerados na análise dessa variável. Foram consideradas, inicialmente, as seguintes variáveis independentes: *tonicidade*, *saliência fônica*, *concordância verbal*, *tempo verbal*, *determinação do referente*, *tipo de texto*, *tipo de verbo*, *tipo de discurso*, *tipo de ocorrência*, *faixa etária*, *sexo* e *escolaridade*.

Nos resultados da 1.^a rodada geral, com todas as variáveis acima apresentadas, o programa estatístico selecionou os seguintes grupos de fatores: 1. *tonicidade*, 2. *saliência fônica*, 3. *determinação do referente*, 4. *faixa etária*, 5. *tipo de texto*, 6. *tipo de discurso*, e 7. *tipo de verbo*. No entanto, na análise das variáveis independentes selecionadas, a *tonicidade*, por não se mostrar *linguisticamente* significativa, e a *concordância verbal*, por apresentar *nocaute*, foram excluídas de nossa análise. Constatamos também, na análise dos dados, uma sobreposição de fatores da *saliência fônica* e do *tempo verbal*. Na tentativa de minimizar essa sobreposição, efetuamos várias rodadas e, dentre elas, rodadas sem a *saliência fônica* e sem o *tempo verbal* para compararmos as variáveis selecionadas e a significância, em cada uma das rodadas. Constatou-se que, em ambas as rodadas, o programa selecionou as mesmas

variáveis, com algumas alterações na ordem de seleção. Em relação à significância, verificou-se que a rodada sem a *saliência fônica* e com o *tempo verbal* apresentou uma menor margem de erro (.031); já sem o *tempo verbal* e com a *saliência fônica*, a margem de erro foi maior (.040). Assim, considerando a inviabilidade de se analisar conjuntamente a *saliência fônica* e o *tempo verbal*, devido à sobreposição de fatores que altera os resultados da análise, e também em razão da melhor significância obtida na rodada *sem a saliência fônica*, optamos pela exclusão dessa variável e pela manutenção do *tempo verbal* na análise de nossos dados. Isso nos mostrou que, dependendo das variáveis independentes consideradas na análise, os resultados obtidos nas rodadas do programa estatístico podem apresentar diferenças, ou seja, diferentes grupos de fatores podem ser selecionados como significativos.

Quanto aos resultados gerais de nossa análise final das variáveis *nós/a gente* e *tu/você*, esses apontam para uma *mudança em tempo aparente*, pois, além dessas formas pronominais já fazerem parte da gramática da maioria dos falantes da comunidade linguística estudada, os falantes *mais jovens* de nossa amostra apresentaram um maior uso, embora não muito acima do ponto neutro, dos pronomes inovadores *a gente* (.55) e *você* (.53); também o fato da forma inovadora *a gente*, usada principalmente em contexto de *indeterminação*, já apresentar um uso bastante significativo em contextos de *determinação* no falar de Concórdia, e o de dois falantes do sexo masculino terem apresentado um uso categórico do pronome *você*, parecem sinalizar uma mudança em tempo aparente.

Os resultados de nossa análise relativos à *determinação do referente* confirmaram a tendência geral verificada em outros estudos sobre as variáveis *nós/a gente* e *tu/você*, ou seja, mostraram que contextos de *indeterminação* favorecem os pronomes inovadores *a gente* (.83) e *você* (.57) e que contextos de *determinação* favorecem os pronomes conservadores *nós* (.56) e *tu* (.72). Em relação à análise dos pronomes *determinados*, verificou-se que a diferença na probabilidade de uso dos pronomes *nós/a gente* não é muito elevada (.56 e .44, respectivamente), indicando um avanço do pronome inovador também nesse contexto; já em relação ao *tu/você*, essa diferença mostrou-se bastante significativa (.72 e .28, respectivamente). Nota-se, então, um uso mais diferenciado de *tu/você* na *determinação*, apresentando o pronome *tu* (.72) um predomínio acentuado na referência ao interlocutor.

No falar de Concórdia, portanto, o pronome *a gente*, além de predominar largamente com referente *indeterminado*, contexto que propiciou sua entrada no sistema pronominal, já apresenta um uso próximo àquele do pronome *nós* na *determinação*. Já o pronome *você*, embora também predomine na *indeterminação*, ainda apresenta um uso bastante reduzido em

contexto *determinado*. Assim, a hipótese de que o contexto de *indeterminação* é que estaria propiciando a entrada do pronome inovador *você* reafirma-se nos dados de Concórdia.

Em relação à distribuição dos dados entre os fatores *determinação* e *indeterminação* do referente, verificou-se que, na variação *nós/a gente*, 87% dos dados foram de ocorrências dos pronomes *nós/a gente determinados*; já na variação *tu/você verificou-se* uma situação oposta: 78% das ocorrências foram dos pronomes *tu/você indeterminados*, o que certamente está relacionado ao tipo de amostra utilizado para a análise, as *entrevistas*, que não propiciam um diálogo propriamente dito.

Também confirmaram algumas tendências já verificadas em outros trabalhos, os resultados relativos ao *tempo verbal*, selecionado em 2.^a posição na análise de *nós/ a gente*: o *presente*, tempo propício à *indeterminação*, favorecendo o *a gente* (.58), enquanto o *pretérito perfeito*, mais utilizado em contextos *determinados*, favorecendo o *nós* (.74). Os cruzamentos efetuados no CROSSTAB, embora em percentagem, confirmaram esses resultados, pois, com referente *indeterminado*, o pronome *a gente* apresentou uma frequência de 90% no tempo *presente*, enquanto o pronome *nós* predominou com referente *determinado*, com uma percentagem de 75% no *pretérito perfeito*.

Em relação ao *tipo de ocorrência*, os resultados da análise dos pronomes *nós/a gente* e *tu/você* de nossa amostra indicaram as mesmas tendências em rodada realizada com *pronomes paralelos iguais* e *pronomes paralelos diferentes*, ou seja: os falantes *mais jovens*, assim como aqueles com nível *fundamental I*, fizeram maior uso do paralelismo de *formas iguais*; já entre os *mais velhos*, e com nível *médio*, predominou o uso do paralelismo de *formas diferentes*. Destaca-se, no entanto, a necessidade de refinamento dessa análise, com a realização de um estudo mais detalhado da interferência de outros fatores nos paralelismos, e, em especial, um estudo da manutenção ou não do referente semântico na sequência discursiva.

Quanto às *variáveis sociais*, na análise da variação *tu/você* estas apresentaram posições mais significativas, o que parece indicar que têm uma maior influência na escolha dos pronomes de 2.^a pessoa do singular do que na dos de 1.^a pessoa do plural. Em relação à *faixa etária*, as mesmas tendências foram observadas, tanto na variação *nós/a gente*, como na variação *tu/você*: na faixa etária *mais velha* predomina, na mesma proporção, o uso dos pronomes canônicos *nós* e *tu* (.55); já na fala dos *mais jovens*, os pronomes inovadores *a gente* e *você* (.55 e .53, respectivamente), apresentam uma probabilidade de uso um pouco maior que a dos pronomes conservadores, indicando uma provável mudança em curso.

Em relação à *escolaridade*, os resultados da variação *nós/a gente* e *tu/você* apresentaram tendências opostas: no primeiro caso, os falantes com nível mais elevado de escolaridade, o nível *médio*, favoreceram o pronome canônico *nós* (.55), enquanto no nível *fundamental I e II* o uso de *a gente* predominou (.54 e .53, respectivamente); já na variação *tu/você*, foi o pronome inovador *você* que predominou entre os falantes mais escolarizados (.58), enquanto os menos escolarizados, com nível *fundamental I e II* fizeram maior uso do pronome *tu* (.57 e .68, respectivamente). Os falantes com nível *fundamental I e II* de escolarização apresentaram, portanto, as mesmas tendências, diferente daquela apresentada pelos falantes com nível *médio*. Esse predomínio da forma canônica *nós*, de um lado, e da forma inovadora *você*, de outro, entre os mais escolarizados, pode ser resultado da atitude linguística dos falantes em relação ao uso dessas formas.

Quanto ao *sexo*, variável selecionada apenas na análise da variação *tu/você*, os resultados de Concórdia apontaram as mulheres como favorecedoras do pronome conservador *tu* (.56), tendência também apresentada em todas as localidades do Sul analisadas por Menon e Loregian-Penkal (2002) e Loregian-Penkal (2004), exceto em Lages. Já os homens da amostra de Concórdia favorecem o uso do pronome inovador *você* (.56), impulsionado a mudança. No entanto, assim como em relação à *escolaridade*, a influência do *sexo* na variação *tu/você* não acontece isoladamente, pois a posição da mulher na sociedade, que está intimamente relacionada com seu nível de *escolaridade*, determina sua rede de relações e, provavelmente, tem influência em sua fala. O pronome *tu* em Concórdia, assim como em várias localidades do Sul (cf. RAMOS, 1989, MENON e LOREGIAN-PENKAL, 2002; LOREGIAN-PENKAL, 2004) é usado principalmente com pessoas mais íntimas: familiares, amigos próximos, jovens, marcando uma menor formalidade entre os falantes. Dessa forma, se a condição social ou profissional da mulher lhe propiciar pouco contato com outras pessoas, além dos familiares e próximos, provavelmente o pronome conservador e mais íntimo *tu* vai predominar em sua fala. Essa hipótese é reforçada pelos resultados do cruzamento das variáveis *sexo* e *escolaridade* no CROSSTAB, uma vez que estes indicaram que são as *mulheres* de baixa escolaridade (*fundamental I e II*), as que mais usam o pronome *tu* em nossa amostra. Já entre as *mulheres* mais escolarizadas predomina o uso do pronome inovador *você*.

A análise da atitude e comportamento linguístico dos falantes em relação à variável *tu/você* também apresentou resultados interessantes. A comparação entre o *uso* que fazem dos pronomes *tu/você* e o que *dizem usar* mostrou que um maior número de falantes *diz usar* o pronome *você* e um menor número *diz usar* o *tu*, resultado contrário ao verificado no

comportamento linguístico desses falantes. A maior contradição entre a *atitude* e o *uso* que de fato fazem encontra-se na fala das mulheres de nossa amostra, sendo que dez delas dizem usar *mais você* do que *tu*, mas de fato apenas três usaram *mais você*, o que revela uma maior valorização da forma inovadora no sexo *feminino*, valorização essa que também foi comprovada pelo julgamento que fazem do uso das variantes *tu* e *você*. Pode-se constatar, portanto, que o pronome inovador *você*, já aceito em termos de reação subjetiva inconsciente pelas mulheres, ainda não faz parte do uso real que fazem da língua. De fato, a comparação da *atitude* e do *comportamento linguístico* dos falantes de nossa amostra apontou reações subjetivas em relação aos pronomes *tu/você* que parecem indicar que um *novo padrão de prestígio* já faz parte do falar de Concórdia, o *você*, mas que este ainda não alcançou uniformidade no uso real, já que neste falar ainda predomina o uso do pronome *tu*.

REFERÊNCIAS

AMARAL, L. I. C. *A concordância verbal de segunda pessoa do singular em Pelotas e suas implicações lingüísticas e sociais*. Porto Alegre: Rio Grande do Sul – UFRGS, 2003. Tese (Doutorado em Letras). Porto Alegre, 2003.

_____. O Paralelismo Formal reconsiderado. In: Paulino Vandresen. (Org.). *Variação, Mudança e Contato Lingüístico no Português da Região Sul*. Pelotas: EDUCAT - Editora da Universidade Católica de Pelotas, 2006. v. 1, p. 15-27.

BENVENISTE, E. *Problemas de linguística geral I*. Campinas, SP: Pontes, 1995.

BORGES, P. R. S. *A gramaticalização de a gente no português brasileiro: Análise histórico-social-lingüística da fala das comunidades gaúchas de Jaguarão e Pelotas*. (Tese de Doutorado) UFRGS: Porto Alegre, 2004.

CALVET, L.J. *Les voix de la ville – Introduction à la sociolinguistique urbaine*. Paris: Payot, 1994.

_____. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola, 2002.

CAMACHO, R. G. O formal e o funcional na teoria variacionista. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (orgs.). *Português brasileiro. Contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003. p. 55-65.

CAMARA, J. M. Jr. *Estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

CHAFE, W. *Significado e estrutura lingüística*. Trad. Maria H. M. Neves *et al.* São Paulo, Livros Técnicos e Científicos, 1979.

CONCÓRDIA - SC. *História*. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Conc>. Acesso em: 04 de dez. 2010.

CUNHA, C.; L. CINTRA. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FLORES, V. N. *et al. Enunciação e gramática*. São Paulo: Contexto, 2008.

FONSECA, M. S. V.; NEVES, M. F. (orgs.) *Sociolinguística*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.

FRANCESCHINI, L. *Attitudes et comportements linguistiques: le cas des descendants des immigrants Italiens et Allemands au Sud du Brésil*. (Dissertação de Mestrado) Université Paris V: Paris, 1996.

GODOY, M. A. M. de. *A indeterminação do sujeito no interior paranaense: uma abordagem sociolinguística*. (Dissertação de Mestrado). UFPR: Curitiba, 1999.

GONÇALVES, S. C. L.; LIMA-HERNANDES, M. C.; CASSEB-GALVÃO, V. C. (orgs.) *Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

GUY, G.R. Introdução à análise quantitativa da variação linguística. In: GUY, G. R.; ZILLES, A. *Sociolinguística quantitativa – instrumental de análise*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. p. 19-46.

_____. e ZILLES, A. *Sociolinguística quantitativa – instrumental de análise*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HOPPER, P. J. On some principles of gramaticalization. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (eds.) *Approaches to Grammaticalization*. Amsterdam: J. Benjamins, v. 1, 1991. p. 17-35.

_____.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

ILARI, R.; C. FRANCHI; M. H. M. NEVES. Os pronomes pessoais do português falado: roteiro para a análise. In: A. T. CASTILHO; M. BASÍLIO (orgs). *Gramática do português Falado*. Volume IV - Estudos Descritivos. Campinas, Editora da Unicamp, 1996.

KOCH, I. V.; MARCUSHI, L. A. Processos de referenciação na produção discursiva. D.E.L.T.A., v. 14, n. especial, 1998.

_____. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 2003.

_____. *et al. Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Trad.: BAGNO, M.; SCHERRE, M.; CARDOSO, C. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. Estágios na aquisição do inglês *standard*. In: FONSECA, M.; NEVES, M. (orgs). *Sociolinguística*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974. p. 49-86.

LOPES, C. R. *Nós e a gente no português falado culto do Brasil*. São Paulo: DELTA, vol. 14, 1998.

_____. De gente para a gente: o século XIX como fase de transição. In: ALKMIM, Tânia Maria (Org.). *Para a História do Português Brasileiro – Novos Estudos*. São Paulo, Humanitas /FLP/USP, 2002. p. 25-46.

_____.; DUARTE, M. E. L. De *Vossa Mercê* a *você*: análise da pronominalização de nominais em peças brasileiras e portuguesas setecentistas e oitocentistas. In: BRANDÃO, S. F.; MOTA, M. A. (Org.). *Análise contrastiva de variedades do português: primeiros estudos*. I ed. Rio de Janeiro, 2003. v. I, p. 61-76.

_____. A gramaticalização de *a gente* em português de tempo real de longa e curta duração: retenção e mudança na especificação dos traços intrínsecos. In: *Fórum Lingüístico*, Florianópolis, jul. 2004. v. 4, n.1, p. 47-80.

LOREGIAN, L. *Concordância Verbal com o pronome tu no sul do Brasil*. (Dissertação de Mestrado). UFSC: Florianópolis, 1996.

LOREGIAN-PENKAL, L. *(Re)análise da referência de segunda pessoa na fala da região sul*. (Tese de Doutorado). UFPR: Curitiba, 2004.

LUCCHESI, D. *Sistema, mudança e linguagem*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MACHADO, A. C. M. A implementação de *você* no quadro pronominal do português brasileiro. *Revista do GEL*, São Paulo, 2008. v. 5, n. 2, p. 23-47.

MARCUSCHI, L. A. A repetição na língua falada como estratégia de formulação textual. In: Ingedore G. Villaça Koch (Org). *Gramática do Português Falado 6*. Campinas, SP, Editora da UNICAMP/FAPESP, 1996. p. 95-127.

_____. Referenciação e cognição: o caso da anáfora sem antecedente. In: PRETI, D. *Fala e escrita em questão – NURC/SP (Núcleo USP)*. São Paulo: Ed. Humanitas - USP, mar. 2000. p. 191-240.

_____. *Atos de referenciação na interação face a face*. Cadernos de Estudos Linguísticos: Campinas, (41), jul/dez, 2001b. p. 37-54.

MARTELOTTA, M. E, VOTRE, S. J.; CESARIO, M. M. O paradigma da gramaticalização. In: MARTELOTTA *et al.* *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

MENON, O. P. S. *Analyse sociolinguistique d'indétermination du sujet dans le portugais parlé au Brésil à partir des données du NURC – SP*. (Tese de Doutorado). Universidade Paris VII, 1994.

_____. *O sistema pronominal do português do Brasil*. Letras, Curitiba: Editora da UFPR, 1995a. p. 91-106.

_____. *A gente, eu e nós: sintomas de uma mudança em curso no português do Brasil?* In: MOURA, M. D. (org.) *Anais do II ENCONTRO NACIONAL SOBRE LÍNGUA FALADA E ESCRITA - ELFE*. UFAL, Maceió, 1995b. p. 397-403.

_____. *A gente* : um processo de gramaticalização. *Estudos lingüísticos*, Taubaté. (Anais do Seminário do GEL), 1996. XXV: 622-628.

_____. Pronome de segunda pessoa no Sul do Brasil: *tu/você/o senhor* em Vinhas da Ira. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v.35, n.1, 2000. p.121-163.

_____.; LOREGIAN-PENKAL L. Variação no indivíduo e na comunidade: *tu/você* no sul do Brasil. In: VANDRESEN, Paulino (org.). *Variação e mudança no português falado da região sul*. Pelotas: EDUCAT, 2002. p. 147-188.

_____. A história de *você*. In: GUEDES, M., BERLINK, R. de A.; MURAKAWA, C. de A. A. (Org.). *Teoria e análise linguísticas: novas trilhas*. Araraquara: Laboratório Editorial FCL/UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2006a.

_____. A indeterminação do sujeito no português do Brasil: NURC-SP e VARSUL. In: Paulino Vandresen. (Org.). *Variação, Mudança e Contato Linguístico no Português da Região Sul*. Pelotas: EDUCAT - Editora da Universidade Católica de Pelotas, v. 1, 2006b. p.125-167.

_____. A questão das afirmações generalizantes sobre o português do Brasil e os dados do projeto NURC. In: *Diversidade linguística e ensino*. Anais do Sem. Nacional da diversidade linguística e o ensino de língua materna. Salvador: EDUFBA, 2006c. p. 207-214.

MILANEZ, Wânia. *Recursos de indeterminação do sujeito*. (Tese de Doutorado). Unicamp: Campinas, 1982.

MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (orgs.) *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 2ed. - São Paulo: Contexto, 2004.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In.: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. p.17-52.

MONTEIRO, J. L. *Pronomes pessoais: subsídios para uma gramática do português do Brasil*. Fortaleza: Edições UFC, 1994.

NEVES, M. H. M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. *Gramática de usos do português*. São Paulo, UNESP, 2000.

_____. Os pronomes. In: ILARI, R.; NEVES, M. H. M. *Gramática do português culto falado no Brasil*. Vol. II. Campinas, Unicamp, 2008.

OMENA, N. P.; BRAGA, M. L. *A gente* está se gramaticalizando? In: MACEDO, A. T.; RONCARATI, C.; MOLICA, M. C. *Variação e discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

_____. A referência à primeira pessoa do discurso no plural. In: SILVA, G. M. de O.; SCHERRE, M. M. P. (org.) *Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: Departamento de Linguística e Filologia, UFRJ, 1998. p.185 – 215.

_____. As influências sociais na variação entre *nós* e a *gente* na função de sujeito. In: SILVA, G. M. de O.; SCHERRE, M. M. P. (org) *Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: Departamento de Linguística e Filologia, UFRJ, 1998. p. 310-323.

_____. A referência á primeira pessoa do plural: variação ou mudança? In PAIVA, M. C.; DUARTE, M. E. L. *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003. p. 63-80.

PAIVA, M. C. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2004. p. 33-42.

PAREDES SILVA, V. L. O retorno do pronome tu à fala carioca. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. *Português Brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro, 7Letras, 2003. p.160-169.

RAMOS, M. P. B. *Formas de tratamento no falar de Florianópolis*. (Dissertação de Mestrado). UFSC: Florianópolis, 1989.

SCHERRE, M. M. P. *Introdução ao pacote VARBRUL para microcomputadores*. Rio de Janeiro, RJ: Universidade Federal do Rio de Janeiro/Faculdade de Letras/Departamento de Linguística e Filologia/Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL); Brasília, DF: Universidade de Brasília/Instituto de Letras/Departamento de Linguística, Letras Clássicas e Vernáculas. 1992-1993.

_____; NARO, A. J. Efeitos da saliência fônica e do tempo/modo na concordância verbal. In: MOLLICA, M. C. M. (org.) *Usos da linguagem e sua relação com a mente humana*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010. p.71-78.

SEARA, I. C. A variação do sujeito *nós* e *a gente* na fala florianopolitana. *Organon*, v. 14, n. 28/29, 2000. p.179-194.

SETTI, A. C. R. *A indeterminação do sujeito nas três capitais do sul do Brasil*. (Dissertação de Mestrado). UFPR: Curitiba, 1997.

SILVA, G. M. de O.; PAIVA, M. da C. A. de. Visão de conjunto das variáveis sociais. In: SILVA, G. M. de O.; SCHERRE, M. M. P. (org.) *Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: Departamento de Linguística e Filologia, UFRJ, 1998. p. 335-378.

SILVA, I. da. *De quem nós/ a gente está(mos) falando afinal?: uma investigação sincrônica da variação entre nós e a gente como estratégias de designação referencial*. (Dissertação de Mestrado). UFSC: Florianópolis, 2004.

SOUZA, V. V. *Os (des)caminhos do você: uma análise sobre a variação e mudança na forma, na função e na referência do pronome você*. (Tese de Doutorado). UFPB: João Pessoa, 2008.

TAMANINE, A. *A alternância nós/a gente no interior de Santa Catarina*. (Dissertação de Mestrado). UFPR: Curitiba, 2002.

_____. *Curitiba da gente: um estudo sobre a variação pronominal nós/a gente e a gramaticalização de a gente na cidade de Curitiba*. (Tese de Doutorado) UFPR: Curitiba, 2010.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1990.

VOTRE, S. J. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2004. p.51-58.

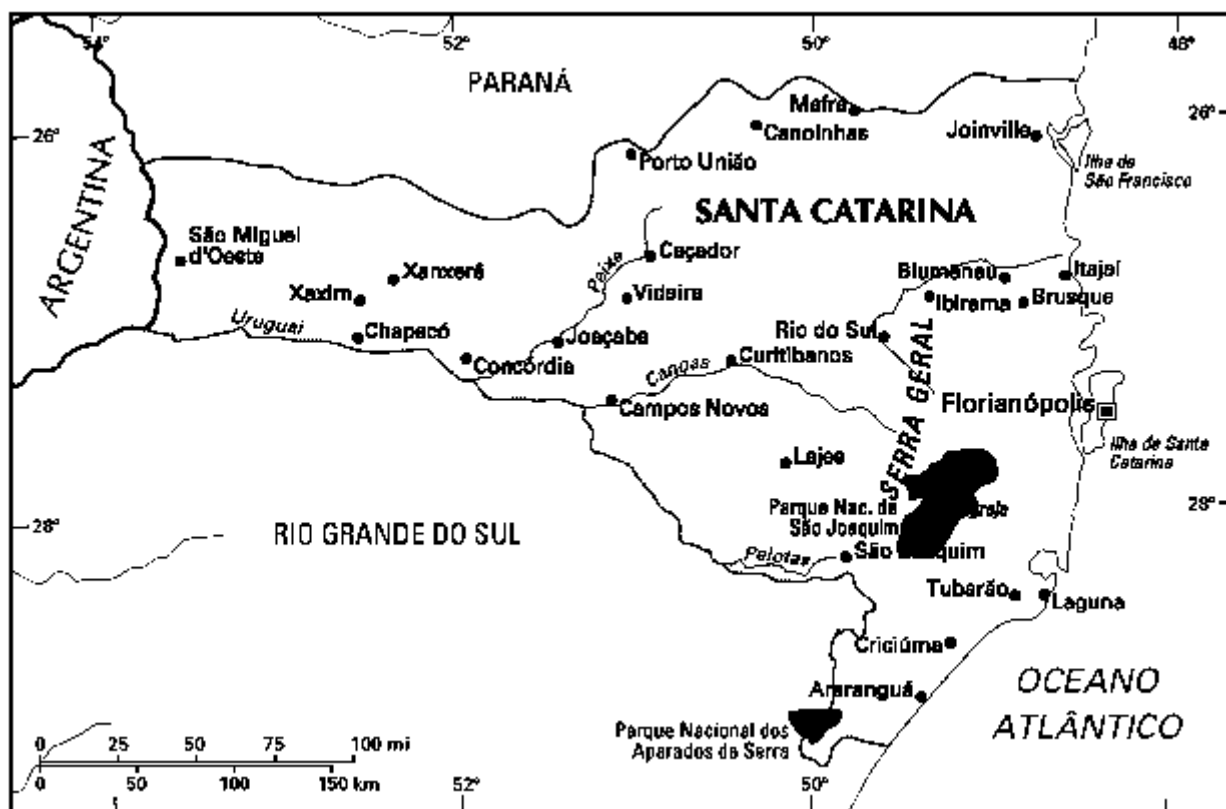
WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

ZILLES, A. M. O que a fala e a escrita nos dizem sobre a avaliação social do uso de *a gente*? Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 42, n. 2, junho, 2007. p. 27-44.

_____; BATISTA, H. A concordância de primeira pessoa do plural na fala culta de Porto Alegre. In: Paulino Vandresen. (Org.). *Variação, Mudança e Contato Linguístico no Português da Região Sul*. Pelotas: EDUCAT - Editora da Universidade Católica de Pelotas, v. 1, 2006. p. 99-124.

ANEXOS

Anexo 1: Mapa de Santa Catarina



Fonte: SANTA CATARINA, 2010

Tabela 23 – Distribuição dos pronomes *nós/a gente* e *tu/você* por informante

Informante	<i>A gente</i>	<i>Nós</i>	<i>Total</i>	<i>Tu</i>	<i>Você</i>	<i>Total</i>
MP2a	29/74%	10/26%	39		10/100%	10
MG2b	17/34%	33/66%	50	17/100%		17
MS2c	30/32%	64/68%	94	60/69%	27/31%	87
MP1d	59/65%	32/35%	91	22/96%	1/ 4%	23
MG1e	50/85%	9/15%	59		9/ 100%	9
MS1f	33/70%	14/30%	47	13/18%	59/82%	72
FP2g	7/16%	38/84%	45	15/88%	2/12%	17
FG2h	37/57%	28/43%	65	9/47%	10/53%	19
FS2i	16/19%	68/81%	84	26/87%	4/13%	30
FP1j	17/61%	11/39%	28	14/93%	1/7%	15
FG1k	10/19%	42/81%	52	14/93%	1/7%	15
FS1l	45/70%	19/30%	64	11/19%	46/81%	57
MP2m	7/26%	20/74%	27	11/69%	5/31%	16
MG2n	1/7%	13/93%	14	6/23%	20/77%	26
MS2o	9/43%	12/57%	21	9/18%	42/82%	51
MP1p	40/56%	31/44%	71	9/15%	51/85%	60
MG1q	56/81%	13/19%	69	3/100%		3
MS1r	27/39%	43/61%	70	77/92%	7/8%	84
FP2s	74/76%	24/24%	98	11/100%		11
FG2t	63/56%	50/44%	113	31/94%	2/6%	33
FS2u	48/47%	55/53%	103	25/93%	2/7%	27
FP1v	15/25%	46/75%	61	19/100%		19
FG1x	13/32%	28/68%	41	62/97%	2/3%	64
FS1z	80/54%	67/46%	147	48/30%	113/70%	161
Total	783/50%	770/50%	1553	512/55%	414/45%	926